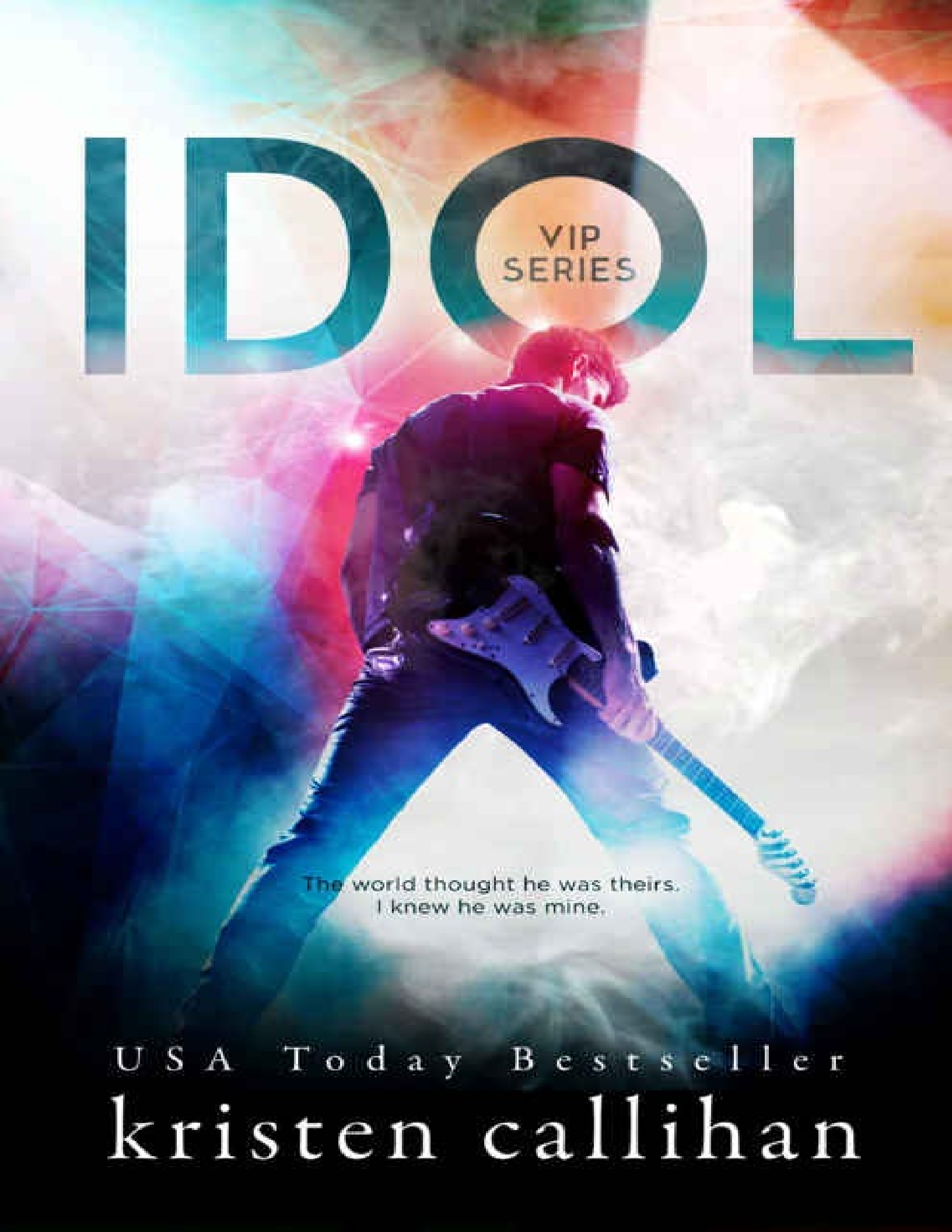


USA Today Bestseller

kristen callihan

IDOL

Um romance VIP

CONTEUDO

Outros livros por Kristen Callihan
Nota da Autora

Capitulo 1

Capitulo 2
Capitulo 3
Capitulo 4
Capitulo 5
Capitulo 6
Capitulo 7
Capitulo 8
Capitulo 9
Capitulo 10
Capitulo 11
Capitulo 12
Capitulo 13
Capitulo 14
Capitulo 15
Capitulo 16
Capitulo 17
Capitulo 18
Capitulo 19
Capitulo 20
Capitulo 21
Capitulo 22
Capitulo 23
Capitulo 24
Capitulo 25
Capitulo 26
Capitulo 27
Capitulo 28
Capitulo 29
Capitulo 30
Capitulo 31
Epilogo
Playlist

IDOL

Libby

Eu encontrei Killian bêbado e esparramado no meu gramado como um príncipe perdido. Com o rosto de um deus e a arrogância a combinar, a praga não vai embora. Sexy, encantador e um pouco sujo, ele está lentamente me desgastando, me fazendo desejar mais.

Ele poderia ser meu se eu ousasse reivindicá-lo. O problema é que o mundo pensa que ele é deles. Como você mantém um ídolo para si quando todos estão decididos a tirá-lo de você?

Killian

Como vocalista da maior banda de rock do mundo, vivi uma vida dos sonhos. Tudo desmoronou com uma decisão fatídica. Agora tudo está em ruínas.

Até a Liberty chegar. Ela é ranzinza, reclusa - e meio fofa. Não, esquece isso. Quando eu coloco minhas mãos nela, ela é quente e mais viciante do que todos os fãs que gritaram meu nome.

O mundo está clamando para eu voltar ao palco, mas não estou disposto a deixá-la. Eu tenho que encontrar uma maneira de convencer a eremita a sair da sua concha e mantê-la comigo. Porque, com Libby, tudo mudou. *Tudo.*

TRADUCAO E FORMATACAO:



OUTROS LIVROS POR KRISTEN CALLIHAN

THE GAME ON SERIES

The Hook Up

The Friend Zone

The Game Plan

DARKEST LONDON

Firelight

Ember (novella) Moonglow

Winterblaze Entwined (novella) Shadowdance Evernight

Soulbound

Forevermore

NOTA DA AUTORA

Para ver para onde você está indo, às vezes você tem que olhar para onde você esteve. Killian e sua banda têm seus próprios ídolos que os ajudaram a forjar seu som. Para esse fim, a maior parte da música mencionada neste livro não é da década passada, mas mais antiga. Alguns de vocês podem descobrir novas músicas, e alguns de vocês - como eu - podem fazer uma viagem pela estrada da memória.

Além disso, Collar Island, onde Libby vive, é um local inventado. Principalmente porque, dessa forma, eu poderia moldar o local e as pessoas que vivem lá com impunidade. No entanto, se você estiver curioso sobre a aparência, Bald Head Island, NC é o equivalente mais próximo.

Obrigada e feliz leitura!

Com amor,

Kristen

Para Cobain, Bowie e Prince - ídolos de rock que ajudaram a moldar a trilha sonora da minha vida. Eles foram tirados de nós muito cedo.

PRÓLOGO

A MÚSICA PODE SER sua amiga quando você não tem nenhuma, sua amante quando você está carente. Sua raiva, sua tristeza, sua alegria, sua dor. Sua voz quando você perdeu a sua. E fazer parte disso, ser a trilha sonora da vida de alguém, é uma coisa linda.

—Killian James, vocalista e guitarrista, Kill John

O PASSADO— Killian

O ANIMAL É UMA FERA TEMPERAMENTAL. Pode te amar em um momento, depois te odiar no outro, e você nunca sabe que lado vai ver até que esteja em cima de você. Quando ele te odeia, não há nada a fazer além de suportar tudo e esperar que você sobreviva sem ser completamente destruído até que você possa escapar com segurança. Mas quando te ama?

Porra, mas é a melhor sensação da Terra. Você deseja esse tempo com o Animal. Vive para cada encontro. Isso se torna sua vida. Seu propósito. Seu mundo inteiro. E porque você se torna tão dependente disso, você chega a odiá-lo um pouco também.

Amor. Ódio. Nenhum meio termo. Apenas altos e baixos.

Está lá fora agora, esperando por mim. Rosnando com um ruído lento e crescente. Eu sinto isso em meus ossos, na carga sutil que ilumina o ar e no tremor sob meus pés.

Meu ritmo cardíaco começa a subir, adrenalina já está chutando.

— Você está pronto para dançar com o diabo? — Whip não pergunta a ninguém em particular. Ele está bebendo uma garrafa de água, sua mão livre tocando um ritmo agitado em seu joelho.

Diabo, animal, amante - todos nós temos o nosso nome para isso. Não importa. Ela é dona de nós e, por algum tempo, nós a possuímos.

O rugido cresce mais alto, seguido por um *baque, baque, baque*. O meu nome. Está chamando por mim.

Killian. Killian.

Ofegante, eu me levanto. Um arrepio lambe minha pele, minhas bolas se apertando.

Eu respondo ao seu chamado, e uma onda de som e pura energia cai sobre mim quando eu entro na luz.

Quente, cegante.

O animal grita. Para mim.

E eu sou o único que controla isso. Eu levanto meus braços, ando até o microfone. — Olá, Nova York!

O grito de resposta é tão alto, eu vou para trás nos meus calcanhares.

Uma guitarra é colocada na minha mão, o pescoço liso tanto um conforto

familiar e um chute de adrenalina. Eu passo a alça pela minha cabeça. A bateria do Whip começa, uma batida pulsante e meu corpo se move com ela. Jax e Rye se juntam, seus riffs tecem um padrão intrincado. Harmonia. Poesia do som. Um grito de desafio.

Eu começo a dedilhar, minha voz subindo. Música flui em minhas veias. Ela sai de mim como lava, acendendo o ar, incitando uma onda de gritos ansiosos.

Poder. Tanto poder. O Animal responde, seu amor é tão potente que meu pau fica duro como pedra, os cabelos da minha nuca se levantam. Tudo o que sou, coloco na minha voz, meu tocar.

Naquele instante, eu sou Deus. Onipotente. Sem fim.

Nada - *nada* - na Terra dá uma carga assim. Nada se compara. Isso é vida.

Mas essa é a coisa da vida; pode mudar em um instante.

Tudo o que é necessário é um instante.

Para tudo

Isso...

Acabar.

O Futuro— Libby

— Muito tem sido escrito sobre o seu envolvimento com Killian James. Mas você e o James têm ficado de bocas fechadas sobre o assunto. —A repórter me dá um leve, mas encorajador sorriso, seu cabelo azul deslizando sobre um olho. — Dada a performance da noite passada, você se importaria em nos oferecer um pouquinho de informação?

Enrolada em uma cadeira de hotel de couro e cromo, de costas para o horizonte de Nova York, quase sorrio para a pergunta que ouvi cerca de mil vezes.

Mas o treinamento entra em ação. Um sorriso pode transmitir ou aquiescência ou que eu estou sendo obcecadamente tímida. Eu não quero dar um "pouquinho de informação", e apesar do que os críticos dizem, Killian e eu nunca fomos tímidos. Nós apenas nunca quisemos deixar o público entrar. O Killian que eu conhecia era meu, não deles.

— Não há muito a dizer que o mundo já não saiba. — Não é verdade. Mas é verdade o suficiente.

O sorriso da repórter agora tem uma vantagem: uma barracuda procurando sangue na água. — Ah, agora, eu não tenho tanta certeza sobre isso. Afinal, não sabemos o seu lado da história.

Eu resisto a mexer na manga da minha túnica branca de cashmere. Deus, a camisola - inferno, minha calcinha - custa mais do que eu teria gasto em um ano antes de *ele* entrar na minha vida.

Eu viro a cabeça e vislumbro as garrafas de água aninhadas em um balde de gelo prateado: uma garrafa verde escura, uma que é dourada, outra enfeitada

com cristais. Mais cedo, um assistente orgulhosamente proclamou que a verde, supostamente do Japão, custava mais de quatrocentos dólares por garrafa. Para água.

De repente, eu quero rir. Da loucura da minha vida. Para ir de água da torneira a de marca. Pelo fato de essa suíte na cobertura ser o meu novo normal.

E então eu quero chorar. Porque eu não teria nada disso sem ele. E nem um pouquinho disso tem algum significado sem ele para compartilhar.

O vazio ameaça me engolir por inteira. Estou tão sozinha agora que parte de mim quer pegar a mão dessa mulher só para sentir contato com outro ser humano.

Eu preciso falar. Eu preciso ser ouvida. Só uma vez. E talvez, apenas talvez, eu não sinta mais que estou desmoronando.

Eu respiro e volto meu olhar para a repórter. — O que você quer saber?

CAPITULO UM

PRESENTE— Liberty

HÁ UM VAGABUNDO no meu gramado. Talvez eu deva usar um termo melhor, algo mais politicamente correto. Pessoa sem-teto? Mendigo? Não, eu vou continuar com vagabundo. Porque duvido que ele realmente seja sem-teto ou sem meios. Seu estado atual parece mais uma escolha do que uma situação.

A grande Harley preta e cromada que bateu na minha pobre cerca da frente é prova suficiente de uma riqueza. Essa merda arrancou metade do meu gramado quando se arrastou para baixo. Mas não é culpa da moto.

Eu estreito os olhos para o vagabundo. Não que ele fosse notar.

Ele está esparramado de costas, braços sobre o estômago e claramente derrotado. Eu me pergunto se ele está morto, mas seu peito se eleva e cai no padrão constante de um sono profundo. Talvez eu devesse me preocupar com a saúde dele, mas já vi isso antes. Muitas vezes.

Deus, ele fede. A causa do seu mau cheiro é óbvia. Suor embebe sua pele. Uma trilha de vômito marca sua camiseta preta.

Meu lábio se enruga em desgosto, e eu engulo rapidamente para evitar a ânsia. Um punhado de longos cabelos castanhos escuros cobrem seu rosto, mas estou supondo que o cara é jovem. Seu corpo é grande, mas magro, a pele de seus braços firme. De alguma forma, o torna ainda mais deprimente. O auge de sua vida e ele está caído de bêbado. Adorável.

Eu me movo ao redor dele, resmungando sobre idiotas bêbados e então caminho de volta para seu lado com a mangueira na mão, mirando com cuidado. A água sai em alta velocidade, acertando meu alvo com um chiado e respingos satisfatórios.

O vagabundo se agita e se levanta um pouco, balbuciando e se debatendo, procurando a fonte de seu tormento. Eu não desisto. Eu quero que o fedor vá embora.

— Saia do meu gramado. — Porque ele está completamente sujo, eu aponto para baixo, encharcando suas calças e virilha.

— Filha da puta! — Ele tem uma voz profunda, e está rouca. — Você pode parar, porra?

— É… não. Você cheira a merda. E eu sinceramente espero que você não tenha cagado nas calças, amigo, porque isso é o fundo do poço.

Eu levo o jato de água para cima do seu corpo magro em direção à sua cabeça. O cabelo comprido e escuro chicoteia em todas as direções enquanto ele pula de novo.

E então ele ruge. O som toca meus ouvidos e realmente deveria colocar medo em mim. Mas ele está fraco demais para ficar de pé. Um antebraço musculoso se levanta, no entanto, tirando as mechas molhadas do cabelo do rosto.

Eu tenho um vislumbre de olhos escuros brilhando com raiva confusa. Hora de encerrar isso. Deixando de lado o bico pulverizador, eu abaixo minha arma.

— Como eu disse, saia do meu gramado.

Sua mandíbula se flexiona. — Você está louca, porra?

— Não sou quem está coberta de vômito e jogada na propriedade de uma estranha.

O vagabundo do gramado olha ao redor como se ele tivesse acabado de perceber que está no chão. Ele não poupa um olhar para a roupa dele. Vendo como elas estão encharcadas em sua pele, ele provavelmente está ciente do seu estado.

— Aqui vai uma dica — eu digo, jogando a mangueira no chão. — Não seja tão clichê.

Isso o faz parar e ele pisca para mim, a água correndo em riachos por suas bochechas e em sua barba espessa. — Você não me conhece o suficiente para colocar um rótulo em mim.

Eu bufo. — Literalmente caindo de bêbado, bateu sua moto, que eu duvido que você realmente ande nela sem ser nos fins de semana. Cabelo longo demais, um rosto que não vê uma navalha em semanas. Mais uma vez, provavelmente porque você quer que o mundo pense que você é um cara durão. — Eu olho para os braços dele. Fortes, musculosos. — A única coisa que eu não vejo são tatuagens, mas talvez você tenha 'mamãe' estampado na sua bunda para dar uma cor.

Um som indignado o deixa. Quase uma risada, mas com muita raiva para chegar lá. — Quem *é* você?

É impressionante, as camadas de desdém que ele consegue colocar nessa pergunta. Especialmente dado o estado em que o encontrei. Humildade certamente não se prende a esse cara. Ao contrário do seu cheiro, infelizmente.

— A pessoa cuja terra você fodeu. Eu te daria a conta do prejuízo, mas eu não quero chegar muito perto do fedor. — Enxugando minhas mãos molhadas no meu jeans, eu dou a ele um último olhar. — Agora pegue suas coisas e vá antes que eu chame a polícia.

É seguro dizer que estou irritada agora. Eu marcho de volta o longo caminho até a minha casa, em vez de andar tranquila e com dignidade, como planejei. Mas isso é bom, meu ritmo é libertador. Eu tenho estado tão quieta nos últimos meses. Tão contida.

Então talvez eu tenha um motivo para agradecer o Sr. Bêbado Arrogante.

No entanto, minha caridade não se estende a ele me seguindo. O que ele faz. Eu o vejo se levantar na minha visão periférica. Ele cambaleia, depois se estabiliza antes de tirar a camiseta e jogá-la no chão.

Um show de strip. Ótimo.

Eu aumento o meu ritmo, xingando a entrada por ser tão longa - pelo menos 60 metros do meio-fio até o tapete de boas-vindas.

Outro movimento e ele arremessou uma bota na minha direção. Eu olho para trás, ligeiramente alarmada. E lá se vão as calças dele. Um metro e noventa de homem forte, irritado e nu começa a andar atrás de mim. Aí estão as tatuagens que eu imaginei. Ou melhor, uma enorme de linhas cruzadas que cobre seu braço e peito esquerdo.

Eu me concentro nisso, em vez do pesado comprimento de seu pau pendurado entre as pernas, balançando como um pêndulo com cada passo que

ele dá em minha direção.

Eu estreito meus olhos por cima do meu ombro. — Se você se aproximar mais um pouco, vou atirar em você.

— E você teria uma espingarda, não é, Elly May?! — ele retruca. — Falando em clichê... Tudo que você precisa é de um macacão e um pedaço de palha para mastigar.

Eu não consigo me controlar, eu me viro para ele. — Você está me chamando de caipira?

Ele também para. Mãos baixas em seus quadris, totalmente sem vergonha de sua nudez, o vagabundo do gramado está ali, olhando para mim como se fosse dono do mundo. — Você está dizendo que não é, Huckleberry Pie?

Calor se espalha sobre a minha pele. Eu ando até ele - bom, não muito perto, ainda tenho medo do mau cheiro. De perto, eu posso admitir que ele não é tão ruim. Passando por toda a barba por fazer, os olhos ônix avermelhados e a feição de quem acabou de acordar, ele tem características brutas, mas uniformes, e cílios longos o suficiente para deixar uma garota com inveja. Isso só me deixa mais irritada.

— Escute, amigo, perseguir uma mulher enquanto está nu pode ser interpretado como um ato de intimidação sexual.

Ele bufa. — Isso fala muito sobre sua vida sexual, Elly May. Mas não se preocupe. Mesmo que eu tivesse um pouco de interesse em transar com você, eu estou com um belo caso de pau de uísque, então nada vai acontecer agora.

— Acontece muito, não é? — Eu franzo o nariz, me recusando a olhar para baixo. — E você fala sobre *minhas* deficiências sexuais.

Um brilho entra em seus olhos, e eu posso jurar que ele quer rir. Mas ele apenas sorri, o lábio se curvando em aborrecimento. — Me dê uma hora e um pouco de café, então poderemos conversar sobre isso o quanto você quiser.

— Em seguida você vai estar exigindo café da manhã também.

Um sorriso insolente o ilumina. — Bom, agora que você mencionou isso…

— Você sabe o que mais me deixa furiosa? — Eu estalo.

Suas sobrancelhas grossas e escuras se franzem como se ele estivesse confuso. — O que?

Ele diz isso como se não tivesse me ouvido direito, não como uma resposta à minha pergunta. Mas eu respondo de qualquer maneira.

— Você poderia ter machucado outra pessoa. Você poderia ter me machucado, ou alguma pobre alma ao longo do caminho, com sua bunda bêbada dirigindo. — A mágoa afunda os dedos no meu coração. — Você poderia ter destruído vidas, deixado as pessoas para trás para recolher os pedaços que sobraram.

Ele empalidece, aqueles ridículos cílios encostando nas suas bochechas enquanto ele pisca.

— Você quer se matar? — Eu estalo. — Faça de outra maneira…

Minha voz morre quando um grunhido o deixa, e juro por Deus que ele mostra seus dentes para mim. Ele dá um passo forte na minha direção como se ele realmente pudesse me atacar, mas ele se detém. — Não se atreva... Você não tem a menor ideia do que eu… — Seu rosto fica cinzento quando ele olha para baixo de sua grande altura.

Nós olhamos um para o outro enquanto ele meio que se balança ali, todo pálido e trêmulo, sua raiva tão próxima da superfície que seus olhos brilham com ela.

É essa raiva cheia de dor que me prende, me distrai dos sinais de alerta.

— Você não sabe… — Ele engole convulsivamente.

Só então percebo que estou com problemas. Eu pulo para trás, mas é tarde demais. O vagabundo do gramado se debruça e se esfrega. Em mim.

O choque me deixa parada no lugar por um momento agonizante. Então o cheiro me atinge. Eu me forço a olhar para cima, encarar meu atormentador. Mil xingamentos correm pela minha cabeça, mas apenas uma frase passa pelos meus dentes cerrados.

— Eu te odeio.

KILLIAN

NORMALMENTE, QUANDO UMA MULHER lhe diz que te odeia com um olhar frio e morto nos olhos, ela faz um esforço para evitar todo contato adicional.

Não é assim com Elly May. Ela, da mangueira de água do inferno.

Ok, eu acabei de me esfregar nela, então ela pode ter uma razão para me odiar. Uma razão muito boa.

Eu não me desculpo com ninguém faz anos. Uma pequena voz na minha cabeça está me dizendo que eu deveria fazer isso agora. Mas o uísque, ainda circulando na minha cabeça, está afogando essa voz. Merda, tudo está se agitando agora - o chão, meu cérebro, meu sangue. Consigo ouvir tudo.

Eu estou caindo. Sei que estou. Uma surpresa vaga se registra quando minha atormentadora avança, não para longe e envolve seus braços em volta de mim. Me segurando.

Boa sorte com isso, querida.

Eu ouço um xingamento, sinto seus joelhos se dobrarem com o meu peso. Nós caímos juntos. Eu acho que eu dou risada. Não tenho certeza. Tudo está desaparecendo. Exatamente o que eu quero.

O MUNDO É UM BORRÃO. A água explode no meu rosto. De novo. Porra, isso é chato.

Eu tento limpar meu rosto, mas meus braços não estão funcionando direito. Tudo está emborrachado e pesado.

— Pare de se debater, idiota, — rosna uma menina.

Elly May. Eu não me importo se sua voz soa como creme de baunilha, ela é o diabo. Um demônio da água. Talvez o inferno não queime. Talvez seja um

afogamento perpétuo.

— Você não vai se afogar — diz ela, jogando água novamente.

Eu engasgo, cuspo um bocado de água que tem gosto de vômito e uísque. Eu não vejo nada além do dilúvio. — O que há com você e água? — Eu consigo dizer antes de outra rodada me atingir.

— Tem essa habilidade mágica de lavar a sujeira — ela fala enquanto uma mão esfrega o meu peito, não de uma forma suave, mas forte, como se ela estivesse tentando remover minha pele. Bolhas de sabão. Cheira a laranja e baunilha. Sabonete feminino.

— Sim, sabonete. Água e sabonete limpam — ela continua, como se eu fosse uma criança. — Eu sei. Louco, não é mesmo?

Sarcasmo. Eu sou especialista nisso. Quando não estou tão bêbado que meus olhos se recusam a abrir.

Mãos fortes se movem pelo meu couro cabeludo. Dedos se prendem no meu cabelo.

— Jesus, quando foi a última vez que você lavou essa vassoura?

— Quando eu nasci. Agora cai fora. Deixa eu me levantar.

— Você vomitou no seu cabelo. Estou lavando.

Eu deixo ela me lavar, só escutando sua voz. Ela não é gentil. Não importa. Eu não posso aguentar gentileza de qualquer maneira.

Estou sendo seco e puxado. Tudo ainda gira. Mergulhando, balançando, girando. Não importa o que eu faça para me afastar, ainda ouço o ritmo da vida.

— Eu não ouço nada além de você balbuciando — ela diz, seu rosto num halo confuso.

Abaixo de mim está macio. Lençóis frescos. Cobertores pesados.

Ela me rola de lado e empurra travesseiros nas minhas costas. — Você vomita de novo, vai ficar sozinho, amigo.

Sempre estou, querida.

CAPITULO DOIS

KILLIAN

O TRAVESSEIRO embaixo da minha cabeça é... fantástico pra caralho. Quero dizer, de verdade. Como uma nuvem ou algo assim. O que é estranho. Por que eu estou ficando excitado com um travesseiro?

Esse pensamento excêntrico me acorda o suficiente para me fazer abrir os olhos. A luz do sol queima e eu estremeço, estreitando meus olhos por um segundo. O quarto é branco. Paredes com painéis de madeira caiadas brancas, lençóis brancos, cortinas brancas balançando com a brisa suave que entra pela janela aberta.

Eu pressiono meu rosto contra o travesseiro frio que parece uma nuvem e respiro fundo. Há um machado de dor dividindo meu crânio no meio. Minha boca tem gosto de torrada queimada.

Na mesa de cabeceira está um copo grande com alguma bebida vermelha. Está cheio de gelo, como se alguém tivesse acabado de trazê-lo. Próximo a ele estão quatro pílulas azuis transparentes e um bilhete: Para os criminosos estúpidos.

Apesar do fato de que o movimento faz meu estômago revirar, eu bufo. Lembranças da língua afiada da minha anfitriã e mãos ásperas invadem minha cabeça. Eu as ignoro - porque eu realmente não quero lembrar o quão bêbado eu estava - e pego o copo.

A bebida lembra vagamente um Bloody Mary, mas também tem cheiro de algo cítrico. Eu não quero tomar isso, mas o machado está indo mais fundo e eu estou com sede pra caralho.

Desce com tudo, eu engasgo ao longo do caminho, as pílulas que eu tomo com ele quase ficando presas na minha garganta. A mistura é efervescente, o que é uma surpresa. Eu suponho que é Bloody Mary misturado com refrigerante de gengibre e limões, mas diabos, talvez haja arsênico aqui também. Quando termino, gosto do sabor e sinto que posso viver.

Me deito na cama de nuvens brancas, sinto o cheiro de salmoura no ar e ouço sinos de vento. Até que as batidas de panelas e de uma porta do armário prendem minha atenção.

Elly May.

Se o nome dela realmente for Elly May, eu vou rir. Mas Elly May soa mais como uma garota sexy que anda de cavalo. O tipo que vai te secar e depois oferecer uma torta. Minha Elly May está longe disso.

Ontem foi confuso, mas eu me lembro bem dela: cara carrancuda. Boca suja.

Comprovo isso novamente com um ‘porra’ abafado e outra batida de uma porta.

Grunhindo, me sento, respirando algumas vezes enquanto a sala gira. Eu estou pelado e tenho que sorrir para isso. O banho mais interessante que eu já tive em um bom tempo.

Demora uma eternidade para parar de girar e ainda mais para eu pegar minhas roupas. Eu as encontro dobradas em uma cadeira e cheirando a Tide. Minha avó usava Tide. Eu coloco minhas roupas e vou para a porta.

Eu dormi no quarto dos fundos de uma antiga casa de fazenda, aparentemente. Eu não me lembro como é o lado de fora, mas por dentro é um país livre com piso de tábuas e móveis desbotados.

Há um bom e usado Martin acústico encostado em uma parede inteira de estantes cheias de velhos vinis. Ela deve ter alguns milhares de discos. Fora o de alguns DJ's que eu conheci, eu nunca vi alguém ter discos de vinil reais. Eles dão ao quarto um cheiro de mofo.

Então, estou lidando com uma amante da música que toca violão. Por favor, Deus, não deixe essa garota ser uma espécie de Annie Bates psicopata. Mas então eu lembro do jeito que ela olhou para mim na noite passada. Eu duvido que ela seja minha fã número um.

Eu sigo o barulho e a encontro em uma cozinha, uma grande sala quadrada com uma daquelas mesas no meio dela de fazenda clássicas que podem acomodar uma dúzia de pessoas.

Ela me ignora enquanto me sento à mesa, meus movimentos lentos e doloridos. Foda-se essa merda. Eu nunca mais vou beber tanto assim. Nunca. Mais.

No silêncio, eu a vejo mexer algo em uma panela no fogão como se ela estivesse tentando bater o que quer que seja em submissão. Ela definitivamente não é uma caipira gostosa. Ela não é nenhuma Daisy Dukes. Sua bunda se esconde sob um jeans surrado com buracos nos joelhos enquanto ela pisa em pesadas botas pretas mais adequadas para minha moto - a mesma que tenho certeza que está no meio de sua cerca. Eu não me lembro de bater e não tenho um arranhão em mim. A vontade do universo é uma coisa estranha. Por que ele me trouxe a ela, de todas as pessoas, eu não sei.

Minha anfitriã se move para desligar o fogão, e seu perfil aparece. Cabelos compridos e lisos, da cor de areia molhada, olhos cinzentos e um rosto oval que deveria ser suave de todos os ângulos, mas de alguma forma parece afiado e duro: Elly May é meio simples. Até ela abrir a boca.

Então é um fluxo contínuo de xingamentos coloridos.

Faz anos desde que uma mulher me repreendeu por um período tão longo de tempo. Se o banho de água gelada não me chocou ontem, aquela língua seguramente fez o trabalho.

Sim, ela tem uma boca suja. Embora ela não esteja a usando agora. Eu acho isso mais inquietante.

— Ei. — Minha voz soa como vidro rachado. — Eu, uh, obrigado por... ah… — Eu engulo. — Bem, obrigado.

E as pessoas me chamam de poeta.

Ela bufa como se estivesse pensando o mesmo. Silenciosamente, ela se vira completamente e me encara.

Sua expressão comprimida com desgosto. — Você bebeu o que eu te deixei?

— Sim, senhora. — Eu saúdo, lutando contra um sorriso.

Ela apenas olha para mim, então pega uma tigela e a enche. Suas botas fazendo barulho quando ela vem na minha direção e coloca a tigela diante de

mim. Um monte de coisas brancas e irregulares me encaram.

— É grits — diz ela antes que eu possa falar. — Eu não quero ouvir nenhuma merda; apenas coma.

— Você é sempre tão feliz assim? — Eu pergunto, pegando a colher que ela empurra na minha cara.

— Com você? Sim. — Ela pega sua própria tigela e senta longe de mim.

— "E apesar de ser pequena, ela é feroz." — Embora Elly May possa ter uma bunda suculenta, ela não deve ter mais de um metro e sessenta.

Sua carranca assume proporções épicas. — Você acabou de citar Shakespeare?

— Vi em uma tatuagem — eu minto, porque é divertido provocá-la. — Pode ter havido algo antes disso. — Eu coço meu queixo barbudo. — Algo como... "Oh, quando zangada, sarcástica ela fica e arrebatada!"

— Nunca vi essa parte em uma tatuagem — ela murmura, dando-me um olhar duvidoso antes de comer uma colherada de grits.

Dou-lhe um olhar vazio e inocente e depois comemos em silêncio. Os grits são bons, saborosos. A consistência, no entanto, não está exatamente ajudando minha náusea.

— A bebida foi útil — eu digo para preencher o silêncio. Uma vez eu pensei amar o silêncio. Acontece que eu o odeio.

— A cura da ressaca do meu pai.

Um temporizador soa e ela se levanta. Sinto o cheiro dos biscoitos e a minha boca começa a salivar. Como um cachorro faminto, acompanho seus movimentos enquanto ela puxa a bandeja do forno e coloca os montes dourados em um prato.

Assim que ela coloca o prato sobre a mesa, eu estou sobre eles, meus dedos queimando, minha língua dolorida. Não me importo. Eles são bons demais. Céus.

Ela me observa, seus lábios inclinados como se ela estivesse presa entre um sorriso e uma carranca. Ela tem belos lábios, eu tenho que admitir. Lábios de arco de cupido, eu acho que eles são chamados. O tipo que, embora pequeno, tem a forma de um beijo.

— Quer manteiga com isso? — Ela pergunta.

— Isso é uma pergunta real? — Eu administro entre mordidas.

Ela se levanta, pega um pote que eu descubro que está cheio de manteiga de mel - droga, isso é bom - e enche uma xícara de café para nós, acrescentando creme para ambos sem perguntar se eu gosto desse jeito. Eu costumo beber preto e adoçado, mas eu não estou reclamando. Não quando ela pode tirar os biscoitos de mim.

Eu engulo outra mordida do paraíso. — Qual o seu nome?

Eu não posso continuar chamando-a de Elly May. Então, novamente, eu estou apenas passando o tempo, então não é como se isso realmente importasse. Mas eu quero saber mesmo assim. Zangada ou não, ela cuidou de mim quando eu chamaria a polícia se a situação fosse contrária.

Ela abaixa a caneca e me olha nos olhos. — Liberty Bell.

Eu me pergunto se ela está brincando comigo, mas a expressão militante em seu rosto diz que ela está completamente séria.

— Isso é... patriota.

Ela bufa e toma seu café. — É ridículo. Mas meus pais amavam e eu amava meus pais, então... — Ela encolhe os ombros.

Amava. Como no passado.

— Você está sozinha então? — Eu estremeço assim que as palavras saem, porque ela fica tensa, seus olhos cinzas suaves se endurecendo novamente.

Liberty se afasta da mesa. — Sua moto foi rebocada esta manhã. Vou levá-lo para a cidade para que você possa resolver com o mecânico.

Eu também fico de pé, rápido o suficiente para fazer o chão se mover. — Ei, espere. — Quando ela faz uma pausa para olhar para mim, eu não tenho nada. Eu corro minha mão pelo meu cabelo emaranhado e lembro dela o lavando. — Você não quer saber meu nome?

Inferno, é a última coisa que quero dar. Mas me irrita que ela já esteja me levando para fora da porta. E nem sei porque isso me incomoda.

Ela me examina, uma inspeção lenta que faz minha pele coçar e inchar. Não é um olhar quente. É julgador. E eu claramente não passei no teste.

Seu cabelo balança, pegando a luz do sol enquanto ela balança a cabeça. — Não. Não, eu não quero.

E então ela me deixa com uma xícara de café quente e um prato de biscoitos.

LIBERTY

EU FIQUEI SOZINHA POR MUITO TEMPO. Eu não sei mais como agir em torno das pessoas. Especialmente desse cara. Ontem ele estava nojento. Bêbado e longe demais para funcionar. Eu deveria tê-lo deixado na minha varanda, chamado a polícia, e me limpado enquanto eles levavam o vagabundo para longe.

Mas eu não consegui. Nem todos os bêbados são ruins. Alguns estão apenas perdidos. Não tenho ideia de qual é o problema desse cara. Eu só sei que, quando confrontada com a decisão, eu não tive coragem de deixá-lo.

Então eu o arrastei para o banheiro e o lavei. Não havia nada sexual sobre o ato. Ele fedia a algo horrível e estava tão bêbado que me controlar para não torcer o pescoço grosso dele por ser tão imprudente.

Sem mencionar que eu estava irritada por ter que dar minha cama para o idiota. De jeito nenhum eu ia ser capaz de levá-lo até o quarto de hóspedes.

Mas agora, à luz do dia, estou à deriva quando se trata do meu vagabundo bêbado. Sua presença em minha casa é imensa. Como se uma simples sala nunca pudesse contê-lo.

Presença. Minha mãe costumava dizer que havia aqueles que simplesmente a *tinham*. Eu nunca entendi o que ela quis dizer até hoje. Porque mesmo que ele esteja atropelando suas palavras e claramente de ressaca, esse cara vibra com vitalidade. Permeia o ar como um perfume, se penetrando na minha pele e

fazendo eu querer me esfregar em cima dele só para ter um pouco mais desse sentimento - como se por estar perto dele, eu também pudesse ser algo especial.

Isso não faz sentido. Mas a vida raramente faz sentido para mim.

E agora que ele não está bêbado e imundo, eu posso ver a beleza dele. Seu corpo é comprido e firme com uma espécie de força crua de músculos vigorosos e movimentos bruscos. Seu cabelo ainda está uma bagunça emaranhada, caindo até os ombros da cor de rico café escuro. Uma barba espessa e descuidada cobre a maior parte do rosto, o que é... irritante. Porque esconde demais.

Mas o que posso ver aponta para um homem atraente. Seu nariz é largo, um solavanco ao longo da ponte como se ele já tivesse o quebrado, mas o formato se encaixa em seu rosto. As maçãs do rosto proeminentes e o que parece ser um maxilar definido sob toda aquela barba lhe dão um ar de pura masculinidade.

Seus olhos, no entanto, são francamente bonitos. Enquadrado sob as suas sobrancelhas escuras, eles brilham como obsidiana.

Como uma pessoa não ficaria balançada? Aqueles olhos rastrearam todos os meus movimentos pela cozinha mais cedo. Me enervando.

Eu empurrei comida para ele apenas para fazê-lo desviar o olhar. Ele não desviou, no entanto. Mesmo quando ele inalou meus biscoitos como um homem faminto, ele me observou. Não de uma forma sexual, porém, mas como se eu fosse uma bagunça que ele inadvertidamente encontrou. A ironia me fez querer rir.

Agora eu só quero ficar longe dele. Falar sobre meus pais me faz lembrar de por que eu deveria odiar esse cara - esse estranho bêbado que tirou não apenas sua vida, mas a vida de todos que dividiam a estrada com ele com as mãos trêmulas. Minha vida nunca será a mesma por causa de um motorista bêbado, e tenho pouco respeito por aqueles que fazem isso. Mesmo se eles citarem Shakespeare e tiverem sorrisos atrevidos e um tanto fofos.

Sem olhar para trás, eu pego minhas chaves. Ele não está muito atrás, porém, suas botas batendo tão alto quanto as minhas, ecoando no hall da frente. Ele tem um biscoito fresco na mão e está mastigando os restos de outro. Eu me recuso a achar isso cativante.

— Você realmente não quer saber o meu nome? — ele chama.

Eu pego meus óculos de sol. — Por que isso está incomodando você? Não é como se nós fossemos nos ver novamente.

Sua carranca cresce. — Parece cortesia comum.

— Depois daquele banho, acho que passamos da etiqueta básica.

Estranhamente, isso o faz sorrir, e, quando isso acontece? Ah, rapaz. É igual o sol atravessando nuvens de tempestade, cheio de brilho e alegria. Fico quase cega com isso e tenho que piscar e desviar o olhar.

— Está vendo, é aí que está. — Ele aponta para mim com seu biscoito antes de dar uma grande mordida. — Você me viu nu...

— Não fale com a boca cheia. É nojento.

Ele continua mastigando. — Você lavou meu pau...

— Ei, eu não cheguei perto das suas partes, amigo.

Aquele sorriso dele envolve sua comida. — Na minha mente você chegou. E você lavou meu cabelo. Você não pode lavar o cabelo de um homem e não saber o nome dele. Isso é simplesmente má-sorte.

— Má-sorte? — Eu tento não rir enquanto vou para a porta. — Você ainda está bêbado.

— Claro como um cristal, Libby. — Ele está bem atrás de mim, seguindo meus passos. — Agora, pergunte meu nome.

Paro e viro rapidamente, e meu nariz encontra o centro do seu peito. O contato ondula através de mim como uma onda vibrante. Eu dou um passo para trás e inclino minha cabeça.

Ele me dá um olhar levemente presunçoso e completamente antagônico. Mas sua voz cai, doce e persuasiva. — Vamos, pergunte.

Deus, essa voz. Eu tenho tentado ignorá-la porque é o tipo de voz que pode puxar você para baixo, fazer você perder sua linha de pensamento. Baixa e profunda e poderosa. Ele fala e é uma melodia.

Ele está olhando para mim agora, esperando, seu olhar expectante sombrio. Isso dispara um *tum, tum, tum* lento no meu peito. Eu não fico tão perto de alguém assim há muito tempo.

Engolindo, eu encontro minha voz. — Tudo bem então, me diga.

Mas ele não fala. Ele congela como se estivesse preso e de repente está desconfiado.

— Você está brincando comigo, certo? — Eu dou risada, não achando graça em nada. — Você me importuna para perguntar, e agora você dá um de Rumpelstiltskin?

Ele pisca como se estivesse se sacudindo de um transe e depois estreita os olhos para mim. — Não se preocupe, seu primogênito está a salvo de mim. — Ele respira fundo e estende a mão. — Killian.

Eu olho essa mão dele. Grande, larga, as pontas dos dedos e a borda superior da palma da mão estão calejadas. Um músico de algum tipo. Provavelmente um guitarrista. Eu corro meu dedão sobre meus dedos ásperos. Ele está esperando de novo, suas sobrancelhas se juntam como se eu tivesse insultado ele por não apertar sua mão.

Então eu aperto. É quente e firme. Ele me dá um aperto forte o suficiente para dobrar meus ossos, embora eu não ache que ele saiba o quanto ele realmente é forte. Definitivamente um músico.

— Prazer em conhecê-la, Liberty Bell. — Seu sorriso é agradável, quase juvenil, sob sua barba espessa. Mais cedo, eu pensei que ele estava em seus trinta anos. Mas agora eu estou supondo que ele tem mais a minha idade, uns 20 e poucos.

Eu solto a mão dele. — Eu não falaria que isso foi um prazer, exatamente.

— Ah, agora, você tem que admitir que tenho boa pontaria. — Ele me dá uma cutucada quando reviro os olhos.

— Nunca mais falaremos disso.

— Falaremos do quê? — Seu tom é leve enquanto ele me segue para fora.

Eu vou em direção a minha caminhonete, mas ele me para com um toque no meu cotovelo. Ele está focado na casa da Sra. Cromley do outro lado. A Sra. Cromley morreu há seis meses e seu sobrinho, George, ficou com o lugar. Ainda não o vi, mas sei que ele tem quarenta e poucos anos com uma esposa e filhos. Eu duvido que ele vá morar aqui, a casa fica na beira do nada, e nossa pequena ilha da ponta dos Outer Banks nem tem escola.

Então, novamente, a van do mercado do Al está na frente da casa e duas grandes caixas estão na varanda. Killian olha em volta, observando a grama ondulante que está se tornando torrada já que o outono se aproxima, a crista da colina e a pequena lasca de azul onde o Oceano Atlântico bate na praia.

Killian coça a mandíbula como se a barba dele coçasse. — Aquela casa ali. É do George Cromley, você sabe?

Uma sensação de afundamento puxa meu intestino. — Sim, — eu digo devagar.

Killian acena e pega meu olhar. Seu sorriso é tão lento e presunçoso como de costume. — Então eu acho que eu não preciso de uma carona para a cidade afinal de contas, vizinha.

CAPITULO TRES

KILLIAN

EU DISSE A ELA MEU NOME, e ela não me reconheceu. Faz tanto tempo desde que alguém da minha idade olhou para mim como se eu fosse um completo estranho, é estranhamente inquietante agora. E isso não é fodido? Eu vim para longe para ficar longe dos fãs, das pessoas me bajulando e querendo algo de mim. E agora que cruzei com uma garota que claramente gostaria que eu fosse embora estou irritado.

Bufando, tomo um gole de café quente escaldante e me inclino para trás na minha cadeira de balanço antiga. Do meu lugar na varanda, tenho uma boa visão da casa da Liberty. É de madeira branca de dois andares. O tipo que você vê em uma pintura de Edward Hopper. Se passasse em frente, você suspeitaria que uma velhinha estava dentro enrolando uma massa de torta. Eu aposto que Liberty faz uma torta incrível, mas ela provavelmente me bateria com o rolo por irritá-la antes mesmo de eu provar.

A marca que minha moto deixou ao longo da grama é uma lembrança feia do que fiz na outra noite. Dirigindo bêbado. Isso não sou eu. Era eu quem mantinha os caras sob controle. Os mantinha longe de se tornarem vítimas das coisas fortes - de se tornarem clichês, como disse Liberty.

Algo forte e feio rola no meu peito. Todos os meus esforços não ajudaram Jax. Imagens de seu corpo flácido brilham diante dos meus olhos em cores vivas: pele acinzentada contra azulejos brancos, vômito amarelo, olhos verdes encarando o nada.

Eu cerro meus dentes, meus dedos doendo com a força do meu aperto na caneca.

Fodido Jax. Idiota.

É difícil respirar. Meu corpo se contrai com a necessidade de me mover. De ir para outro lugar. Continuar me movendo até que minha mente esteja em branco.

Uma batida de porta de tela me faz estremecer e café quente cai sobre a borda da minha caneca.

— Merda. — Eu a coloco no chão e chupo meu dedo queimado.

Do outro lado, Liberty desce os degraus da varanda, indo em direção a uma horta cercada. Um sorriso puxa meus lábios. A garota nunca anda. Onde quer que ela vá, é como se ela estivesse embarcando em uma missão de destruição.

Ela se move debaixo de um raio de sol, e seu cabelo fica da cor de manteiga marrom. Eu tenho o desejo de capturar o momento, escrever uma música. Pânico com o pensamento me faz levantar e andar.

Eu deveria entrar em casa. E então o que? Me deitar no sofá velho coberto de rosas azuis feias? Beber o dia todo?

Caixas com as minhas coisas chegaram. Incluindo três das minhas guitarras favoritas. Scottie, o rato bastardo, me enviou elas embora eu nunca tivesse

pedido. Ele acha que eu vou compor? Escrever uma música? De jeito nenhum. Merda. Não tenho ideia do que estou fazendo aqui. A grande ideia do Scottie de eu me esconder em uma ilha que quase ninguém ouviu falar é estúpida. É o que recebo por ouvi-lo enquanto eu estava bêbado.

Talvez Scottie tenha habilidades psíquicas, porque meu celular começa a tocar. E apenas um punhado de pessoas tem esse número. Meus olhos estão em Libby ajoelhada entre fileiras de coisas verdes quando atendo o telefone. Só que não é o Scottie.

— Ei, cara, — diz Whip.

Eu não ouço a voz dele há quase um ano. O som familiar é um chute na cabeça. Eu caio de volta na minha cadeira. — Ei. — Eu limpo minha garganta. — O que houve?

Jesus, que não seja sobre o Jax. Meus dedos ficam frios, sangue correndo para as minhas têmporas. Eu respiro fundo.

— É verdade que você está escondido em algum lugar na selva da Carolina do Norte?

Eu solto um rosnado. — Ele está bem?

Há uma pausa e depois Whip xinga. — Merda, cara, eu não estava pensando. Sim, ele está bem. — Whip dá um suspiro audível. — Ele está muito melhor. Vendo um psicólogo.

Bom. Ótimo. Que legal que o Jax me ligou para dizer isso. Eu passo uma mão no meu rosto, fechando meus olhos. — Então, o que está acontecendo?

— Só estava pensando. — A voz de Whip fica distante. — Todos nós fomos espalhados pelos quatro ventos. E… inferno, só queria conversar. Saber onde você estava.

Jax é quem nos espalhou. Ele nos quebrou naquele dia, tão efetivamente como se tivesse jogado uma pedra em uma janela. E enquanto Jax e eu geralmente fazíamos o papel de mãe e pai no grupo, Whip sempre foi a âncora, nossa cola. Ele me daria um soco na garganta se eu dissesse isso na cara dele, mas Whip também é o mais sensível. Eu sei que ele está sofrendo.

Eu olho para Libby novamente. Sua bunda balança enquanto ela puxa as ervas daninhas. A visão quase me faz sorrir; ela odiaria saber que eu estou a observando. Eu acho minha voz. — Você falou com os outros? — Pergunto a Whip.

— Passei um tempo com o Rye. Nós gravamos algo novo.

Isso é novo. Normalmente é o Jax e eu que escrevemos. Eu me sento um pouco mais reto, tentando me concentrar. Eu preciso ser solidário. Eu sei isso. Mas é difícil reunir entusiasmo. Mesmo assim, digo o que precisa ser dito. — Você gravou alguma coisa que eu posso ouvir?

— Sim claro. Vou mandar para você. — Whip faz uma pausa, depois adiciona, — Talvez você possa fazer um ajuste. Nos dar algumas notas.

Eu não sei como me sinto sobre isso. Eu não estou chateado. Eu gosto que eles estão compondo. Mas algo rola dentro de mim: hesitação, o desejo de fugir e, com isso, a necessidade de acabar a ligação.

Mas Whip ainda não acabou. — Ou talvez volte e trabalhe conosco.

Estou de pé novamente, caminhando para a porta de tela da varanda. Eu descanso minha testa contra sua parede frágil. — Ainda não. Mas em breve,

cara.

— Sim. Claro. — Whip soa tão sincero quanto eu.

— Te ligo depois, — eu digo. Pode ou não ser uma mentira. Eu não pego meu violão em quase um ano, e não tenho vontade de tentar agora.

— Certo.

O silêncio, quando ele desliga, toca nos meus ouvidos. Eu não sei mais como ser eu mesmo, não sei como fazer parte do Kill John. Como continuamos? Nós continuamos sem o Jax? Com ele? E o tempo todo olhando por cima dos nossos ombros por medo de que ele tente de novo?

Parte disso nem é sobre o Jax. Estou cansado. Sem inspiração. Isso faz eu me sentir culpado como o inferno.

Embora eu esteja em uma varanda, as paredes me pressionam, roubando meu ar. Eu deveria entrar, fazer... alguma coisa. Meus pés me levam na direção oposta, saem da minha varanda e vão direto para a Liberty.

Ela está debruçada sobre uma fileira de ervas e não olha para cima quando eu inclino meus pulsos contra o topo da cerca, que está no nível do queixo. Eu a vejo trabalhar, não se importando com o silêncio. É divertido o jeito que ela me ignora, porque ela não faz um bom trabalho. Sua expressão toda plácida, eu-não-dou-a-mínima-se-você-está-aqui-porra, apenas me diz que ela dá a mínima. Ela só não quer admitir.

Eu sorrio com o pensamento. Há algo tão normal nisso tudo. — Você sabe, eu já tive meninas de joelhos na minha frente muitas vezes. Mas elas geralmente fazem isso com um sorriso.

Ela bufa. — Eu ficaria mais impressionada se fosse você quem ficasse de joelhos. Eu gosto de doadores, não de tomadores.

Jesus. Eu posso imaginá-la, as coxas macias bem abertas, usando aquele tom autoritário para me dizer o que ela mais gosta enquanto eu a chupo. Eu movo meus quadris, os afastando da cerca. Não há necessidade de ela ver a protuberância crescente nas minhas calças; não sei se estou atraído por ela ou, de repente, me tornei masoquista. — Que tal dar *e* receber? Você gosta disso?

Mesmo quando eu brinco, uma pontada de culpa me atinge. Quando foi a última vez que dei, afinal? Porque ela está certa; eu fiquei preguiçoso, me sentei como um rei tendo garotas me chupando enquanto eu pensava em letras de músicas ou planejava o próximo álbum. Chegou um ponto em que não ligava para o que aquelas garotas faziam ou para onde iam quando eu saía.

Liberty olha para mim agora. — O que exatamente você está fazendo aqui afinal? Você não trabalha?

Deus, eu quero rir disso. Eu mordo meu lábio inferior. — E você? Não é tipo, terça-feira?

— É quarta-feira e eu trabalho em casa, obrigada.

— Fazendo o que?

— Se eu quisesse que você soubesse, eu teria dito.

— Você é uma DJ?

— DJ? — Ela parece chocada. — Você está falando sério? Onde eu tocaria? Na Igreja?

Eu realmente fico corado. Eu não acho que fiquei envergonhado uma vez em toda minha vida. Olhando para o céu para ver se algum porco está voando, eu

murmuro, — Você tem todos aqueles discos.

— Ah. — Ela me dá um aceno firme. — Aqueles eram do meu pai. Ele era DJ na faculdade.

— É uma coleção impressionante.

— É mesmo.

— E o violão?

Seus ombros se encolhem. — Também do meu pai.

Agora eu sei como os repórteres se sentem quando me entrevistam. Eu simpatizo com ela. Essa garota me faz bater em manobras evasivas.

— Você realmente não vai me dizer? — Eu não sei por que estou pressionando isso. Mas a determinação dela de me calar me diverte.

— Acho que não. — Ela pega uma tesoura e corta ramos de sálvia, tomilho e alecrim. Minha avó costumava ter um jardim de ervas. Uma pequena caixa colocada na janela da cozinha dela no Bronx. Quando eu era criança, eu implorava para ela me deixar cortar o que ela precisava e ela me lembrava de não esmagar as folhas.

Eu sacudo velhas lembranças antes que elas me sufoquem. — Bom. Eu vou deixar isso para a minha imaginação. — Eu coço meu queixo, agora sem barba e liso - a maldita coisa coçava demais para manter nesse calor. — Eu vou chutar profissional do disk-sexo.

Libby enfia as ervas na cesta e se recosta nos calcanhares. — Isso é ridículo. Eu pareço uma profissional do disk-sexo?

— De verdade? Sim. — Limpo a garganta porque praticamente posso ouvir sua voz de creme-e-gelo distribuindo as exigências. — Sim, você parece.

Ela franze a testa, seus olhos finalmente encontrando os meus novamente. O que quer que ela veja em minha expressão faz sua testa franzir e sua cor se elevar. Ela rapidamente volta o olhar para sua horta. — Eu tenho trabalho para fazer. Você vai ficar aí me observando o dia todo? Ou talvez haja uma garrafa que você vai querer esvaziar.

— Fofa. E não. Sem bebedeira para mim.

Ela faz um som duvidoso.

Eu deveria ir. Eu olho de volta para minha casa. Ela se eleva como um caroço contra o terreno, toda abandonada e silenciosa. Aquela sensação feia de coceira aumenta dentro do meu peito novamente. Eu tenho que lutar para não coçar ele. Libby não está olhando, no entanto, ela está arrancando ervas daninhas. Suspirando, eu limpo minha garganta. — Posso ajudar?

LIBBY

ELE NÃO VAI EMBORA. Não tenho certeza do que fazer. Não gosto de tratá-lo assim. Com cada palavra afiada que sai, posso sentir minha avó rolando em seu túmulo. Eu fui criada para ser educada acima de todas as coisas. Mas Killian me deixa no limite por uma série de razões.

Eu esperava vê-lo novamente, claro. Somos vizinhos, afinal. Mas eu não esperava que ele me procurasse imediatamente e quisesse permanecer na minha companhia. E embora eu não tenha sido acolhedora, isso não parece incomodá-lo. Ele meio que me lembra daqueles garotos da escola que se divertem puxando as tranças das garotas.

E a verdade é que caras que se parecem com Killian simplesmente não se importam comigo. Eles nunca se importaram. Então, por que agora? Ele está entediado?

Seja qual for o caso, estou inquieta com a presença dele e irritantemente curiosa sobre o cara.

Killian, em suas mãos e joelhos, removendo as ervas daninhas, deveria diminuir em tamanho. Mas na verdade, ele parece maior agora, os ombros dele estão mais largos enquanto se movem debaixo de uma camiseta do Capitão Crunch desbotada. Seu cabelo escuro cor de café cai em emaranhados em torno desses ombros, e eu tenho o desejo de lhe oferecer um corte de cabelo. Eu não me importo com cabelos longos, mas Killian é uma bagunça quente. Posso jurar que o homem não possui um pente.

Mas ele se barbeou. A visão inicialmente me chocou porque eu estava esperando aquela barba de lenhador quando ouvi sua voz mais cedo. Mas, em vez de um rosto peludo, fui saudada pela sua mandíbula suave e limpa, um queixo forte e um sorriso grande e com covinhas. Como alguém poderia resistir a isso?

— Como você aprendeu a diferença entre ervas daninhas e plantas? — Sua voz de veludo negro me envolve, mas ele não olha para cima de sua tarefa. O pequeno sulco de concentração entre suas sobrancelhas é meio que cativante. — Porque tudo parece o mesmo para mim.

— Minha avó me ensinou. — Eu limpo minha garganta e puxo uma erva particularmente tenaz.

— Vovós são boas assim.

Eu não posso imaginá-lo passando um tempo com uma avó. Ou talvez eu possa. Ela provavelmente lhe serviria leite e biscoitos e o obrigaria a cuidar melhor de si mesmo. Eu puxo outra erva. — Eventualmente fica mais fácil identificá-las.

— Se você diz. — Ele não parece muito feliz, mas continua trabalhando.

Estamos em silêncio novamente, cuidando dos nossos negócios.

— Espiã ultrassecreta?

Eu levanto minha cabeça com a pergunta do Killian. — O que?

Ele mexe as sobrancelhas escuras. — Seu emprego. Ainda estou tentando descobrir. Você é uma espiã?

— Você descobriu. Agora venha comigo. — Inclino a cabeça em direção à minha casa. — Eu tenho algo para mostrar a você lá dentro.

Dentes brancos afundam no seu lábio inferior rechonchudo. — A menos que envolva palmadas, eu não vou.

Eu bufo, apesar de tudo.

— Testadora de brinquedo sexual?

— Ah. Não.

— Escritora erótica?

— Por que todas as opções de repente são relacionadas a sexo?

— Porque a esperança é a última que morre.

— Melhor esperar que eu não, acidentalmente, ou de propósito, arranque suas bolas.

— Tudo bem, tudo bem. Faz compras de casa?

— Eu odeio fazer compras.

— Sim, eu posso ver isso.

Minha cabeça se levanta. — O que isso deveria significar?

Ele encolhe os ombros, completamente impenitente. — Uma garota que anda de um lado para o outro em Dr. Martens não costuma ser do tipo que fica animada com uma liquidação.

Eu me sento nos saltos das tais botas. — Ok, eu não amo moda. Mas isso não tem que significar que eu não sou uma compradora.

— Você acabou de dizer que odeia fazer compras. Tipo, *acabou* de dizer.

— Sim, mas você não deveria saber disso só de olhar para mim.

Seu nariz enruga quando ele coça a nuca. — Estou confuso.

— Talvez eu seja viciada em comprar bonecas. Talvez eu tenha um quarto cheio delas na parte de trás da casa.

Um tremor passa no corpo todo do Killian. — Não brinque com isso. Eu vou ter pesadelos com Chucky por meses.

Penso em um quarto cheio de bonecas me encarando e tremo também. — Você está certo. Sem bonecas.

Ele pisca para mim. Eu não tenho ideia de como ele consegue fazer isso sem parecer um idiota, mas é fofo em vez disso. — Viu só? — diz ele. — Não é uma compradora.

— E você é o que? Um detetive?

— Ele se senta em seus calcanhares também. — Se eu fosse, eu seria um merda, já que não consigo descobrir o que você faz.

Nós olhamos um para o outro, seu olhar escuro me perfurando, esperando. É surpreendentemente eficaz, porque eu juro, estou começando a suar.

— Tudo bem, — eu deixo escapar. — Eu sou designer de capas de livros.

Ele pisca como se estivesse surpreso. — Mesmo? Isso é... bem, a última coisa que eu teria adivinhado, mas totalmente legal. Posso ver o seu trabalho?

— Talvez mais tarde. — Eu volto para a remoção de ervas daninhas, embora, na verdade, eu esteja mexendo no mesmo lugar várias vezes. Não há mais nada além de uma cicatriz escura de solo. Alisando a mão na terra fria, olho para ele. — E o que você faz?

Ele é bom; mal se encolhe antes de cobrir isso com um sorriso largo. — Atualmente estou sem emprego.

Estou prestes a perguntar o que ele fazia antes, mas algo frágil e dolorido permanece naqueles olhos cor de café e eu não tenho coragem. Ontem ele estava bêbado no meu gramado. Eu não acho que a vida está indo bem para ele no momento, e eu não tenho vontade de cutucar a ferida.

Ele cobre o silêncio apontando para uma videira verde. — Puxo isso?

— Não. Isso é uma videira de tomate.

Torna-se aparente que Killian não está confortável com longos silêncios. — Então esse lugar já foi uma fazenda?

Eu acharia que ele fala para se ouvir, mas ele olha para mim com genuíno interesse toda vez que faz uma pergunta. Eu levo um momento para observar o terreno ao meu redor. A Collar Island faz parte de uma área conhecida como Outer Banks. Enquanto o extremo norte tem uma cidade e várias grandes casas de veraneio, a ponta sul - onde a casa da minha avó está localizada - é bem isolada. Nada além de algumas casas espalhadas e grama verde e castanha, cercada por praia arenosa e oceano azul vívido.

— Quando meus avós eram jovens, — eu digo. — Eles cultivavam hortaliças. O mesmo acontecia com os donos da casa em que você está hospedado. Agora, eu apenas cuido do terreno mais próximo da casa e deixo o resto ficar livre.

— Belo lugar, — admite Killian. — Meio solitário, no entanto.

Não posso dizer muito sobre isso. Então eu simplesmente aceno.

Nós voltamos ao trabalho. O que é bom. Até Killian colocar a mão nas costas e tirar sua camisa para guardá-la no bolso de trás.

Eu já vi o homem nu. Mas aquilo foi diferente. Eu estava muito irritada e muito ocupada tentando limpá-lo para perceber completamente os detalhes. Agora ele está na luz do sol, sua pele bronzeada já brilha com um fino brilho de suor. Ele é magro e forte, seus músculos são uma obra de arte. A enorme tatuagem que cobre o ombro esquerdo e seu torso é na verdade um mapa antigo do mundo, como um globo aberto.

— Você está olhando para a minha arte, Libs? — Ele parece estar se divertindo.

Eu encontro seus olhos e os vejo brilhando, aqueles cílios ridiculamente longos tocando suas bochechas. Não é justo que um cara tenha olhos tão bonitos.

— Sim. Eu acho que se você tatua fotos em seu corpo, é justo que as pessoas as estudem.

Seu sorriso é rápido, diabólico, as pequenas covinhas nas laterais de sua boca indo fundo e depois desaparecendo com o sorriso dele. — Não disse que me importava. — Ele senta em seus calcanhares para que eu possa ver tudo.

Infelizmente, eu me vejo querendo estudar a parte de baixo do seu abdômen, onde os músculos são como degraus que guiam o caminho até o Sr. Feliz.

Droga. Eu não estou atraída por esse cara. Não. Eu estou apenas muito tempo sem sexo e preciso de algo. Em breve. Mas *não* com o Killian. Não consigo esquecer como o conheci. O alcoolismo é o meu limite rígido; destruiu tudo o que eu amava.

Ignorando meu argumento interior, volto a sua tatuagem. É feita em linhas limpas e seguras, mais uma impressão do globo em vez de ser pesado com detalhes. E isso é lindo.

— Tem algum significado? — Pergunto. — Ou foi por diversão?

Killian tira uma mecha escura de cabelo do rosto dele. — Começou como uma maneira de encobrir um erro.

Ele se inclina, trazendo o cheiro de suor limpo e feromônios masculinos inebriantes com ele. Inferno. Não há uma boa maneira de descrever essa fragrância além de deliciosa e viciante. Eu me preparo enquanto ele aponta para um ponto acima do mamilo onde há uma rosa dos ventos. — Eu queria cobrir um nome. Darla.

— Não acabou bem?

Ele me dá um sorriso irônico. — Isso seria pelo menos romântico. Mas não. Era a formatura do ensino médio. Eu e… — Seu rosto fica vazio por um segundo, um olhar assombrado piscando em seus olhos. Mas ele pisca e desaparece. — Meus amigos e eu ficamos bêbados e fomos atrás de um dos nossos outros amigos que estava treinando para se tornar um tatuador. Eu fui a cobaia.

— E ele tatuou 'Darla' em você?

— Sim. — Killian se senta e começa a capinar novamente. Mas ele ainda está sorrindo.

— Quem é Darla?

Ele ri. — Essa é a coisa; foi apenas um nome que ele achou que soava engraçado. Eu poderia ter mantido a tatuagem. Mas, merda, era feia - toda torta e confusa pra caralho. — Killian balança a cabeça. — Parecia que alguns alunos da terceira série que fizeram.

Eu não posso deixar de rir também. — Legal.

A expressão de Killian fica suave, seu olhar correndo pelo meu rosto. Seu sorriso cresce.

— O quê? — Eu pergunto, desconcertada pelo brilho em seus olhos. Isso faz minha respiração falhar.

— Você é bonita.

Ele diz como se fosse um fato, eu bufo. — Você parece surpreso.

Killian se inclina um pouco. — De verdade? Eu estou. Você tem feito tanta cara feia para mim... Ah, aí está de novo. O ódio gritante para mim. — A ponta calejada de seu dedo traça o topo da minha bochecha, e meu estômago se contorce em estado de choque. Sua voz fica gentil. — Mas quando você sorri? Você meio que brilha.

— Como uma lâmpada? — Eu replico, tentando não abaixar a cabeça.

A testa dele franze, os olhos brilhando com humor reprimido. — Ok. Você fica radiante. Isso é claro o suficiente?

Palavras ficam presas na minha garganta. Acontece que um homem nunca me chamou de bonita antes. Nem uma vez. Como pode? Eu não sou feia. Objetivamente falando, eu sei que sou bonita, ou posso ser. Eu tive vários encontros, um namorado brevemente na faculdade. Já recebi cantadas antes, claro. Mas nunca fui elogiada de maneira tão simples e honesta. O conhecimento afunda na minha pele como uma coceira, e de repente eu não quero que Killian olhe para mim.

Minha pá mergulha na terra com violência suficiente para fazer o solo voar. — Então, como essa tatuagem da Darla foi embora?

Killian franze a testa para a minha pá por um segundo antes que volte ao normal. — Minha mãe ficou tão enojada com isso que ela me deu o dinheiro para fazer uma nova para cobrir ela.

— Eu pensei que ela ia querer que você removesse.

— Nah. — Ele puxa uma erva. — Ela não se opôs a uma tatuagem, só que ela foi malfeita. E então haveria uma cicatriz. Minha mãe não é grande fã de cicatrizes. Enfim, eu fiz a rosa dos ventos. O mapa veio depois. — Ele olha para baixo para si mesmo. — Tipo, 'Ei, Kills, aqui está o mundo. Vai ser todo seu se você não foder tudo.

O arrependimento em sua voz, embora ele esteja claramente tentando esconder, atinge algo em mim. Eu respiro, meu olhar vagando para o céu azul claro acima. O mundo. Eu vi muito pouco dele. Apenas esse pequeno canto azul da Carolina do Norte e a faixa de terra um pouco maior quando fui a Savannah para a faculdade. Tenho vinte e cinco anos e sou uma eremita.

Meu peito se fecha e eu tenho que lutar para respirar. Eu tenho um enorme desejo de correr para casa e me enrolar na minha cama macia, onde está escuro e silencioso.

— Isso é surpreendentemente relaxante, — diz ele.

O comentário de Killian chama minha atenção.

— O que? Remoção de ervas daninhas?

Ele olha para mim por baixo de seus cílios. — Sim. Eu gosto de fazer algo construtivo. — Killian para e esfrega a parte de trás do seu pescoço. — Você tem alguma cerca para consertar ou madeira para cortar? Algo parecido?

— Você precisa de trabalho duro para se transformar em uma pessoa melhor?

— Sim. — Ele sorri. — Sim, eu acho que sim.

— E você quer que eu… o que? Seja seu Sr. Miyagi?

Sua risada é uma onda, profunda e quente. — Porra, sim. Pintar a cerca. Polir o chão.

— E quando você terminar, podemos ir até o mar e nos equilibrar em uma perna.

— Merda, isso seria épico. — Killian abre bem os braços, fazendo um movimento de guindaste de meia-boca. Isso faz coisas agradáveis ao seu torso, que eu imediatamente ignoro.

Eu fico de pé, tirando a terra dos meus joelhos. Eu pego minha cesta de legumes. — Venha, então. Você pode cortar a grama se estiver falando sério. Isso é o máximo do Sr. Miyagi que eu posso fazer agora.

Killian se levanta com facilidade. — Killian-san pronto para o dever.

Eu reviro meus olhos, fingindo que o acho irritante. Mas eu não acho. E isso me assusta.

CAPITULO QUATRO

KILLIAN

EU ESTOU CORTANDO O GRAMADO da Libby. Infelizmente, isso não é um eufemismo para algo mais prazeroso do que empurrar um velho cortador para trás e para a frente em seu vasto e ondulado pátio. Aqui do lado de fora, no sol quente, meus músculos se movendo e suor escorrendo pela minha espinha, percebo que não faço sexo há meses. Seis para ser exato. Nunca fiquei sem sexo por tanto tempo assim desde que comecei a fazer sexo. O que realmente me assusta é que eu não senti muita falta.

Durante minhas viagens, conheci muitas mulheres gostosas prontas e dispostas a agitar meu mundo. *Dispostas* não é a palavra certa. Elas estavam desesperadas para me foder. Não é a arrogância que me faz dizer isso. É a verdade. Elas sabiam quem eu era e fizeram o possível para ser a garota que me explodiria para tão longe que eu as levaria comigo. Mesma história se repetiu nos últimos oito anos. Fama = caçadoras de pau.

Empurrando o cortador, penso em todas aquelas mulheres. Deus, algumas delas realmente agitaram meu mundo. As coisas que me deixaram fazer, que fizeram comigo, eram irreais - o mais perto de me sentir no paraíso que eu conseguia quando não estava no palco. Mas sempre terminava assim que meu pau ficava mole. Eventualmente, o sexo com groupies tornou-se quase outra forma de masturbação. A excitação havia desaparecido a muito tempo. Não importava quão boa era a técnica de uma garota, elas nunca me viram como outra coisa senão um meio para um fim. E essas garotas nunca expressaram uma opinião que contradissesse minhas necessidades. Eu poderia mandar um cara que trabalhava com a turnê, dizer as groupies que ele fazia parte da banda, e elas também iriam fodê-lo.

Eu usei aquelas mulheres como elas me usaram. Meter, despejar e ir embora. Encontros desumanos.

É isso que Jax se sentiu? Desumano? Desorientado?

Pela primeira vez em anos, sinto que estou andando em terra firme. E eu não estou fazendo mais que trabalho de jardinagem. Libby me deu uma olhada quando pedi para fazer mais, e fiz uma piada com isso. Mas eu estava completamente sério. Eu me sinto bem. Eu quero mais disso - saber que sou tão normal e humano quanto o resto do mundo.

Puxando minha camisa de onde ela está enfiada no meu bolso de trás, eu limpo o suor da minha testa e vou para a grande garagem parecida com um celeiro na parte de trás da propriedade. O gramado está pronto. Não está perfeito - minhas linhas estão um pouco tortas.

Estou alongando meus ombros quando Libby aparece na varanda dos fundos. Ela está segurando dois copos grandes e gelados de limonada. Ela me encontra no meio do caminho e eu mal consigo soltar um sincero agradecimento antes de

engolir minha bebida. Gelada. Fresca. Perfeita.

Eu estou começando a pensar que essa garota nunca vai me dar nada que não seja sublime. Então eu vislumbro dentro do galpão e quase engasgo com a minha boca cheia de limonada.

— Você tem um trator cortador de grama, — eu digo enquanto engasgo com a minha bebida e encaro o John Deere que teria reduzido meu tempo de trabalho para menos de uma hora.

Liberty, a pequena diaba, apenas encolhe os ombros, tomando um gole delicado de sua limonada. — O Sr. Miyagi teria deixado a Daniel-san usar uma lixadeira elétrica? Eu acho que não.

Ela solta um grito surpreendentemente feminino quando eu me lanço para ela, pegando-a pela cintura e a colocando sobre o meu ombro.

— Você derramou minha limonada, babaca, — ela grita, mas ela está rindo.

Graças a Deus. Porque eu realmente não pensei nas consequências quando agi. Eu raramente penso. Mas eu não quero irritá-la ou assustá-la. Sorrindo descontroladamente, eu a giro em um círculo e dou um tapa na bunda suculenta dela.

Ela realmente grita dessa vez, seus pés chutando minhas coxas, suas mãos batendo na minha bunda. — Você vai morrer por isso, senhor.

— Posso muito bem me divertir, então, — eu grito sobre seus protestos e bato na bunda dela novamente. Jesus. Eu preciso parar, porque agora eu quero agarrar sua bunda redonda e firme e dar um aperto. Talvez escorregar meus dedos entre a abertura e… *Calma, garoto.*

Eu culpo o calor e minha falta de sexo, mas não tenho certeza. Há algo estranhamente atraente sobre Libby rabugenta, mas tão luxuosa.

Relutantemente, eu a coloco no chão e me preparo para levar um chute no saco. Porém, ela só bate no meu braço, seu rosto fica vermelho como um de seus tomates.

— Babaca, — ela diz. — Estou tonta agora.

— Ah, essa é a melhor parte. — Antes que ela possa cambalear, eu seguro seu cotovelo apenas o suficiente para firmá-la. Agora que ela não está em meus braços, estou estranhamente hesitante em tocá-la novamente. Ontem nós estávamos na garganta um do outro. E agora eu quero tocá-la quantas vezes ela me deixar.

— Você é um louco, sabia disso? — Sua careta é meio fofa.

— Já me disseram isso antes.

— Não estou surpresa. — Libby passa os dedos pelos cabelos, e o sol cintila os fios. — Eu ia oferecer para levá-lo para a praia…

— Nós vamos. — Eu tento pegar a mão dela, mas ela me evita desta vez.

— Eu não sei…

— Liberty, — eu aviso. — Não me faça te jogar por cima do ombro e levar sua bunda pequena para lá.

— Ok, certo. Eu aposto que você só late, amigo.

Eu chego perto, tão rápido que eu cuidadosamente a prendo ao lado do galpão. Nós não estamos nos tocando, mas ela fica imóvel mesmo assim. Eu aproveito e me inclino até nossos narizes quase se tocarem. — Oh, eu mordo, querida. Mas você vai gostar.

Então me ocorre o que estou fazendo. E ela cheira a sol e limões e açúcar mascavo. Os alarmes começam a soar na minha cabeça, gritando *perigo* e *se afaste, porra*. Mas eu não consigo me impedir de olhar para os lábios dela. Erro. Grande erro.

Eles são cor-de-rosa, macios e separados, como se estivessem esperando para serem tomados. O calor aumenta em meu pau e eu tenho que lutar contra a vontade de empurrar meus quadris para frente. Que porra é essa? Eu estou perdendo a cabeça.

A prova de que essa é uma péssima ideia, vem por meio de Libby pressionando os belos lábios juntos. — Eu mordo de volta, Kill e você não vai gostar.

Eu dou-lhe um grande sorriso falso. — Isso é o que *você* diz. Agora ponha um biquíni ou vou encher o seu saco o dia todo.

Ela revira os olhos, mas felizmente se vira e vai para a casa. — Vou preparar algo para a gente comer.

Deus, ela vai me alimentar. Eu gostaria dessa garota só por isso. Mas eu tenho que me segurar. Porque ela não é do tipo que gosta de brincar. Qualquer cara com metade do cérebro pode ver isso. Ela pode ser dura por fora, mas parece ser mais uma concha frágil. Cristo, ela me lembra o Jax por causa disso. O pensamento me esfria. Talvez eu devesse dizer a ela para esquecer a coisa toda e ir sozinho.

Mas então ela põe a cabeça para fora da porta. — Entre aqui. Eu tenho coisas para você levar.

Simples assim, estou fisgado novamente. Há algo nela que eu não posso ignorar. Eu me afasto do galpão e vou para as escadas. — Contanto que você não se esqueça da comida, eu sou todo seu, senhorita Bell.

LIBBY

A ÁREA DA praia perto de casa é estreita, se chocando contra dunas selvagens. Arrumo minha toalha, guarda-chuva e cadeira enquanto Killian me observa, como se estivesse perplexo.

— É como se você estivesse se preparando para acampar, — ele me diz quando eu pego o cooler da mão dele e o coloco na sombra atrás da minha cadeira de praia. — Você vai puxar um colchão de ar em seguida? A pia da cozinha?

— Eu gosto do meu conforto. E eu prefiro não fritar no sol como um bolinho.

Killian riu baixinho. — Eu vou ser o bolinho.

Eu tiro minha camiseta e meus shorts jeans. — Pode ir. Mas não venha chorando para mim se você se queimar. Eu não vou esfregar aloe vera nas suas costas. — Mentira. Eu ficaria feliz em fazer isso.

— Você vai, Libs. — Sua voz está estranhamente fraca, distraída. — Você só late, baby.

— Baby? Isso não é jeito de me… — Eu olho para cima para encontrá-lo me observando. Não com maldade, mas definitivamente olhando.

E eu tenho o desejo de colocar minha camiseta novamente. Meu biquíni preto é feito para conforto ao invés de sensualidade, e cobre tanto quanto meu sutiã e calcinha cobriria. Mas eu não estou acostumada a um homem vendo muito de mim. Eu não tenho vergonha do meu corpo, embora eu não ia chorar se de repente eu tivesse uma bunda menor e seios maiores. Eu uso tamanho 36, então eu não tenho que usar sutiã todos os dias e não o preencho completamente quando uso. Algo me diz que Killian viu sua cota de peitos espetaculares. Me incomoda que eu tenho medo de não estar na lista.

Eu olho nos seus olhos e o ar ao nosso redor parece fazer uma pausa. Os olhos escuros de Killian se estreitam, sua expressão está encoberta. Eu me pergunto o que diabos ele está pensando e meu coração começa a martelar, pequenos zunidos de calor se descontrolando na minha barriga.

Eu não sei quanto tempo ficamos ali, olhando um para o outro como se fôssemos estranhos que se cruzaram nesta praia. Provavelmente são apenas alguns segundos, mas parece uma eternidade. Então ele pisca, cortando o cordão e olha ao redor da praia. Estamos sozinhos aqui. Embora, ao longe, algumas pessoas estejam caminhando pela costa.

— Vou nadar, — diz ele. — Quer vir?

— Você não vai querer seu sanduíche? — Algo no meu peito aperta forte porque ele está meio nervoso agora, como se quisesse fugir.

Killian olha para o cooler e solta um suspiro. — Certo. Esqueci disso.

Ele se senta ao meu lado na toalha de praia, perto o suficiente para que sua coxa quase esfregue a minha, e eu posso sentir o calor de seu corpo. Ele tem pernas bonitas musculosas e com pelos escuros, sua pele já profundamente bronzeada.

Eu não deveria estar percebendo coisas sobre suas malditas pernas. Eu não deveria estar inquieta mexendo nos pratos.

— Você vem sempre aqui? — Ele pergunta.

— Eu visito a praia quase diariamente.

— Com seus amigos?

Eu limpo minhas mãos nas minhas coxas. — Não. Sozinha mesmo.

Ele dá uma mordida em seu sanduíche, seu olhar no mar. — Sem amigos?

Deus, o homem é como um cão farejador. Ou um rato chato, mastigando todas as minhas fraquezas. Com essa linda imagem flutuando diante dos meus olhos, eu abaixo meu sanduíche. — Não tenho muita vida social aqui. A maioria dos meus amigos são online. — E quando foi a última vez que conversei com algum deles? É um tapa na cara quando percebo que não enviei e-mails a ninguém em meses. E ninguém me enviou um.

Eu não sou tímida. Mas eu sou introvertida. Sair nunca foi minha coisa. Mas quando eu fiquei tão isolada? Por que eu não percebi? Ou não me importei?

— De qualquer forma, eu gosto da minha privacidade, fazer minhas próprias coisas… — Meu pescoço aperta e eu tomo longos goles da minha limonada.

Não tenho ideia do que Killian está pensando. Ele apenas balança a cabeça e

come seu sanduíche em mordidas limpas, mas grandes. Um suspiro de contentamento o deixa antes de olhar para o cooler, franzindo a testa um pouco.

— Aqui. — Eu passo a ele outro sanduíche. — Eu fiz três para você.

Seu sorriso é rápido e largo. — Eu sabia. Só late.

Eu não vou sorrir. Eu não vou. — Coma seus sanduíches.

— Eu estou vendo esse sorriso, Libs.

— Eu posso pegar de volta a comida.

Ele pega o terceiro sanduíche e o coloca em seu colo, curvando-se sobre ele protetoramente enquanto ele devora o segundo. — Você cresceu aqui? — Ele me pergunta depois de engolir um pedaço enorme.

— Não. Eu cresci em Wilmington. A casa era da minha avó. Ela deixou para os meus pais quando ela morreu, e eles deixaram para mim. — Aí está. Eu disse. E isso só dói um pouco. Uma dor chata, como uma pedra esmagando minhas costelas. — Eu estava morando em Savannah, mas depois… bem, eu só queria ir para casa. Esse era o lugar mais próximo disso para mim.

Killian franze a testa, mas sua voz é gentil. — Quando eles morreram, Libby?

Eu não quero responder. Mas o silêncio é pior. — A pouco mais de um ano atrás. — Eu respiro. — Minha mãe e meu pai saíram para jantar. Meu pai ficou bêbado, mas dirigiu mesmo assim.

Eu não posso dizer a ele que meu pai estava sempre bêbado em seus últimos dias, sentindo falta de um estilo de vida que ele prometeu abrir mão quando meus pais me tiveram. Eu fui a causa das más escolhas do meu pai? Não. Mas em alguns dias, com certeza parecia que sim. Eu engulo em seco. — Ele bateu em na van de uma família. Matou a mãe naquela van, ele e minha mãe também.

— Maldito inferno.

Eu tento dar de ombros e falho. — É o que é.

— Isso é fodido, querida.

Assentindo, eu procuro no cooler por outra limonada.

— Liberty? — Sua voz é tão suave e hesitante que eu imediatamente congelo e levanto a cabeça.

Killian aperta sua nuca, sua mandíbula flexionada. Mas ele não desvia o olhar, embora esteja claro que ele quer. — Eu... Porra… — Ele respira fundo novamente. — Eu sinto muito. Pela maneira como nos conhecemos. Por estragar o seu gramado e vomitar em você. — Ele fica vermelho, o que é meio fofo. — Mas, principalmente, por forçar você a cuidar de um motorista bêbado.

Ele tira alguns grãos de areia do joelho. — Foi algo fodido. E eu não sou esse cara. — Seus olhos escuros estão largos e ligeiramente assombrados. — Ou não era até recentemente. Eu só… passei por uns maus bocados ultimamente, — ele termina com um murmúrio antes de franzir a testa para o mar.

— E você procurou conforto na bebida. — Não é meu lugar para criticar. E eu tento deixar minha voz suave. — Isso nunca funciona, você sabe.

Ele bufa. — Ah, eu sei. — Ele olha para mim, e seus lábios se curvam em um sorriso amargo. — Eu falhei espetacularmente nesse experimento, obviamente.

— Se você tivesse falhado, — digo suavemente, — você estaria morto.

Killian empalidece. — Eu acho que você está certa, — diz ele em uma voz

baixa.

Ficamos calados por um momento, o barulho das ondas e os gritos de gaivotas enchendo o ar. Então eu entrego a ele seu sanduíche. — Estou feliz que isso não aconteceu. — *Estou feliz que você esteja aqui. Comigo.* Mas eu não tenho coragem de dizer isso.

Ele balança a cabeça como se estivesse rindo de si mesmo, mas quando ele encontra meus olhos, há uma leveza em sua expressão. — Estou feliz também, Liberty Bell. — Killian se inclina e olha para mim. — Estamos bem agora?

Ele parece tão esperançoso - e um pouco inseguro - que os últimos vestígios de raiva em relação a ele me deixam. Eu também temo isso. A raiva é um muro que eu construí para me proteger. Eu sei isso. O que eu não sei é como me proteger da mágoa sem ela. Mas eu quero tentar.

Eu consigo dar um sorriso. — Nós estamos bem.

CAPITULO CINCO

LIBBY

NÓS SOMOS AMIGOS. Eu não sei como isso aconteceu. Eu estava preparada para odiar Killian, mas ele entrou sob minha pele com um esforço embaraçosamente pequeno. Talvez porque, conforme os dias passam, ele nunca vai embora de verdade. De alguma forma, ele sempre está aqui para o café da manhã na manhã seguinte e acaba passando o dia todo comigo até anoitecer novamente. Ou talvez porque eu tenha mergulhado em um padrão de desfrutar de sua companhia e depois esperar até ele voltar para mim. Juro, parece que estou esperando por ele, mesmo em meu sono, meus pensamentos consumidos com todas as coisas relacionadas ao Killian - o que ele está fazendo? O que ele está pensando agora? Quando ele vem de novo?

O mais chato é que eu estava perfeitamente contente antes de ele aparecer. Minha vida tinha um padrão e era confortável. Confiável. Agora, é tudo menos isso. Tudo é conduzido por esse impulso de antecipação por *ele*.

Eu digo a mim mesma que não é minha culpa. Eu não acho que haja uma pessoa na Terra capaz de resistir ao homem. Killian é um pavão num mundo de pardais. Ele chama a atenção e a mantém. Estranhamente, nem é sobre aparência. As características do Killian são ousadas e fortes; ele é bonito, claro, mas não extraordinário. E mesmo assim, ele é, porque tudo o que faz Killian ser o *Killian* o ilumina e atrai as pessoas como uma vela no escuro.

Prova: não sou a única afetada. A rabugenta Sra. Nellwood está sorrindo para Killian como se ela fosse seu neto favorito, mesmo que ele esteja vasculhando sua loja e fazendo um barulho enorme.

Killian me arrastou para longe do trabalho e para a cidade. Eu odeio ir à cidade, mas ele choramingou e fez beicinho, então sorriu e cutucou minhas costelas até que eu concordei em dar uma carona para ele.

— Você não vai me fazer andar tudo aquilo, não é, Libby? — Ele disse com aquele sorriso torto dele, o que causa pequenas rugas nos cantos de seus olhos escuros. — É o que? Pelo menos dois quilômetros. Talvez três.

— Você é jovem. Você vai sobreviver.

— Sou novo na área. Eu poderia me perder. Quando você menos esperar, eu vou estar morrendo de fome, e na minha condição enfraquecida eu poderia ser comido por coelhos selvagens e raivosos.

— Coelhos? — Eu não queria rir, mas não consegui segurar. — De todos os animais, você vai ser morto por coelhos?

— Você já olhou nos olhos de um coelho, Libs? Eles estão apenas esperando por uma chance de dominar. Por que você acha que eles estão sempre tão nervosos?

— Porque eles estão assustados, com medo de que algo vai comê-los no jantar?

— Não. Eles estão planejando. É só uma questão de tempo antes que eles ataquem. Anote minhas palavras.

Então, aqui estamos nós, na Loja Geral Nellwood, Killian saltando de prateleira em prateleira, com a intenção de, pelo que parece, tocar em tudo. — Ah, porra, — ele fala lentamente. — Olhe para isso, Libs.

Ele pega um boné trucker vermelho e o experimenta. — O que você acha?

Claro que ele fica bom com isso. Mesmo com o cabelo longo e emaranhado. Na verdade, ele parece um caminhoneiro gostoso. Não ajuda que sua camiseta preta desbotada de Star Wars se agarre ao seu peito e mostre seu bíceps forte com carinho. Fantasias perturbadoras envolvendo um grande caminhão e um estacionamento para caminhoneiros enchem minha cabeça e eu tenho que me dar um tapa mental para me concentrar no que estamos falando.

Seu sorriso é de felicidade, e eu não posso deixar de sorrir de volta. — É totalmente sua cara. Na verdade, você realmente deveria comprar um de cada cor que eles têm.

Killian aponta para mim. — Você também vai comprar um.

— É... não.

— Isso protegerá sua pele contra aquela ameaça de queimadura solar que você tanto fala.

Atrás do balcão, a Sra. Nellwood se envolve. — Tão doce, cuidando de você. Liberty, querida, quem é o seu rapaz?

Meu rapaz? Gah.

Sob a aba do chapéu, Killian balança as sobrancelhas escuras, embora ele consiga manter uma cara séria enquanto faz isso.

— Esse é o meu novo vizinho… — Eu olho para ele e percebo que não tenho idéia de qual é seu sobrenome. Bom Deus, eu deixei um estranho entrar em minha vida. E fiquei muito apegada a ele.

Killian não olha para mim, então ele está alheio ao meu pânico quando ele vai até o balcão e estende a mão. — Killian, senhora. Estou alugando a casa do Cromley por alguns meses.

A sra. Nellwood balança a cabeça, o coque branco se movendo. — Bem-vindo à Collar Island, Sr. Scott.

Killian franze a testa como se estivesse confuso. — Sr. Scott?

Os pálidos olhos azuis da Sra. Nellwood são perspicazes. — Eu pensei que Sr. Scott era o nome no contrato de locação. Eu estou enganada?

As costas do Killian se enrijecem, em surpresa. Ele claramente não tinha percebido como uma cidade pequena pode ser intrometida. Mas ele se recupera rapidamente e lhe dá seu sorriso encantador com toda força. — O Sr. Scott cuidou do aluguel para mim. Eu estava viajando no momento.

É estranho. Observando Killian, tenho a sensação de que ele está dizendo a verdade, no entanto, ele parece estranhamente incerto. Talvez ele seja como eu e valorize sua privacidade. Eu não o culpo. Eu passei todos os verões da minha vida aqui. Ainda sou tratada como uma pessoa de fora e um objeto de curiosidade.

Eu me escondo muito desde que me mudei permanentemente. A ideia de que eles estão apenas esperando que eu escorregue e derrame os meus segredos mais íntimos, fazem meu maxilar se flexionar. Eu odeio conversa fiada, sempre odiei.

Odeio o efeito estranho que causa na minha pele, na minha garganta. Eu estou melhor sozinha. É por isso que raramente venho à cidade.

Killian está pagando por suas coisas - uma montanha de doces, salgadinhos, refrigerante, bugigangas que ninguém precisa e o boné - quando o sino sobre a porta faz barulho e um grupo de garotas entram dando risadinhas.

Eles parecem ter dezesseis anos, e me ocorre que eu realmente me escondi por um longo tempo, porque eu não reconheço nenhuma delas. No balcão, Killian se move para que suas costas fiquem para as meninas. Eu não teria notado, exceto que minha atenção, aparentemente, está de alguma forma sempre nele.

Ele agradece a Sra. Nellwood com um sorriso rápido e tenso, em seguida, vem na minha direção com pressa. Ele na verdade não se move rapidamente, mas cada passo que ele dá parece carregado com a intenção de dar o fora daqui. Por mim tudo bem.

A massa em movimento de adolescentes atingiu o corredor de maquiagem e elas dão alguns gritinhos. Elas definitivamente notaram ele. As garotas continuam sussurrando enquanto olham para suas costas, o que não é surpreendente. Killian é alto e em forma. Um estranho gostoso. Ele pode muito bem ser isca em um gancho para a população feminina local.

Estou surpresa, no entanto, quando Killian pega minha mão e me puxa para fora. Não surpresa que ele quer sair, mas ele faz isso de uma forma que faz parecer que somos um casal. Em silêncio, caminhamos pela rua principal, tudo em que consigo pensar é a sensação rude e quente de sua mão na minha. Seu domínio sobre mim é seguro, mas fácil, seu passo diminui para coincidir com os meus passos mais curtos.

Jesus, eu preciso me controlar. Eu não posso ter uma queda por esse homem. Nós já estabelecemos um padrão em nosso relacionamento. Ele brinca, eu bufo. A ideia de ele descobrir que estou atraída por ele faz com que meu estômago se embrulhe. Eu nunca veria o fim disso. Nunca.

— Aquele é um lugar legal, — diz ele, me acordando dos meus pensamentos de pânico.

— Eu acho que nunca ouvi alguém descrever Nellwood como 'legal'. Mas se você gostou, isso é tudo que importa.

Olhando para mim, seus olhos escuros brilham com bom humor, embora as linhas ao redor de sua boca ainda estejam apertadas. Ele me dá um pequeno empurrão enquanto caminhamos. — Muito magnânimo de você, Libby.

Essa é a outra coisa. Apesar de sua aparência geral de mendigo, Killian claramente recebeu uma boa educação. Melhor que a minha, se eu tivesse que adivinhar. Eu quero perguntar a ele, mas toda vez que tocamos em algo remotamente pessoal sobre ele, ele recua.

— Ah, ei. — Ele para e fica na minha frente enquanto procura algo na sacola. — Peguei uma coisa para você.

— Inferno, não, — eu deixo escapar quando ele levanta um boné trucker parecido com o dele, só que roxo.

— Agora, Libby, não reclame até você experimentar.

Antes que eu possa fugir, ele coloca o boné na minha cabeça. Ele está tão perto que é quase um abraço quando ele ergue os braços para ajustar a aba. Perto

o suficiente para que eu sinto o leve cheiro de sabão em sua pele. Perto o suficiente para que um suave fluxo de calor caia sobre mim e me esforço para não me inclinar para ele.

— Pronto, — diz ele. — Você está…

Ele fica em silêncio. O som da minha própria respiração, e a dele, cresce alto no silêncio. Com vergonha, eu olho para cima. Ele está mordendo o lábio inferior em concentração, aqueles dentes fortes e brancos fazendo pequenas marcas naquela curva exuberante.

Olhos da cor de café quente encontram os meus, e meu coração martela forte em resposta. Um tremor passa por mim, meu corpo aquece tão rápido que estou surpresa que não comecei a suar. Eu quero desviar o olhar, mas não consigo. Ele olha para mim como se estivesse confuso, seus lábios se separando ligeiramente.

Meus próprios lábios parecem inchar, o sangue pulsando através deles. Eu quero pressioná-los nos dele e aliviar essa dor estranha. Eu não me movo. Desesperadamente, tento pensar no que estávamos dizendo, onde estamos.

Eu limpo minha garganta. — Eu estou o que? — Minha voz é um som rouco.

Killian pisca, suas sobrancelhas escuras se franzem. Ele lambe o lábio inferior. Quando ele fala, sua voz está profunda e rouca. — Fofa, — diz ele. — Você está fofa com esse boné.

O toque suave dos seus dedos tirando uma mecha do meu cabelo do meu rosto me faz tremer.

— Eu pensei que seus olhos eram cinza, — diz ele, ainda não se afastando. Não, ele está se inclinando, sua respiração uma suave carícia sobre os meus lábios. — Mas eles parecem verdes agora.

A observação me dá força para quebrar o contato visual. Eu dou um grande passo para trás e olho para longe, um chute de dor batendo no meu coração. — Eu tenho os olhos da minha mãe. Eles mudam de cor dependendo da luz. Cinza, verde, azul. — Eu não quero pensar nos olhos da mamãe. Ou que a única maneira de ver algo próximo a eles agora é olhando no espelho.

Killian coloca a mão no meu cotovelo. Sua expressão sombria. — Eles são lindos. — Ele parece estar prestes a dizer mais, porém o grupo de garotas sai da loja em outra onda de risos.

Eu olho para elas e as vejo olhando para nós. Não, não nós. Para ele. Cabeças inclinadas juntas, as meninas espiam Killian e franzem a testa.

Estou prestes a franzir as sobrancelhas quando Killian toca a aba do meu chapéu com um toque brincalhão. — Vamos, pequena caminhoneira, nós temos lanches para comer.

Ele pega minha mão de novo, me puxando com ele. O simples fato de que ele nunca olha na direção delas me faz acreditar que ele está tentando evitar a interação.

— Você conhece alguma delas ou algo assim? — Eu pergunto enquanto nós vamos em direção a minha caminhonete.

— Quem?

— Não se faça de desentendido. Não é o seu tipo. Você está se afastando daquele grupo de garotas como se suas bolas estivessem pegando fogo.

— Parece doloroso. — Ele estremece. — Na verdade, nunca fale sobre minhas bolas estarem pegando fogo novamente. Adicione isso à nossa lista de

"Não".

— Killian, aquelas garotas. Você conhece alguma delas?

— Eu tenho vinte e sete anos. Por que eu conheceria algumas garotas adolescentes aqui? Ou em qualquer lugar? Isso me tornaria em algum tipo de esquisitão.

— Eu não sei porque. Mas elas estavam olhando para você como se te conhecessem. E você está claramente as evitando.

— Agora quem está sendo a detetive?

Eu paro do lado da porta do passageiro da minha caminhonete. Sua mão desliza da minha, mas ele se vira para mim. Sua careta é sombria. Eu faço uma careta de volta. — Me. Fala. O que está acontecendo?

Ele bufa. — Certo. Apenas... entre na caminhonete, ok?

Gesticulo para a porta, já que sou eu quem está dirigindo. Ele rosna baixo em sua garganta e abre a porta, jogando suas sacolas no banco de trás.

Não é até que estamos quase em casa que ele fala. — Ok. Não, eu não conhecia aquelas garotas. Mas acho que elas podem ter me reconhecido. Ou elas estavam tentando me reconhecer. — Ele franze a testa e esfrega o queixo. — Eu não deveria ter raspado a barba.

— Quem você é que essas garotas reconheceriam você? — Jesus, ele é algum criminoso infame liberado por um problema técnico? — Killian é seu nome verdadeiro?

Eu pareço um pouco em pânico e ele me dá um olhar calmo. — Sim, é meu nome verdadeiro.

A caminhonete balança enquanto dirigimos sobre um buraco.

Killian se segura no braço da porta. — Olha, você pode parar enquanto conversamos sobre isso? Eu prefiro não acabar em uma vala.

— Tudo bem. — Eu entro na próxima estrada que leva a uma praia pública. O oceano Atlântico se estende à nossa direita, uma faixa escura brilhando com a luz do sol.

Killian olha para o sol. — Meu nome é Killian James.

Eu olho para ele, tentando entender por que isso soa tão familiar. E então me atinge com tanta força que acho que ofego. Eu devo ter feito isso, porque ele se vira para mim, seus olhos cautelosos.

Killian James. Vocalista e guitarrista da Kill John. A maior banda de rock do mundo, porra. Oh, Deus, eu quero rir. Enlouquecer aqui e agora. De todos os homens que o destino poderia colocar no meu caminho. Um roqueiro. E não apenas qualquer roqueiro - uma das maiores estrelas da nossa geração.

— Você tem mãos de guitarrista, — eu digo fracamente, como se isso importasse.

Suas sobrancelhas se erguem como se ele temesse pela minha sanidade.

— Quando você apertou minha mão, notei os calos, — acrescento, ainda meio confusa. Jesus, Killian James está no meu carro. — E eu me perguntei se você era músico.

Ele olha para as mãos e acena com a cabeça. — Sim. Eu sou. — Ele solta uma risada e balança a cabeça.

Calor invade minhas bochechas. Eu me sinto completamente idiota por ter o reconhecido. Em seguida vem o ressentimento dele por ter escondido isso de

mim. Porque por que diabos eu o reconheceria? Eu mal entro nas redes sociais. Eu conheço a voz dele, as músicas, mas o rosto? Não muito. E ninguém espera que um deus do rock caia em seu gramado. Bêbado e desordenado.

— Por que você está aqui? — Eu murmuro.

Ele se inclina contra o encosto de cabeça. — Jax. Eu não consegui lidar… — Ele morde os lábios, as bochechas vermelhas.

Jax, o vocalista da Kill John. Agora, essa história eu conheço. Principalmente porque passava no jornal da noite. No ano passado, John Blackwood, Jax como o mundo o chama, tentou cometer suicídio por overdose de pílulas para dormir. Foi público e feio. E do pouco que ouvi sobre isso, sua tentativa tinha destruído a banda.

— Killian… — Eu estendo a mão, mas ele se afasta, se curvando para frente.

— Eu que o encontrei, sabia? — Ele olha para o nada. — O meu melhor amigo. Tão próximo quanto um irmão. Eu pensei que ele tivesse morrido. Depois disso… Nós estávamos destruídos. Nada parecia real ou sólido mais. E eu precisava sair.

— A bebedeira? — Eu pergunto baixinho.

Olhos escuros encontram os meus. — Era o aniversário da tentativa dele. No caminho até aqui, parei em um bar. — Ele balança a cabeça. — Não estava pensando bem. Não estava pensando em nada.

Meu coração dói por ele. — Sinto muito pelo seu amigo. Que você está sofrendo.

Ele acena, mas mesmo assim franze a testa para a estrada na nossa frente. — Então agora você sabe.

O silêncio enche o carro. Eu quero ficar encarando ele. Eu não posso evitar.

Killian James, porra. No meu carro.

Eu não sou uma dessas fãs que aprende as estatísticas de seus membros favoritos da banda e segue cada movimento deles. Mas eu amo música. É pessoal para mim, parte da minha vida e meu legado. Eu tenho todos os álbuns da Kill John. Acontece que, além de ver fotos do Jax no noticiário, não tenho ideia da aparência dos outros membros da Kill John - eles nunca colocam seus rostos nas capas dos álbuns. Eu quero perguntar a Killian sobre isso. Sobre um milhão de coisas.

Mas eu não pergunto. Eu ligo o carro e saio para a estrada. — Vamos lá, vamos comer. E depois, eu vou fazer para você os famosos frango e bolinhos da minha avó.

Eu juro que ouço ele soltar um suspiro.

Quando ele fala, ele é seu velho e encantador eu. — Soa como o céu, Liberty Bell.

FIEL À MINHA PROMESSA, eu cozinho frango e bolinhos para o Killian e eu faço

uma torta de pêssego para a sobremesa. Cozinhar ajuda a me distrair. Eu preciso disso essa noite. Abelhas resolveram morar na minha barriga, voando e lutando pela supremacia naquele pequeno espaço. Eu me vejo colocando uma mão contra o meu abdômen ao longo da noite, tentando acalmá-las.

Eu não sei mais como agir. Por que ele está aqui comigo? Quando ele poderia sair com qualquer pessoa. Sério, tenho dificuldade em pensar em uma pessoa rica e famosa que o recusaria. Eu? Eu sou rabugenta, privada e simples. Uma mulher bem chata que se esconde em sua casa. Esses são os fatos. Me incomoda que eu questione o meu valor. Mas eu não posso me livrar disso. Eu não o entendo.

Por sua vez, Killian está quieto essa noite, como se estivesse cansado. Ele não vai embora, no entanto. Ele está sentado calmamente à mesa da minha cozinha e me observa com os olhos enigmáticos.

Isso me deixa mais nervosa e me vejo pulando mais de uma vez para pegar isso ou aquilo.

Eu faço de novo e Killian bufa.

— O quê? — Eu pergunto, encontrando seu olhar.

Ele aponta um dedo acusador para mim. — Você está agindo de forma estranha.

Eu congelo no ato de encher sua xícara de café já cheia. — Merda. — Eu estremeço e me sento. — Eu estou. Eu totalmente estou.

— Bem, pare. — Sua mandíbula se aperta quando ele abaixa o garfo. — Está me irritando.

— Me desculpa. — Minhas mãos se levantam em um gesto impotente. — Não é a minha intenção. É só que eu continuo pensando nisso. — Ele é Killian James. Na minha cozinha. Mente. Explodindo.

Ele me encara com os olhos que parecem ver através de mim. — Você não, Liberty, — diz ele em voz baixa e crua. — Ok? Só… você não.

Meu coração martela no meu peito. — C-como assim?

Killian apoia os antebraços na mesa, a expressão cansada. — Você já me pesquisou no Google?

— Não. — Aborrecimento colore meu tom. Claro, eu estava caindo nesse lado do ridículo, mas não sou tão ruim assim. — Eu imaginei que você me contaria sobre você mesmo se quisesse.

Ele me dá uma espécie de sorriso carrancudo, como se quisesse aliviar o clima, mas não consegue. — Minha mãe é meio famosa. Ela era uma top model. O nome dela é Isabella. — Seus lábios se contorceram. — Ela *só* responde por Isabella.

— Essa Isabella? — Eu digo, boquiaberta.

Ele me dá um olhar de lado. — Sim, ela.

Isabella Villa, supermodelo famosa e segunda geração cubana americana. Ela é linda: pele bronzeada perfeita, maçãs do rosto salientes, olhos escuros luminosos e cabelos negros brilhantes. Killian tem seus olhos, sua cor da pele, seu carisma. Ele deve ter herdado os traços do rosto de seu pai, porque Isabella é tão delicada quanto uma boneca.

— A foto dela estava em toda parte quando eu estava no ensino médio, — eu digo.

Ele esfrega a parte de trás do pescoço, o nariz enrugado. — Sim. Tente ser adolescente e todos os rapazes ter a foto da sua mãe pendurada nos armários.

A imagem icônica da Isabella vestindo um sutiã de diamante e calcinha com asas de anjo brancas esvoaçando atrás dela enquanto ela percorria a passarela me vem à mente. Eu não sou nem bi e achei essas fotos irresistíveis. — Aposto que você entrou em muitas brigas.

Um sorriso aparece em seus olhos. Rapidamente. — Você não tem idéia. — Rindo sombriamente, ele balança a cabeça. — A coisa é, ela é uma boa mãe. Amorosa, mas um pouco inconstante.

— E seu pai?

— Killian Alexander James, o segundo. — Ele me dá um olhar irônico. — Eu sou o terceiro. Meu pai é um empresário. Ele conheceu a minha mãe em uma festa beneficente. Eles eram bons pais, Libs. Bem, tão bom quanto eles poderiam ser. Mas eles também eram ocupados e viajavam muito. Minha avó cuidava de mim a maior parte do tempo. Ela foi ótima, sabe? Não aceitava minhas merdas, sempre me mantinha com os pés no chão, me obrigava a fazer as minhas tarefas, me ensinou a cozinhar, esse tipo de coisa.

— Ela parece ser adorável.

Killian acena com a cabeça, mas ele não está focado em mim. — Ela morreu há dois anos. Eu ainda sinto falta dela. Foi ela quem me incentivou a começar a banda. Inferno, nos incentivou a continuar. Nós praticávamos e ela ouvia. Mesmo quando tocamos que nem merda, ela nos elogiava. — Ele olha para frente, e uma carranca puxa sua boca. — Quando o nosso álbum se tornou disco de platina, ela foi a primeira pessoa que fui ver.

Ele para de falar, apenas franze a testa para a mesa da cozinha. E eu me vejo esticando a mão para ele.

Ao toque dos meus dedos nos dele, Killian olha para cima. — Ela correu pelo apartamento em que praticamente me criou, limpando o sofá para mim, correndo para me pegar café e pão. Minha *abuelita*, — ele sussurra, se inclinando. — Como se eu fosse a porra do presidente ou algo assim.

Meus dedos se entrelaçam com os dele. — Eu sinto muito, Kill.

Ele segura a minha mão, mas parece não me ver. — Eu sentei lá no velho sofá chesterfield que eu tinha feito xixi quando eu tinha dois anos, enquanto ela ria e eu sabia que minha antiga vida tinha acabado. Eu nunca mais seria o mesmo. Que não importa o que eu quisesse, haveria uma linha divisória entre o mundo e a pessoa que eu me tornaria.

— Killian…

— Nem tudo é ruim, Libby. Eu estou vivendo o sonho. — Seus lábios se apertam. — Mas fica solitário pra caralho às vezes. Você começa a se perguntar quem você é e o que você deveria ser. E eu acho... merda, eu sei por que Jax não aguentou as coisas.

Seus olhos encontram os meus. — Eu não queria te contar quem eu era porque você olhou para mim como se eu fosse apenas outro cara.

— Mais como se você fosse um pé no saco, — eu corrijo com um sorriso.

— Sim, — ele diz suavemente. — Isso também.

— Ok, então eu fiquei um pouco… fascinada. Mas eu ainda acho que você é um pé no saco.

— Promete? — A preocupação em sua voz, seus olhos, faz com que eu aperte sua mão novamente.

— Meu pai era um guitarrista de estúdio, — digo a ele. — Tocava como apoio em sessões de gravações para muitas bandas enormes nos anos noventa. — Killian se sobressalta em surpresa, mas eu prossigo antes que ele possa falar. — Minha mãe era backing vocal. Foi assim que eles se conheceram.

— Inferno, isso é incrível.

— Sim, eles achavam que eram. — Eu ainda acho.

O sol nascia e se colocava na minha mãe e no meu pai. Eles faziam um dueto e a alegria me inundaria. A música sempre foi uma parte da minha vida. Uma maneira de se comunicar. O silêncio entrou no meu mundo quando eles morreram.

O vazio ameaça me puxar para baixo. Eu me concentro no presente. — O problema é que meu pai estava sempre por perto de pessoas famosas. Ele nunca pensou muito sobre isso. Era um talento que ele respeitava - e uma boa ética de trabalho. Mas um dia, David Bowie veio para uma sessão e meu pai literalmente caiu da cadeira. Não conseguia tocar merda nenhuma, ele estava tão deslumbrado. Porque Bowie era um ídolo para ele.

Killian ri. — Eu posso imaginar isso.

— Você já conheceu alguém que você é fã? — Pergunto a ele.

— Tantas pessoas, — ele admite. — Eddie Vedder foi o mais importante. Acho que eu sorri como um idiota por uma hora. Ele é um cara legal. Com os pés no chão.

— Bem, aí está. Você é meu Bowie, meu Eddie Vedder.

Eu começo a puxar meu braço, mas ele dá um pequeno puxão na minha mão e eu finalmente vejo o brilho nos olhos dele. — Você gosta mais de mim do que do Eddie.

— Se você diz, querido.

Mas ele está certo. Estou começando a achar que gosto mais dele do que de qualquer outra pessoa.

KILLIAN PEDE uma segunda fatia de torta quando nos espalhamos no chão e analisamos os discos antigos do meu pai. Estou determinada a não agir mais como uma louca.

Nós ouvimos Django Reinhardt, um dos favoritos do meu pai.

— Sabe, ele só tinha movimento de três dedos na mão esquerda, — digo a Killian enquanto balançamos nossas cabeças ao som de "Limehouse Blues".

— Um dos maiores guitarristas de todos os tempos, — diz Killian, em seguida, pega outro álbum da pilha que coloquei no tapete entre nós. — *Purple rain*. Agora, fale sobre um guitarrista brilhante pra caralho. Prince era um monstro, tão… sem esforço, mas com uma alma tão foda.

Descansando minha cabeça na minha mão, eu sorrio para ele. — Você já viu o álbum original?

Suas sobrancelhas se juntam. — Não.

Meu sorriso cresce quando ele tira o disco da capa e seus olhos se arregalam. — É todo roxo!

O jeito que sua voz profunda sai quase como um gritinho me faz rir. — Sim. Eu tive a mesma reação quando tinha oito anos e o encontrei. Meu pai brigou comigo quando ele me pegou o usando como uma bandeja de chá para minhas bonecas.

Com cuidado, Killian coloca o disco roxo de volta na capa. — Acho incrível que você tenha crescido com a música desse jeito. Minha família sempre gostou, mas não com o mesmo amor intenso que eu.

Eu murmuro um reconhecimento, mas a tristeza segura minha língua. A vida tem sido tão silenciosa desde que meus pais morreram. Muito silenciosa. Nunca pensei em como virei as costas a simples alegria de amar a música e o quanto isso me afetou.

Estou tão distraída com meus próprios pensamentos que não vejo Killian pegando a caixa de arquivos preta até que ele já esteja a abrindo.

— Não, não… — Minhas palavras morrem quando ele levanta uma pilha de papéis.

Seu olhar passa na primeira página. — O que é isso?

Me mate agora. Só… me leve para fora e atire em mim. Calor empurra através da minha carne com um punho grosso e desconfortável. — Nada. Apenas rabiscos.

Eu tento pegar a pilha, mas ele facilmente me evita esticando um de seus braços estranhamente longos e segurando meu ombro com uma força estranhamente bizarra.

— Espera. — Um sorriso começa a puxar seus lábios, e ele usa um polegar para folhear algumas das primeiras páginas. — Isso são músicas. — Olhos escuros se movem para encontrar os meus. Um brilho de surpresa ilumina sua expressão. — Suas músicas.

— Como você sabe que elas são minhas?

— Você colocou seu nome no topo de cada página.

Eu caio de volta no chão e cubro meus olhos com meu antebraço. — Elas *eram* privadas.

O silêncio me cumprimenta, mas não me atrevo a olhar. Estou tão exposta agora. Pior do que estar nua. Ficar nua com Killian pelo menos resultaria em prazer. Isso? Tortura. Eu engulo em seco e cerro os dentes.

O chão range, e eu sinto seu calor. Seu toque é gentil quando ele levanta meu braço do meu rosto e sorri para mim. — Elas são ótimas pra caralho. Por que você está envergonhada?

— Você acabou de ler o equivalente do meu diário. Por que eu não ficaria envergonhada?

— Você está certa. Eu sinto muito.

— Engraçado, não parece que você sente.

Ele morde o lábio inferior, claramente tentando conter sua alegria. — Bem, quando eu encontro um diário como esse? — Ele segura minha pilha de músicas um pouco mais alto. — Como eu poderia estar? É como encontrar um unicórnio.

— Gosta de unicórnios, é?

— Ha. Pare de se esquivar. — Killian cruza as pernas diante dele e continua folheando minhas músicas como um nerd que encontrou um capítulo perdido de *O Senhor dos Anéis*. — Por que você não me disse que escrevia músicas?

Eu me inclino e puxo os papéis de suas mãos. — É algo que fiz quando era mais jovem. Um passatempo. Algo que meus pais deixaram bem claro que era um beco sem saída.

— O último tem apenas alguns anos. — Sua expressão se aperto enquanto ele me observa guardar os papéis e fechar a tampa da caixa de arquivos. — Não é nada para se envergonhar, Libs.

Com um suspiro, eu pressiono minhas mãos na tampa da caixa. — Eu sei. Honestamente, eu não penso nelas há um bom tempo. Ok, depois que você me disse quem você realmente era, elas entraram na minha mente. Mas eu não queria que você tivesse ideias.

— Ideias?

Eu não posso olhar para ele. — Você me falou para não ficar estranha com você quase agora. De jeito nenhum eu ia dizer, "Ah, ei, eu escrevi essas músicas!" Como uma estratégia de vendas ruim. Eu não faria isso com você, Killian.

— Libs. — Ele toca meu braço, então eu sou forçada a encontrar seu olhar. — Eu nunca acharia que você estava fazendo isso.

Eu aceno com a cabeça. — De qualquer forma, isso realmente não é um grande negócio. Foi por diversão.

Ele faz uma careta, como se ele ainda quisesse fazer uma série de perguntas que eu não quero responder.

O pânico aperta meu peito. — Estou falando sério. Podemos por favor deixar isso pra lá?

Killian respira fundo. — Ok, Libby.

Ele olha ao redor, perdido. Eu estou do mesmo jeito. Mas antes que ele possa ficar mais estranho, ele dá de ombros e volta a folhear os discos como se nada tivesse acontecido.

Eu fico muito grata, minha visão embaça antes de eu piscar e clarear.

— Ah, cara, *Nevermind*. — Ele segura o álbum do Nirvana e vira para ler a parte de trás. — Deus, eu me lembro quando Jax e eu descobrimos o Grunge. Era tipo essa linda raiva e um perfeito desdém. O poder por trás disso, como uma porra de onda de som que caiu sobre você, te derrubando. — Ele sorri largamente. — Escutamos, estudamos e depois fizemos essas tentativas horrendas de copiá-lo.

Deitando de bruços, eu descanso meu queixo na palma da minha mão. Por dentro, eu ainda estou um pouco abalada, mas falar sobre figuras lendárias é mais fácil. Confortável, quase. — Você não copiou. Você encontrou sua própria voz.

O Nirvana tinha “Smells Like Teen Spirit”. Kill John tem “Apathy” - o grito de guerra de nossa geração. "Apathy" é tão forte e rápida quanto "Teen Spirit", mas há mais dor, menos raiva. Uma questão de por que estamos aqui. Uma canção de solidão e se sentir inútil.

— Quando meus pais morreram, — digo a ele em voz baixa, — ouvi "Apathy" sem parar por uma semana consecutiva. Fez eu me sentir... eu não sei,

melhor, de alguma forma.

Os lábios do Killian se separam em surpresa, seu olhar correndo pelo meu rosto. — É? — Sua voz é suave. — Fico feliz, Libs.

Ele estende a mão como se temesse que eu morda. Mas ele é corajoso. As pontas dos dedos dele traçam minha bochecha. Minhas pálpebras abaixam quando ele fala, com a voz baixa e rouca. — Se eu estivesse com você na época, gostaria de ter lhe dado conforto.

O calor incha na minha barriga, se espalhando para fora. Eu ia querer que ele tivesse dado. Eu limpo minha garganta e forço meus olhos a abrirem. — Então, era só você e o Jax no começo?

Killian coloca a mão na coxa dele. — Sim. Nós crescemos juntos e depois ambos fomos para o mesmo colégio interno. Nós conhecemos Whip e Rye lá.

Eu tenho que rir. — Eu não posso te imaginar em um colégio interno.

Killian faz uma careta. — Eu era um santo, sabe. Boas notas. Seguia as regras.

— Então, como você se tornou uma estrela do rock?

Ele abaixa a cabeça, a balançando um pouco. — Eu não me considero uma estrela do rock. Eu sou um músico. Eu sempre amei música, amei fazer música.

— Se você gosta de fazer música, — pergunto a ele, — por que você está aqui? Por que não em um estúdio?

Seu rosto se fecha. — Você não me quer aqui?

Eu quero você de qualquer jeito que eu possa te ter.

— Aqui é o lugar menos provável que alguém na Terra esperaria que você estivesse. — Eu olho para ele. — É por isso? Você está se escondendo?

Ele bufa. — Jesus, Libs. Porque esse questionário?

— Não é um questionário, — eu digo calmamente. — É uma pergunta legítima. Você estando agitado só significa que acertei um nervo.

Killian fica de pé, com o olhar ofegante. — A maioria das pessoas deixaria isso pra lá.

— É, eu sou irritante assim. — Eu olho para ele, sem vontade de piscar.

Ele solta um suspiro, suas mãos se ligando atrás do pescoço. — Eu não sinto a música, tudo bem? — Seus pés descalços batem no chão enquanto ele anda. — Eu não quero cantar. Não quero tocar. É só... um vazio.

— Quando foi a última vez que você tentou?

Ele abre bem os braços em um apelo irritado. — Eu não quero tentar agora. Eu só quero ser eu. — Ele faz uma pausa, olhando para mim por cima do ombro. — Está tudo bem com você? Posso ser eu apenas por um segundo?

Eu olho para ele por um longo momento, depois me levanto lentamente. — Você pode ser o que quiser. É se você está feliz que é a pergunta.

— Quem é você para falar, — ele dispara de volta, vindo em minha direção. — Me diga agora que você não está se escondendo da vida nessa casa velha. Jesus, você é uma jovem mulher que vive como uma velha senhora. Você nem nos deixa falar sobre seu talento oculto. Eu sinceramente não ficaria surpreso se você preferisse que eu pensasse que você faz coleção de pornografia.

Um tremor lento começa no fundo da minha barriga, frio e forte. — Eu não quero brigar com você, — eu digo baixinho. — Eu só quero que você seja feliz. E eu não acho que você está.

— É, bem, a mesma coisa para você, querida.

— Ok, agora estou irritada.

Ele bufa, com as mãos nos quadris enquanto olha para mim. — Obrigado pela atualização. Eu não tinha percebido.

— Vai se foder, Killian.

Sua mandíbula se flexiona quando ele range os dentes. — Quer saber? Foda-se. Aqui está a verdade: eu não estava feliz - até conhecer você.

Eu literalmente balanço para trás nos meus calcanhares, quase explodido com sua sinceridade.

Suas mãos se fecham quando ele dá um passo para frente. — Eu estou aqui há quase dois meses. Eu nunca fico em um lugar por tanto tempo. E por que você acha que eu ainda estou aqui? A paisagem? Não. É você que eu não quero deixar.

— Eu... eu não... Você não deveria… — Eu engulo em seco. Não, não, não. Nunca se apaixone por um músico. Não é isso que minha mãe sempre disse? Eles vão partir seu coração com o jeito que eles estão sempre olhando por cima do ombro para o próximo show.

A boca do Killian se aperta. — Isso é real demais para você? Que choque.

Eu estremeço com a amargura em seu tom e tento falar com calma. — O que você faz, como você afetou o mundo, eu só posso sonhar em como deve ser.

Ele bufa novamente, mas eu continuo.

— Eu tenho seus álbuns. Eu ouvi você cantar. Há muita vida na sua música. Deus, as pessoas matariam para ter esse talento, esse poder de transmitir tanta emoção. E eu… — Eu balanço minha cabeça. — Me escondendo aqui, ou por trás da nossa amizade... Eu não posso fingir que é certo, Killian. Eu não seria uma boa amiga para você se eu fizesse isso.

Ele fica em silêncio por um longo momento, sua expressão de pedra. Então ele dá um aceno curto. — Entendido. — Ele olha ao redor como se de repente tivesse acordado e não soubesse onde está. Seu olhar desliza por mim, não ficando por muito tempo. — Está ficando tarde. Eu vou embora.

Antes que eu possa dizer outra palavra, ele sai. E preciso me segurar para não gritar para ele voltar.

CAPITULO SEIS

KILLIAN

EU FICO LONGE da Liberty pelos próximos dias. Não tenho certeza do que fazer, mas mantenho minha distância até eu me acalmar. Ela acertou um ponto fraco quando falou basicamente a verdade - droga. O pior foi quando ela alegou que não queria que eu a usasse como uma desculpa para ficar.

Desculpa? A última coisa que vejo em Libby é uma desculpa para me esconder. Por pouco eu não a beijei quando ela olhou para mim, seus olhos arregalados sob aquele boné trucker feio. Inferno, eu queria beijá-la por dias. Toda vez que olho para ela. Normalmente, eu não hesitaria, mas nada sobre o meu relacionamento com Libby é normal.

Eu não passo tanto tempo assim com garotas. Eu não passo tanto tempo assim com ninguém. É escrever-compor, praticar, gravar, fazer turnê, foder, dormir. O mesmo disco antigo rodando e rodando. Eu costumava sair com os caras, mas isso diminuiu uma vez que ganhamos o disco de platina. Nenhum tempo livre e muita atenção em nós quando estávamos em público fizeram isso.

Eu sou um cantor e guitarrista multimilionário de 27 anos da maior banda de rock do mundo e não tenho ideia de como ter um relacionamento com uma mulher. Eu poderia rir. Mas eu não acho engraçado.

Porque eu quero Liberty Bell.

Inferno, eu sabia que estava em apuros quando ela tirou a roupa e estava com aquele biquíni preto liso e eu tive uma ereção instantânea e exigente. Eu juro que ela está tentando se esconder atrás das roupas que usa, porque seu corpo é lindo. Ela não é uma modelo perfeita. Eu já peguei muitas modelos perfeitas. E em algum momento, corpos se tornam apenas corpos. A atração é uma fera totalmente diferente.

A bunda redonda e firme da Liberty, cintura estreita e seus pequenos peitos empinados fazem isso por mim. Jesus, os peitos dela. Eles caberiam perfeitamente nas minhas mãos, aquelas pontas doces apontando para cima, apenas implorando para serem sugadas.

Naquele dia na praia, eu queria tanto colocar minhas mãos e boca neles, eu quase corri para o oceano para não pular nela.

Então, sim, estou com problemas. Ela ficou chocada quando descobriu quem eu sou e enquanto eu sei que ela ainda gosta de mim por mim, quando eu tento vê-la entrando no meu mundo, eu falho. Não porque ela não se encaixaria. Mas porque tudo o que sei sobre Libby me diz que ela não iria querer. Quando ela abaixa a guarda, vejo que ela também gosta de mim. Mas ela está lutando contra isso, criando paredes quase desesperadamente. O que um cara deveria fazer com isso?

Por isso, coloquei alguma distância entre nós da maneira mais literal que posso.

Minha moto está de volta da oficina, fiz uma longa viagem pela costa

continental - me hospedando em motéis baratos, dirigindo quando acordo, comendo quando fico com fome. É lindo, calmante. Solitário. Eu sinto a falta dela. O que é estranho já que eu acabei de a conhecer. Mas eu a conheço bem. Depois de passar semanas juntos, conheço todos os tipos de coisas da Libby.

Eu sei que, embora ela faça os melhores biscoitos do mundo e a torta de pêssego perfeita - comida que me faz gemer de prazer - Libby gosta de comer macarrão com molho barbecue e manteiga, o que é uma merda repugnante. Eu sei que ela adora filmes de desenho do Scooby-Doo e realmente fica assustada durante as cenas “assustadoras”.

E ela me conhece. Ela sabe que Britney Spears foi o primeiro show que eu fui, não o do The Strokes como o público acredita - embora como eu gostaria que isso fosse verdade. Ela sabe que eu odeio feijões, não por causa do sabor, mas porque eu não suporto morder as peles desagradáveis que os cercam.

Nós nos conhecemos. Podemos falar sobre qualquer coisa ou nada. Nunca fica velho ou chato. Libby é minha ressonância. Quando estou por perto, fico de repente com tudo em movimento em uma frequência diferente. E eu não me importo se isso é meloso. É a verdade.

Eu não posso mais ficar longe. Se tudo o que posso ter dela é amizade, vou ter que aceitar.

Leva o dia todo para eu voltar para casa. Quando eu dirijo pela longa estrada compartilhada em direção às nossas casas, o céu está se transformando em uma cor de azul esfumada com rosa coral. Minha casa está escura nas sombras. Luz emana da janela da Libby, batendo no gramado. Sua silhueta passa pela janela da cozinha e imagino que ela esteja cozinhando algo incrível.

Minha moto se aproxima do cruzamento na estrada, um caminho me levando para ela, o outro para a minha casa. Eu quero tanto ir para a casa da Libby, é uma dor física, real no meu peito e intestino. Eu quero sentar em sua cozinha que cheira a comida, ouvir o barulho de suas panelas e frigideiras enquanto ela fala sobre nada em particular, e observar a maneira eficiente como ela se move em seu espaço.

Eu quero isso.

Eu me viro para a minha casa. E isso machuca.

Depois de um banho, pego uma cerveja e me afundo na grande cadeira de balanço na minha varanda. Eu encontro meu celular na pequena mesa lateral. Deixei ele para trás de propósito. Cinco chamadas perdidas de Scottie e uma mensagem: **Jax está pronto. Traga sua bunda de volta para NYC.**

Bem, pela primeira eu vez não estou pronto. Eu mando uma mensagem para Scottie esperando que ele não me incomode.

A turnê só começa em um mês. Nós temos tempo.

Sua resposta é imediata.

Os caras querem voltar. Eles estão me pedindo para agendar alguns shows antes.

Porra. Parte de mim está irritada por não terem me ligado eles mesmos. Mas eu não tenho sido exatamente comunicativo. E todos nós sabemos que a melhor maneira de fazer com que qualquer um de nós faça alguma coisa é falando para o Scottie.

Esfregando meu pescoço, penso no que fazer. Libby está certa; eu não posso

me esconder para sempre. Mas eu não estou pronto para ir embora. Ainda não. Eu mando uma mensagem final para o Scottie: **eu ligo para você daqui a alguns dias**. Então eu desligo o celular.

A noite está abafada, a cerveja gelada. Sobre o zumbido das cigarras vem o som de um violão. É uma versão acústica de "You’re The One" do The Black Keys. Deve ser uma nova gravação porque eu não a ouvi antes.

Então percebo - não é uma gravação. É ao vivo. Libby está tocando violão. É claro que é a Libby, a garota criada por músicos, que escreve canções de beleza poética e as esconde como um segredo sujo. Claro que ela esconderia isso de mim também.

Eu queria estar irado, mas o som dela me distrai. Os pelos dos meus antebraços se arrepiam quando me sento mais reto. Ela é boa. Muito boa. Seu estilo é suave e calmo, não é igual o meu, pesado e tenso. Folk demais para o meu rock. Mas eu aprecio a porra disso.

Meus dedos se contorcem com o desejo de pegar meu violão. Pela primeira vez em meses, quero tocar. Foda-se, eu *preciso* tocar, ser o ritmo da sua liderança, ou a liderança para o ritmo dela. Descobrir o que ela pode fazer.

Ela se encaixa em "The Last Day of Our Acquaintance" de Sinead O'Connor. É uma música mais antiga, que não ouvem tanto. Mas Rye desenvolveu uma paixão enorme por O’Connor depois que ele viu o clipe de "Nothing Compares 2 U" em algum documentário dos anos 90 e precisou de toda nossa força para fazermos com que ele parasse de ouvir a música dela. Tenho certeza que agora sua garota dos sonhos tem a cabeça raspada.

Memórias do Jax jogando um sanduíche de salame no Rye em nosso ônibus depois que “Mandinka” tocou pela quinquagésima vez passa pela minha cabeça, me fazendo sorrir. E então Liberty começa a cantar.

A garrafa de cerveja escorrega da minha mão. Puta. Merda.

Sua voz é manteiga derretida sobre torrada. É cheia de saudade, suavidade e rouquidão. E dor.

Estou de pé antes de perceber. Entro em casa e puxo minha Gibson acústica de sua caixa. O braço é suave e familiar contra a palma da minha mão. Um caroço para na minha garganta. Cristo, estou prestes a chorar.

Se controle, James.

Meus dedos apertam o violão. Da porta aberta, Liberty canta sobre perda e separação com uma rebeldia áspera. Essa voz me guia, faz meu coração bater forte.

Ela não me ouve se aproximando, nem abrindo a porta. Seus olhos estão fechados, seu corpo curvando-se protetoramente sobre o violão. Que sua voz tenha tanto poder em uma posição tão restritiva é impressionante. Mas é a expressão que ela usa, perdida, mas calma, que me atinge.

Ela sente a música, sabe como expressá-la e possuí-la.

Fico excitado apenas por estar perto dela. Minhas bolas se apertam quando ela atinge o último refrão, sua voz descendo como uma bigorna e eu juro que não posso respirar. É igual a primeira vez que eu cantei em um palco e senti o mundo se abrir com possibilidades.

Acho que me apaixono um pouco por Liberty Bell naquele instante.

Então ela me nota e dá um grito, abruptamente matando a última nota. —

Jesus, — ela diz quando encontra sua voz novamente. — Você me assustou pra caramba.

Você está me trazendo de volta à vida.

O pensamento corre pela minha cabeça, claro como vidro. Mas eu não digo isso. Eu mal consigo encontrar minha voz. Eu fico parado como um idiota, meu peito arfando, segurando meu violão como se minha vida dependesse disso.

Um rubor sobe pelo seu pescoço e por suas bochechas. Ela abaixa a cabeça, como se estivesse com vergonha. De jeito nenhum no inferno eu vou deixá-la se esconder.

— Linda, — eu tento falar com o nó na minha garganta. — Você é linda. — Eu sei com uma estranha calma que eu nunca vou ver nada ou alguém mais impressionante na minha vida. Tudo mudou. Tudo.

LIBBY

MEU CORAÇÃO AINDA ESTÁ TENTANDO sair do meu peito depois do susto que o Killian me deu. Mas está lentamente se acalmando e logo em seguida vem algo que parece muito com mortificação. Killian me pegou cantando.

Alguns dias atrás, eu o ouvi sair de moto e quando ele não voltou naquela noite ou na próxima, meu coração apertou e meu estômago afundou. Eu poderia ter pensado que ele tinha ido embora de vez, só que Killian pregou um bilhete na minha porta antes de sair: *Vagando por aí. Não faça nada que eu não faria. Pelo menos não sem mim.*

Ao mesmo fiquei magoada que eu fui tão facilmente deixada para trás e irritada por ele não ter se incomodado em se despedir pessoalmente. Mas eu não sou sua dona. E eu claramente não consigo fazer ninguém ficar na minha vida. Então, voltei aos negócios como de costume, tentando ignorar o buraco no estômago, apenas para descobrir que o meu "de costume" agora era vazio e quieto, muito quieto.

Para preencher o vazio, toquei meu violão e cantei. Toda noite. Algo que eu não fazia em meses. Isso me fez pensar em meus pais e me doeu também, como uma ferida que você continua cutucando apesar da dor ou talvez por causa dela.

E agora Killian está de volta, preenchendo minha porta da varanda e iluminando a sala. Ele está aqui. Meu próprio ímã pessoal. Sua presença é tão forte que tenho que lutar para não levantar e correr para ele. Lutar para não sorrir como uma idiota mesmo que eu ainda esteja magoada. Mas eu quero sorrir, tanto. Porque ele. Está. Aqui.

Ele deixa tudo certo novamente. E, no entanto, também deixa o meu mundo fora de ordem.

A maneira como ele está olhando para mim... Inferno, isso me ilumina, envia faíscas e chamas ao longo das minhas terminações nervosas.

Linda. Ele me chamou de linda, seus olhos escuros vagando sobre mim como se eu fosse sua razão, a única razão.

Eu me sento congelada sob a força daquele olhar. Ele não está usando seu habitual sorriso brincalhão. Ele parece quase irritado, desesperado.

Ele aperta o braço do violão até os nós dos seus dedos ficarem brancos. — Toque comigo, Liberty.

Eu deveria ter esperado isso - ele está segurando seu violão, afinal de contas - mas eu não esperava e o pedido é um soco na garganta.

Um som estrangulado me escapa. Eu não posso tocar na frente de Killian James. Embora eu fique confortável com Killian, o homem, Killian, o músico, me intimida. Seu vocal é material de lenda - forte, limpo e poderoso com uma crueza que se engancha em sua alma e dá um puxão. Ele canta, e você sente que ele está fazendo isso apenas para você, lhe tirando sua dor, frustração, alegria, raiva, tristeza e amor e dando uma voz para isso. E embora eu saiba que posso cantar, sou uma amadora.

Os olhos de Killian se arregalam quando ele dá um passo para frente. — Por favor.

Ele fica no centro da sala, ainda segurando o braço do seu violão como se fosse a única coisa que o mantém de pé. Mas sou eu que ele olha, as linhas ao redor dos olhos dele se apertam, o peito dele se elevando e caindo com respirações profundas e rápidas.

Ele quer isso. Muito. Eu suspeito que ele precise disso. Seja qual for o motivo, ele está empurrando sua música para longe. Mas ele quer deixar ela voltar agora. Negar parece semelhante a pisotear uma flor primaveril que atravessa a terra fria no inverno.

Eu lambo meus lábios secos e me forço a contar tudo a ele. — A primeira vez que tentei cantar para alguém, fora os meus pais, foi no show de talentos da quarta série. Era para eu tocar "In My Life" dos Beatles.

Killian começa a sorrir, mas eu balanço minha cabeça. — Não foi bom. Quando cheguei ao palco, eu tremia tanto que achei que ia desmaiar. E apenas fiquei lá, parada, olhando para frente. E então eu ouvi alguém rir. Eu corri de lá e fiz xixi nas minhas calças nos bastidores. — Uma careta dolorida puxa meus lábios. — Eles me chamaram de Bell Mijona até o último ano.

— Babacas. — Killian faz uma careta. — E eu sei, de uma fonte segura, que Jax mijou nas calças durante uma peça de teatro no jardim de infância. No palco.

Minha mão acaricia a curva suave do corpo do violão. Eu amo esse instrumento. Amo tocá-lo. Como pode ser, quando está ligado a tanto medo e humilhação? — A segunda vez que tentei tocar no palco foi durante a faculdade. Noite de microfone aberto. Nem consegui ir até o palco. Eu vomitei atrás de alguns amplificadores e saí correndo.

— Amor...

Eu seguro seu olhar triste. — Eu parei, Killian. Parei de tentar. Parei de sonhar. E parte de mim tem vergonha disso. Mas parte de mim está aliviada. Meus pais eram felizes. Eles não queriam essa vida para mim. Disse que era muito brutal.

A mandíbula do Killian se flexiona enquanto ele range os dentes e quando ele fala, é quase um grunhido. — Quando eles te disseram isso?

— No começo. Eu só não queria acreditar neles.

Ele acena como se eu confirmasse algo para ele. — E então eles estavam lá

para dizer: 'Nós avisamos'. Fizeram você guardar suas músicas e se concentrar em outras coisas.

Meus dedos apertam o braço do meu violão. — Não foi assim.

Mas foi. Isso também dói.

O olhar de Killian não vacila. — Você escreveu essas músicas, tentou tocar para os outros, porque ama música, assim como eu. Está no seu sangue, quer você queira ou não.

— Sim, — eu sussurro, porque eu não posso mentir para ele quando ele olha para mim como se estivesse vendo minha alma.

Killian se aproxima mais. — Toque comigo. Veja como isso pode ser bom.

— Eu não…

— Eu nunca vou rir de você, — ele promete ferozmente. — Nunca. Eu sou seu porto seguro, Libby. Você precisa saber disso.

Algo dentro de mim se solta um pouco, me dando espaço para respirar mais fundo. Eu engulo meu medo. — O que você quer tocar? Uma das suas músicas?

Sua tensão parece se soltar com uma respiração, mas seu nariz se enruga. — Não. Parece pretensioso pedir para você cantar minhas músicas. Vamos com algo clássico. Porém divertido. — Ele morde o lábio inferior, as sobrancelhas se encolhendo, até que ele decide. — Você conhece 'Wanted' do Bon Jovi?

Eu tenho que sorrir. Se meu pai estivesse vivo, ele estaria gemendo com Bon Jovi sendo chamado de clássico. Mas eu não posso culpar a escolha do Killian. É inesperado, mas mesmo assim vejo as possibilidades. A música pode funcionar bem em um violão e sem bateria para fazer o apoio. E é um dueto de sorte.

— 'Dead or Alive'? Sim, eu conheço essa. — Eu ajusto minhas cordas, mexendo no tom. E então eu toco as primeiras notas, o som antigo, mas familiar, me fazendo sorrir.

Killian faz um som alegre enquanto ele puxa uma cadeira para perto e começa a fazer seus próprios ajustes. Bom Deus, só a visão de sua mão grande e longos dedos se movendo ao longo dos trastes, seus antebraços musculosos se flexionando, faz minha boca secar. Killian segurando um violão é material tanto da minha fantasia mais suja quanto do meu sonho mais apaixonado.

Meu coração está acelerado, antecipação e nervosismo correndo em minhas veias. Eu não posso acreditar que estou prestes a tocar com ele. Cantar com ele.

Ele olha para mim, seus olhos escuros brilhando. — Você começa.

— O que? — Meu estômago cai. — Não. De jeito nenhum. Você é o guitarrista principal.

Ele ri. — Não essa noite. Você lidera. Nós vamos harmonizar as letras, mas você pega o primeiro verso.

Depois de alguns minutos de trabalho, quem vai cantar o que, nós concordamos em começar. Minhas mãos estão suadas, tenho que esfregá-las no meu short antes de poder segurar meu violão.

A voz do Killian é um ronronar suave de encorajamento. — Isso vai ser divertido, Liberty Bell. Apenas deixe ir, sinta.

Respirando fundo eu começo. E me atrapalho. Corando, eu continuo. *A música. Apenas sinta a música.*

Ok. Eu consigo.

Eu começo a cantar - vacilante no começo, mas mais forte quando Killian

sorri largamente e acena, me encorajando. Eu fecho meus olhos e penso nas letras. É sobre um músico, cansado do mundo e exausto. Solitário. Um homem que foi reduzido a nada mais do que entretenimento para as massas.

E então percebo. Eu abro meus olhos, olho para Killian. Meu coração dói por ele. Mas ele não parece notar. Ele está me ouvindo cantar. Ele entra com o ritmo, pegando o segundo verso. Então ele canta.

A voz do Killian é uma onda de som que varre a sala. É a diferença entre cantar no seu chuveiro e em uma casa de show.

Eu tropeço em uma progressão de acordes antes de me controlar. *Sinta a música*.

Então eu sinto.

E nós cantamos, apenas curtindo.

Killian é um músico generoso, me deixando liderar, me apoiando quando tropeço. Ocasionalmente ele muda algumas coisas, então eu sou forçada a seguir, mas ele faz isso com um sorriso, me desafiando a sair do meu porto seguro e me arriscar. É como uma dança, tocar com ele.

E eu me torno ousada, colocando mais emoção na minha voz. Eu me torno aquele músico solitário, mas orgulhoso.

Nossos olhares se chocam e energia passa por mim, tão forte que arrepia minha pele, puxa meus mamilos. Alegria não filtrada surge através de mim e eu sorrio mesmo enquanto canto com todo meu coração. Ele sorri de volta, seus olhos intensos, queimando como brasas escuras. Isso me deixa tão quente que eu quero jogar meu violão para o lado, pular em seu colo e tomar tudo. Isso me faz querer que a música nunca acabe.

Ele canta o refrão, e essa voz profunda se afunda em meus ossos, corre como calor líquido pelas minhas coxas. Deus, ele é lindo. Perfeito.

Com graça fluida, ele atinge um solo de violão, suas pálpebras se abaixando, seu corpo forte balançando. Todos seus músculos estão tensos e flexionados, mas ele está solto, tão solto agora, totalmente focado na música. É como sexo, vendo-o se soltar. E eu latejo.

A música acaba cedo demais. Eu estou ofegante, suor cobrindo minha pele.

Nós nos olhamos por um longo minuto, um rugido surdo ecoando em meus ouvidos como se meu corpo não pudesse se acalmar.

— Jesus, — eu finalmente digo roucamente.

— É, — diz ele, rouco igual. — É.

Eu estou tremendo quando coloco meu violão de lado e passo a mão pelo meu cabelo úmido. — Isso foi… — Eu respiro fundo. — Como você pode desistir disso?

O fogo em seus olhos morre, e ele abaixa a cabeça, cuidadosamente colocando seu violão de lado também. — Todo mundo precisa de uma pausa de vez em quando.

Justo. Eu ainda estou tremendo. — Eu sinto como se tivesse corrido uma maratona ou algo assim.

— É a adrenalina. — Seus lábios se curvam. — Acontece quando você faz boa música. E, Liberty Bell, fizemos uma música boa pra caralho agora.

O calor invade minhas bochechas. — Foi você.

— Não, — ele diz suavemente. — Fomos nós. — Ele olha para o violão ao

meu lado. — Quer tentar de novo?

Eu quero? Não tenho certeza. Parece de algum jeito, perigoso, viciante. Quando eu ceder, poderei ficar sem depois?

Killian olha para mim com olhos calmos, e mesmo assim ele está se inclinando, seu corpo apertado. Esperando. Eu não consigo resistir a ele. Eu estou começando a pensar que nunca vou.

Eu pego meu violão. — Claro. Você conhece "Indiference" do Pearl Jam?

Felicidade aparece em seus olhos escuros. — Você com o Eddie de novo? — Ele balança a cabeça, mas suas covinhas estão mostrando. — Lute contra isso o quanto quiser, Libs, mas você sabe que gosta mais de mim.

Eu gosto mais dele. Esse é o problema. — Quando você quiser tocar uma de suas músicas, é só me avisar, — digo alegremente. — E então eu vou reavaliar.

A longa queda de seus cabelos esconde seus olhos de mim enquanto ele dedilha alguns acordes, mas há um sorriso em sua voz. — Talvez algum dia, em breve.

Essas palavras parecem muito com esperança.

CAPITULO SETE

KILLIAN

É o meio da noite quando três coisas acontecem: meu quarto se ilumina com um relâmpago, seguido por um estrondo de trovão que faz a casa tremer e Libby grita como se estivesse sendo vítima de um assassinato sangrento. Eu me sento, saindo de um sono completo como se fosse puxado, minhas bolas rastejando para cima com medo, meu coração ameaçando bater para fora do meu peito.

Por um segundo eu fico sentado, ofegante, meus olhos procurando desesperadamente no quarto escuro, tentando descobrir o que diabos está acontecendo. Então eu lembro do grito. Libby.

Outra rodada de raios e trovões traz outro grito. O fato de que eu realmente posso ouvi-la gritando da minha casa é o suficiente para parar meu coração.

— Jesus. — Terror misturado com raiva me faz pular da cama e pegar a única arma que eu tenho, minha Gibson. Não é muito, mas é sólido e vou acabar com quem está ferindo Libby.

Corro para fora da casa e em uma tempestade tão violenta que mal consigo ver. Chuva gelada chicoteia na minha pele enquanto eu corro, meus pés batendo em poças de lama arenosas.

Eu quase caio de cara no chão quando outro clarão espetacular de raios passa pela noite. Mas um grito desesperado de dentro da casa de Libby faz com que eu corra para frente.

— Libby! — Eu não hesito em chutar a porta dela. A escuridão me cumprimenta. Libby ainda está gritando e o som me despedaça. Meus pés descalços batem nas tábuas do chão enquanto eu corro para o quarto dela.

Eu grito também - uma merda de um rugido, adrenalina e pura raiva me iluminando. Eu balanço a Gibson sobre a minha cabeça como um bastão, pronto para bater na cabeça de alguém como um homem das cavernas, só para parar quando finalmente entro em seu quarto.

Libby está sentada na cama, com os olhos selvagens, gritos saindo dela. Ninguém mais está lá.

Por um segundo eu apenas fico parado, com o violão no alto, meu cabelo pingando, meu peito arfando. Então meu juízo retorna, e eu lentamente abaixo a Gibson.

— Libby?

Eu não sei se ela pode me ouvir por causa de seus gritos. Eles estão vindo mais rápido agora e ela está se balançando para frente e para trás. O som me desequilibra, corta meu coração. Todos os cabelos em meu corpo estão em pé. Isso não é natural.

— Libby. — Eu coloco meu violão no chão e me aproximo dela. — Amor, pare.

Ela não me ouve. Eu acho que ela nem me vê.

Pesadelos. Isso me atinge como um tijolo. Minha mãe me disse que eu costumava tê-los e ela disse que era quase impossível me acalmar quando eles

vinham. Eu não me lembro deles, mas ela me disse que era horrível. Eu acredito nela agora.

Ignorando os gritos frenéticos da Libby no momento, eu vou fechar a porta da frente. Quando eu volto para o seu quarto, ela ainda continua gritando, mas eu vou para sua janela, que ela deixou aberta. Depois de fechá-la e fechar as cortinas, eu me movo para o banheiro e acendo a luz, deixando a porta aberta apenas o suficiente para dar ao seu quarto um pouco de iluminação, mas não para a acordar do sono.

Talvez seja a luz ou o som da tempestade que diminuiu, mas Libby de repente respira fundo e depois soluça.

— Libby? — Eu sussurro, indo até ela devagar. — Querida?

Seu corpo estremece e ela pisca. Outro soluço rouco a deixa. — Killian? — Sua voz está rouca. — O que você está fazendo no meu quarto?

Eu me aproximo dela como eu me aproximaria de uma bomba-relógio. Meu coração ainda não se acalmou e estou começando a tremer. Mas eu me concentro nela. — Você estava gritando, Libs. Eu pensei que você estivesse sendo atacada.

Ela coloca uma mão trêmula na testa, me bloqueando. — Eu... a tempestade… — Ela se enrola, apertando as pernas contra o peito.

Eu não posso esperar mais. Sento-me ao lado dela e a puxo para perto. Ela está coberta de suor e quente como uma fornalha em meus braços. — Está tudo bem, Libs. Estou aqui.

— Jesus. — Ela descansa a mão suada no meu braço. — Você está encharcado. E congelando.

Eu seguro o meu aperto nela porque ela está quente e macia e, sim, eu estou congelando. Mas a verdade é que preciso segurá-la agora, preciso sentir a prova física de que ela está segura.

— Não sei se você percebeu, — digo com falsa leveza, — mas está chovendo vacas e galinhas lá fora.

Ela bufa contra a minha pele. — Vacas e galinhas?

— Aqui é o lugar de fazendas, Libs, — eu falo. — Não há gatos e cachorros enchendo esses céus.

Eu posso sentir o sorriso dela contra o meu peito. — Nós somos mais sobre jardinagem do que vacas. Viu algum tomate caindo?

— Eu posso ter sido esbofeteado na cabeça com uma rúcula voadora. Estava ventando muito para perceber.

Como se para pontuar minhas palavras, uma rajada de vento bate nas janelas e toda a casa parece chacoalhar.

Libby se aproxima mais e sua mão quente alisa minha pele. — E você correu nessa tempestade vegetariana sem se vestir?

— Parecia que você estava sendo assassinada, — eu resmungo. — O que eu deveria fazer? — Inferno, eu tenho certeza que eu andaria através do fogo para chegar até ela se ela gritasse assim novamente.

— Então você correu até uma possível tentativa de assassinato armado com um violão e nu. — Ela endurece. — Você está nu? Eu não me lembro.

— Mas você se lembra do violão?

— Eu pensei que você ia me bater com ele.

— Ótimo. Que agradecimentos eu recebo pelos meus momentos heroicos.

— Vamos nos concentrar na parte importante aqui. Por favor, não me diga que você está nu.

Eu sorrio. — Eu não vou te dizer isso. — Eu estou com cuecas boxer, mas é divertido provocar.

Nenhum de nós se move. Eu estou praticamente congelado. E Libby? Apesar de seu medo declarado da minha nudez, ela se mexe contra o meu lado, como se ela estivesse impaciente.

— Você está lutando contra o desejo de olhar para baixo e verificar, não é? — Eu digo no escuro. Meu pau se agita, como se ele soubesse que está prestes a se tornar assunto em uma conversa e quer ter a melhor aparência possível.

— Eu já vi a mercadoria, Kill. — Ela diz impassível.

Eu lhe dou um aperto no ombro. — O que significa que você sabe exatamente o quão bom é.

Bem, não exatamente. Ela me viu no meu pior. Meu pau se agita novamente como se para protestar contra essa injustiça e exigindo outra olhada. Eu digo a ele para se acalmar; isso não vai acontecer.

Libby já está se afastando, seu corpo rígido. — Você deveria se secar. Sua pele está um gelo.

— Sim. — Eu corro a mão pelo meu cabelo molhado. Estou tremendo, o que não pode ser bom. Mas eu não quero ir. Eu tenho que ir, no entanto. Eu não sou mais necessário. Engolindo um suspiro, eu me levanto, observando o jeito que ela vira a cabeça para que ela não possa ver. Adorável. Eu sei que ela quer checar. Eu luto contra um arrepio. — Eu vou deixar você voltar a dormir, então.

— Não, — sua voz é quase um grito e eu paro.

Ela não olha para cima, mas a mão dela levanta, implorando para eu parar. — Você poderia… quero dizer, você pode se secar no meu banheiro, talvez? E só... — Ela faz um som sufocante. — Quero dizer, está chovendo.

Um sorriso puxa meus lábios. — Você quer que eu fique, Lib?

Deus, por favor, me deixe ficar. Estou com tanto frio. E minha cama está vazia.

— Sim, — ela sussurra.

Eu quase mergulho embaixo das cobertas ali mesmo. Mas eu não posso. — Libby, amor, eu tenho que ser honesto. Eu não estou nu, mas tudo o que estou usando são boxers. Eu posso acordar com uma ereção matinal. Inferno, eu posso ter uma ereção por contato. — Eu realmente estou em perigo de ficar duro só de estar na cama com ela. — Eu não quero que você me chute no saco, se eu ficar duro.

O canto da sua bochecha se levanta em um sorriso. — Killian não consegue controlar seu pau. Anotado.

— Oh, eu tenho excelente controle. Eu sou o mestre de…

— Seus dentes estão se batendo, — ela disse suavemente. — Apenas se seque e deite na maldita cama.

Ela não precisa dizer duas vezes. Eu corro para o banheiro e me enxugo com uma toalha. Cinco segundos depois, estou indo para debaixo dos cobertores e me envolvendo ao redor da doce e quente Liberty.

LIBBY

KILLIAN ESTÁ gelado quando ele deita na cama comigo, no entanto, preciso me controlar para não me atirar contra ele. O pesadelo ainda está no meu coração, enviando tremores através do meu corpo. Pela primeira vez em anos, não acordei e me vi sozinha no escuro. Um nó incha na minha garganta ao pensar em Killian enfrentando a tempestade, armado apenas com seu amado violão.

Ao meu lado, ele estremece e se acomoda debaixo dos cobertores. Eu luto um sorriso enquanto eu o ajudo a se cobrir. Seus pés encontram os meus e eu solto um gritinho.

— Merda, você está gelado. — Não é fácil ajudar a aquecer os blocos de gelo que seus pés se tornaram.

— Eu não sabia o quão gelado eu estava até você mencionar, — ele murmura, depois suspira quando eu arrumo o cobertor em volta do seu pescoço.

Eu deveria estar nervosa por ele estar deitado na cama comigo, nossos narizes quase se tocando. Mas estou tão feliz por ele estar aqui que não consigo pensar em mais nada. A tempestade está furiosa lá fora, cada barulho fazendo minhas costas ficarem tensas. Mas aqui, com Killian, me sinto segura.

— Estou apaixonado pelo seu travesseiro, — diz ele em tom de conversa. — Eu já te disse isso?

— Não. — Eu luto para relaxar, mas os tremores na minha barriga não vão diminuir. — Esquisito.

Ele suspira novamente. — É confortável pra caralho. Por que é tão confortável?

— É um travesseiro de espuma de poliuretano e gel. Eu paguei duzentos dólares por ele. Não julgue. Minha cama é meu santuário.

Seus olhos são estrelas negras na noite. — Por que eu julgaria? Eu sou completamente devoto em passar um tempo de qualidade na cama. — Dentes brancos aparecem. — Na verdade, vou pedir um desses bebês amanhã de manhã.

Começo a rir e para meu horror, um soluço irrompe.

— Ei, — ele sussurra. — Ei, venha aqui.

Killian me puxa para perto, me colocando debaixo do seu queixo. Eu sinto a formato dele contra a minha barriga, mas pela primeira vez eu não penso em sexo. Ele é como uma âncora, um muro sólido entre mim e o vazio. Seus braços são fortes e ele me segura apertado.

Faz tanto tempo desde que eu senti o contato humano básico de um abraço, que eu desmorono completamente.

Eu não consigo parar os soluços grandes e feios que saem de mim. — Eu estou tão... sozinha. Eles nunca vão voltar. E eu sei, eu sou uma adulta, eu não deveria estar pirando assim. Muitas pessoas não têm pais. Mas eles eram os únicos que conheciam o meu verdadeiro eu. E agora não há mais ninguém.

— Há, — ele sussurra ferozmente. — Você me tem. Você me *tem*, Liberty.

Mas por quanto tempo? E de que maneira? Eu não posso perguntar. Eu estou longe demais. O estresse de acordar em outra tempestade sombria, a solidão,

toda a merda que eu tenho tentado ignorar, cai sobre mim. Eu choro até que eu não possa chorar mais. É uma bagunça e alto. E ele me segura o tempo todo, acariciando minhas costas, murmurando palavras sem sentido no meu ouvido. Ele é quente e macio e vivo.

Adormeço em algum momento, desgastada e fraca. Quando eu acordo, é de manhã e estou sozinha. Minha garganta está dolorida e meus olhos ardem. O quarto está quente, o ar pesado e opressivo. Eu tropeço até o banheiro e estremeço quando vejo meus olhos inchados e pele manchada.

Um banho frio faz muito para me reviver. Eu escovo meus dentes e coloco uma regata e shorts. Meu cabelo molhado me mantém bastante confortável, mas está quente demais. E silencioso demais. Eu percebo que a luz acabou e suspiro, me arrastando para a cozinha.

Paro ao ver as costas largas do Killian enquanto ele está na frente do meu balcão. Sem camisa e vestindo bermuda verde militar que se agarra aos seus quadris esbeltos e bunda firme, ele se move com graça. Aproveito para admirar o modo como os músculos das suas costas se flexionam sob a pele tensa e bronzeada, como seus longos pés descalços se flexionam quando ele desloca seu peso para pegar um par de garfos. Estranho que eu note seus pés, mas vê-los parece íntimo de alguma forma.

Ele deve sentir que estou encarando porque ele se vira e me dá um olhar suave. — Ei. Acabou a luz. Eu fiz salada de frutas - se você pode chamar pêssegos picados, laranjas e banana de salada - porque isso é tudo o que tinha.

Ele é adorável. Mesmo assim, eu fico na entrada da cozinha. Eu penso em como eu perdi a cabeça na noite passada. Ninguém me viu assim desde que eu era criança. Nem meus pais. Talvez ele entenda meu constrangimento, porque ele põe uma grande tigela de frutas picadas na minha frente e estende um garfo.

— Hoje, vamos comer. Mais tarde, vamos jogar Diversão com Mangueiras de Água. — Ele me dá um sorriso atrevido. — Você não tem ideia do quanto estou ansioso para a revanche.

— É, eu aposto. — Eu dou uma mordida no pêssego maduro. — Não importa o fato de que eu estava realizando um serviço comunitário.

— Não se preocupe, Elly May. Eu vou ser gentil. Um pouco, pelo menos.

Nós sorrimos um para o outro como idiotas e então o celular dele toca, o som abafado saindo do seu bolso. Seu sorriso desaparece quando ele coloca a mão no bolso para desligá-lo.

— Você nem vai olhar e ver quem é? — Pergunto.

Ele dá de ombros e pega um pedaço de pêssego com o garfo. — Não precisa. Esse é o toque do meu empresário, Scottie.

— E você não quer falar com ele?

— Não particularmente. — Ele pega outro pedaço de fruta como se estivesse caçando. — Ele só quer falar de negócios e… — Killian me dá um grande e falso sorriso. Raiva e irritação cintilam em seus olhos. — Eu estou de férias.

— Bom, ok então. — Eu tento provocar, mas minha boca está rígida.

Um peso de chumbo se instala no meu intestino. Seu empresário quer que ele volte. Isso está claro. Não importa o quanto Killian queira aproveitar suas férias, a vida real ainda está esperando por ele. E eventualmente, eu vou perdê-lo para ela.

— Obrigada, a propósito, — eu digo com a voz rouca, odiando o ardor na minha garganta.

Ele balança a cabeça. — É uma salada de frutas horrível, amor. E nós dois sabemos disso.

— Não, eu quero dizer por estar lá... Aqui.

Killian olha para mim por um momento, suas sobrancelhas se franzindo; então ele coloca a mão sobre a minha. É quente e pesada, seu aperto gentil, mas forte. — Obrigado por me deixar ficar.

Jesus. Eu corro o risco de me agarrar à mão dele e chorar. Eu preciso me controlar. Eu levanto uma fatia de laranja mutilada. — Você sabe, é ideal incluir pelo menos um pouco da fruta com a casca.

Seus lábios se contraem. — Que tal as sementes, Martha Stewart? Elas estão boas? — Ele joga uma para mim antes que eu possa responder.

Enquanto me preparo para lançar uma banana em retaliação, o alívio ameniza a tensão no meu peito. Com isso, eu posso lidar.

CAPITULO OITO

LIBBY

GERALMENTE DEPOIS DE UMA TEMPESTADE, as coisas se acalmam; a terra começa a respirar um pouco. Não aqui. O calor se instala como um cobertor grosso, sufocando tudo em seu rastro, tornando o mundo úmido, pesado e lento. Sem luz, não há nada a fazer além de chafurdar. Até mesmo ir à praia é inútil. O sol do verão queima a areia e assim que você sai do oceano, você está assando, cheia de areia e infeliz.

Eu me conformo em descansar no sofá da varanda, as cortinas abaixadas contra o sol, de vez em quando, roubando um gelo que derrete rapidamente no cooler que eu enchi. Shorts jeans e uma regata fina são tudo o que posso usar, pela primeira vez, sou grata por meus peitos pequenos, porque isso significa que posso ficar confortavelmente sem sutiã.

Ou talvez não. Estou muito consciente do tecido se agarrando à minha pele úmida, delineando meu corpo. Mas o que eu posso fazer? Eu não estou disposta a sofrer mais nesse calor colocando mais roupas, então se Killian estiver vendo mais do que o necessário, então que seja.

Ele não está olhando para mim de qualquer maneira. Ele está esparramado no chão, tocando algumas notas no seu violão e tomando goles da limonada que eu fiz. A lenta vibração de seu violão me acalma e eu acabo cochilando algumas vezes.

— Se a luz não voltar até amanhã, — diz Killian, me tirando do meu torpor, — vamos para um hotel em Wilmington.

Eu não me incomodo em abrir meus olhos. — Vai voltar.

Ele solta um resmungo aborrecido. — Nós deveríamos ter ido essa manhã.

— Não sabia que iria demorar tanto tempo. Além disso, o sol está se pondo. Vai ficar mais fresco.

Killian murmura, o que pode significar que ele está de acordo ou o equivalente vocal de uma revirada de olho. Eu não me importo. Eu estou muito quente.

E o calor está me afetando. Eu deveria estar indiferente. Mas não estou. Eu estou inquieta. O calor espesso e pesado se instalou em mim também, acariciando minha pele, chamando minha atenção para ela. Estou ciente da maneira como meu peito sobe e desce a cada respiração. A transpiração escorrendo pela minha espinha e o gelo que eu estou esfregando lentamente sobre o meu esterno derrete em riachos que escorregam entre meus seios.

Mas não é o clima. Não de verdade. É Killian sentado do outro lado, vestindo nada mais do que um par de shorts baixos e um brilho de suor em seu peito tonificado. É o som profundo da voz dele, tão lindo que puxa meus mamilos e toca naquele ponto dolorido entre minhas pernas.

Eu me mexo, odiando o calor que pulsa lá, lascivo e necessitado. Eu tenho

que lutar contra o desejo de arquear minhas costas e empurrar meus mamilos para frente, chamando a atenção para eles. Implorando.

Killian canta uma música baixa e suave que eu nunca ouvi antes. Eu me concentro nas letras. É sobre um homem, sem objetivo e cansado, encontrando consolo no sorriso de uma mulher. É sobre sexo - sexo preguiçoso e lânguido - que se prolonga por dias.

Eu quero dizer a ele para cantar outra coisa. E mesmo assim eu não quero que ele pare.

Mas ele para. Ele para e começa novamente e percebo que ele está compondo. Os arrepios correm pela minha pele.

— Música nova? — Eu murmuro quando ele faz uma pausa, brincando com uma progressão de acordes. Ele está escrevendo desde que cantou comigo há alguns dias. E tem sido uma emoção testemunhar isso. Quando uma música a atinge, é forte e rápida. Mas ele precisa de opinião, alguém para trabalhar com ele nisso. Ele me disse que esse papel era do Jax. Só que o Jax não está aqui, então a tarefa ficou para mim.

Depois da segunda música que ele compôs, eu me tornei sintonizada com essa necessidade. E então eu canto o refrão agora, suavemente, sentindo as palavras. — Está bom. Mas talvez "sede" em vez de "luxúria"? — Eu canto novamente, testando as letras.

Silêncio.

E então sua voz sai rouca, áspera. — Linda.

Eu viro minha cabeça. Seu olhar queima em mim, aqueles olhos escuros brilhando com o calor. Meu estômago se agita e gira.

Ele não desvia o olhar. — Sua voz é tão linda, Liberty Bell. Como sexo no domingo.

Um suspiro trêmulo me deixa.

Deus, estou sendo despida por esse olhar sombrio. E isso é bom.

— Você deveria usar isso, — eu digo com um nó na minha garganta. — 'Como sexo no domingo'. É uma boa letra.

Killian bufa. — Receba o elogio, boneca.

— Boneca? — Eu olho para o teto. — Você está tentando me irritar, não é?

— Honestamente? Só escapou.

Chocada, olho para ele. Ele não recua, mas retorna meu olhar como se estivesse me desafiando a protestar mais. Fazer um desafio de olhar desses com o Killian não é fácil. Seus olhos são muito expressivos. Um pequeno tique dessas sobrancelhas escuras transmite frases inteiras. Nós conversamos sem dizer uma palavra: Vá em frente, me diga como você não gosta de ter um apelido.

Eu não gosto.

Mentirosa. Você ama.

Você gostaria de ser chamado de boneca?

Depende. Estamos nus nesse cenário? Porque aí você pode me chamar do que quiser.

Ok, eu provavelmente imaginei essa última parte. Esse é o outro problema de encarar Killian; eu me torno muito consciente do quão quente ele é. Eu não tenho defesa contra isso. Suas feições esculpidas, especialmente aquele lábio

inferior ligeiramente carnudo, faz todos os meus pensamentos se voltarem para o sexo.

Talvez ele saiba disso porque de repente ele ri, baixo e preguiçoso. — Eu ganhei, — ele fala arrastadamente e toca o acorde B em seu violão como uma nota da vitória.

Eu reviro meus olhos e tento não sorrir. — Vá em frente e escreva sua música, bonitão.

— Me conte mais sobre como sou bonito e eu vou escrever. Use detalhes específicos.

Ele pega o cubo de gelo que eu jogo nele e o desliza entre os lábios, o sugando com um gemido provocante de prazer. Os músculos da minha barriga se contraem em resposta, e tenho que fechar os olhos. Deus, essa boca. Deve estar gelada agora. E minha pele está tão quente. Eu lambo meus lábios secos. — Você está procrastinando.

Ele bufa, mas depois toca alguns acordes antes de parar novamente. — Você estava certa.

Eu abro um olho. — Sobre?

Ele está focado em seu violão, tocando a música que está compondo. — Eu tenho me escondido.

A confissão cai como uma pedra em um lago. As ondas que ela causa me atingem e eu sento para ganhar um pouco de apoio.

Killian balança a cabeça devagar. — Eu estou vendo esse olhar, Libs. Eu não quis dizer que eu estava usando você como uma distração. Mas eu tenho evitado voltar. Depois que eu encontrei o Jax, tudo pareceu uma mentira. — Sua mão alisa a curva do seu violão. — Tocar com você, me fez lembrar. A música é real.

— Sempre será, — minha voz sai rouca, e em seguida, limpo minha garganta. — Estou feliz que você tenha se lembrado.

Seus dedos se apertam ao redor do braço do violão, seu corpo inclinado para frente como se ele estivesse prestes a se levantar. — Você me acordou para a vida, Libby. Você tem que saber disso.

Eu não tenho ideia do que dizer. Eu abaixo minha cabeça, o calor e a umidade me afetando. — Você teria encontrado o seu caminho sem mim. A música é uma parte grande demais de você para ser negada por muito tempo.

— Talvez. — Ele não diz nada por um longo momento. Quando ele finalmente fala, sua voz soa dolorida. — Eu tenho que voltar.

Meus dedos cavam na almofada do sofá. — Quando?

— Entraremos em turnê no outono.

Uma pequena frase e estou perdida. Não é fácil falar a minha resposta com a voz normal, mas consigo. — Vai ser bom para vocês. E seus fãs ficarão tão felizes.

— Felizes, — diz ele. — Sim, eu acho que eles vão ficar. — Killian faz uma careta em algum ponto distante e passa a mão pelo cabelo, apenas para ter seus dedos presos nos longos fios. Ele murmura alguns palavrões antes de se recostar na poltrona em que ele está sentado.

— Eu posso cortar o seu cabelo. — *O que estou dizendo?* Vou ter que me aproximar dele para fazer isso. Não é algo muito inteligente. Mas a tensão entre nós está toda errada, muito grossa e desajeitada. Eu não sei se estamos brigando

ou prestes a entrar em combustão.

Talvez ele pense o mesmo, porque ele franze a testa um pouco. — Você sabe cortar cabelo?

— Cortava o do meu pai. Ainda tenho a tesoura. — *Feche a boca e fique quieta enquanto a coisa está boa.*

Killian abaixa seu violão. — Tudo bom. Isso seria ótimo.

Ele soa tão tenso quanto eu me sinto. Uma ideia tão estúpida. Mas estou presa nisso agora.

Eu vou pegar a tesoura enquanto Killian puxa uma cadeira da cozinha para sentar.

Seu corpo grande e magro está tão tenso quanto uma corda de violão quando eu volto. Na luz do sol poente, sua pele está com um profundo tom de ouro-mel, sombras brincando nos vales de seu musculoso torso. Meus passos ficam lentos, como se eu pudesse adiar o inevitável, levando o máximo de tempo possível para ficar diante dele. Mas eu não posso evitar isso sem dizer o porquê. E não há uma chance de eu fazer isso.

Eu estou séria quando eu arrumo minha tesoura, pente e uma escova dura para limpar os pequenos fios cortados. Os olhos escuros de Killian acompanham meus movimentos, sua expressão controlada demais. Isso também o incomoda? Parece que sim. Mas pelas mesmas razões? Ou talvez ele esteja preocupado que eu vá dar em cima dele?

Quero rir. Quando isso ficou tão complicado?

— Você quer usar isso para que não caia cabelo em cima de você? — Eu pergunto, segurando uma capa de plástico que eu trouxe comigo.

Ele sacode a cabeça. — Já está muito quente.

Verdade.

Eu limpo minha garganta. — Que estilo você gostaria?

Ele olha para mim como se eu falasse em grego. — Estilo?

— Hm, sim. Isso é importante, já que afeta a sua aparência.

Ele encolhe os ombros. — Faça o que você quiser.

Eu levanto minha tesoura. — Então... mullet. — Eu aceno. — Você vai ficar gostoso. Bem anos oitenta. Talvez eu também possa persuadi-lo a fazer um bigode.

— Ha. — Seu nariz enruga. — Tudo bem. Deixe mais curto.

Sério, é como arrancar dentes.

— Estilo Channing Tatum, talvez?

Uma sobrancelha escura se levanta.

— Você sabe, Magic Mike?

Killian dá um sorriso. — De todos os filmes dele, você escolheu esse? Estou chocado.

— Cale a boca. — Batendo no seu ombro, eu me movo para trás da sua cabeça e tento desembaraçar os fios. — Você agiu como se não soubesse quem ele era.

Killian bufa. — Saber quem ele é? Nós saímos algumas vezes. Só queria descobrir como *você* o conheceu.

— Bem, agora você sabe. Seminu e dançando.

Embora eu só possa ver apenas a crista de sua bochecha, sei que ele está fazendo uma careta. Eu percebo que estou sorrindo. Descansando minha mão em seu ombro quente, eu me inclino para encontrar seus olhos. — Você não respondeu.

Ele me encara por um instante, depois pisca e limpa a garganta. — Corta tudo.

— Então vai ser estilo Channing.

Lá está outra vez, aquela expressão régia de desdém que ele administra tão bem quando se sente ofendido, suas sobrancelhas escuras levantando apenas um pouco, suas narinas se comprimindo como se sentisse algum cheiro estranho. — Você está me dando o corte no estilo Killian James, amor, não se esqueça disso.

Eu começo a trabalhar na parte de trás do cabelo dele. — Arrogante, hein?

— Um homem que nomeia seu penteado com o nome de outro homem não é muito homem.

Longos cachos de cabelos mogno e macios caem no chão. — Se você diz.

Nós nos calamos, o que é um erro. Porque agora não posso deixar de notar o quanto estou perto dele ou a sensação dos meus dedos se enfiando entre seus fios de cabelos pesados, e meus seios pairando perto da têmpora dele quando me movo para o seu lado.

Eu deveria estar imune ao Killian agora. Eu realmente deveria. Mas, além da loucura da noite anterior, eu nunca estive perto dele por um longo período de tempo. O calor de sua pele tem um cheiro - indefinível, mas delicioso. Eu fico com água na boca, e tenho que engolir com força para não babar nele. Sua respiração tem um ritmo e som que prende minha atenção.

Agitação. Eu ouço. Eu sinto. Agitação nos rodeia. Mexe com a minha concentração e me vejo cortando muito e rápido demais. Felizmente, ele pediu um estilo curto e eu posso consertar o que fiz. Mordendo meu lábio, eu me concentro na minha tarefa e o ignoro.

Ou tento.

Quanto mais eu corto, mais sua forte estrutura óssea é revelada. Killian ficava muito bem com cabelos longos. Mas com o cabelo curto? Ele é uma obra de arte. Com suas maçãs do rosto salientes, mandíbula quadrada e nariz forte, ele pareceria muito rígido se não fosse por seus lindos olhos.

Minha boca se levanta um pouco quando penso em lhe dizer que ele tem lindos olhos. Ele odiaria isso.

— O que é tão engraçado? — Sua voz rouca prende minha atenção.

— Nada. — Eu cuidadosamente moldo em torno de suas orelhas.

— *Libby*...

Ele não vai deixar isso passar. Ele é igual um carrapato.

— Eu estava apenas pensando que você tem lindos olhos, — eu murmuro, com o rosto em chamas.

Ele faz um som meio gorgolejante. — Você está flertando comigo, Libs?

Eu não encontro o olhar dele. — Declarando um fato. E você sabe que eles são lindos.

Aqueles olhos escuros me observam enquanto eu termino a forma básica de seu corte de cabelo. — Eu não sei de nada, — ele diz suavemente.

Nossos olhares finalmente se encontram. Estamos a cerca de trinta centímetros de distância e o ar entre nós está quente e úmido. É uma luta para respirar, uma luta para não desviar o olhar. Ao fundo, as cigarras da noite cantando. Killian engole em seco, procurando por algum sinal no meu olhar. Eu não sei o que dizer. Cada lembrança de todos os encontros desajeitados e estranhos que tive com homens atraentes aparecem. Eu sou uma porcaria nessas coisas.

Piscando, eu endireito minhas costas e passo meus dedos pelos cabelos dele. Eu deixei um pouco mais longo em cima. — Eu só tenho que moldar essa parte e pronto. — Minha voz soa áspera e desigual.

— Ok, — diz ele em uma voz tão áspera quanto a minha.

Eu franzo a testa enquanto corto. Esse exercício de tortura precisa terminar antes que eu faça algo estúpido. Eu fico entre suas coxas para terminar a parte da frente do seu cabelo. Erro. Ele está agora a apenas alguns centímetros do meu peito.

Os ombros do Killian ficam rígidos. Eu juro que ele para de respirar. Ou talvez eu pare. O silêncio cai sobre nós assim que a canção da cigarra termina. Nenhum de nós se move ou diz uma palavra.

E então tudo muda.

Não importa que seja apenas um roçar de seus dedos contra a minha regata, no segundo em que ele me toca, meu corpo fica tenso, e então vibra como um diapasão. Eu paro por uns segundos, respiração interrompida antes de escapar rapidamente. A tesoura hesita, em seguida, corta seu cabelo com um som alto. As pontas dos seus dedos pressionam suavemente contra a linha divisória entre o meu shorts e a regata, me segurando firme enquanto balanço um pouco.

Eu fecho meus olhos por um segundo. Eu poderia me afastar, dizer a ele para ir embora. Mas eu não faço nada. Esse pequeno, mas significativo toque faz calor e necessidade pulsar através de mim e é tão bom, quase choramingo. Eu engulo em seco e continuo cortando seu cabelo, menos firme agora, mas determinada a terminar bem o trabalho.

Nenhum de nós reconhece o fato de que ele está me tocando. Nós não falamos uma palavra quando os seus dedos sobem lentamente por baixo da minha regata, procurando a pele nua. Mas, Jesus, eu sinto isso e meus joelhos ameaçam desabar.

Ociosamente ele se move, como se eles estivesse simplesmente aproveitando a sensação da sua mão em mim. Como se eu fosse dele para tocar.

Eu não posso mais fingir. A tesoura tilinta quando a coloco na mesa.

Killian inclina a cabeça para trás para olhar para mim. Há algo quase desafiador em sua expressão, e eu não consigo encontrar seus olhos.

— O que você está fazendo? — Eu sussurro, coração martelando.

— Tocando você. — Gentilmente ele acaricia minha pele e ele suspira como se estivesse no céu.

— Por quê? — Eu sussurro, porque aparentemente eu perdi minha maldita cabeça.

O tom de voz do Killian permanece suave, quase cuidadoso. — É só nisso que eu consigo pensar ultimamente, tocar você. — Um som baixo o deixa, como se estivesse rindo de si mesmo. — Parece que não consigo mais me convencer a desistir disso. Não quero.

Minhas mãos tremem, minha respiração ficando irregular enquanto ele lentamente, suavemente, toca nas curvas da minha cintura. Seu olhar queima, focando em meus seios que estremecem diante de seus olhos. Meus mamilos endurecem, querendo mais dessa atenção.

Ele solta um suspiro suave, mal é um som, mas eu estou tão ciente dele agora, que é tão alto quanto uma bomba para os meus ouvidos. — Você já pensou sobre isso? — Ele pergunta, um sussurro. — Como seria? Você e eu?

— Sim. — É uma lufada de som, porque perdi a capacidade de falar. Mas ele ouve. Um brilho ilumina seus olhos, ele aperta minha cintura por uma fração de segundo, e me puxa para frente.

Como se eu estivesse esperando por isso, eu sento em suas coxas com uma perna de cada lado, entrando em contato com uma protuberância considerável. Eu quero roçar contra ela, mas me contento em apenas descansar sobre isso agora. Killian grunhi baixo em sua garganta e me puxa para mais perto, segurando meus quadris como se estivesse com medo que eu fuja. Sem chance.

Por um segundo nós apenas respiramos, encarando um ao outro como se tentássemos descobrir como chegamos aqui. Killian me olha, sua expressão relaxada, mas atenta. Então ele coloca a mão sobre a minha bochecha. Sua mão é enorme, a pele áspera. Eu quero beijar cada calo. Mas eu não me movo.

Ele toca meu lábio inferior com a ponta do polegar. Seu olhar descansa lá, pensativo, enquanto ele escova o polegar para trás e para frente. Meus lábios se separam, minha respiração leve e agitada. Eu quero tanto que ele me beije que dói. Mas ele não beija.

Seus dedos descem pelo meu pescoço, enviando arrepios ao longo da minha pele. E ele observa o caminho que sua mão toma. Quando ele chega na minha clavícula, ele para. Seu olhar abaixa e um som ressoa em seu peito. É ganancioso, impaciente. Ele move seus quadris, um movimento lento como se ele já estivesse dentro de mim.

— Você vem me provocando o dia todo com essa regata fina, — ele murmura, sua voz sombria e áspera. Eu choramingo, me mexendo em seu colo, tão quente que mal consigo aguentar. Ele segura minha bunda, com pouco esforço, me puxa para cima enquanto ele desliza mais para baixo na cadeira.

A cadeira range em protesto. Killian abre as coxas largamente, me embalando em seu colo. Eu seguro nas curvas fortes de seus ombros.

Olhos escuros passam por mim. Sua respiração sopra na minha pele, sua boca tão perto do meu mamilo dolorido. — Mal cobre seus peitos. Você vai mostrá-los para mim agora, Libby?

Deus, sua voz. É caramelo aquecido, pegajoso e rico, cobrindo minha pele. É magia negra, assumindo o comando do meu corpo. Eu me mexo um pouco, querendo me pressionar contra ele, lutando por um pouco mais de tempo porque a antecipação é tão doce.

— Você gosta quando eu olho para você, Libby?

Eu só consigo fazer um som estrangulado.

— É, eu acho que você gosta. — Seus dedos se contorcem do meu lado, seu olhar quente e carente em meus seios. — Abaixe sua regata, boneca. Me mostre com o que eu tenho sonhado por semanas.

O som do meu próprio gemido me excita. Abaixo de mim, sua ereção empurra contra a minha bunda. Eu puxo uma respiração trêmula e lentamente alcanço a alça no meu ombro. O algodão fino desliza facilmente pelo meu braço. Eu levanto o ombro do outro lado e a regata desliza sobre o meu peito como uma carícia.

A respiração do Killian fica agitada, seus lábios se abrindo como se ele precisasse de mais ar.

A gola da regata atinge meus mamilos duros e para, se segurando lá.

Nós dois ficamos parados. O calor me lambe e arqueio minhas costas, erguendo meus seios. A regata cai.

Killian dá um gemido, longo e profundo. — Porra, sim. Lindos pra caralho. — Lábios suaves roçam um mamilo inchado. — Eu sabia que eles seriam.

Ele corre os lábios entreabertos para frente e para trás, me acariciando enquanto eu tremo. A ponta de sua língua sai para um gosto rápido e todo o meu corpo sacode.

Um zumbido de prazer ressoa em seu peito. — Você gosta disso?

Eu me contorço enquanto ele preguiçosamente deposita beijos gentis no meu peito e passa suas grandes mãos sobre minhas costas. — Sim, — eu sussurro.

Killian solta um zumbido novamente, em seguida, alinha sua boca e me chupa. Eu gemo, me arqueando nele. E não há mais conversa. Apenas Killian prestando homenagem aos meus mamilos. Killian colocando meus seios pequenos em suas mãos, gentilmente e não tão gentilmente.

Ele fica contente lá, chupando e lambendo, beliscando e mordiscando, como se fosse sua coisa favorita no mundo. E eu ofego, me mexo contra seu pau duro, a costura do meu jeans cravando na minha carne sensível, e quero gozar tanto que tenho que cerrar os dentes.

— Killian. — É um choramingo de necessidade.

Ele ouve e levanta os olhos para os meus. Estou tão desfeita, que não percebo as mãos dele se movendo até que elas estejam no meu cabelo, me puxando para ele. Nos encontramos no meio, nosso beijo profundo e bagunçado, mas direto ao coração, como se nós dois soubéssemos como seria, como se estivéssemos feito isso antes.

E, no entanto, cada toque de seus lábios nos meus, cada deslize de sua língua na minha boca é essa coisa nova e brilhante e ardente, que envia um choque de sentimento através de mim. Toda vez.

Eu caio em seu beijo, indo fundo, precisando de mais, mais, mais. Estou quente, suada. Seu corpo é uma fornalha e eu só quero me aproximar, pele a pele, escorregadia e deslizante.

Meus braços se enroscam ao redor de seu pescoço, meus dedos penteando seu cabelo recém-cortado. A pressão dos meus seios doloridos em seu peito firme nos faz gemer. Ele agarra meus ombros, me segurando firme no lugar.

Eu não sei quanto tempo ficamos lá, nos beijando como adolescentes no

escuro. Tempo suficiente para que eu fique tonta, que meu corpo lateje de desejo. Tempo suficiente para que meu queixo esteja doendo e meus lábios inchados.

Quando ele finalmente se afasta, não é para longe. Seus lábios escovam os meus enquanto nossa respiração sai leve e rápida, ambos tremendo.

— Nós deveríamos ter feito isso esse tempo todo, — diz ele contra a minha boca.

— Durante o dia todo. — Eu toco sua mandíbula, levemente beijo seus lábios inchados.

Seus olhos se fecham rapidamente, cílios longos tocando a pele da sua bochecha. Ele se vira para mim, correndo a ponta do nariz contra o meu. — Eu sabia que seria bom. Eu não deveria ter me segurado na primeira vez que quis beijar você.

— Quando foi isso? — Tudo parece lânguido, quente, lento. Seu toque, o meu. Eu acaricio seu pescoço, atraindo o cheiro da sua pele.

Ele dá um sorriso, pequeno e convencido. — Quando você ameaçou atirar em mim.

— Eu te odiava.

Um zumbido baixo vibra em sua garganta. — Você me achou irresistível. Você teria cedido.

— Eu teria mordido você.

— Me morde agora.

Aquele sussurro rouco faz com que eu me mova, procurando sua boca. Eu mordo seu lábio inferior carnudo, o puxando suavemente, ele geme, me puxando para frente, deslizando sua língua junto a minha. — Me diga que você quer isso também, boneca.

— Quero o que? — Eu não consigo pensar, minha cabeça está pesada, meus membros desajeitados.

Seus olhos escuros encontram os meus. — Tudo.

Meu dedo treme enquanto traço a linha escura de uma das suas sobrancelhas. Suas pálpebras se abaixam, sua cabeça se inclinando para seguir meu toque. Eu me inclino, beijo o canto do olho dele. — Só com você.

CAPITULO NOVE

KILLIAN

LIBBY PESA quase nada em meus braços, mas meus joelhos estão fracos enquanto eu entro no quarto. Eu mal vejo onde estou indo. Eu não consigo parar de beijá-la. Deus, ela sabe beijar. Eu não quero nunca mais parar.

Nós caímos na cama, eu protegendo sua queda e me apoiando nela.

Mas ela é uma garota gananciosa, me puxando para baixo, envolvendo suas pernas exuberantes em volta da minha cintura para se esfregar contra o meu pau. Eu amo isso. Amo o jeito que ela me beija como se estivesse morrendo de fome por isso. Amo o jeito que ela acaricia minha pele com uma estranha mistura de ternura e possessão.

Não é besteira dizer que fui adorado por milhões. Eu fui perseguido por inúmeras mulheres. Mas nunca me senti tão desejado como agora. Estar no palco é viciante, mas não é nada comparado a isso.

Meus dedos se atrapalham com o botão de seu short jeans. Ela levanta sua bunda doce para me ajudar a tirá-los. Nós dois estamos ofegantes. Está quente demais para estarmos fazendo isso. Eu não dou a mínima. De jeito nenhum eu vou parar. Eu a quero tanto agora, mal consigo ver direito.

Seus shorts voam sobre o meu ombro e eu beijo seu corpo escorregadio, parando em seus seios, porque eles precisam ser adorados um pouco mais. Eu poderia passar a noite toda aqui. Mas eu tive um vislumbre do que espera por mim.

Eu não posso chegar lá rápido o suficiente, me abaixando na cama e gentilmente abrindo suas pernas para abrir espaço para mim. Calor lambe minha pele e minhas bolas se apertam. — Oh, Deus, você tem uma bocetinha tão fofa.

Sua cabeça se ergue e ela olha para mim pelo comprimento de seu corpo. — *Não* chame ela de *fofa*.

— Mas é, — eu murmuro, colocando um beijo suave em seu botão rosa, amando o jeito que pulsa sob o meu toque. Eu vibro de satisfação. — Fofa pra caralho.

Ela deita de volta no travesseiro, sua voz fraca. — Tá. Tanto faz.

Eu sei que ela ama isso. Toda palavra suja que sai da minha boca a deixa mais molhada. Eu passo as juntas dos meus dedos ao longo de seus lábios inchados, os observando brilhar. Minha voz está baixa e áspera. — Vamos ter que trabalhar para conseguir colocar meu pau aqui.

Ela choraminga, seus quadris se inclinando, tentando seguir o meu toque.

Eu empurro meus próprios quadris contra a cama. — Vai ser tão apertada, essa pequena buceta.

Jesus, eu quase gozo bem ali. Minha respiração desaparece e estou um pouco tonto. Eu abaixo minha cabeça. Um gemido rasga dela quando eu gentilmente chupo seu clitóris. Inferno, eu também gemo porque ela tem gosto de caramelo,

rico e doce e perfeito pra caralho.

Tudo fica nebuloso, denso e escuro. Estou tão quente que minha pele se arrepia. Não há nada além de mim e a sensação dela contra a minha língua, os sons que ela faz - pequenos gemidos - e o chupar e escorregar da minha boca. Minhas mãos seguram suas coxas macias, as deixando no lugar enquanto ela se contorce.

— Killian... Deus.

Eu recuo do meu banquete, amando o quão quente eu a fiz, e dou a ela um sorriso. — Para você, eu responderei aos dois.

Um grunhido fofo a escapa. Ela é rápida, agarrando a parte de trás da minha cabeça e me puxando para perto. — Mais.

Eu rio baixinho e satisfeito. — Sim, senhora.

E quando ela goza na minha língua, meus dedos bombeando dentro dela, é lindo. Ela coloca todo o seu corpo nisso, se arqueando na cama, seios apontando para o céu, seu corpo magro brilhando e úmido.

Ela cai para trás, segurando os lençóis fracamente. — Porra.

— Logo, boneca. — Eu estou lutando para tirar minhas calças porque eu preciso estar nela.

Libby está deitada, olhando para mim pelo corpo dela. E eu paro para observa-la. Minha respiração fica presa na minha garganta e eu não posso deixar de correr a palma da minha mão pela sua coxa. — Olhe para você, toda aberta e molhada para mim. E linda pra caralho que faz meu coração doer.

Seus seios tremem quando ela dá uma risadinha. Risadinha. Eu fiz minha garota reclusa dar uma risadinha. — Apenas seu coração? — Ela pergunta.

— Ah, meu pau dói também. — Eu o seguro agora. Eu estou tão duro que está pesado. — Precisa de um abraço.

Seu sorriso é sol, espalhando calor sobre minha pele. — Venha aqui, — ela diz.

E eu estou pronto.

A cama range quando empurro meus shorts para baixo e os chuto para o lado. Meus braços estão instáveis, tremendo, enquanto me inclino sobre ela. Meu pau roça na sua entrada, e ela olha para mim. Quando nossos olhos se encontram, minha garganta se fecha. — Libby.

Ela toca minha bochecha, mas depois franze a testa. — Espera.

Eu congelo. Eu acho que meu coração para de bater. Eu quero implorar agora, mas consigo falar sem falhar. — O que? — Por favor, não me diga que você mudou de idéia.

Ela me dá um sorriso fraco. — Você não está esquecendo de uma coisa?

Uma coisa? Eu não tenho ideia. Meu pau que está pensando agora, e ele está gritando bem alto: *me deixa entrar!*

Suas sobrancelhas se levantam. — Camisinha?

A realidade é uma longa queda. Eu olho para ela sem expressão antes de soltar um gemido longo e dolorido. — Puta que pariu.

LIBBY

UMA PARTE DOENTE minha quer rir da expressão agoniada do Killian. Mas principalmente eu quero chorar. Porque está claro que ele não tem camisinha.

Sua cabeça afunda no meu ombro enquanto ele suspira. — Merda. Eu não... eu não preciso delas faz um bom tempo.

Pode me chamar de escória ciumenta, mas um calor enche meu peito. — Eu também não.

Ele me dá um aperto. — Eu não planejei isso. Quero dizer, eu fantasiei constantemente sobre isso, sim. Mas eu não achei que aconteceria hoje à noite.

Isso me puxa para ele ainda mais. Eu envolvo meu braço em torno de seus ombros largos e beijo sua bochecha. — Eu sei. — Se eu tivesse algum sentido, teria estocado por conta própria.

— Estou limpo, — diz ele, quase esperançoso. — Nunca transei sem camisinha antes. Faço testes regularmente. Eu deveria ter dito tudo isso antes.

— Eu também. — Eu me contorço um pouco embaixo dele, porque a sensação dele contra mim é tão boa. A ponta do seu pênis é larga e quente. Na verdade, dói não o ter empurrando para dentro de mim, eu quero tanto. — Mas eu não estou tomando a pílula.

Ele suspira e, como se não pudesse se controlar, balança os quadris um pouco. Essa cabeça grossa e larga me cutuca. Nós dois fazemos um barulho de desejo. Eu fecho meus olhos, lambo meus lábios inchados. — Killian…

— Só a ponta, baby, — ele sussurra, meio rindo meio gemendo. — Eu juro, eu vou me comportar.

Eu também rio. Não muito, porém, porque estou tentada. Mas ele não empurra.

Seu corpo treme, os músculos flexionados. — Eu vou comprar umas.

— A luz não voltou. Vai estar tudo fechado.

Killian choraminga, sua bochecha descansando contra a minha. — Eu vou chorar.

Eu bufo, mas eu simpatizo. Eu também quero chorar.

— Estou falando sério, — ele resmunga enquanto seu corpo treme. — Vou dar uma de homem-bebê berrando. — Com um gemido, ele sai de mim e cai de costas. Nu e brilhando com suor, ele é tão bonito, eu tenho que segurar os lençóis para não pular nele.

Respirando fundo, ele descansa o antebraço sobre os olhos. — Só me dê um minuto. Ou sessenta. Ou me mate. Isso pode ser melhor.

— Rei do drama. — Eu rio e então me lanço para ele.

Ele me pega com um "Ooof", seus braços ao meu redor instantaneamente. Eu beijo seu pescoço úmido, lambendo um ponto - Killian salgado e gostoso - e ele geme. — Libby. Você realmente vai me matar.

— Hummm… — Eu faço uma trajetória de beijos ao longo de sua mandíbula. — Só porque não podemos foder não significa que não podemos fazer outras coisas.

Suas mãos deslizam pelas minhas costas, possessivas, me puxando para mais

perto. — Não diga *foder* nessa sua voz sexy. Ou eu posso gozar aqui e agora.

Eu mordisco o queixo dele. — Eu não me importo.

Ele franze a testa, me mordiscando de volta. — Eu me importaria. Seria humilhante. — Ele sorri um pouco. — Pelo menos antes de te satisfazer.

— Você já me satisfez. Completamente. — Eu beijo seus lábios, suavemente, devagar, depois me afasto, amando que ele segue, querendo mais. Eu dou a ele outro beijo. — Me deixa satisfazer você agora.

Seus quadris vão para a frente, contra minha barriga, aquele pau grosso pulsando. — Não vai demorar muito. — Ele vai para frente novamente, um pouco mais insistente. — Apenas coloque sua boca nele. Lambe um pouco. Eu vou explodir como um fodido canhão.

Eu sorrio enquanto roço meus lábios pelo seu peito. Suas mãos deslizam no meu cabelo e seguram a parte de trás da minha cabeça, não empurrando, apenas me segurando. Seus músculos do quadril se contraem, aqueles músculos tensos apertados. Eu poderia tocá-lo por dias.

Minha língua passa em sua barriga e ele geme, seu corpo esticado. Mas quando eu me movo para baixo, a cabeça dele se levanta. — Libs, espera…

Ele se cala quando eu fico cara a cara com seu pau. E abro a boca como um peixe assustado.

— Ahn… — eu digo. E então me lembro de uma piada que ouvi na faculdade. Sobre o Killian. Uma das garotas em uma festa o chamou de "don't Kill me" (não me mate). Porque, como ela havia explicado com rispidez, groupies alegaram que seu pau era tão grosso e comprido que uma garota corria o risco de ser dividida no meio. Eu não quero pensar em Killian com outras mulheres. Não mesmo. Mas a evidência está me encarando bem de frente.

Ele se levanta nos cotovelos, o que faz coisas bonitas para o seu abdômen. Ele está ofegando levemente, seu peito brilhando na luz da noite. — É, sobre isso.

Eu levanto a mão trêmula para silenciá-lo. — Só... deixa eu me acostumar.

Porque o pau dele? É grande o suficiente para precisar do seu próprio nome. Talvez seu próprio endereço. Claro, eu já o vi antes, mas ele estava mole e amaldiçoado com um caso grave de pau de uísque no momento. Agora está duro como ferro e empurrada para cima como se estivesse implorando para ser acariciado.

Eu obedeço a fera, gentilmente passando a mão pelo seu comprimento macio e quente, ele se contrai, cutucando contra mim. Ele tem um belo pau, cor acastanhada, bem moldado e reto, a ponta larga e lisa. Lindo. E em esteroides ou algo assim. Porque é simplesmente…

Eu envolvo meus dedos ao redor e meu sexo aperta. Eu posso imaginar essa espessura carnuda empurrando seu caminho para dentro de mim. Seria um trabalho rude, cheio de grunhidos e gemidos profundos. Eu me contraio de novo, lhe dando um aperto. Muito firme.

— Nós vamos devagar, — ele diz, quase desesperado enquanto eu lentamente traço a coroa larga e redonda de seu pênis.

— Sim, nós vamos, — eu murmuro.

— E você não precisa - ah, porra, isso é bom, — ele geme quando me inclino sobre ele e chupo a ponta grossa. Enche toda a minha boca, a coroa encaixando

no céu curvo. E eu também gemo, porque é tão bom chupar ele. Melhor que qualquer coisa tem o direito de ser.

Killian resmunga xingamentos ásperos, faz ruídos doloridos e implora enquanto eu trabalho nele, chupando e acariciando - porque não há como colocá-lo completamente na boca. Eu estou tão excitada, que não posso ficar parada. Só a visão dele, seus braços fortes esticados para cima, mãos em volta da minha cabeceira de ferro forjado, seu abdômen se contraindo, seus quadris balançando, enviando calor correndo através de mim. Eu o chupo profundamente, lambo a cabeça chorosa.

Suas sobrancelhas escuras se franzem, seus lábios se abrem enquanto ele sussurra meu nome de novo e de novo. Sua coxa grossa desliza entre as minhas e empurra com força contra o meu sexo dolorido. Eu gemo contra o seu pênis.

Nós gozamos juntos, Killian enchendo minha boca, eu montando sua coxa com um abandono desavergonhado. Eu fico com ele até que ele amoleça contra a minha língua. Ele está ofegante quando eu o solto e descanso minha cabeça contra seu estômago firme.

Sua mão alisa meu cabelo. — Eu estou morto, — ele sussurra, em seguida, me puxa para cima, me envolvendo em seus braços. Seus lábios encontram os meus. — Você me matou.

Eu acaricio sua cabeça úmida. — Que bom. Então eu posso fazer o que quiser com você a noite toda. E você não poderá protestar.

— Faça o seu pior. Eu vou só deitar aqui e aproveitar.

Podemos não ter as malditas camisinhas, mas ele me mantém bem satisfeita por horas, até que eu caio em um sono sem sonhos, o corpo forte de Killian pressionado contra mim. Mesmo enquanto eu caio, quero continuar aqui, ficar acordada. Porque ficar tão feliz assim não pode ser real. Não pode durar. Pode?

CAPITULO DEZ

KILLIAN

O TRAVESSEIRO embaixo da minha cabeça é... fantástico pra caralho. É sério. Como uma nuvem ou algo assim…

Eu já estive aqui antes. Nessa cama. Nesse travesseiro. Eu acordo completamente com uma enxurrada de memórias. Beijando Libby. Tocando Libby. Libby me fazendo desmoronar e depois me colocando de volta.

Sua cabeça está descansando em um travesseiro ao meu lado, seus olhos verde-acinzentados encontram os meus.

E meu peito transborda de calor. — Oi.

Sua voz está suave e ligeiramente áspera. — Oi.

Estamos enrolados um no outro. Eu não tinha notado antes. Parece natural, onde eu deveria estar. Eu toco sua bochecha e passo meus dedos em seus cabelos para puxá-la para mais perto. Eu a beijo suavemente e ela se abre para mim com um suspiro. Seria tão fácil rolar sobre ela, separar suas pernas e afundar nela.

Se eu tivesse camisinha.

— Eu ficaria parecendo um babaca total, — eu pergunto contra seus lábios, — se eu te deixasse aqui e fosse comprar camisinha?

Eu a sinto sorrir. — Bem, é domingo, então…

— Não, — eu rosno, mordiscando seu lábio. — Não diga que eles fecham aos domingos.

Ela suspira, me beijando de volta. — Não dizer não tornará menos verdade.

— Porra. — Eu me inclino para trás um pouco. Ela está sorrindo para mim, seu cabelo castanho dourado caindo em seus olhos. Eu coloco uma mecha atrás da sua orelha. — Foda-se, eu vou procurar fora da ilha.

— Eu vou esperar aqui no mesmo lugar.

Mas eu não saio. Eu a beijo mais um pouco, passo minhas mãos pelas curvas dela porque ela é macia e quente. E minha.

— Como é? — Ela murmura entre beijos.

— Estar com você? — Eu acaricio seu pescoço. — Perfeito pra caralho.

Seu peito vibra com uma risada. — Não. Estar no palco. Se apresentando na frente de todas aquelas pessoas.

Descanso minha cabeça na minha mão, eu olho para ela. Muitas pessoas perguntam a mesma coisa. Eu nunca me importei. Mas com Libby, um pingo de excitação corre pela minha espinha. Porque eu posso vê-la lá, embaixo das luzes quentes, sua voz possuindo o ar. Seria lindo. — Não tem nada na Terra que pode ser comparado ao Animal.

— O animal?

— É como eu chamo de multidão. — Eu corro meus dedos sobre o braço dela. — É uma coisa viva, Libby. Mais do que apenas indivíduos, uma entidade inteira. Você pode sentir isso crescendo ao seu redor. É como… — Eu mordo meu lábio tentando colocar o sentimento em palavras. — Como você se sente quando canta?

Ela pisca em surpresa, e suas bochechas ficam rosadas enquanto ela pensa sobre isso. — Eu não sei... Às vezes é a única maneira de tirar toda a dor da minha alma. Outras vezes, é como se eu estivesse voando.

— Exatamente, — eu digo, acariciando o rosto dela. — Agora imagine isso a todo vapor. Você está voando a uma velocidade supersônica. E toda essa energia simplesmente te ilumina, até que você esteja mais quente que o sol.

— Deve ser alguma coisa. — Ela está olhando para o teto como se estivesse imaginando.

— É viciante. — Eu me inclino e beijo a ponta do seu nariz. — Quase tão bom quanto sexo com você.

Seus lábios cor-de-rosa se levantam um pouco. — Ainda não fizemos sexo.

— Não me lembre. — Eu encontro aquele ponto perfumado no pescoço dela que a faz tremer. — Ficar assim com você é melhor do que qualquer coisa que eu já fiz antes.

É a verdade. Chocante, no entanto, isso me enche de um estranho alívio, como se eu estivesse vagando desde sempre e finalmente voltei para casa.

Libby cobre a parte de trás da minha cabeça, me segurando para ela. À toa, seus dedos se movem pelo meu cabelo. Fecho meus olhos de prazer e sua voz sai suave. — Eu costumava…

— Costumava o que? — Eu pergunto. O rubor em seu rosto cresce, descendo pelo seu pescoço. Eu sigo o calor com meus dedos. — Libs.

Ela inspira rapidamente e fala com pressa. — Eu costumava sonhar como seria se apresentar em um show.

Eu me levanto em meus cotovelos. Ela tenta evitar meu olhar e eu toco sua bochecha. — Você tem talento. Por que você nunca tentou? — Por que ela está se escondendo aqui? Esse lugar está lentamente a sufocando. Ela tem que saber disso.

Libby dá de ombros, sua atenção focada na minha tatuagem. — Eu sou uma pessoa caseira. Inferno, ir para a aula na faculdade era uma aventura para mim. E meus pais... — Ela dá de ombros novamente, virando a cabeça para o lado, o travesseiro embalando sua bochecha. — Bom, o que eles disseram sobre a vida não foi totalmente complementar.

— Avisaram você, não é? — Eu posso entender isso. Há muita merda no meu mundo. Mesmo assim, ainda me irrita. Eles tinham que saber que ela tinha talento, que ela estava curiosa para ver onde isso poderia levar. E eles pisotearam tudo antes que ela pudesse tentar.

Ela dá um suspiro autodepreciativo e olha para mim por baixo dos cílios. — Eles virariam feras se soubessem que eu estou com você.

— Você está comigo? — Eu pergunto com cuidado. Se eu tiver que lutar contra fantasmas, quero saber agora.

Calor inunda meu peito quando ela levanta a mão e traça minha sobrancelha. — Eu estou nessa cama, não estou?

— Porra, sim, você está. — Eu beijo sua boca porque eu tenho que saboreá-la novamente.

Ela faz um zumbido de prazer. — Estou dividida entre exigir que você vá comprar aquelas camisinhas e manter você aqui.

Minhas mãos vagam para baixo, se enchendo com sua bunda. — Se não fosse

pelas minhas bolas azuis gritando para mim, eu com certeza ficaria aqui.

— Falam muito com você, não é?

Eu sorrio contra o pescoço dela. — Sim. No momento, elas estão dizendo: "Se não nos familiarizarmos com a linda buceta da Libby, vamos entrar em greve e levaremos o pau conosco."

Ela ri. — Isso não soa como algo bom.

— É um blefe. Eles vão ceder em um piscar de olhos. Além disso… — Levanto a cabeça e sorrio. — Meu pau decidiu nunca sair do seu lado.

— Pateta.

— Só para você.

Nossa paz é quebrada por uma batida repentina na porta da frente, seguida por um familiar grito feminino. — Killian James, traga sua bunda aqui antes que eu chame a polícia para o papai do bebê!

Eu congelo, horror formigando minha pele, enquanto olho para Libby.

Ela fica completamente parada embaixo de mim, seus olhos arregalados como pires.

Então eles se estreitam. — Eu estou supondo que você conhece a pessoa tentando derrubar minha porta?

Eu lhe dou um sorriso fraco. — Sim. Essa é Brenna James. Minha prima e um pé no saco.

A pé no saco ainda está batendo na porta e gritando meu nome. Se isso não deixasse minha tia Anna triste, eu mataria a pirralha.

Libby olha para a porta e de volta para mim. — Você engravidou sua prima?

— Ha. — Eu estreito os olhos para ela e relutantemente me afasto. — Você é engraçada. — Pegando meus shorts do chão, eu os puxo e os abotoo. — Eu vou deixá-la entrar antes que alguém realmente chame a polícia. Já aconteceu antes.

Quando ela fica em silêncio, me viro e encontro Libby franzindo a testa para mim. Minhas costas se endireitam. — Você não está seriamente questionando isso. — Eu dou um passo para ela. — Porque eu adoraria deitar nessa cama e demonstrar, detalhadamente, como você é a única mulher na minha vida.

— *Kiiiilliaaaaan*!

Eu juro que o grito da Brenna poderia ressuscitar os mortos.

— Eu acho que teríamos uma audiência, — Libby murmura. Ela não se mexeu de seu lugar. Menos de cinco minutos atrás, eu estava lá com ela, quente e contente. Estou com frio agora. Eu quero voltar.

— Eu não me importo. — A fé da Libby em mim é mais importante. Eu preciso disso.

Eu vou desabotoar minha bermuda quando meu celular começa a tocar “Welcome to the Jungle”. Maldito inferno. A praga também está ligando.

Libby morde o lábio, mas, em seguida, começa a rir, um som baixo e rouco. — Vá abrir a porta. Eu tenho que conhecer essa garota.

Meus ombros caem e sorrio. — Seu funeral, boneca.

— Killian Alejandro James! Acabei de engolir um inseto, e é tudo culpa sua!

Libby bufa. — Soa mais como o seu.

Balançando a cabeça, vou até a porta da frente para deixar a fera entrar.

LIBBY

APESAR DA MINHA PROVOCAÇÃO, eu não quero sair e conhecer a prima do Killian. Eu nem sei porquê. Tudo o que sei é que pavor está pesando como chumbo no meu estômago. Isso parece o fim, a pequena bolha feliz em que Killian e eu vivíamos sendo estourada pela chegada da sua parente.

A maneira como seu corpo se contraiu, seu rosto congelou de horror, quando ele ouviu Brenna pela primeira vez, me tirou da Terra da Luxúria. Por um momento de partir o coração, as palavras "*papai do bebê*" pairaram no ar, me privando das minhas. A dor foi tão grande que eu queria vomitar.

Isso não é bom para mim. Eu confio no Killian? Sim. Ele é muito impulsivo e franco para esconder outra mulher de mim. Eu não acho que ele é capaz de mentir assim. Eu não acho que ele se importaria, verdade seja dita. Killian diz e faz exatamente o que ele quer.

O problema está comigo. Estou meio apaixonada por um homem que vai passar pela minha vida como fumaça no vento.

Eu odeio que minha mão treme enquanto eu aplico rímel. Fazendo uma careta para o espelho, eu abaixo a maquiagem. *Se arrumando para impressionar outra mulher. Isso é um novo nível, Liberty. Um baixo.*

Vozes na sala de estar criam um zumbido no ar, pontuado pelos comentários mais agudos da prima do Killian. Quantas pessoas estão lá fora?

Eu entro no corredor e paro.

Killian está de pé, as mãos baixas no quadril, o rosto torcido em uma carranca, enquanto ele fala com o que poderia ser o homem mais bonito que eu já vi. É sério, uau. Cabelo preto brilhante, olhos cor de água, pele bronzeada - o cara poderia ser o gêmeo do David Gandy. Vestido com um terno cinza claro, ele parece ter saído de um desfile de moda em Milão e voado para cá em seu jatinho para uma conversa. Ele também parece estar tão satisfeito quanto o Killian.

— O fato de eu estar nessa cidade remanescente deveria lhe dizer o quanto isso é sério. — Seu sotaque britânico é tão nítido quanto seu terno. — O tempo para joguinhos está oficialmente acabado, Killian.

— Engraçado, — Killian diz, baixo e irritado. — Eu não me lembro de ter colocado você no comando da minha vida.

O homem levanta uma sobrancelha. — Isso foi no dia em que você assinou um contrato permitindo que eu administrasse sua banda. Mais exatamente, foi quando você me pediu para trazer o Jax de volta ao trabalho o mais rápido possível.

Killian estremece com isso, olhando para fora, sua mandíbula flexionada.

— Ele está pronto, — diz o homem. — Todos eles são. Agora você quer jogar isso fora e ameaçar o que eu ganhei porque você está mergulhando o seu pau...

— Não continue, — Killian diz. A cor pinta suas bochechas. — Nem pense nisso. Entendido?

Eles se encaram como se fossem inimigos e eu decido mostrar meu rosto.

Assim que entro, a tensão se rompe. A expressão dura do Killian se torna gentil. — Ei. Eu estava me perguntando quando você viria aqui.

Ele estende a mão e eu atravesso a sala, bem ciente do Sr. Deslumbrante e Brenna James me observando. Eu não gosto de estar em exibição. Nunca gostei. E isso parece um teste estranho.

Porque o olhar do Sr. Deslumbrante está se penetrando na minha pele como um laser, eu olho para a prima de Killian, que estava meio escondida na poltrona que está sentada.

Ela não é nada como eu imaginei. Eu esperava uma versão punk do Killian. Mas eu não vejo nenhuma semelhança. Ela é alta e pálida, com um punhado de sardas sobre o nariz arrebitado e tem o cabelo da cor de âmbar mel. Está puxado para trás em um rabo de cavalo elegante.

Assim como o Sr. Deslumbrante, ela está impecavelmente vestida com um terno azul com uma saia lápis. Seus saltos altíssimos são metálicos, pele de cobra da cor do arco-íris, que deveria fazer com que ela ficasse ridícula, mas até eu tenho inveja. Eu nunca vi Louboutins pessoalmente, mas as solas vermelhas me fazem pensar que eles são o que parecem.

Ela olha para mim por trás dos óculos cat-eye vermelhos. Eu resisto ao impulso de ficar mais reta. Não importaria. A boa postura não vai mudar o fato de que eu estou em shortinhos e uma regata branca batida. Eu sou um camundongo que entrou em um covil de leões. Na minha própria maldita casa.

Killian agarra minha mão na sua quente e me puxa para o lado dele. — Libby, esse é o meu gerente, o Sr. Scott, ou Scottie como todos nós o chamamos.

O homem bonito, que é ainda mais bonito de perto, me dá um curto aceno. — Senhorita Bell.

Então ele já sabe meu nome. Ele não parece feliz.

Killian inclina a cabeça na direção da Brenna. — E você já ouviu essa pé no saco.

Brenna revira os olhos e se levanta para atravessar a sala. — Ele só está furioso porque eu sei onde ele esconde os corpos.

— Apenas fique grata por você não estar se juntando a eles, — Killian diz com facilidade. Seus dedos vão baixo da minha regata para acariciar a pele nua. O olhar de Scott segue o movimento e seus lábios se estreitam.

Corando, eu ignoro isso e sorrio para Brenna. — Qualquer um que possa fazer o Killian se mover rápido daquele jeito está bem na minha lista.

— Ha! — Brenna enruga o nariz para Killian. — Viu? Eu sou útil.

Killian bufa, mas olha para mim. — Brenna é cuida da nossa publicidade.

— Prazer em conhecê-los, — eu digo para Brenna e o Sr. Scott. Não é precisamente verdade, mas eu não quero alienar as pessoas na vida do Killian. — Vocês querem algo?

— Obrigado, mas não. — Sr. Scott me dá um sorriso que pode congelar água. — Nós já estávamos indo.

Ele olha pela janela. É nesse momento que noto um pequeno caminhão em mudança e os caras carregando as coisas do Killian. Um cara sai, carregando um dos estojos de guitarra do Killian.

O pânico me atinge, e Killian me segura mais perto, como se sentisse meu

medo.

— Eu vou ver vocês daqui a pouco, — diz ele.

O Sr. Scott assente, depois de me oferecer um brusco "bom dia", sai. Brenna é mais devagar, dando a Killian um beijo na bochecha e para mim um sorriso fraco.

— Vamos nos ver de novo, tenho certeza, — ela me diz.

Meu aceno é fraco. Eu murmuro algum tipo de adeus, mas eu realmente não sei o que estou dizendo. Sangue bombeia nos meus ouvidos, apagando o som da minha voz. Meu coração está na minha garganta.

O silêncio em que nos deixam é doloroso e completo.

Killian pigarreia e tenta envolver seus braços em volta de mim. Eu me afasto.

— Você está indo embora.

A luz do sol entra pelas janelas e cai sobre o Killian. Banhado naquela luz dourada, ele parece surreal. Os planos esculpidos de seu peito e abdômen, as linhas fortes de seu rosto, o poder sombrio de seus olhos - tudo isso destacado em acentuado relevo. Parte de mim se maravilha por ter tocado cada centímetro desse corpo, que eu beijei seus lábios e tive eles em mim.

Não parece real mais.

Ele olha para mim e vejo a dor em seus olhos. Pareço tão fugaz para ele?

— Eu não quero ir, — ele diz, fracamente, sem graça, se despedindo. — Mas Scottie agendou alguns shows antes da nossa turnê de outono. E todos os caras querem fazer isso. — Ele passa a mão sobre seu cabelo curto. — Eu sou o diferente.

— Essa é a primeira vez que vocês estarão juntos desde… — Eu mordo meu lábio.

— Jax, — ele termina por mim. — Sim.

Ele coloca seu peso em um pé e depois de volta no outro, como se seu corpo estivesse em guerra entre ficar aqui e sair pela porta. Eu estou sendo fantasiosa, eu sei, ainda assim sei que ele está dividido. Eu posso ver isso em seus lábios apertados e olhos suplicantes.

— Bom, então, — eu digo devagar. — Você precisa se juntar a eles.

Ele pisca como se eu tivesse dado um soco nele. Eu não sei o que mais ele esperava que eu dissesse. Ele tem que perceber que eu nunca seria um obstáculo em sua vida.

Quando ele fala, sua voz é áspera, como se estivesse gritado. — Eu pensei que ia ter mais tempo. Eu *queria* mais tempo.

Eu não tive ilusões de que esse verão era algo mais do que a fuga do Killian da realidade. Isso não me impede de estar machucada, no entanto. Mas eu não mostro isso. — Essa é a coisa com finais na vida real. Você nunca sabe quando eles vão acontecer.

— Finais? — Sua cabeça se levanta. — É o que você acha que isso é?

Eu franzo a testa. — Não é isso que você está tentando me dizer? Adeus?

— Não! — Ele me puxa contra ele e segura firme. A raiva contraindo suas feições. — Se você quer se livrar de mim, vai ter que se esforçar mais, boneca.

Incapaz de resistir, passo minhas mãos sobre o seu peito. Sob sua pele quente, seu coração bate forte e rápido, combinando com o ritmo doloroso do meu. — Eu não quero dizer adeus, — admito calmamente.

Ele me beija então, como se estivesse me atraindo para ele, memorizando meu gosto. Apesar de suas palavras, é um beijo que parece um adeus. Ele está respirando com dificuldade quando se afasta para descansar a testa contra a minha. — Então não diga.

Eu acaricio os lados do seu pescoço. É como tentar fazer aço ficar macio. — Você está saindo em turnê. Quanto tempo é isso? Quatro meses? Cinco?

Ele me puxa um pouco mais perto. — Contando os treinos e esses shows pré-turnê, eu diria cinco e meio. — Ele abaixa a cabeça para encontrar meus olhos. — E daí? O que os olhos não veem, o coração não sente? É assim que é, Libs?

Meus dedos se curvam. — Estou tentando ser realista. Eu sei o que acontece durante essas turnês.

Ele bufa, estreitando os olhos para fendas de obsidiana. — É mesmo?

Um rubor de raiva corre sobre minha pele. — Não seja estúpido. 'Sexo, drogas e rock and roll' é um clichê por um motivo.

— Ah, eu sei disso melhor do que ninguém, querida. — Ele me solta com um som de aborrecimento. — Mas se você acha que é o que vai acontecer quando eu estiver em turnê, você não me conhece de jeito nenhum.

— Eu estou tentando fazer a coisa adulta aqui, — digo a ele, lutando para não gritar, — e deixar você ir sem se preocupar comigo.

— Ah, bem, obrigado por ser tão útil. Que tal ao invés disso, você me dar algum sinal de que o que temos significa mais para você do que só uma aventura de verão? — Ele levanta a mão com um bufo. — Porra, você me faz soar como alguém carente.

Eu mordo meu lábio. Mesmo quando estou chateada com ele, eu o amo. Isso me assusta pra caramba.

— O que somos, Killian? — Eu pergunto baixinho.

Seus olhos encontram os meus. — Eu não sei. Mas é real. É a única coisa real que tenho agora.

— Você tem a música…

Ele me corta com um olhar feroz. — Eu não quero sair por aquela porta sentindo que assim que a fechar é o fim de nós dois. Porque eu não vou fazer isso, Liberty. Pelo que sei, acabamos de começar. De jeito nenhum eu vou…

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço e o puxo para mim. Suas palavras terminam em um grunhido abafado quando eu beijo seus lábios. Mas ele não resiste. Ele se inclina para mim, abrindo minha boca com a sua, deslizando sua língua para sentir meu gosto. Com um gemido, ele agarra minha bunda e me puxa para cima. Eu envolvo minhas pernas ao redor dele e me seguro enquanto ele caminha para trás, me beijando enquanto anda.

Nós acabamos no sofá, Killian apertando minha bunda. Ele respira em mim, seus lábios deslizando para o meu pescoço, e um tremor corre sobre seu grande corpo. — Libby. — Lábios macios acariciam aquele ponto atrás da minha orelha que faz meu corpo se contrair. — Não é assim que eu queria que isso acontecesse.

Eu beijo a crista da sua bochecha, o canto do seu olho. — Como você imaginou isso?

Ele esfrega minhas costas enquanto continua a explorar meu pescoço e ombro com a boca. — Eu tenho pensado muito sobre isso, na verdade.

— Sério? — Eu tento me afastar para encará-lo, mas ele não deixa.

Suas mãos voltam para minha bunda e apertam. Com um suspiro, eu descanso minha cabeça em seu ombro e ele dá um beijo na minha bochecha. — Sim, é sério. — Por um longo momento ele fica parado, apenas me segurando contra ele como se estivesse aproveitando o ato. E eu também. Ele é forte e quente, seu coração é uma batida reconfortante no meu ouvido.

Seu ritmo aumenta quando ele respira fundo. — Libs... Venha comigo.

— O que? — Eu me sento em linha reta.

As mãos do Killian caem nas minhas coxas, as esfregando lentamente enquanto ele encontra meu olhar de frente. — Venha comigo em turnê.

— Não.

— Não? — Sua risada curta é incrédula. — Não precisou nem de um momento? Só… não?

— Você está se reunindo com sua banda depois de um ano. De jeito nenhum eu vou aparecer pendurada em seu braço como uma Yoko rural.

Ele ri de novo, dessa vez com mais humor, embora sua expressão esteja tensa. — Você sabe, toda a coisa da Yoko foi exagerada. Os Beatles já estavam se separando.

— O fato de você chamar de "coisa da Yoko" prova meu ponto. A verdade não importa. É a percepção. E seus colegas de banda não vão gostar que eu apareça a reboque.

Seus dedos apertam minhas coxas. Não com força, mas com firmeza suficiente para mostrar sua agitação. — Você não sabe disso. Você nem os conheceu.

— Eu conheço as pessoas. — Usando seus ombros como alavanca, me levanto do seu colo e sento no sofá ao seu lado. — Sr. Scott olha para mim como se eu fosse um problema que ele precisa resolver.

— O chame de Scottie e ele olha para todo mundo assim. — Killian se vira para mim. — Além disso, eu não quero que você venha comigo como uma acompanhante. Eu quero que você cante comigo.

Eu acho que minha boca cai nesse momento. Eu sei que não posso fazer nada além de gorgolejar como um peixe fora d'água enquanto olho de volta para o rosto esperançoso do Killian. Demoro um minuto para encontrar minha voz, e é um guincho patético quando eu falo. — Cantar? Como, tipo, subir no palco com você?

— É claro. — Uma ruga se forma entre suas sobrancelhas retas. — Do que mais eu estaria falando? Eu tenho escrito essas músicas para nós.

— Killian... eu não sou… — Eu levanto meus braços, procurando as palavras. — Você estava ouvindo quando eu falei sobre meus fracassos espetaculares? Eu sou uma rainha de fracasso no palco.

— Muitas pessoas têm medo do palco. — Ele não pisca, não vacila. — E se eu não tivesse visto o arrependimento em seus olhos quando você me contou essas histórias, eu até poderia ignorar.

Eu cerro meus punhos, querendo bater meu pé. — Esquece que eu sou uma amadora. Eu canto na minha varanda, de calcinha, não na frente de oitenta mil pessoas. Pessoas, — acrescento, quando ele tenta falar, — que não estariam lá para *me* ver de qualquer maneira.

Killian cruza os braços sobre o peito. Não é justo que ele não tenha colocado uma camisa. Toda essa força crua ondula sob sua pele dourada e me faz querer ceder só para que eu possa tocá-lo novamente.

— Você já terminou? — Ele pergunta.

De observar ele? Nunca. Mas eu percebo que ele está falando sobre o meu discurso. Eu lhe dou um olhar azedo, que ele retorna com uma sobrancelha levantada.

— Primeiro, — ele diz, — se você cantasse de calcinha, oitenta mil pessoas definitivamente estariam te observando.

Ele ignora o meu revirar dos olhos.

— Segundo, isso é rock. Todo o nosso sucesso é parte talento, parte sorte e determinação louca. — O lábio dele se enrola. — Jax costumava brincar que somos todos amadores por lá. Diletantes sortudos.

Um suspiro me deixa e eu me afundo no sofá. Lá fora, Brenna está marchando, ordenando os homens da mudança. Scottie está na varanda do outro lado, seu olhar na minha casa. Eu sei que ele não pode me ver, mas parece que pode. É uma questão de tempo antes que ele volte aqui.

A voz profunda do Killian é baixa, persuasiva, me puxando de volta para ele. — Tudo o que estou pedindo são três músicas: 'Broken Door', 'In Deep' e 'Outlier'.

As músicas que eu trabalhei com ele. Elas são lindas, confiando na harmonia e nos vocais ao invés do poder. E elas não são nada como o som normal da Kill John.

— Como você sabe que a banda vai gostar dessas músicas?

Ele não me olha nos olhos. — Eles vão.

— O que significa que você não sabe.

— É a minha banda.

— É deles também.

O homem realmente rosna. Seria meio quente se eu não estivesse tão aborrecida com ele. Killian se levanta e abre os braços. — Por que você está lutando contra isso? A verdade. Não as desculpas.

— Porque eu não sou impulsiva como você! Eu preciso pensar sobre as coisas.

Ele passa a mão no rosto. — Você me disse que sonhou com essa vida. Você me disse que tentou, mas foi encorajada a se afastar. Você me perguntou como era se apresentar diante de uma plateia, ser adorado. Deixa eu te mostrar. Deixa eu te dar o mundo, boneca.

Se qualquer coisa, me sinto pior agora. Uma sensação horrível e rastejante invade minha barriga, e tenho o desejo de correr para o meu quarto para me esconder. — Isso foi apenas... conversa de travesseiro.

— Conversa de travesseiro? — Ele empalidece.

Eu estremeço — Você sabe, *me conte sobre sua vida*. Estava tentando conhecer você.

Suas bochechas coram. — Você estava só tentando me agradar?

— Não. Eu queria conhecer você. Saber como é a sua vida fora daqui.

— Mas não ver isso por si mesma? — Seus olhos se estreitam, aquele rubor indo para o seu pescoço.

— Exatamente.

O silêncio cresce tanto que podemos ouvir os sons das portas dos caminhões batendo. Os motores sendo ligados. O pessoal da mudança terminou. E estou supondo que nós também. Um nó cresce na minha garganta. Mas eu não me movo. Eu encaro o Killian, que olha para mim com desgosto.

— Besteira, — ele sussurra.

Alguém se apoia fortemente em uma buzina de carro. Eu estou supondo que é a Brenna.

— Eles estão esperando por você, — eu digo.

Suas narinas se abrem. Então ele está se movendo. Estou em seus braços antes que eu possa piscar. Ele me puxa para cima e me dá um beijo forte e cheio de mordidas. Eu agradeço o ardor, mordendo de volta. A ideia de que eu não vou poder senti-lo ou saboreá-lo mais rasga meu coração. Seu beijo se torna mais suave, mas não doce. Não, ele está moldando e definindo meus lábios com os dele, saboreando.

Eu tento colocar meus braços ao redor dele, mas ele se afasta. Ele está respirando com dificuldade, o lábio inferior inchado e molhado. — Eu vou agora antes de dizer algo que vou me arrepender.

Parte de mim se arrepende de ter o conhecido. Porque isso dói demais. Eu poderia ir com ele. Eu poderia me perder nele. Mas só de pensar nisso, todo o meu corpo congela de medo com tanta força que eu engulo convulsivamente. Eu não posso fazer isso. Eu não posso sair dessa casa.

Ele procura meu rosto por algum sinal. Tudo o que ele vê faz seu o maxilar cerrar. Seus dedos apertam meus braços. — Nós não terminamos. Você me ouviu? Não estamos nem perto de terminar.

— Eu não quero isso termine, — eu sussurro.

Seus dentes se encontram com um clique alto. — Então pare de ser uma covarde e leve sua bunda para Nova York.

Quando eu não digo nada, ele xinga e se afasta. A porta bate em seu rastro. E ele se foi.

CAPITULO ONZE

KILLIAN

NOVA YORK SEMPRE SERÁ minha casa. Tem um efeito estranho em mim: instantaneamente relaxo e ganho energia. Ir encontrar o Jax, no entanto, é outra história. Meus dedos batem contra a minha coxa enquanto eu subo o elevador privado até seu apartamento. Scottie se ofereceu para marcar uma reunião em um campo neutro, mas eu rejeitei a ideia. Jax não é meu inimigo. Ele nunca foi e nunca será.

Não significa que estou ansioso para isso.

O elevador se abre diretamente no hall de entrada do apartamento dele.

Dois anos atrás, uma revista fez uma grande matéria sobre Jax em casa. Jax exibindo seu loft industrial, vivendo a vida de um jovem estrela do rock. O que eles nunca souberam é que foi tudo uma mentira. Não era nem o apartamento do Jax, era do Scottie.

A verdadeira casa do Jax parece algo em que uma velha socialite de Nova York viveria: pisos de madeira escura, sancas, cores ricas nas paredes, obras de arte clássicas em molduras douradas ornamentadas. Isso me faz rir toda vez que eu o visito porque eu meio que espero que Jax apareça vestindo um smoking e segurando um cachimbo.

— Toda vez que você entra aqui, você está sorrindo.

A voz do Jax interrompe meu pensamento. Eu nem tinha notado ele.

Ele está encostado no braço de um sofá de veludo verde em sua sala de estar - sim, ele tem uma sala de estar, pelo amor de Deus.

Eu olho para ele por um segundo. Ele está mais forte do que eu já o vi, sua cor saudável, seu cabelo castanho claro mais longo que o normal, quase alcançando seu colarinho. Eu coloco o meu estojo do violão no chão. — É porque eu espero ser recebido por um mordomo. Ou talvez encontre um pequeno poodle latindo aos meus pés.

— Eu estive pensando em adotar um cachorro. — Jax se levanta. Os cantos dos olhos dele se enrugam, a cabeça inclinada para a direita. Eu conheço o rosto dele tão bem quanto o meu. Melhor até, porque eu o vejo desde os seis anos de idade. Então eu sei que ele está tenso e odiando isso.

Nós dois estamos.

Eu deixo todo o fingimento de lado e me movo pela sala para puxá-lo para um abraço de homem, dando um tapa no ombro dele. — Idiota do caralho, — eu digo rispidamente. — Você parece bem.

Ele me abraça de volta antes de nos separarmos. — Você parece um merda. Que porra você fez no seu cabelo?

Eu sei que ele está me provocando, mas minha mão, reflexivamente, vai para o meu cabelo cortado. Por um instante, não vejo mais o Jax, só vejo Libby de pé diante de mim, seus pequenos seios tentando ao máximo escapar da regata fina que ela está usando, suas bochechas coradas e suas mãos tremendo enquanto ela

corta meu cabelo. Eu quase posso sentir os dedos dela deslizando ao longo do meu couro cabeludo novamente, movendo minha cabeça para a direção que ela quer.

Cristo, só pensar nela faz meu peito doer.

— Algo que eu deveria ter feito há um tempo atrás, — eu digo levemente, como se eu não estivesse fodido por dentro.

Jax acena com a cabeça, mas não diz mais nada. Ficamos ali, olhando um para o outro, nenhum de nós falando. Tem sido assim desde que ele acordou no hospital. Eu, porque eu não conseguia pensar em nada para dizer que não acabasse comigo gritando com o idiota, e Jax?

Eu costumava saber o que ele estava pensando só olhando para ele. Ou eu pensava que sim. Eu percebi que não sabia de nada.

— Bom, — diz Jax, quebrando o silêncio. — Você quer uma bebida ou algo assim?

— Não. Eu estou bem.

Ele acena novamente, depois amaldiçoa. — Porra, Kill, apenas coloque para fora.

Colocar para fora? Eu nem sei por onde começar. Calor enche meu peito e sobe pela minha garganta. Meu punho se conecta com seu queixo e Jax cai no chão, derrubando uma mesa lateral em seu caminho para baixo.

— Jesus. — Jax esfrega o rosto e dá uma risada fraca. — Eu esqueci o quão forte seu soco é.

Eu flexiono meus dedos. — Eu não sabia que ia fazer isso.

— Eu sabia. — Ele grunhe e lentamente se levanta, dispensando minha oferta de ajuda. Jax toca seu lábio, onde tem uma gota de sangue. — Você se sente melhor?

— Não. — Eu vou para a cozinha para pegar um pouco de gelo. — Minha mão está doendo pra caralho.

— É, desculpa, meu rosto ficou no caminho. — Ele pega o gelo que eu atiro nele. — Você vai colocar gelo nessa mão?

Eu quero a dor. — Eu não bati em você tão forte assim.

Jax bufa e se dirige para um bar lateral. Sua minigeladeira está abastecida com garrafas de água e sucos. Uma grande mudança da cerveja e vodca que costumavam enchê-la. — Quer algo?

— Um suco.

Nós bebemos nosso suco como bons garotinhos até que eu não aguento mais. — Foi o pior momento da minha vida. Encontrar você. — Eu engulo em seco e olho para os meus dedos avermelhados. — Eu sei que foi pior para você. Não estou ajudando. Eu... você me assustou pra caralho.

— Eu sei. — Sua expressão está vazia, a bolsa de gelo derretendo em suas mãos. Naquele dia, seus olhos verdes estavam vermelhos e sem brilho. Eles estão brilhantes agora, e ele pisca, olhando para fora. — Eu não estava pensando em você. Ou em qualquer um.

— Eu era o seu melhor amigo. E você... Você poderia ter vindo até mim.

Ele bufa, tentando sorrir, mas falhando. — Você teria tentado melhorar as coisas.

— Porra, claro que eu teria. — Eu empurro a cadeira em que estou me

apoiando e caminho para uma janela semiobscurecida por cortinas vermelhas de seda.

— Eu não queria ser consertado, — diz ele. — Não naquela época.

Eu não consigo nem responder.

Jax suspira. — Se eu estivesse no meu perfeito juízo, teria feito as coisas de uma maneira diferente. Mas esse é o problema. Eu não estava.

Meus dedos cravam na seda. — Você vai fazer aquilo de novo?

Demora muito para ele responder. E quando ele responde, sua voz não tem forte. — Eu não pretendo.

Eu bufo, raiva correndo quente em minhas veias. — Isso é reconfortante.

— Estou sendo honesto. Estou recebendo ajuda. Isso é tudo que posso fazer.

Olhar para ele é pior. Ele parece calmo, composto, enquanto eu estou pronto para pular fora da minha pele. — Eu não sei se posso fazer isso de novo, — digo a ele. — Se ir em turnê, essa vida, isso é o seu gatilho, eu não quero fazer isso. Eu vou ficar me preocupando se irei encontrar você de novo, se afogando em seu próprio vômito.

Uma imagem vívida pisca na minha mente. Mas não é a do Jax. É a minha, Libby me abaixando, me colocando em uma cama e ordenando que não vomite de novo. Culpa e aversão cobrem minhas entranhas.

Jax me encara. — Eu mereço isso. Mas vamos esclarecer uma coisa: você, Killian James, não é Deus, porra. Você não pode consertar tudo ou proteger todos nós.

— Que porra?

— Você sempre foi assim, pegando todos nossos problemas como se fossem seu. Pensando que você pode consertar a vida de todos e torná-la melhor. Você não pode. Só pode fazer isso com a sua. — Ele se levanta e bate a bolsa de gelo na mesa. — O que eu fiz foi foda. Estou recebendo ajuda. Isso é tudo o que posso dizer. Ou você pode lidar com ou você não pode. Sua decisão.

Ele se dirige para o pequeno estúdio que ele tem no apartamento, sem olhar para trás.

Deixado sozinho, eu volto para a janela. Bem abaixo, o tráfego é um fluxo constante, pessoas correndo pelas calçadas. Sempre tentando consertar a vida das pessoas e torná-las melhores? Há algo de errado com isso?

Eu penso na Liberty, se ela estivesse aqui comigo, o que ela diria agora. Mas ela está em silêncio na minha cabeça. Em vez disso, vejo o medo e a frustração nos olhos dela quando tentei convencê-la a se apresentar comigo.

— Porra, — eu sussurro. Pegando meu telefone, eu mando uma mensagem para ela. Suas respostas são rápidas. As minhas também são. Cada troca cai como uma pedra no meu intestino. Eu danifiquei algo entre nós. Meu polegar acaricia a tela. Eu quero ir até ela. Mas também tenho trabalho a fazer aqui.

Enfiando o celular no bolso, pego meu violão e vou tocar com Jax.

Libby

ELE SE FOI. E é como se o sol tivesse morrido. Minha órbita está desligada, tudo escuro e silencioso. Dói respirar, dói se mexer. Eu sabia que ele acabaria indo. Eu sabia que iria doer. Mas eu ainda não estava pronta para isso. Nada mais está certo.

Eu tento trabalhar. Eu tenho a criatividade de um papelão molhado. Eu meio que apenas me sento, mole e encarando a tela. Termino meus projetos - não ficarei surpresa se meus clientes reclamarem do trabalho nem um pouco inspirado que lhes enviei - e recuso novos empregos. Eu tenho dinheiro suficiente para tirar minhas próprias férias.

Só que o que eu realmente estou fazendo é andando de janela em janela, saltando a cada pequeno som e recuperando o fôlego sempre que um carro percorre a estrada, o que não é frequente. Porque eu moro no meio do nada.

Assim que Killian saiu, eu sabia que tinha cometido um erro. Eu deveria ter ido com ele. Eu deveria ter falado para os meus medos calarem a boca. Mas a retrospectiva é realmente uma merda. Só agora eu vejo o que eu me tornei.

Uma pessoa pode ficar... presa, por falta de uma palavra melhor, em uma vida. É surpreendentemente fácil, na verdade. Horas se tornam dias, dias viram em meses. Antes que você perceba, anos se passaram, e você é apenas essa pessoa, alguém que você mesma não reconheceria.

Meus pais morreram e de alguma forma, eu também. Amigos se afastaram - não, eu me afastei deles. Eu não posso mais fingir. Eu me afastei de tudo - me escondi na velha casa da vovó e com um emprego que significava que eu nunca tinha que sair de casa de verdade e simplesmente fiquei na minha concha. Não foi nem uma decisão consciente. Eu simplesmente recuei e nunca mais voltei.

Killian queria me arrastar pelos meus tornozelos de volta ao mundo dos vivos. Pior, ele queria me empurrar para o centro do palco. Agora ele se foi.

E eu o deixei ir embora.

— Eu sou uma idiota, — eu digo para o quarto. O silêncio soa.

Eu costumava amar o silêncio. Eu odeio isso agora. Odeio. Isso.

— Foda-se. — Eu não tenho certeza se gosto disso de falar em voz alta para mim mesma. Mas tenho coisas maiores para me preocupar.

Eu estou deitada no chão, vestindo a camiseta suja de Guerra das Estrelas do Killian como uma idiota apaixonada, então eu uso meu telefone para abrir um site de busca. Eu não tenho ideia de onde o Killian está hospedado, mas pelo menos eu posso chegar à cidade correta.

Estou procurando voos para Nova York quando meu celular vibra com uma mensagem.

Você estava certa. Eu precisava enfrentar o Jax sozinho.

Eu olho para a tela. Congelo. **Isso é bom. Por que? Não se sente bem?**

Pequenos pontos pulsam na parte inferior da tela enquanto ele escreve. Outra mensagem aparece.

Estamos bem agora. Eu realmente quero voltar ao trabalho.

Engolindo em seco, me forço a escrever.

Estou feliz. Tudo ficará bem. Você vai amar.

Eu não sei mais o que dizer. Eu *estou* feliz por ele.

Ele responde.

Eu sinto sua falta. Me prometa que você virá a um show.

Não há mais pedidos para ir se apresentar com ele. Piscando com força, olho para a janela onde o sol brilha forte e quente. Minha visão fica embaçada e eu pisco de novo.

Claro que eu vou.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha. Eu a ignoro.

Ele escreve novamente.

Eu quero pedir desculpas. Eu tentei te empurrar para algo que você não estava preparada. Foi egoísta. Eu sinto muito.

Ele está sendo doce, e ainda assim minha garganta dói de tentar não chorar.

Tudo bem, Killian. Eu sei que você tinha boas intenções.

Jesus, nós estamos enviando mensagens como se fossemos estranhos. Eu tento pensar em algo leve, algo que soa como nós. Qualquer coisa. Mas então ele manda outra.

Tenho que ir ensaiar. Conversamos mais tarde?

Talvez conversaremos. Mas eu tenho certeza que o que tivemos não é mais o mesmo. Minha mão treme enquanto eu digito.

Claro. Divirta-se. :) O pequeno emoji de sorriso me encara como uma zombaria. Eu desligo o celular e o jogo de lado antes que Killian possa responder. Deitada no chão ao sol, fecho os olhos e choro. Eu perdi a minha chance e só tenho a mim mesma para culpar.

CAPITULO DOZE

KILLIAN

A SEÇÃO VIP pode ser um oásis de calma ou uma tempestade pulsante de energia frenética. Quando você é famoso, aprende rapidamente que é decisão sua como a noite irá ser. Você quer privacidade? Você tem. Você quer um grupo de mulheres dispostas a montar no seu pau e gemer seu nome? Tem também.

Essa noite é privacidade. Jax e eu esperamos em uma sala com vista para um bar lotado e um palco vazio. Mesmo que o clube tenha uma sala VIP, não é pretensioso, servindo cerveja e hambúrgueres em vez de champanhe e coquetéis. Novos artistas promissores se apresentam todas as noites e a plateia adora dançar apenas pela diversão, não para serem vistos.

Música bate e pulsa de baixo, mas está relativamente quieto aqui em cima.

Uma garçonete de calça jeans desgastada guia Whip e Rye até nós logo depois.

No momento que ele nos vê, Rye, nosso baixista, vem correndo. E embora eu seja mais alto, ele quase me levanta do chão quando ele me dá um aperto que machuca minhas costelas. — Já era hora de você chegar aqui, filho da puta. — Quando eu rio (chio), ele me coloca para baixo, dando um tapa na minha cabeça. — Pensei que você iria se tornar um fodido eremita.

Rye é forte como um linebacker com a energia de um cachorro. Uma combinação assustadora. Ele está sorrindo largamente agora, mas há cautela em seus olhos. Seu rápido olhar para Jax me diz tudo que preciso saber. Eles não têm certeza sobre ele também.

— Eu estava de férias, idiota.

— Pegando um sol na bunda dele enquanto trabalhamos, — diz Whip, vindo ao nosso lado. As pessoas geralmente pensam que somos parentes porque nos parecemos muito, só que os olhos dele são azuis. Na escola, costumávamos dizer às garotas que éramos primos, mas é besteira. Ele é irlandês, com um leve sotaque para provar isso.

Ele me dá um toque rápido no ombro. — Me diga que você encontrou uma garota gostosa para mantê-lo ocupado.

Eu nunca escondi nada deles. Mas, por algum motivo, não quero contar a eles sobre Libby agora. Não quando eu sei que eles farão perguntas.

— De acordo com a Brenna, — Rye diz, — ele tinha uma vizinha fofa.

Minhas costas ficam retas. — Você está fofocando com Brenna de novo?

As bochechas de Rye coram um pouco. Todos nós sabemos que ele tem uma queda pela minha prima. E sim, estou usando isso a meu favor agora.

Mas ele rapidamente bufa. — Eu estou tomando essa evasão como um sim.

Nós nos juntamos a Jax na mesa. — O que ele está evitando? — Jax pergunta.

— Falar sobre a amiga que ele fez no acampamento de verão, — diz Whip.

Uma garçonete chega e prepara à rodada de cervejas que Jax pediu. Rye olha para ela e sorri largamente. — Eu não deveria perguntar... mas você é JJ Watt?

Nós todos engasgamos com nossas cervejas, tentando esconder nossas

risadas. Exceto Rye, que cora novamente. Seu sorriso é largo. — Não diga a ninguém que estou saindo com a One Direction aqui, ok? Pode mexer com a minha imagem.

— Ok. — Ela franze a testa um pouco quando eu mostro o dedo do meio para o Rye, e Whip chuta sua canela sob a mesa, fazendo as garrafas chacoalharem.

— Jesus, — diz Rye quando ela sai. — Um ano fora da imprensa e eu sou usurpado por um linebacker.

— Você parece com ele, — diz Whip, olhando para Rye. — Apenas mais baixo. Porém você pode ter bastante ação das sobras dele.

— Minha ação foi e sempre será primordial e toda minha, vai se foder. — Rye volta sua atenção para mim. — Então, e sua paixão de verão?

— Fale sobre evasão. — Eu tomo um longo gole da minha cerveja antes de dar-lhe um olhar que não diz nada. — Sim, havia uma vizinha. Não, ela não foi uma paixão de verão. — Libby é muito mais que isso. — Nós saímos. Ela é legal. Seu pai era um guitarrista de estúdio. George Bell.

— Não brinca! — Rye se inclina, interessado.

— Você o conhece? — Whip pergunta.

— Eu não o conhecia pessoalmente, — diz Rye. — Mas eu ouvi falar dele, claro.

Não é uma surpresa que Rye saiba sobre o pai da Libby. Sempre que saíamos em turnê, Rye ficava com o nariz em algum livro de história da música. Não há um instrumento que ele não possa tocar ou um musical que ele não possa citar. E nós tentamos enganá-lo. Muitas vezes. Nós sempre falhamos.

— Vocês não conhecem? — Ele pergunta quando não esboçamos nenhuma expressão.

— Nem um pouco, — diz Jax.

— Ele era um guitarrista fera. Poderia ter sido uma estrela por conta própria. Mas eu acho que ele não queria isso. Sentou em sessões para um monte de grandes bandas no final dos anos oitenta e noventa.

— Isso é o que a Libby disse. Ele a ensinou a tocar. — Eu olho em volta para seus sorrisos. — Jesus, vocês podem parar de pensar com seus paus. Ela na verdade me ajudou a criar músicas.

— É mesmo? — Jax diz.

Eu não aprecio o olhar dele, como se Libby já fosse entretenimento barato. Eu poderia ter contado a eles sobre meu relacionamento com ela, mas agora não vou contar mais. Em vez disso, eu me inclino de volta no assento e dou de ombros. — Ela canta e toca violão. E, francamente, ela é fenomenal pra caralho. — Faço uma pausa, considerando, mas foda-se, esses são os meus melhores amigos. Não posso esconder tudo. — Eu pedi a ela para vir tocar conosco.

— Que porra? — Jax olha para mim como se tivesse brotado um pau na minha testa.

— Não se preocupe, ela disse não. — Ainda é inteligente. Porque eu sei que ela nasceu para estar aqui. Da mesma maneira que eu.

— Que tal nos perguntar primeiro? — Jax diz com outro olhar de desgosto. — Kill John não precisa de outro membro.

— Seria para tocar três músicas conosco como convidada. Porra, Jack White faz isso o tempo todo e é brilhante.

— Você não é o Jack White.

— Eu diria que sou melhor, mas de onde estou sentado agora, admiro a disposição de Jack de se expandir e testar seus limites. Nós não fazemos isso.

Rye ri sombriamente. — Ele está certo, cara. Precisamos de novo material.

Jax ainda está me olhando como se eu tivesse mijado em sua comida.

Eu sacudo minha cabeça. — Se você quer saber a verdade, eu não tinha interesse em voltar até ouvi-la tocando. Ela foi inspiradora.

Todos olham para mim por um longo momento, então lentamente Whip acena. — Aconteceu comigo na Islândia. Estava vagando, não estava afim de nada. Então eu fui para essa balada. Tinha um DJ, um mestre de mixagens. Seus sons eram quentes, nada que eu tenha ouvido antes. Eu fiquei lá a semana toda e comecei a trabalhar em algumas batidas com ele.

Jax franze a testa, mas não diz nada.

— Whip me ligou, — Rye começa — Eu voei para conhecê-lo e começamos a compor.

— Deixa eu ver se entendi, — diz Jax lentamente, sua careta crescendo. — Nenhum de vocês queria alguma coisa a ver com música no ano passado?

O peso se instala sobre a mesa. Eu me inclino, descansando meus antebraços no vidro frio. — Podemos muito bem limpar o ar agora. Sim, Jax, estávamos fodidos. — Gesticulo em direção a Whip e Rye com meu queixo. — O que você fez nos desestabilizou. Eu não estou dizendo isso para fazer você se sentir culpado…

— Ah, que bom, isso é um conforto. — Ele bufa e toma um gole da sua bebida.

— Que pena, porra, — eu digo. — É o que é. E se foi preciso se esconder e viajar pelo mundo para encontrar o caminho de volta, se todos nós encontramos sons e inspirações diferentes, bem, isso é uma fodida bênção e não algo para reclamar.

Jax me encara enquanto Whip e Rye ficam quietos, mas tensos. Nós todos nos encaramos por um longo minuto, a balada pulsando e tremendo ao nosso redor.

Então Jax suspira e passa a mão no rosto. — Você está certo. Eu sei que você está certo. — Sua cabeça bate na parte de trás da cabine com um baque e ele olha para o teto. — Eu não tive algum tipo de epifania musical. — Seus olhos verdes cortam para nós. — Mas eu quero tocar. Eu preciso.

Sua urgência é palpável. Me assusta que ele queira continuar pelos motivos errados. Mas eu não sou seu pai. Eu só posso apoiá-lo e fazer o que é melhor para a banda. — É por isso que estamos aqui, — eu digo.

Com a ponta do polegar, Jax mexe no rótulo encharcado em sua garrafa de cerveja. — Isso significa muito. — Ele olha para cima, nos encarando. — Estou falando sério. Eu sei que eu tenho sido um idiota. Mas... Obrigado por voltarem.

A coisa é, Jax nunca foi um idiota antes. Ele era o feliz, o cara que nos motivava. Eu sei que Whip e Rye estão pensando nisso também. A mesa fica em silêncio de novo, e me pergunto como voltaremos a esse lugar tão fácil em que vivemos por tanto tempo, se é possível.

— Ah, vamos lá, — Whip deixa escapar em um lamento melancólico, mais adequado para uma criança de sete anos. — Nós fizemos o pesado. Podemos superar isso logo e beber nossas fodidas cervejas?

Jax ri disso. — Sim, cara. Nós podemos fazer isso.

Rye levanta a mão para chamar o atendente que está em silêncio no canto da sala. Ele sussurra algo no ouvido do homem, enquanto o resto de nós bebe "nossas fodidas cervejas" e olha para a ação acontecendo na sala principal.

Não passa um minuto antes que a porta se abra e um grupo de mulheres entre.

Porra.

— Achei que gostaríamos de alguma companhia, — diz Rye. Gênio musical, Rye pode ser, mas ele também é um cão total quando se trata de sexo. — Você sabe, antes de todos a confraternização ocorrer.

As mulheres são lindas, bem vestidas e muito interessadas. Alguns meses atrás, eu teria ficado em cima disso. Agora estou aborrecido por não poder ficar com meus melhores amigos por mais de dez minutos sem ser interrompido. Eu nem penso no meu pau. Ele já tem dona.

O que eu não esperava é que Whip e Jax estivessem pouco entusiasmados também. Whip parece aflito, seu olhar correndo para a pista de dança e depois para as mãos em punho na mesa. Jax está simplesmente sem expressão. Mas quando ele percebe que estou olhando, o seu rosto muda e ele se encosta no assento, abrindo as coxas para abrir espaço para a garota que ele agarra pela cintura e puxa para seu colo.

— Senhoras, — diz ele.

As meninas riem.

O som rasteja pela minha pele. Quando o resto das mulheres ficam sobre a mesa, empurrando-se para a cabine, levanto a mão. — Espera, — eu digo para uma morena muito bonita em seda quase transparente. — Eu tenho que mijar.

Elegante. Tem o efeito que eu queria. Seu nariz se enruga e ela sai do meu caminho. Mas sua expressão rapidamente suaviza. — Volta logo. Eu não acredito que vou festejar com Killian James.

Ela não vai. Mas eu não a corrijo.

Eu deslizo para fora da cabine e me dirijo para a saída.

— Espera. — Whip está ao meu lado. — Quer ir até o bar de verdade?

Eu quero perguntar por que ele de repente não está interessado, porque ele é um jogador maior que Rye. Mas então eu me deixaria aberto para a mesma pergunta. Então eu apenas aceno.

O bar está lotado, as pessoas esbarrando em nós. Mas também há anonimato aqui. Contanto que não façamos contato visual com ninguém, ficaremos sozinhos por enquanto.

— Eu me acostumei a não ser reconhecido, — digo a ele enquanto bebemos nossas cervejas.

— Eu também. — Ele olha para o palco vazio. — Gostei um pouco.

— Mas você quer voltar para isso.

— Eu devo ser faminto por adoração. — Seus olhos encontram os meus. — E você?

Eu penso nisso por um segundo. Eu senti falta da adoração também? Há uma tensão estranha na minha coluna, ao longo dos meus braços. Eu olho para o palco e meu coração bate mais rápido. — Tenho saudades disso.

Eu não acrescento que tenho medo também. Seria tão fácil deixar a necessidade disso assumir.

— Sim. — Ele toma sua bebida. — Quanto ao resto? Eu me sinto velho agora.

Eu tenho que rir disso. — Velho e chato.

— Talvez. — Ele balança a cabeça. — Eu quero algo real. Voltar para o lugar em que estávamos quando escrevemos "Apathy".

Um lugar de verdades. Eu tive isso com a Libby. Eu senti quando cantamos. Eu quero aquilo de volta. Eu quero com ela ao meu lado. Isso faz de mim egoísta? Eu não sei. Mas arrependimento pesa nos meus ombros. Eu recuei, dei espaço para ela. E parece um erro.

Eu cometi erros suficientes na minha vida. Eu coloco minha garrafa no balcão do bar, meu estômago azedo. — Eu quero que você ouça as músicas que eu escrevi, — digo a Whip. — Eu acho que elas combinam com o que você e Rye estão trabalhando.

Whip sorri lentamente. — Nós vamos fazer isso? Kill John foi reiniciado?

Antecipação me lambe como uma boa brisa. Não há mais arrependimentos. Só vamos seguir em frente. — Sim cara. Nós vamos fazer isso.

LIBBY

ESTOU TENDO uma festa de piedade, deitada no sofá e olhando para o teto quando alguém bate na porta. Isso envia meu coração instantaneamente à boca e eu não tenho vergonha de admitir que preciso que seja Killian.

Mesmo assim, sento lá por um longo momento, tentando parar de tremer.

Outra batida me levanta. Minhas pernas tremem enquanto vou para a varanda. Lá fora, um carro da cidade fica na entrada. Minha boca seca, minhas palmas estão úmidas. Elas deslizam na maçaneta enquanto eu abro a porta.

Decepção faz meu coração saltar de paraquedas para o meu estômago.

— Que diabos vocês dois estão fazendo aqui?

Scottie me dá um olhar seco enquanto fala com Brenna. — Eu pensei que Killian tivesse dito que ela era tímida.

Tímida? É assim que Killian me vê? Conhecendo-o, ele provavelmente me chamou de eremita, o que não é exatamente errado. Eu costumava gostar disso, mas agora percebo o quão estúpido era, se escondendo da vida.

— Tímida não significa muda, — eu estalo. — Ou surda. Tente me abordar em vez da sua assistente.

— Eu a amo mais cada vez que a vejo, — diz Brenna com um sorriso brilhante. — Ela é como uma pequena Kate Hudson. Apenas não tão loira. Ou alegre, graças a Deus.

— Vocês dois não têm um concurso de a Capella que deveriam comentar?

A boca perfeita de Scottie se torce. — À Capella? Sobre o que você está falando?

Brenna bufa. — Ela é fofa. Não, — ela diz para mim em uma voz exagerada. — Nós mudamos para os atos solo, garota. — Ela bate o quadril no meu

enquanto entra na minha casa. Ela faz isso tão facilmente, eu nem sequer penso em impedi-la.

Felizmente Scottie tem educação e inclina a cabeça. — Você realmente não quer deixá-la solta em sua casa sozinha, Sra. Bell. Posso entrar?

— Se você pode controlar a Coisa Um, então pode muito bem entrar.

Brenna já serviu três copos de chá gelado e está vasculhando a cozinha atrás de Deus sabe o quê.

— Onde estão seus cookies? — Ela murmura, abrindo um armário. — Cozinhas assim sempre têm biscoitos. Eu vi na TV.

— Eu tenho bolacha, iogurte e facas muito afiadas. — Eu a afasto.

— Não tem cookies? — Ela coloca uma mão em seu peito. — Eu tenho esperado o dia todo por alguns.

— Desculpe desapontar. — Eu mal tenho comida na casa. Eu não sinto vontade de comer - estou chocada também.

Mas porque meu gene da hospitalidade entra em ação, coloco as bebidas em uma bandeja e as levo para a minha sala de estar. Scottie e Brenna seguem. Por um minuto, nos sentamos tomando chá gelado em um silêncio pesado. Bem, Brenna e eu tomamos. Scottie não toca no seu copo, apenas olha com desconfiança. Estou tentada a dizer a ele que não está envenenado. Então, novamente, parte de mim gosta da ideia dele temendo que esteja.

Coloco meu copo na mesa e fico mais confortável na minha cadeira. — Tudo bem então. Por que vocês estão aqui? — Por que o Killian não está aqui se eles estão? Sinto tanto a falta dele que dói respirar e a presença deles só piora.

A expressão de Scottie começa a azedar como se ele estivesse sufocando algo particularmente desagradável. Ele não pode culpar meu chá, pelo menos. Brenna, por outro lado, tenta não rir.

Scottie a lança um olhar feio antes de se inclinar para frente. — Killian tem uma mensagem para você.

— Uma mensagem? — Meu coração começa a bater em alta velocidade, mas minha mente para. — O que diabos é isso? A quinta série? Por que ele não pode simplesmente me ligar?

O canto dos olhos de Scottie começam a tremer e Brenna tosse alto em sua mão. As lágrimas estão se formando sob seus óculos cat eye.

— Sim, — Scottie diz, rangendo os dentes. — Essa teria sido a escolha lógica. — O tremor em seus olhos fica pior. — No entanto, estamos aqui para entregá-la…

— É um telegrama cantado? Porque isso pode valer a pena.

Brenna perde a luta e começa a rir, seu corpo magro se dobrando.

— Vá procurar por cookies, — Scottie rosna para ela, embora ele não tenha perdido a calma de verdade. Ele está contido como sempre - bem, além da coisa do tique nos olhos.

Ainda rindo, Brenna cambaleia até a cozinha e Scottie volta seu foco para mim. — Há dias em que eu realmente odeio o meu trabalho. — Ele puxa um pedaço de papel dobrado do bolso interno do peito e entrega para mim. — Não pergunte. Apenas leia o maldito bilhete.

Tá bom então.

Eu odeio que meus dedos estejam tremendo quando eu pego dele e abro o

papel liso e cor de creme. A caligrafia de Killian é inclinada e confusa. E meu coração aperta instantaneamente. Porra, sinto saudades dele.

Libs,

Você encheu o saco do Scottie por causa disso, não é?

Eu paro, e uma parte de mim coça para olhar para cima para ver se Killian está se escondendo em algum lugar da sala. É bobo, mas Jesus, às vezes o homem me assusta. Eu deixo de lado o pensamento e continuo lendo.

Você não sabe o quanto me mata não poder ver o Scottie engasgando com seu desdém.

Eu luto contra um sorriso. Ele teria adorado a parte do telegrama cantado.

Você não sabe o quanto me mata não te ver, Liberty Bell.

A nota termina aí e eu bufo, nada divertido.

— Se ele quer me ver, — eu não posso deixar de reclamar com um Scottie silencioso, — então por que diabos ele não está aqui? E o que diabos é isso…

Com um longo suspiro, ele segura outro bilhete. Eu arranco ele de sua mão.

Eu não posso estar aí. Eu me comprometi a ensaiar e fui ameaçado com danos corporais se eu tentar fugir. Tenha um pouco de pena e leia os malditos bilhetes, ok?

Lábios se contorcendo, olho para Scottie. — Me dê o próximo.

Resmungando baixinho, Scottie puxa um papel maior tri-dobrado.

Eu não posso estar aí, Libby. Mas você pode estar aqui. Você sabe que pode. Venha para mim, Libby. Pegue um avião e fique comigo. Eu sinto tanto sua falta, eu não posso nem te ligar. Porque ouvir a sua voz, ouvir você dizer não, que você não vai se juntar a mim, iria me destruir por dentro.

Então, como um covarde, mandei Scottie e Brenna. (Além disso, o carma é uma vadia e Scottie estava merecendo. Ele está morrendo agora, não está? Vá em frente, ria. Isso vai piorar para ele.)

Eu rio, porque eu posso ouvir a voz do Killian na minha cabeça, bajulando e provocando. Ele me quer. Uma respiração trêmula me escapa, e eu pisco para clarear minha visão.

Essas músicas que eu escrevi com você, são nossas músicas, não minhas. Eu escrevi por causa de você. Eu não vou cantá-las com mais ninguém além de você.

Venha em turnê comigo. Conheça o animal em primeira mão. Ele vai ronronar para você, Libs, eu prometo.

Diga sim, Liberty. Diga! Vamos, apenas uma pequena palavra. Abra esses belos lábios e diga. S-I-M.

OK. Eu não vou mais escrever. Exceto por uma última coisa.

A carta termina, mas Scottie já está segurando outro bilhete, desta vez um amarelo brilhante e detestável. Tenho que morder meu lábio com sua expressão de dor e o pego em silêncio.

O rabisco de Killian é profundo e grosso nesse.

Se você não colocar sua bunda doce em um avião, eu vou mandar Scottie e Brenna para sua casa a cada duas semanas até você ou eles desistirem. Eu vou fazer isso, boneca. Não ache que não vou.

Seu,

K.

— Ele é perturbado, — murmuro, dobrando amorosamente o papel e brincando com as bordas.

— Foi você que disse, — Scottie solta. Seu olhar preso em mim. — E então?

Uma pilha de papéis está espalhada no meu colo. Eu descanso minha palma na superfície fria deles e suspiro. — Vou ligar para ele.

Da cozinha, ouço um longo gemido.

— Maldito inferno, — Brenna grita. — Se eu tiver que continuar voltando aqui, é melhor você começar a fazer cookies!

CAPITULO TREZE

KILLIAN

— EU SINTO FALTA de foder. — Com esse pequeno fato, Whip joga uma baqueta no ar, a observa girar e a pega novamente.

— Não estou interessado em ajudar você, — eu digo, descansando contra o sofá enquanto eu abaixo uma garrafa de água gelada. Eu não digo a ele que sinto falta também.

Acabamos de terminar uma sessão intensa, tocando por algumas horas. Foi bom. Muito bom. O suor escorre pela minha pele, meu sangue está zumbindo e estou nervoso. Se Libby estivesse aqui... Mas ela não está. Scottie deve estar na Libby agora. Eu me movo no meu lugar, ácido subindo no meu estômago.

— Se você sente tanta falta, — diz Rye, sentado em uma caixa de som, — saia e foda alguém e nos poupe de sua choradeira.

Whip lhe mostra o dedo do meio enquanto ainda joga sua baqueta. — Não posso. Estou traumatizado.

Com isso, todos nós sentamos mais retos.

— Puta merda, — Rye diz devagar. — Senhor Fode-Pra-Caralho ficou mole? Diga que não é verdade.

Whip encolhe os ombros, concentrando-se em sua baqueta. — Encontrei uma gatinha áspera. Coloca as coisas em perspectiva.

Rye e eu estremecemos em solidariedade.

— Que porra é uma gatinha áspera? — Jax pergunta. Ele raramente fala agora, mas suas sobrancelhas se elevam em interesse.

Eu me pergunto se é por isso que Whip trouxe isso à tona, porque ele não é muito de falar sobre coisas pessoais. E então eu instantaneamente me ressinto do pensamento. Estamos tentando voltar àquele lugar onde não estamos preocupados com Jax e sua bunda mal-humorada - tão diferente da maneira como ele costumava ser - mas não é fácil. Isso fica entre nós como uma pedra.

Eu tenho que imaginar que é tão ruim para o Jax também.

Whip se vira em seu assento, pegando a baqueta que cai diretamente em sua mão. — Como você pode não saber sobre isso? Me recuso a acreditar que você, o Sr. Jax-em-qualquer-buraco, não encontrou uma assim.

O lábio de Jax se enrola, mas seus olhos estão rindo. — Talvez porque eu não use linguagem juvenil, então eu não conheço o termo?

Nós todos bufamos com isso.

— Você está brincando? — Eu dou risada. — Você é o babaca que fez todo mundo me chamar de Cavalo por um ano.

— Cavalo! — Rye e Whip gritam alegremente.

Jax quase sorri. — Foi um elogio, cuzão.

Eu levanto uma sobrancelha.

Jax me entende bem. — Sim, ok, bom ponto. Mas ainda não sei o que é uma gatinha áspera.

Rye estremece e a boca de Whip franze. — Cara, é bem autoexplicativo. Eu

desci para me deliciar com o que parecia ser uma gatinha bem doce e era toda…

Nós gememos, o interrompendo.

Jax sacode a cabeça. — Merda, isso é errado. Eu não posso acreditar que eu esqueci isso.

— É como se ele tivesse virado virgem de novo. — Rye dá risada.

— Foi tão desagradável, — continua Whip. — Percebi que eu não sabia o nome dessa garota ou onde diabos sua buceta tinha passado antes. Eu dei o fora de lá. Foi o suficiente.

— Só porque você encontrou uma áspera não significa que você tem que ficar em espera. — Rye abana as sobrancelhas.

— Suas rimas me dão azia, cara, — diz Whip.

— Bem, você está me deprimindo pra caralho, — diz Rye enquanto ele se levanta e estica seus braços para cima. — Vamos dar o fora daqui e ir para um clube. Encontrar algumas gatinhas premium e bem conservadas.

Quando nenhum de nós diz nada, ele solta um ruído de desgosto. — Qual é. Eu juro, se todos vocês começarem a agir como velhos, eu vou me ma… — Ele para de falar, ficando pálido.

Ninguém olha para Jax, mas ele ri sem graça. — Conselho: fique longe da morte por overdose. Não é tão divertido quanto parece, cara.

Silêncio pesado cai sobre a sala, e Jax ergue a cabeça para nos olhar. Sua expressão se contorce com um sorriso. — Cedo demais?

Sempre será cedo demais para mim. Mas sou salvo de responder quando meu celular toca.

A música familiar do “Hotel Yorba” toca e eu não tenho vergonha de admitir que meu coração para. Libby. Eu levanto do sofá, caminhando em direção à porta enquanto pego meu celular. — Tenho que atender isso. — Eu poderia muito bem-estar correndo nesse momento.

Porra. Se ela está ligando para dizer não, eu vou dar um soco na parede. Eu vou para a cabine de som acolchoada para que ninguém possa me ouvir.

— Libby, — eu respondo. Eu soo sem fôlego? Merda, essa garota me faz agir como um pré-adolescente, e eu nem me importo.

— Você tem algumas habilidades de comunicação interessantes, — diz ela por meio de saudação.

Eu sorrio. Enviar Scottie e Brenna para lhe dar uns bilhetes pode ser interpretado como juvenil e um pouco piegas, mas há um motivo para minha loucura. Eu sabia que iria irritá-la ou pegá-la desprevenida antes que ela pudesse recuar para trás de seus muros. Eu estou esperando que seja o último. — Eu prefiro conversar cara a cara.

Ela bufa, mas não parece com raiva. — Eu percebi isso.

— Não faça suspense, Elly May. Estou morrendo aqui.

— E você acha que me chamar de Elly May vai ajudar a sua causa?

— Liberty Bell, — eu aviso. Inferno, estou suando. Eu me inclino contra a parede. — Termine com isso logo, mulher má.

Um suspiro, e então sua voz fica suave e pequena. — Também sinto sua falta. Muito.

— Você está me matando, amor. — Meus olhos se fecham. — Você quer saber? Eu menti. Se você não vier até mim, eu vou até você. E eu não vou sair de

mãos vazias.

— Você me forçaria a voltar com você? — Ela pergunta com uma risada rouca.

— Sim. Posso até te colocar no meu colo e dar umas palmadas antes de sairmos.

Não vou mentir, meu pau fica duro com o pensamento. Ele se contorce quando ela ri novamente.

— Você gosta de viver perigosamente.

— Você ficaria bem satisfeita. — Eu sorrio, mas é fraco. — Me diga, Libby. Me diga que você está vindo.

Ela suspira. — Você quer que eu vá visitar ou tocar com você?

Eu a quero como minha parceira em todas as coisas. Eu sei disso agora. Mas um problema de cada vez.

— Amor, eu deixei bem claro o que eu quero. Pare de se esconder nessa casa.

— Killian, você entende que a ideia de subir ao palco e se apresentar para uma plateia do tamanho que a Kill John junta me faz querer vomitar? Tipo, estou de olho no banheiro enquanto falamos.

Eu quero abraçá-la tanto agora. Eu cerro meu punho contra a minha coxa. — Você realmente odeia a ideia? Entre você e eu, sem pensar em mais nada, o que seu coração diz?

O silêncio segue, destacando o som de sua respiração. — Eu estou com medo… — Sua voz é gritante. — …de me perder.

— Eu não vou deixar. — Ela me tem agora. Mesmo que não perceba isso completamente. Eu sempre estarei lá para ela. Eu só tenho que mostrar isso.

Ela fala de novo, quase um sussurro. — Eu estou com medo de parecer ridícula lá em cima.

Eu solto um suspiro. — Ah, boneca. Se você pudesse se ver do jeito que eu vejo você. Sua voz, a paixão na maneira como você toca - isso me trouxe de volta à música. Você pertence lá. Você disse que queria voar. Então voe comigo.

— Por que isso é tão importante para você? — Ela diz. — Por que você está pressionando tanto? — Eu praticamente posso ouvir seu cérebro zumbindo. — O que você não está me dizendo?

Eu suspiro e aperto a ponte do meu nariz. Se eu quero a confiança dela, tenho que ir com tudo agora. — A primeira vez que eu disse aos meus pais que queria um violão, eles enviaram uma assistente para me comprar um Telecaster de seis mil dólares.

Ela fica em silêncio por um tempo. — Isso deveria ser ruim?

Eu bufo em diversão cansada. — Eles me deram contrataram o melhor professor de Nova York para me dar aula. Porque, cito, "Killian finalmente encontrou um pequeno hobby."

Eu continuo falando, expondo mais. — Quando eu disse a eles que queria formar uma banda, ser uma estrela do rock, eles me perguntaram se eu precisava que eles reservassem uma sala de concertos para mim. Eles conheciam algumas pessoas.

— Eu... ah... eu não entendo. Eles soam mais apoiadores do que a maioria dos pais. Talvez um pouco paternalista, mas eles claramente se importaram.

— Libs, foi verdade quando disse que tive uma boa infância, eu tinha o

melhor de tudo. Mas eu também era algo parecido com um animal de estimação. O interesse em quem eu era ou o que fazia com a minha vida não estava lá. Eles não sentiam minha falta ou precisavam de mim. E isso não é um discurso do tipo pobre-garoto-rico. Apenas a verdade. Até hoje, eles não ouviram uma única música ou foram para pelo menos um dos meus shows. O que está tudo bem.

Mas não está.

Ela claramente percebe isso. — Então você quer me consertar por causa de quê? Angústia da infância?

Algo em mim explode. — Estou tentando mostrar a você o quanto me importo, que seus sonhos significam algo para mim! Eles não são coisas que devem ser varridos para debaixo do tapete. Eles importam pra caralho, Libby. Você é importante. — Paro lá, meu corpo tenso. Eu falei demais, expus meu ponto fraco. Não é uma sensação confortável.

Ela respira fundo, o som estalando pelo telefone. — Você também é importante.

Meus olhos se fecham. Talvez um pouco da minha motivação seja egoísta, porque sinto tanta falta dela agora que dói. Eu quero tanto essa garota. Ela não tem ideia do quanto.

— Eu sempre tive os caras, a banda. Empurramos um ao outro quando alguém duvidava de si mesmo. Nós éramos uma equipe. Eu não estaria onde estou sem eles. Eu quero ser assim para você, Libby. Você é muito talentosa para não, pelo menos, tentar.

Eu juro, parece que horas se passam antes de eu ouvir sua resposta. Sua risada é cansada e breve. — Deus. Eu vou fazer isso?

— Sim.

— Isso foi retórico.

— Eu estou apenas movendo o processo, querida.

Ela faz uma pausa por um segundo antes de falar. — Eu tenho algumas condições.

— Fala. — Meu coração bate forte, adrenalina me fazendo andar.

— Eu não quero que saibam sobre nós.

— Ok... Espera, o que? — Eu paro, segurando o celular com muita força. Nos esconder? — Que diabos? Não. Por quê? — Estou gaguejando agora. — Isso é toda aquela coisa da Yoko de novo?

— Não é uma "coisa" — diz ela, irritada. — É uma preocupação legítima - ainda mais se eu vou estar no palco com você.

— Porque seu talento vai desaparecer de repente se as pessoas souberem que meu pau entrou em você?

— Não seja vulgar.

Ah, estou sendo vulgar. Eu descanso o punho contra a parede. Apenas para descansar. Por enquanto.

Sua voz suaviza. — Por favor, coloque-se no meu lugar. Eu sou uma desconhecida que você quer colocar no palco com a maior banda do mundo. Ninguém faz isso, a menos que eles estejam ganhando um pouco.

— O que eu estou, — eu digo, estupidamente.

— Você está tentando me irritar? — Ela diz.

Eu suspiro e bato minha testa contra a parede. — Não. Eu não quis dizer isso.

Continue.

— Você está certo. As pessoas provavelmente vão pensar em algo assim independentemente. Mas você vai e diz à sua banda que quer sua garota no palco com você? Eles só vão pensar em uma coisa: que eu fodi meu caminho até lá.

Fazendo uma careta, cerro os dentes, tentando pensar em uma réplica.

Eu ouço sua voz falhar. — Eu tenho o meu orgulho, Killian. Não tire isso de mim.

— Boneca.

— Deixa eu provar o meu valor antes que eles decidam quem ou o que eu sou.

Eu fico em silêncio por um longo minuto. — Porra, — eu rosno, me empurrando a parede. Eu suspiro e a luta sai de mim. — Tudo bem. Você está certa. Eu sei que você está certa. Mas eles vão saber no segundo em que nos virem juntos, Libs. Eu não sou bom em esconder como me sinto.

— Você contou a eles sobre nós?

Eu olho através do vidro. Uma parte da sala seguinte é visível e, com ela, o perfil de Jax. Ele parece relaxado. Solene, mas ok.

— Brenna e Scottie sabem, obviamente. Mas eles não dirão nada. Os caras não, no entanto. Não tão detalhadamente. — Eu não queria compartilhar, como se contasse a eles sobre isso, eu perderia algo particular, algo real. — Só que você me ajudou com a minha música e que você é talentosa. Eles sabem que eu enviei Scottie para te convencer a vir aqui.

— E eles não se importam?

Meus dentes afundam no meu lábio inferior. Falar a verdade? Ou mentir? Mas não é realmente uma pergunta. — Eles pensaram que eu estava louco no começo. Então mostrei as músicas e toquei a gravação que fizemos de "Artful Girl".

Eu usei meu celular para isso, e a qualidade do som era uma merda, mas o talento de Libby brilhou mesmo assim. Foi mais do que suficiente para quase todo mundo. Jax está sendo um pé na bunda. Mas eu esperava isso já.

Eu esfrego minha nuca tensa. — Eles querem conhecer você.

Parece que uma eternidade passa antes de ela falar. — Ok, eu vou. Eu não estou prometendo que vou ficar até o fim. Mas eu tentarei.

Todo músculo tenso que tenho parece liberar de uma só vez, e eu me inclino no console. Eu engulo em seco antes de responder. — Eu não vou dizer nada sobre nós. Mas assim que estivermos sozinhos, todas as condições serão canceladas. Vai ser o meu tempo com você, Libby. E pretendo usá-lo bem.

Eu juro que posso senti-la corar pelo celular. Mas então sua voz rouca sai forte. — Que bom. Fui obrigada a usar minha imaginação nesses últimos dias, então é melhor você ser criativo.

Essa garota.

Meu pau está grosso e exigente no meu jeans agora. Passo a mão na cabeça para aliviar a dor, a única coisa que posso fazer. — Vem logo.

LIBBY

MINHAS PERNAS parecem emborrachadas quando termino minha ligação com Killian. Eu vou fazer isso. Eu estou indo em turnê com Kill John. Eu quero vomitar. Eu quero ver Killian tanto que meus dentes doem. Mas se apresentar no palco? Essa é outra conversa.

Eu prefiro focar em suas últimas palavras e na necessidade aquecida em sua voz. Ele estava sofrendo, da mesma maneira que estou agora. Eu não sabia que era possível me sentir vazia entre as minhas pernas, para realmente querer um pau lá dentro, tanto que dói. Não, não apenas qualquer pau. O do Killian. Tem que ser dele agora. Maldito homem, mas ele me afeta.

Mas eu tenho convidados em minha casa e eu não vou voltar para a sala com mamilos duros e com a pele corada. Então eu respiro fundo e penso na vez que eu peguei minha vovó assistindo pornografia. Suficientemente horrorizada, volto para a sala de estar.

— Você parece verde, — observa Brenna. — Me diga que é porque você está indo para Nova York.

Perto o suficiente. Eu concordo com a cabeça.

Scottie fica... menos tenso. — Muito bom. — Ele me olha diretamente nos olhos. Me impressiona como esse cara é atraente. Nem mesmo sexualmente, embora ele também seja, mas apenas a força de sua aparência é suficiente para me deixar sem palavras. Seu forte sotaque britânico também não faz mal. — Você tomou a decisão certa, Senhorita Bell.

— Isso é baseado em você não ter que me passar mais bilhetes na sala, Senhor Scott?

Seus olhos se estreitam. — Precisamente.

Enquanto Brenna ri, ele se levanta e arruma as mangas do terno. — Eu tenho algumas ligações para fazer.

No segundo que Scottie sai da sala, eu relaxo. Eu não estou orgulhosa disso. Mas, caramba.

— É ridículo, não é? — Brenna diz em um sussurro que percorre toda a casa. — Quão incrivelmente lindo Scottie é?

Ela é muito boa em ler as pessoas ou fica tão aturdida na presença do homem quanto eu. Eu estou supondo um pouco de ambos pela forma como ela parece se livrar de um transe.

— Você e ele…

— Deus, não, — diz ela, bufando.

— Lisonjeiro. — O tom seco de Scottie nos pega em flagrante enquanto ele caminha de volta para a sala. Ele realmente é um homem bonito, chega a ser injusto. Todo brilhante e esculpido. Não é meu tipo, mas uma garota pode admirar.

— Obviamente você me ouviu dizer que você é gostoso, — diz Brenna. — Você não precisa alguém para alimentar mais o seu ego.

Scottie se senta na poltrona de chita rosa da minha avó. Rodeado por flores, ele se senta tão elegantemente, como se fosse um trono. — Aparência é uma

coisa. Você insinuou que meu caráter está com defeito, o que é muito pior.

— Oh, pare de pescar por elogios. — Brenna se vira para mim. — Ele passa no primeiro teste, mas falha no segundo. E não tem nada a ver com personalidade, mas com química básica. Nós não temos nenhuma…

— Quais são os testes? — Não posso deixar de perguntar.

— Sim, — Scottie diz. — Nos ilumine, querida. — Ele olha para mim. — Ela está certa, no entanto. Não há química sexual para começar.

Brenna toma um gole de limonada. — Se você quer admitir ou não, cada pessoa que você conhece, você avalia por duas coisas básicas: gostosura e foda. — Ela balança a cabeça e continua. — Teste um: gostosura. Quão gostosa você acha uma pessoa? Obviamente, a sensualidade de Scottie vale uma nota onze. Ele sabe disso. Nós todos sabemos disso. Teste dois: foda. Dadas as circunstâncias, você gostaria de transar com ele?

— Isso é verdade, — eu admito, levantando a mão. — Sim e não. — Porque eu sei que ela vai perguntar se Scottie passa nesses testes para mim. Claro que ele é gostoso. E embora ele aja como um velhote esnobe, ele não pode ter mais de trinta anos. Mas não importa o quão bonito ele seja, há apenas Killian para mim agora.

Ela faz beicinho, depois vai e olha para Scottie, seu olhar vagando por ele. Ele fica parado, divertimento em seus olhos. Ela olha de volta para mim. — Não. Ainda não há faísca. Eu poderia olhar para ele o dia todo, mas isso é tudo.

Eu aceno com a cabeça. Brenna e eu estamos em total concordância.

— Se vocês, senhoras, já terminaram de dissecar minha atração física, — diz Scottie, — eu gostaria de ir. Senhorita Bell, reservei um voo para Nova York com a Senhorita James. Ele sai em três horas, o que significa que você terá que arrumar as malas agora.

— Você não vem?

— Não. — Ele ajusta suas mangas já perfeitas novamente. — Eu tenho outros negócios para resolver primeiro. Eu irei mais tarde.

Brenna faz um barulho que pode significar qualquer coisa, dada a sua expressão perfeitamente composta, mas nenhum deles fala sobre isso. Ela se levanta e se dirige para o meu quarto. — Vamos, vamos fazer as malas.

De jeito nenhum eu estou deixando a Pequena Senhorita Escavadora fazer as malas para mim. Eu corro atrás dela, excitação e ansiedade percorrendo minhas veias.

CAPITULO QUATORZE

LIBBY

A CIDADE DE NOVA YORK tem uma espécie de tonalidade prateada - metade na sombra constante, a outra metade brilhando sob a luz do sol que entra pelos prédios altos. Eu estico minha cabeça, olhando pela janela do carro para aqueles arranha-céus como a pequena turista que eu sou. Eu nem me importo. É um paraíso para observar as pessoas, um ritmo constante e fluxo de atividade humana. Há uma energia aqui que permeia o ar e afunda na sua pele. Eu tenho o desejo de pedir pararem o carro para que eu possa andar.

— Você quer abaixar a janela para que possa colocar a língua para fora como um cachorro? — A voz de Brenna é cheia de humor.

Eu não tiro os olhos da paisagem na minha frente. — Eu tentei isso mais cedo e você reclamou do vento quente bagunçando seu cabelo. Se lembra? — Nós tínhamos acabado de sair do túnel Holland, aparecendo no meio do Theater District e eu quase pulei de excitação.

Brenna faz um barulho de acordo. — Vamos explorar mais tarde. Na verdade, falando em cabelos desgrenhados, como você se sente em relação a uma transformação?

A pergunta me puxa da minha janela, e eu sento contra o assento de couro macio da nossa limusine contratada. — Como? Nós vamos ter um momento de Diário da Princesa, um cara leva um pote de cera para minhas sobrancelhas e um cortador de grama para o meu cabelo? — Eu rio levemente. — Eu estou tão ruim assim?

— Não, claro que não. — O olhar frio de Brenna passa por mim como se ela estivesse inspecionando uma casa abandonada precisando de reabilitação. — Mas toda garota pode se enfeitar de vez em quando. Especialmente se ela vai aparecer na imprensa.

Imprensa? Meu estômago toma uma queda incontrolável. — Você não precisa de uma transformação, — indico, ignorando as borboletas raivosas em minhas entranhas.

Ela dá de ombros, nem mesmo causando uma ruga no terno vermelho escarlate que usar. — Eu já tive a minha transformação.

— Se esse é o resultado, me inscreva.

— Sério? — Seus olhos brilham e é apenas metade malvada.

É a minha vez de dar de ombros. — Você acha que eu vou reclamar sobre algumas compras, um dia em um salão de beleza e uma massagem? Só porque eu geralmente não faço essas coisas não significa que eu não goste delas.

— Eu nunca disse nada sobre uma massagem.

— Oh, haverá massagens. Manicure e pedicure também.

— Eu gosto do jeito que você pensa, Liberty.

Nós compartilhamos um sorriso e ela está no celular fazendo planos. Quando ela termina, ela me olha novamente.

Eu me recuso a ficar incomodada com isso. — Você está olhando para mim

como se eu fosse um pedaço de argila.

— Só esperando por mim para moldar, — ela concorda com um aceno de cabeça. Ela arqueia uma sobrancelha delicadamente feita.

— Nada muito ultrajante. Eu ainda quero parecer comigo. Apenas... melhor.

Ela ri. — Eu entendo completamente. Nós vamos trazer a melhor versão de você à tona.

— E então, receber massagens.

— Essa é a verdadeira cenoura, não é?

— Sim. Eu estou em cima disso como um coelho faminto.

Mesmo que ela esteja sorrindo levemente, seu olhar fica frio e cauteloso. — Você sabe que o Killian quer pagar por isso.

— Eu imaginei. Se ele está oferecendo, eu vou aceitar.

Brenna se encosta no banco de couro, cruzando as pernas. Como ela consegue fazer isso parecer sexy e casual está além de mim. Nesse momento, eu tenho um crush por essa garota. — Sabe, — ela diz, — eu esperava que você resistisse a Killian pagando a conta. Sendo uma mulher independente e tudo mais.

— No decorrer de um mês, Killian destruiu meu gramado com sua moto, vomitou na minha camisa favorita e comeu minha comida quase diariamente. Eu não estava muito feliz com os dois primeiros, mas alimentá-lo foi o meu prazer. Eu estou supondo que este é o prazer de Killian. Recusar um presente que ele está oferecendo seria petulante. E com certeza não tenho dinheiro para o que você planejou.

— Você é um pouco estranha, você sabe disso?

— Diz a panela para a chaleira. Agora me diga, essa é a sua cor natural de cabelo ou você fez isso no salão que estamos indo?

A limusine vira na Quinta Avenida e um raio de sol entra pelas janelas. O cabelo vermelho-dourado de Brenna brilha intensamente. — Só minha estilista sabe, querida. Mas tenho algumas ideias para você.

— Sou toda ouvidos.

— Eu vou aproveitar isso, — diz ela com satisfação.

Cinco minutos depois, a limusine estaciona em frente a um salão. Nós somos levadas para uma área de espera que é isolada do salão principal. Lá, uma mulher ridiculamente linda com cabelo rosa brilhante, usando o que tem que ser um vestidinho preto perfeito, nos oferece uma bebida.

Olho em volta com os olhos arregalados enquanto saboreio meu chá - honestamente, eles devem ter uma barista na equipe. O espaço é todo branco, tão imaculado que parece brilhar.

A Garota Rosa retorna dentro de um minuto. — Me sigam, por favor.

— Eles já estão prontos para mim? — Eu dou um olhar para Brenna. — Você já tinha marcado um horário?

Brenna iguala meu passo. — Claro que sim. Eu sou uma planejadora.

— E eu, aparentemente, sou previsível.

— Dificilmente. — O elegante rabo de cavalo de Brenna balança com sua cabeça. — Além disso, se eu precisasse reagendar, eles fariam isso para mim. Até você tem que perceber o poder que o nome do Killian exerce.

— Em um salão de beleza?

Brenna sorri. — Você sabe o quão importante é o cabelo daquele homem?

Aquele corte que você fez nele quase quebrou a internet.

Eu só posso ficar boquiaberta.

— Eu sei, — ela diz, divertida. — Garotas jovens choraram pela perda dos amados cabelos dele, como se isso significasse a vinda do apocalipse.

— Eu estava com a impressão de que o cabelo dele já tinha passado da hora de cortar.

Isso chama sua atenção. — E passou. Mas ele geralmente o deixa no comprimento do queixo. Você realmente não sabia quem ele era quando o conheceu?

Eu resisto ao impulso de me contorcer sob o olhar dela. Ela pode não se parecer muito com o Killian, mas claramente as habilidades de interrogação foram deles herdadas dos mesmos ancestrais. — Ele era a última pessoa que eu esperava encontrar no meu gramado. Acho que meu cérebro nunca ligou os pontos.

Meus tênis batem contra as escadas de concreto enquanto a recepcionista nos guia para o próximo andar. Ela olha para o meu All Star, mas aparentemente sabe melhor do que fazer mais do que isso. Eu balanço minha cabeça e volto minha atenção para Brenna.

— Mas, honestamente, o único lugar que eu poderia ter visto Killian é em um álbum, e ele não está em uma única capa da Kill John. Nenhum deles está. Por que?

— No começo, foi uma declaração. Sem pretensão, apenas música. Agora é tradição. — Ela arqueia as sobrancelhas perfeitas. — É claro que isso também ajuda a aumentar o mistério. Mas isso foi minha ideia.

Eu acho que Killian não se importa com isso, mas ela parece tão orgulhosa que eu aceno com a cabeça.

Minha estilista se chama Lia, que imediatamente começa a passar os dedos pelo meu cabelo enquanto me olha no espelho. Até agora, cortes de cabelo para mim sempre foi passar as tesouras nas minhas pontas duplas. Quem sabia que alguém massageando meu couro cabeludo e simplesmente brincando com meu cabelo seria tão relaxante. Mas minha falta de estilo claramente é gritante, porque Lia e Brenna começam a discutir o plano de ataque delas.

— Vamos dar forma ao redor do seu rosto e dar um pouco de movimento ao seu cabelo, — explica Lia.

— Ela tem ótimas luzes causadas pelo sol, — acrescenta Brenna. — Mas talvez adicionar um pouco de riqueza à sua cor base?

Uma hora depois, meu cabelo está enrolado em papel alumínio, e estou presa debaixo de um aquecedor enquanto duas mulheres fazem minhas unhas. Brenna está dançando ao meu redor, quase eufórica.

— Em seguida, vamos atingir suas sobrancelhas de um tom mais escuro e dar forma a elas. E depois vamos comprar roupas. Não, almoço primeiro. Então roupas.

— Não deixe de fora a minha cenoura, — eu a lembro.

— Oh, as massagens nós guardamos para o final. Nós não queremos estragar nosso relaxamento. — Ela dá um suspiro feliz. — Eu posso até jogar um tratamento facial no meio. Sim. Isso soa celestial.

É difícil resistir ao entusiasmo dela. De muitas maneiras, ela é uma versão

feminina do Killian com seu charme fácil e método de tomar conta de tudo. De certa forma, isso ajuda. Não é da minha natureza fazer amizades ou conversar com facilidade. Com Brenna, eu simplesmente sento e deixo ela fazer o que quer.

— Ah, — ela exclama, — eu esqueci os sapatos! E... você acha que eu sou louca, não é?

Sou pega lhe dando um sorriso divertido, então só posso dar de ombros. — Eu meio que invejo o jeito que você gosta da sua excitação. Sou mais contida e às vezes preferia não ser.

As manicures saem, colocando minhas mãos sob minis secadores. Minhas unhas agora estão pintadas de um azul escuro e pálido. Depois que meu cabelo ficar pronto, Brenna e eu faremos pedicure iguais. Eu nunca fiz isso e de repente eu acho isso triste. Viver sob uma rocha era um desperdício de vida.

Brenna brinca com um grampo de cabelo. — Eu não sou sempre assim. — Ela se inclina, com os olhos arregalados por trás dos óculos retrô. — A maioria das pessoas pensam que eu sou uma vadia.

— Eu também recebo isso das pessoas. — Principalmente porque eu não tenho ideia de como falar com os outros sem querer engolir minha língua.

O nariz de Brenna enruga. — Dane-se se você é muito quieta e dane-se se você é muito confiante.

— Parece correto.

— Meus amigos são todos caras.

— Eu não tenho nenhum amigo, — eu digo.

Nós duas rimos, cada uma de nós quase tímida.

— Killian não é apenas meu primo, — diz Brenna, com a expressão bem aberta. — Ele é um dos meus amigos mais próximos. Ele é claramente louco por você. Honestamente, eu nunca o vi escrever um bilhete para uma garota antes. O fato de ele ter persuadido Scottie a entregá-los é nada menos que milagroso. Eu juro, Kills deve saber de alguma sujeira muito foda dele.

Ela está divagando, o que é meio fofo. Mas eu não vou dizer isso. Tenho certeza que ela ficaria mortificada.

De qualquer forma, ela continua falando. — O que estou tentando dizer, muito mal, é que espero que possamos ser amigas também.

Ou é um sinal de quão sozinha eu estive ou estou hormonal, porque eu quase fico chorosa e tenho que piscar algumas vezes antes de responder. — Eu adoraria ter uma boa amiga.

KILLIAN

A VERDADE? Eu não tenho que estar tocando para um público enorme para me excitar com a música. Só tem que clicar, e eu estou aceso.

Dito isso, Scottie marcou um show no Bowery Ballroom. Foi a nossa primeira vez em cima de um palco em mais um ano. Nós crescemos

acostumados a estádios, cinquenta mil fãs, pelo menos. Cantar para quinhentos?

É ouro. Meu corpo lateja com o som, suor cobrindo minha pele. Luzes queimam meus olhos, transformando a multidão em uma neblina em movimento, tingida de vermelho e azul brilhante.

Estou totalmente animado quando começamos a tocar "Apathy".

Não foi planejado. Eu não tenho certeza quem decidiu fazer isso. Em um segundo nós estávamos tocando notas aleatórias, no próximo nós somos uma unidade coesa, martelando a música que nos fez estrelas.

Eu me inclino para o microfone, cantando as letras, minha palheta da guitarra voando sobre as cordas. Nesse lugar, não há pensamento, nem medo, nada além de ritmo e fluxo. Nada além da vida.

Eu atinjo a nota alta da música. O som vibra no meu peito, na minha garganta. Meus caras estão ao meu redor, sustentando a música, a elevando a um novo nível. O Animal ruge, aplaudindo, uma massa de corpos pulsando para cima e para baixo. Eles estão conosco, nos alimentando com amor e energia.

E eu estou em casa, de volta àquele lugar onde tudo faz sentido.

Até que eu olhe para cima e a vejo na arquibancada. Liberty. Me observando no meu momento. É como se eu tivesse sido atingido por uma corrente elétrica. Eu canto para ela, toco para ela.

Os olhos de Libby seguram os meus, um sorriso permanece em seus lábios. Eu não posso deixar de sorrir de volta. Porra, ela é linda. Estou muito feliz em vê-la, preciso de todo meu autocontrole para não sair do palco e agarrá-la.

Nós terminamos a música e o Animal uiva.

Ele quer mais. Sempre mais.

Mas acabamos por agora. Curvando, jogo meu microfone na mão de um ajudante de palco e saio.

Whip dá um grito, girando as baquetas em seus dedos. — É disso que estou falando.

Os caras riem e conversam enquanto vão para o camarim. A imprensa espera, junto com executivos de gravadoras e membros do fã-clube que ganharam o sorteio para nos conhecer. Alguém me entrega uma garrafa de água e uma toalha. Eu estou operando em modo automático, meu corpo zumbindo tão forte que meus dedos tremem.

A água fria desce pela minha garganta ardente. Mas estou olhando para Libby.

Ela está em um canto com Brenna, a cerca de seis metros de mim, na borda do palco. O mesmo que estou sentindo está refletido nos olhos dela. A necessidade de contato, a consciência de que não podemos fazer nada sobre isso aqui, porque ela não deixa meus caras saberem sobre nós.

Eu me ressinto disso. Mas ela está aqui e isso substitui todo o resto.

E ninguém notou ela. As únicas pessoas que ficaram ao nosso redor são a equipe de palco. Brenna me dá uma piscada e segue os caras para os bastidores.

Meu corpo inteiro lateja, excitado e nervoso. Santo inferno, ela é linda. Eu já pensei na minha Elly May como simples? Sua pele é dourada de intermináveis dias de verão na praia. Seu cabelo, em tons de mel marrom e loiro pálido, flui ao redor de seu rosto como fitas brilhantes.

Então noto o vestido dela. E meu cérebro para. Me foda de lado. Meu pau, que já estava subindo para sua posição feliz, empurra contra o meu jeans.

O vestido cinza pálido não é curto, vai até os joelhos. Não mostra decote, porque é uma daqueles que expõe os braços, mas se prende em volta do pescoço. E ainda é indecente pra caralho. Porque é seda fina e mostra a forma dela, se agarrando com carinho aos seus peitos empinados. Todo mundo que olha para ela sabe exatamente o que ela tem para oferecer.

Minha. Toda minha.

Eu não posso esperar mais. Eu ando em direção a ela, amando o jeito que ela fica mais reta, seus lábios rosados se abrindo, seus olhos arregalados. Estou perto o suficiente para sentir o cheiro dela, algo caloroso e floral do dia dela no spa. Eu me inclino e dou-lhe um beijo rápido e impessoal na bochecha, quando na verdade, quero reivindicar sua boca.

— Killian. — Sua voz é ofegante, feliz. Olhos da cor da geada verde azulada brilham para mim.

Emoção me inunda. Não é como nada que eu tenha sentido antes, tanto que me enche de força quanto me dá uma onda de pura luxúria.

Meus dedos se apertam ao meu lado. Eu quero tocar sua pele macia, deslizar minha mão por baixo da parte de cima do seu vestido. — Venha comigo.

CAPITULO QUINZE

LIBBY

EU NÃO SEI EXATAMENTE o que eu esperava quando finalmente ficamos cara a cara. Eu propositadamente me deixei levar pela exuberância de Brenna quando ela me arrastou por toda a cidade, para que eu não pensasse em Killian. Perdi a noção das boutiques que visitamos, experimentando roupas sem fim e comprando tantas coisas que acabei fechando os olhos enquanto o cobiçado cartão de crédito preto de Killian passava de máquina em máquina.

Agora, meu corpo está relaxado, meu cabelo estiloso e realçado, minhas sobrancelhas depiladas e modeladas. Eu me sinto mimada e linda. E com tesão. Horrivelmente, dolorosamente excitada.

Vendo Killian se apresentar, seu corpo magro e musculoso brilhando de suor, suas mãos trabalhando seu violão com confiança, chegou até mim. Sua voz, sua energia, toda essa paixão, me dominaram completamente. Eu não fui a única. Todos estavam sob seu feitiço, adorando-o, querendo-o.

E ele está aqui comigo, seus olhos quentes, seu toque leve nas minhas costas enquanto ele me guia por um corredor escuro.

Ele faz uma pausa para pegar um casaco cinza deitado em um par de alto-falantes antigos e colocá-lo, cobrindo o peito nu. Eu duvido que o moletom seja dele, já que a palavra “Staff” está em amarelo brilhante na parte de trás dele. Suas sobrancelhas se agitam. — Meu disfarce.

Colocando o capuz sobre a cabeça, ele bate no celular antes de guardá-lo no bolso. Outro olhar na minha direção, e ele sorri suavemente. — Deus, eu senti sua falta. Eu deveria ter pedido a você para me encontrar na minha casa porque é difícil não tocar em você agora.

— Por que você não fez tocou? — Minhas sandálias de salto alto batem nos pisos de concreto. Eu não estou acostumada a usar saltos, mas este vestido não funciona com mais nada. Vestido estúpido. É de seda fina e eu estou sem sutiã. Cada movimento que faço envia o tecido dançando sobre a minha pele recém-esfregada e hidratada - agonia porque não posso deixar de pensar nas mãos, boca, lábios de Killian. Eu quero que eles corram em cima de mim.

Ao meu lado, ele dá um leve empurrão no meu ombro com o cotovelo. — Porque eu sou um bastardo arrogante e eu queria que você me visse tocando.

Aqueles cílios deliciosos batem inocentemente, e seu sorriso é insolente.

— Você estava tão lindo, — eu digo a ele com sinceridade, mas com um tom de provocação.

Ele cora. — Boneca, você está tentando me parar.

— Não, — eu digo, com a respiração exagerada. — Não pare, Killian. Não pare.

Eu mordo um grito quando ele de repente gira, me prendendo ao redor da cintura com o braço e me puxando para trás de uma pilha de caixas. Nossas risadas se misturam enquanto ele me beija, rápido, quente, brincalhão, dando pequenos beliscões nos meus lábios. — Pirralho. — Seus olhos estão brilhantes

de felicidade.

Eu roubo meu próprio beijo antes de me afastar. — Leve-me para casa, bumbum.

Segurando minha mão na sua, ele corre comigo pelo corredor e em um beco. Uma limusine espera lá.

— Michael. — Killian inclina o queixo para o homem grande e musculoso parado ao lado do carro. — Você conheceu Liberty hoje.

— Eu tive o prazer, — diz Michael, abrindo a porta de trás para nós. — Senhora Bell.

Michael tinha desempenhado o papel de chofer e guarda-costas para Brenna e eu hoje. Nós não conversamos muito. Brenna me assegurou que era a norma, e compartilhou suas suspeitas de que Michael era na verdade um cyborg. Tendo lido mais do que meu quinhão de romance de ficção científica, eu estava querendo concordar.

No interior, a limusine é fresca e silenciosa, as janelas sombreadas para manter os olhos curiosos para fora. Um balde está cheio de águas geladas e a tela de privacidade está ativa. Eu não consigo ver muito mais, porque no momento em que a porta se fecha em nós, as mãos de Killian cobrem meu rosto e sua boca está na minha. É um alívio doce.

Eu bebo ele, beijando-o de volta com um fervor que me surpreende. Eu amo o gosto dele. Eu amo a sensação de pelúcia, mas firme de seus lábios. Ele respira e eu levo o ar para dentro de mim. Porque eu preciso disso. Eu preciso saber que ele está vivo e quente e bem aqui. Minhas pálpebras se arrepiam, a queimadura de lágrimas ameaçando. Eu nem sei porque.

— Deus, — ele geme, chupando meu lábio inferior. — Eu precisava fazer isso. Você não sabe o quanto eu precisava disso.

— Tenho certeza que sei.

De alguma forma eu acabei esparramada no banco com Killian meio em cima de mim. Ele cheira a suor limpo, seu corpo firme e úmido e quente contra o meu. E quando ele se move, seu capuz se agarra ao meu braço. Ele olha para si mesmo e faz uma careta. — Eu deveria ter tomado banho.

— Baby, você é gostoso pra caralho desse jeito.

No ato de tirar os moletons, ele faz uma pausa. Uma risada chocada explode dele. — Baby?

— Sim. — Eu pego o pequeno lóbulo de seu ouvido e o chupo. — Você é um bebê total então…

— Eu nunca fui bebê de ninguém. — Tipo de amor sendo seu. Killian joga o casaco para fora do caminho e beija um caminho pelo meu pescoço, parando de vez em quando para tocar cada ponto como se ele precisasse se assegurar que eu estou realmente aqui. Seu hálito quente sopra sobre a minha pele enquanto ele suspira no oco da minha garganta. — Você cheira comestível.

— Tenho certeza de que estou toda esfregada com óleos.

Eu o sinto sorrir contra o meu pescoço. — Você está me dando ideias, boneca. — Uma mão grande quente corre até a minha panturrilha e desliza sob o meu vestido. — Tão macia. Você se divertiu hoje, Libs?

Essa mão se move mais alto, encontrando minha bunda como se estivesse em uma missão. Eu me mexi um pouco quando ele me deu um aperto possessivo. —

Você está usando uma calcinha? — Ele vai espiar, levantando minha saia, mas eu abro a mão para baixo.

— Hoje foi incrível. Obrigada. — Recostando-me um pouco, encontro seu olhar aquecido. — Você não disse nada sobre minha transformação. Você gostou?

Killian pisca lentamente como se estivesse saindo de um torpor. — Você é linda. Mas você sempre é. Eu diria algo melhor, mas… inferno… eu acabei de ver você.

Calor inunda meu peito. — Isso é mais que suficiente.

Ele cantarola um pouco, seu olhar deslizando pelo meu rosto e vagando para baixo. — Agora, este vestido… — As pontas calejadas de seus dedos aliviam sob o topo sedoso e acariciam meu mamilo. Eu recupero meu fôlego, calor derretido me derramando. — Esse vestido, — ele murmura, — é outra história.

De um lado para o outro ele vai, acariciando meu seio, dando-lhe um leve aperto, acariciando meu agora duro mamilo com uma espécie de lentidão preguiçosa. Eu só posso morder meu lábio, fechar os olhos e arquear as costas, tentando seguir o seu toque, implorar por mais.

Sua outra mão se move debaixo da minha saia para alcançar o estalo do meu colarinho. Um movimento e o sussurro de seda suave desliza para o meu colo, deixando-me exposta. Meus seios tremem quando o carro começa uma rota. Meus mamilos estão rígidos e inchados, esperando que ele lhes dê atenção.

Cada centímetro de mim se tensiona com um aperto delicioso. Ninguém pode ver através do vidro. Mas a ideia de que alguém possa aumenta minha luxúria.

— Porra, eu senti falta dessa visão, — ele rosna um pouco antes de se inclinar para sugar um mamilo em sua boca.

Tão bom, o jeito que ele puxa - não muito forte, mas ganancioso, como se ele quisesse me torturar. Eu gemo, minhas mãos subindo para capturar a parte de trás de sua cabeça e segurá-lo.

— Droga, — diz ele, seus lábios provocando a ponta dolorida. — Nossa primeira vez não vai ser no fundo de uma limusine.

Eu me esforço para recuperar o fôlego. — Então por que você tirou minha parte de cima?

— Não foi possível resistir. Precisava ver as meninas novamente. — Ele beija um mamilo e depois o outro, cumprimentando-os. — Senhoras.

Entre as minhas pernas, estou inchada e macia. Eu mudo minhas coxas e pressiono no duro membro de seu pênis, onde ele está me cutucando. — Diga-me que você tem camisinha.

A ponta da sua língua percorre a pequena curva do meu peito. — Você está brincando comigo? Agora ando o dia todo com uma pilha no bolso de trás.

— Pegue uma e entre em mim. — Eu envolvo minhas pernas ao redor dele e dou-lhe um olhar. — Agora.

— Ah, boneca, eu amo o quanto você quer. — Ele me dá um beijo rápido e profundo. — Mas eu não vou ceder. Eu vou foder você certo. Nu e na minha cama.

A provocação do mal. Pensando que ele é fofo com aquele sorriso de merda e parecendo tão lindo que eu poderia chorar. Com um suspiro alto, eu levanto um braço sobre a minha cabeça, o que aumenta meus seios. Seu olhar segue o

movimento e se torna sonolento.

— Você perguntou se eu estava usando uma calcinha, — eu digo, lentamente, separando minhas coxas. A ação chama sua atenção o suficiente para que ele se mova de volta para se ajoelhar no chão de limusine antes de mim. Minha saia sobe. Eu me abaixei e facilitei mais. Ar fresco beija minha pele. — Eu não estou.

Um engolir audível e então o corpo de Killian estremece quando ele agarra as beiradas do assento. — Me. Fode.

— É o que eu tenho tentado fazer, — digo a ele enquanto ele olha como um homem faminto com o meu sexo exposto.

— Oh, Libs, — ele diz suavemente. — Veja como você está molhada. Aquela linda buceta toda inchada e fazendo beicinho. — A ponta do dedo desliza ao longo desses lábios inchados. — Você está sofrendo aqui?

Eu mudo meus quadris, calor lambendo minhas coxas e juntando entre as minhas pernas. — Sim, — eu sussurro.

Ele concorda. — Sim, você está. — Esse dedo corre para trás e para frente, passando levemente sobre o meu clitóris e deslizando até a minha abertura. Eu gemo, abrindo mais as minhas pernas e ele cutuca um dedo áspero apenas o suficiente para me fazer sentir isso. Eu balanço meus quadris, tentando pegá-lo. Ele tem misericórdia e empurra aquele longo dedo em mim. Eu lamento em gratidão.

— Eu vou perder a cabeça quando eu me encaixar aqui, — ele murmura em uma voz sombria. Ele não toca em nenhuma outra parte de mim enquanto ele lentamente me fode com o dedo. Só serve para chamar toda a atenção para o ato. Outro dedo desliza para dentro, e ele os espalha bem enquanto bombeia. — Você gosta disso?

Eu não posso responder, apenas me contorço e olho para a expressão absorta em seu rosto. Como se ele sentisse meu olhar, seus olhos se agitam. Eles brilham em preto no interior escuro. — Ok, boneca, — ele me diz, — eu vou fazer melhor.

Sua mão livre rasga o botão de sua calça jeans. E então seu pênis se solta. Eu não esqueci o quão grande é, mas vê-lo agora, ingurgitado e extremamente ereto, tem minhas entranhas cerradas em antecipação. Killian deve sentir minha reação porque faz um som faminto e empurra outro dedo dentro de mim.

Estou bem de boca cheia. Mas eu sei que seu pau vai ser bem mais.

Ele sai de dentro de mim e tira uma camisinha do bolso. — Brinca com esse clitóris enquanto eu faço isso.

Meus dedos trêmulos obedecem, deslizando através da minha boceta. Eu quero estar tão cheia que meus quadris empurram inquietamente contra o assento enquanto ele rola o preservativo.

A palma grande de Killian repousa sobre meus quadris, seus dedos bem abertos para me segurar, seu olhar de café quente extasiado. — Agora isso é uma visão bonita. Mantenha-se aberta para mim, baby.

Eu faço o que ele pede. Ele faz um som baixo e gutural, quase um gemido, mas mais carente, e todos os músculos ao longo de seu abdômen visivelmente se apertam. Sua mão livre vai para seu pênis, dando-lhe um curso ocioso.

— Inferno, eu vou ter que ter outro gosto disso. — Sua respiração é um suspiro quente antes de seus lábios pressionarem suavemente o meu sexo

inchado. Isso envia um choque de calor através de mim. E quando ele cantarola suas aprovações contra minha boceta, eu gosto.

— Killian… — Minha mão envolve a parte de trás de sua cabeça. Eu não sei se quero empurrá-lo para longe ou empurrá-lo para mais perto. Ele está me matando lentamente, com beijos prolongados entre as minhas pernas, como se ele estivesse beijando minha boca. Sua língua é preguiçosa, porém gananciosa, encontrando todo espaço oculto e ondas sensíveis.

— Killian, por favor. Agora. — Eu puxo sua orelha e ele ri - o filho da puta - enviando mais calor entre minhas coxas.

Depois de um pequeno adeus, levanta meu clitóris com a língua, ele se levanta e se senta ao meu lado. — Venha aqui. — Suas mãos encontram meus quadris e ele me levanta para montá-lo.

Encolhido, ele parece quase relaxado: a realeza do rock and roll descansando em sua limusine. Mas eu não sinto falta da tensão que aperta os cantos dos olhos dele, ou a maneira como a mão dele treme um pouco quando ele tira uma mecha de cabelo do meu rosto. Entre nós, seu pênis se coloca como uma barra de aço contra o abdômen definido. Eu quero envolver minha mão em torno de sua circunferência e apertar. Eu quero afundar e esquecer meu nome.

O homem é tão bonito, suas características ousadas, seus olhos brilhantes. Minhas mãos percorrem sua pele lisa, músculos duros flexionando ao meu toque. Eu traço um mamilo pequeno e apertado, amando o jeito que suas narinas se inflamam em resposta.

Os dedos ásperos de Killian traçam minha testa. — Eu quero muito você pra caralho. Parece que eu sempre quis você. — Ele me puxa para perto, beija minha boca. — Está levando tudo o que eu sou para não apenas cair em você, foda-se o inferno sempre amoroso fora de você.

Nossas respirações se agitam em uníssono e eu o beijo novamente, sugando seu lábio inferior cheio. Ele geme um pouco, suas mãos segurando meu queixo. — Vamos devagar, — ele insiste, e meio que me pergunto se ele está falando comigo ou com ele mesmo. — Lento. Eu não quero te machucar.

O tempo todo ele fala, ele lentamente balança seus quadris, deslizando seu pau para frente e para trás entre as minhas pernas. Ele é tão largo, minhas partes sexuais ao redor dele.

Meus seios pressionam contra seu peito enquanto me inclino para frente e me levanto de joelhos. — Entre em mim, Killian.

— Foda-se — ele sussurra, engolindo em seco. Seus olhos seguram os meus quando ele alcança entre nós e guia a grande coroa de seu pênis para a minha abertura. Eu não fecho meus olhos, não respiro, enquanto eu lentamente afundo. A primeira ruptura aperta. Eu segurei lá, seus dedos pressionando meu queixo como se ele estivesse lutando para ficar quieto.

O carro passa por cima de um solavanco e ele se empurra para dentro de mim. Minha respiração engata, minhas paredes internas se esticam e se agarram. — Santo inferno, — eu suspiro.

— Baby — Ele me beija, gentilmente trabalhando seus quadris, facilitando seu caminho para dentro. Todo o tempo me beijando, como se eu fosse sua droga.

E eu me sinto bêbada com ele, meus sentidos nadando, minha cabeça pesada

e meu corpo quente de prazer. Tudo o que posso pensar é que Killian está em mim. Ele é parte de mim agora. Eu o sinto no puxão dos meus quadris, profundamente no meu corpo, onde a cabeça de seu pênis empurra contra algum ponto que me ilumina.

Eu me movo com ele agora, encontrando-o, empurrando, nossos lábios mal escovando, línguas quase tocando preguiçosamente. Eu tomo o ar dele e ele pega o meu.

— Tão bom. — Ele estremece, entrando em mim. — Você é tão boa. Mais. Me dê mais.

Eu agarro seus ombros, mordendo seu lábio superior, lambendo-o. A luxúria me fez feroz.

Suas mãos deslizam para a minha bunda, me segurando lá e a ponta do seu dedo brinca com a entrada da minha bunda.

Tudo é demais. Minha testa descansa contra a dele enquanto eu ofego e o monto, reivindico, possuo. Ele me tem.

Meu orgasmo é longo, ganhando velocidade e correndo sobre mim com tanta força que eu só posso me agarrar a ele, gritar e me mover contra ele de uma maneira confusa e desesperada. Eu perco de vista tudo, menos esse sentimento.

E então seus braços estão fechados ao meu redor, me esmagando contra seu peito enquanto ele empurra para dentro de mim com força, rápido e frenético. Eu amo os sons de seus gritos, o jeito que ele geme como se estivesse morrendo e de alguma forma acordando de uma só vez.

Por um longo momento, ficamos moles - eu contra ele, Killian contra o banco. No fundo de mim, ele ainda pulsa e meu corpo o aperta em resposta. Killian solta uma risada fraca e me aconchega mais perto. Seus lábios encontram minha bochecha. Estou muito estragada para virar a cabeça e beijá-lo de volta.

— Santo inferno, mulher, — diz ele contra a minha pele úmida. Ele solta um suspiro trêmulo. — Santo inferno do caralho.

— Eu sei, — eu sussurro. Nunca foi assim. E eu sei, sem dúvida, que Killian James não é apenas um vício ou uma aventura de verão. Ele está se tornando meu tudo. E isso é divertido e aterrorizante.

O APARTAMENTO DO KILLIAN é o que eu esperava de uma estrela do rock que valoriza sua privacidade. É uma cobertura em uma igreja convertida ao sul da Washington Square - uma mistura de estilo moderno e antigo com tetos altos, pisos de madeira escura, paredes de vidro e vitrais maciços. Os quartos são abertos e arejados, um grande terraço ocupando toda a volta. Em sua cozinha branca, sob um teto abobadado, ele nos faz *cubanos*, um sanduíche de carne de porco assada, presunto, queijo suíço, mostarda e picles, grelhados até ficar tudo quente e pegajoso.

— Por que eu não tive você cozinhando para mim antes? — Eu digo antes de dar outra grande mordida.

Ele me dá um olhar satisfeito ao redor de um bocado de sanduíche. — E

perder sua comida? De jeito nenhum. Eu faço uma média *ropa vieja*, mas isso leva tempo.

— Isto está perfeito.

Nós comemos e bebemos cervejas geladas. São duas da manhã e tudo está quieto e calmo. Seu apartamento é enorme, mas aqui com ele, parece aconchegante.

— Seus pais ainda moram em Nova York? — Pergunto a ele.

— De outubro a dezembro. — Killian toma um gole de sua cerveja. — Agora eles estão em seu iate, provavelmente ancorados em Mônaco ou Ibiza, dependendo do humor da mamãe e das ofertas de negócios do papai. Se mamãe quer festejar, é Ibiza. Se o papai tiver um acordo, será Mônaco.

— Uau. Quero dizer, eu li sobre estilos de vida como esse, mas para realmente viver isso...

— Meu pai cresceu com pôneis no polo. Ele foi para a Trinity em Cambridge. Seus "amigos" são da realeza. É normal.

Eu só posso olhar para Killian. Seus ombros estão apertados, seu olhar distante. — É o seu normal também.

Ele abaixa sua cerveja e encontra meus olhos. — Eu estava sempre preso entre os mundos. Ficar com minha *abuela*, viajar com meus pais, a banda. Para ser honesto, Libs, não tenho a menor ideia do que é normal. Mas eu quero.

A intensidade de seu olhar, a maneira como sua voz baixa, me faz pegar a mão dele e apertá-la. Eu quero dar a ele normal, mas eu não sei como. Não quando eu deixei meu normal para trás para estar com ele.

Eu o ajudo a encher a máquina de lavar louça quando terminarmos. Embora ele tenha tomado um banho rápido antes de fazer o jantar, ele ainda está sem camisa e vestindo jeans desgastados que pendem baixo em seus quadris estreitos. Seus pés descalços estão pálidos contra as tábuas do ébano.

Eu também estou descalça, por alguma razão, isso faz com que isso pareça mais doméstico. Como se nós dois morássemos aqui.

Eu coloco uma mecha de cabelo atrás do meu pescoço enquanto coloco o último prato no lugar e o pego me observando. — O que é esse olhar? — Eu pergunto, porque sua expressão não é uma que eu vi antes. É leve, no entanto, algo está acontecendo por trás desses olhos escuros.

Ele balança a cabeça, mordendo o lábio inferior. — Nada. Só senti falta de fazer isso com você.

“Isto” sendo os pratos. Ele sempre me ajudou com eles quando estávamos em minha casa. Tornou-se um ritual: Killian iria me ver cozinhar e me manter entretida com histórias e anedotas, nós comeríamos, então nós limparíamos juntos.

— Parece certo, você sabe? — Ele diz, aquele sorriso suave ainda em seus olhos.

Só assim, eu preciso abraçá-lo. Eu me aproximo e envolvo meus braços ao redor de sua cintura. Meus lábios pressionam beijos leves em seu peito, porque, na verdade, eu não posso estar tão perto e não o beijar.

Killian imediatamente se derrete em mim, seus braços se aproximam para me apertar por um longo momento, quase machucando, mas bem-vindos. Eu quero essa força. Eu quero sentir como se nada pudesse acontecer entre nós.

Longos dedos penteiam meu cabelo, massageando meu couro cabeludo. Eu me aconchego mais perto, minha bochecha pressionada contra ele. A batida de seu coração é firme e forte.

— Quando vamos embora de Nova York? — Pergunto.

Sua voz ressoa baixo em seu peito. — Semana que vem. Nós seguimos para o norte, depois para o oeste.

Minhas mãos alisam ao longo do vale de suas costas, onde as placas planas de músculos emolduram sua espinha. Sua pele é aquecida de cetim. — Eu preciso encontrar um lugar para ficar.

Os músculos sob minha palma se juntam e ele se afasta. Suas sobrancelhas escuras se abaixam em uma carranca. — Você acha que eu te persuadi a mandá-la para um hotel? Você vai ficar aqui, Libs.

Aqui é onde eu quero estar. A ideia de deixá-lo, mesmo para a noite, faz minha pele esfriar. — Não… — Eu respiro e continuo. — Os caras não se perguntam por que eu estou na sua casa?

Essa carranca cresce, mas ele balança a cabeça e me dá um beijo rápido no templo. — Não. Eu tenho pessoas que ficam aqui o tempo todo. Eu convidei você, por isso só seria certo.

— Certo. — Eu tento me afastar, mas ele não me deixa.

Em vez disso, seus lábios se curvam lentamente em um sorriso. — Eu gosto que você seja ciumenta.

— Ciúme não é uma característica admirável, — eu murmuro, com o rosto em chamas.

— Não me importo. — Ele me balança um pouco. — Significa que você me considera seu.

Ele parece muito convencido. Eu dou uma cutucada em seu lado, e ele se afasta, rindo - o que é *muito* fofo - então me abraça novamente.

— Eu posso ter tido convidados. Mas ninguém nunca ficou no meu quarto, boneca.

— Nunca? — A pergunta vem mais como um bufo.

Esse sorriso irritante cresce. — Se eu ficar com alguém, eu as levo para um hotel. Aprendi essa lição quando fotos do meu antigo apartamento acabaram na Internet e os efeitos pessoais tinham o péssimo hábito de ir embora sem a minha permissão.

— Deus, isso é desprezível. — Eu beijo seu peito novamente. — Sinto muito que elas fizeram isso com você.

Seus dedos continuam sua massagem ao longo da parte de trás do meu crânio. — Deveria ter sido esperado. Elas só queriam um pedaço da fama ou uma lembrança. Como se gabar de direitos.

Ele diz isso com naturalidade - como se não fosse grande coisa ser tratado como uma coisa em vez de uma pessoa. Ele pode não se importar, mas meu estômago azeda com o pensamento. Mas eu estava melhor? De volta para casa, eu tenho um Univox Hi-Flier que foi jogado e depois destruído por Kurt Cobain enquadrado em uma caixa de vidro no meu escritório no andar de cima. Papai pegou de algum amigo ou de outro jeito em 1989 antes de Cobain ser uma lenda. Uma guitarra quebrada e inútil, apreciada porque um ídolo do rock a tocava.

Eu queria dar a Killian como presente. Mas agora não tenho tanta certeza.

— Então não, — Killian continua, inconsciente da minha agitação interna. — Apenas amigos e colegas músicos ficam aqui. — Ele faz uma pausa. — E namoradas. Elas adquirem a experiência completa.

Quente, eu sorrio contra sua pele. — Mas você acabou de dizer que ninguém ficou na sua cama.

— Ninguém ficou, — ele responde facilmente antes que sua voz fique suave. — Até você.

Engraçado como algumas confissões podem parar seu coração e roubar sua respiração, enviar tudo em espiral. Eu fecho meus olhos e seguro-o. Ele nunca teve namorada? Eu não me importo se ele tivesse. Apenas aqui e agora importa. Mas a ideia de que ele nunca deixa ninguém entrar envia o peso da responsabilidade pesando no meu coração. Preciso pisar com cuidado aqui, mantê-lo bem e de alguma forma encontrar o meu lugar neste novo mundo dele.

Killian lentamente me solta, mas segura minha mão. Sua expressão é terna, seus olhos cansados. — Vamos para a cama. — Um sorriso rápido. — Eu amo dizer isso para você.

Ele vai me matar. Eles vão me encontrar deitada no chão, meu coração explodido, muito cheio dele para ficar no meu peito.

Ele me guia passando por uma sala de estar, uma sala de mídia e uma escadaria de vidro e aço. Passamos por mais dois quartos e um recanto de leitura, iluminado por outro vitral arqueado. Seu quarto é branco, uma parede ocupada por uma enorme janela de vidro colorido. Uma cama king-size de madeira de ébano king-size em um tapete carmesim domina o espaço, embora haja uma área de estar com um sofá de couro preto e uma moderna lareira a gás ao lado.

Ao seu lado da cama, ele me ajuda a sair do meu vestido com toques tão macios que eu corro o risco de chorar. Meus pais cuidaram de mim, claro. Mas isso é diferente. Eu tive namorados no ensino médio, um na faculdade. Eu nunca me senti *cuidada*, como se pudesse fazer qualquer coisa, dizer qualquer coisa, e isso não importaria. Eu poderia desmoronar e Killian estaria aqui para pegar os pedaços e me colocar de volta.

Ele me beija no ombro e puxa a parte de cima para que eu possa entrar em sua cama luxuosa. Um segundo depois, seus jeans estão no chão e ele está subindo comigo. Os lençóis são frescos e nítidos, seus travesseiros são uma nuvem de perfeição.

Eu sorrio abertamente. — Você comprou meus travesseiros.

Ele me recolhe contra ele, pele quente para aquecer a pele. Céu. — Eu te disse que estava apaixonado.

Ele diz isso levemente, mas seus olhos escuros seguram os meus.

Tudo parece frágil e muito mais forte agora. Eu toco sua bochecha, tracei uma linha ao longo da concha de sua orelha antes de me inclinar para beijá-lo. Suas mãos seguram meu queixo e ele me beija de volta, os lábios macios, a língua se aprofundando, me provando como se eu estivesse deliciosa.

A cama range quando ele me rola, se acomodando entre as minhas coxas abertas. O calor de seu pênis endurecido pressiona contra a minha barriga. Minhas mãos exploram as cristas de seus ombros, as curvas tensas de seus braços, e de volta para o pescoço, onde sua pele é suave e sensível.

Com um zumbido satisfeito, ele balança seus quadris, aquele pau pesado

deslizando sobre a minha umidade crescente. Ele beija meu lábio superior, o inferior, inclina a cabeça e mergulha para outro gosto. É lento. Eu me derreto na cama, meus toques fracos, mas com fome.

Seu perfume. A pele dele. A poderosa graça do seu corpo. Eu preciso de tudo.

Killian é um mago. De alguma forma, ele conjurou um preservativo. Ou talvez ele tivesse um o tempo todo. Minha mente é muito nebulosa para lembrar. Ele se inclina para o lado, expondo seu abdômen plano e seu pau grosso.

Eu pego a camisinha da mão dele e a rolo no comprimento dele. Eu vou devagar porque o peso do seu pau carnudo na minha mão é bom demais para ser ignorado. Ele grunhe quando eu o aperto, dou um pequeno puxão. E então ele está se acomodando em mim, sua boca quente na minha. Nosso beijo perde finesse.

— Libby, — ele sussurra. E quando ele lentamente afunda em mim, aquela perfeita intrusão de carne quente, seus olhos encontram os meus. — Este é apenas o começo, — diz ele.

E eu sei que ele não está falando sobre sexo. Ele significa nossa vida.

Minha voz está sem fôlego, apertada de excitação. — Eu mal posso esperar.

CAPITULO DEZESSEIS

LIBBY

EU VOU PARA o apartamento do Whip com Killian. Michael dirige como sempre e eu soube que ele trabalhou para Killian por cinco anos. O carro de hoje é um elegante sedã Mercedes prateado com um interior de couro creme que é macio como manteiga sob a palma da mão. Uma palma que está úmida. Eu prefiro que o carro dê meia volta, mas eu tenho que encarar o resto de Kill John mais cedo ou mais tarde.

— Por que a limusine ontem? — Eu pergunto porque não posso mais ouvir meus pensamentos.

Killian pega minha mão e segura-a com facilidade. Se ele sente o quanto estou pegajosa, ele é bom o suficiente para não mencionar isso. — Foi sua primeira vez em Nova York e você estava tendo um momento *Uma Linda Mulher*. Isso definitivamente pede uma limusine.

— Seria inteligente não mencionar *Uma Linda Mulher* nesse contexto, — digo a ele secamente.

Suas bochechas coram. — Merda. Certo. Você é uma mulher poderosa e moderna. Se qualquer coisa, eu deveria ser a prostituta aqui…

— Não está ajudando.

— Certo. Certo. Nenhum pagamento por sexo de qualquer tipo. — Ele levanta minha mão e beija meus dedos. — Mas muito sexo ainda está na mesa. Quente, suada, suada…

Eu agarro a parte de trás do pescoço dele e puxo-o para baixo para silenciá-lo com a minha boca. Ele gosta disso e praticamente sobe em cima de mim enquanto me beija de volta.

Fazendo como adolescentes no banco de trás, isso é o que ele faz comigo. Estamos ambos sem fôlego quando nos separamos. — Se continuarmos assim, — ele murmura, — vou pedir a Michael que circule o quarteirão.

— Não, — eu grito de horror. — Ele saberia totalmente o que estávamos fazendo!

Ele me dá um olhar seco e levemente dolorido. — Tenho certeza de que ele não tinha ideia do que estávamos fazendo na noite passada.

— Não me diga isso, — eu choro, cobrindo meu rosto. — Deus, eu nunca vou poder olhá-lo nos olhos novamente.

Killian apenas ri, puxa minha mão e me dá um beijo doce.

Quando eu paro, mantenho a cabeça baixa e murmuro um rápido "obrigada" para Michael enquanto ele segura a porta para mim.

Whip mora em um loft em Tribeca. De acordo com Killian, metade dela foi à prova de som e convertida em palco e um pequeno estúdio de gravação.

— Nada muito chique, — Killian disse quando nos vestimos para ir. — Apenas conveniente para quando queremos mexer com novos sons ou praticar.

Depois que Killian dá um código, vamos para um antigo elevador de serviço para o andar de cima. Abre-se para um espaço repleto de luz com pisos de

madeira gastos e paredes de tijolos expostos.

Eu sigo Killian mais para dentro do loft em pernas que parecem macarrão, meu pulso latejando no meu pescoço com tanta força que tenho certeza que é visível. Quando ele para na entrada e se vira, eu quase tropeço nele.

Killian segura meus ombros, depois abaixa a cabeça para encontrar meus olhos. — Ei. Escute-me.

— Estou ouvindo.

Seus olhos escuros brilham com emoção. — Você é o Liberty Bell. A mulher cuja guitarra tocando e voz me deixou de joelhos. Você nasceu para a música. — Seus dedos apertam apenas o suficiente para prender minha atenção. — Nada que alguém diga pode tirar isso. Você pertence aqui.

Meus olhos espertos. — Pare, — eu sussurro. — Você vai me fazer chorar.

Seu sorriso é inclinado e breve. — Arrase, Elly May.

Uma risada borbulha no meu peito. — Arrase, bumbum de gramado.

Com um beijo rápido na minha testa, Killian me coloca de volta e entra no sótão. — Yo! — Ele grita, sua voz ecoando no espaço cavernoso. — Onde está todo mundo?

Passamos por móveis modernos dos anos 50, uma cozinha com armários da marinha e eletrodomésticos de cobre e por um par de portas de vidro.

Um grupo de garotos está em volta de um espaço aberto com uma pequena área de estar e um palco baixo, montado com um kit de bateria e várias guitarras ao lado.

Eles se viram quando entramos e eu juro que estou prestes a cair de joelhos, estou tão nervosa. Dois deles são altos e magros como Killian - um com cabelos escuros e olhos azuis que parece estar relacionado a Killian, e outro com cabelos castanhos e olhos verdes. Sua expressão é guardada, seu corpo tenso.

Outro cara é construído como um jogador de futebol e tem cabelo de areia e um grande sorriso.

— Killian, — diz o grandalhão. — Você trouxe uma amiga.

O tom de Killian é fácil. — Gente, conheçam Libby.

Aquele que se parece muito com Killian é Whip Dexter, o baterista. Ele aperta minha mão em um aperto contundente e me dá um sorriso amigável. — Ouvi sua fita demo. Você tem uma ótima voz.

Eu coro. — Obrigada.

O grandalhão, que é Rye Peterson, o baixista, acena concordando. — Eu ouvi você tocar violão também.

— Sim. — Estou segurando o estojo da minha velha Gibson, com a palma da mão tão suada que corro o risco de largar a maldita coisa.

— Fico feliz em ter você se juntando a nós, — diz Rye. — Vai ser divertido, garota.

Garota. OK. Eu posso lidar com "garota".

Jax, o rabugento de cabelos castanhos, é o último a passar. Todos os caras são bem parecidos. Mas Jax seria perfeito em um catálogo da Abercrombie and Fitch. Ele tem aquela perfeição toda americana e excêntrica sobre ele. De repente, lembro que a imprensa chamou Jax de demônio no corpo de um anjo e Killian de anjo disfarçado de demônio.

Eu posso ver o que eles significaram. Jax parece saudável, polido - o garoto

que você manda para Harvard e ele volta para concorrer ao cargo. Killian se parece mais com o cara que está esperando na sua moto na rua para sua filha rastejar pela janela.

Personalidade sábia, eu sei que Killian é gentil e honesto. Aparentemente todo mundo também.

Quanto a Jax?

Ele me dá uma longa olhada. — Liberty Bell, não é?

— Nome bastante difícil de esquecer, — eu digo, não gostando de seu tom.

— Verdade. — Ele olha para Killian, e o gelo em seu olhar se derrete um pouco. — Está pronto?

Como eu, Killian está carregando seu violão. Ele abaixa o estojo e enrola os ombros. — Pensamos em mostrar a Libby como fazemos as coisas e depois tentar algumas músicas com ela primeiro.

— Bom plano, — diz Whip. — Mostre a novata as cordas.

A expressão de Jax é uma paródia de confusão. E ele faz sua opinião perfeitamente clara. — Dissemos que ouviríamos a música da Liberty e depois decidiríamos - não que ela estivesse automaticamente participando.

Um pequeno choque me percorre. — Não, — Killian diz pacientemente. — Nós concordamos que ela iria tocar.

Whip franze a testa e olha de Jax para Killian e vice-versa. — Cara…

— Nós sempre fazemos uma audição, — Jax diz. — Para todo ato de abertura. Sempre.

— Ela não é um ato de abertura, — Killian retruca com os dentes cerrados. — Ela vai tocar com a gente.

— Mais uma razão pela qual ela deveria fazer uma audição.

Rye levanta uma mão enorme. — Vamos, agora, idiotas. Eu quero jam. Não escute…

— Por que você está com medo de deixá-la fazer isso? — Jax corta, não tirando os olhos de Killian.

As bochechas de Killian escurecem e sei que a explosão é iminente. Eu passo entre eles. — Está bem. Fico feliz em experimentar.

Um grunhido de protesto soa na garganta de Killian, e eu lhe dou um olhar. — É sério.

— Protetora, não é? — Jax pergunta a ele.

— O que você quer? — Pergunto a Jax antes que Killian se perca.

Jax finalmente encontra meus olhos. Eu espero raiva ou antipatia, mas não vejo nada disso. Se qualquer coisa, sua expressão é perfeitamente educada, como se eu realmente fosse apenas outro ato tentando garantir um lugar em sua turnê. Mas então desaparece, e um vislumbre de algo - não ódio, mas algo sombrio e infeliz - cintila em seus olhos.

— Ouvi dizer que você é fã de grunge. — Ele me dá um sorriso preguiçoso e inclinado que realmente não é um sorriso. — Por que você não nos canta 'Man in the Box'?

A sala inteira parece gaguejar até parar. "Man in the Box" é uma canção clássica de Alice in Chains. Layne Staley possuía aquela música com seu grunhido intenso e profundo, assim como Janis Joplin possuía “Piece of My Heart” com sua voz de navalha. Tentar cantar é arriscar parecer uma idiota total.

Algo que todos na sala entendem claramente.

Killian bate com o punho na coxa. — Que porra é essa, Jax? Pare de ser tão idiota e…

— Não, — interrompo. — Tudo bem. — Eu pego meu violão. Se Jax quiser me embaçar, não vou recuar. — Eu estou bem. — Eu dou a Jax um olhar nivelado. — Boa escolha.

Seu olhar desliza enquanto ele cruza os braços sobre o peito. — Apenas siga em frente.

— Filho da puta, — Whip resmunga baixinho.

Minhas mãos tremem um pouco quando eu ando até o microfone. Killian parece que ele quer dar um soco em Jax, mas ele mantém sua atenção em mim e quando nossos olhos se encontram, ele me dá um pequeno aceno de cabeça. Eu quase sorrio ao seu apoio, mas nenhum de nós quer dar munição a Jax.

Rye faz um barulho de aborrecimento e se move para o meu lado, pegando seu baixo.

— Não a ajude, — Jax chama.

— Vai se foder, — diz Rye suavemente. — É a nossa banda, J. Não é sua. E eu estou tocando pela Liberty.

Eu dou-lhe um pequeno sorriso, em seguida, aproximo-me. — Deixe-me passar o primeiro refrão, — murmuro. — Eu irei parar. Então nós dois começamos.

Os olhos cor de avelã de Rye brilham. — Você tem algumas ideias, não é, docinho?

— Sim. — Eu vou fazer a música do meu jeito, mas tenho certeza que não vai ter Jax me acusando. Parte de mim quer uivar de rir. Parece que ontem, eu estava com medo de tocar na frente de Killian. Agora eu vou cantar na frente de Kill John e não estou com medo - muito. Eu estou chateada.

Tomando uma respiração, começo a lamber a abertura. Não é fácil e eu não toquei essa música. Mas já ouvi o suficiente e posso sentir o meu caminho. Eu não vou rápido como o original, mas mais suave, mais devagar, tocando o riff de abertura várias vezes até que eu tenha o ritmo e a sensação adequados. Quando eu canto, não é com raiva, mas com dor. Eu canto do meu jeito, um lamento.

Eu ouço um barulho de aprovação. Eu não olho. Eu não olho para ninguém. Meu coração bate forte no meu peito. Eu termino o primeiro refrão da música e, em seguida, paro abruptamente. Olhando para Rye, eu aceno, então meus olhos se encontram com os de Jax.

Eu dou-lhe um grande sorriso. Ele pisca.

E então eu bati forte, gritando no microfone. Eu pareço o Layne Staley? Nem mesmo perto. Mas esse não é o ponto. O objetivo é agir como eu. Finja até você conseguir.

Eu vejo Killian começar a sorrir. Whip aparece e corre para sua bateria. Ele começa a tocar. Eu estou tocando uma música com Rye Peterson e Whip Dexter. Calafrios dançam ao longo dos meus braços enquanto eu canto.

Eu fecho meus olhos e me perco para a música. Minha garganta está roxa, o suor escorrendo pelas minhas costas.

De repente, há outra guitarra, o som tão forte e perfeito, meus olhos se abrem. Espero ver Killian ao meu lado, mas é o Jax.

Eu gaguejo uma letra. E ele me dá uma olhada, um fantasma de um sorriso se contorcendo em seus lábios antes de desaparecer. Ele canta backup, adicionando ao som, tornando-o melhor.

Killian salta e grita, levantando os punhos.

Nós terminamos o set e eu fico ofegante e sentindo que eu engoli navalhas.

Jax me olha, sua expressão blasé como sempre. — Tudo certo.

— É isso? — Rye diz, dando meu ombro um tapa quando Killian corre. — Nah, ela arrasou isto. Confirmação, Jax. Dê.

Jax bufa. — O objetivo era ver se ela tentaria. — Ele me dá um olhar raro e amigável. — Você tentou.

— Você ainda é um idiota, — diz Killian. Um breve toque nas minhas costas é tudo o que ele me dá. Agora é mais do que suficiente, mesmo se eu quiser me virar e me atirar nele. Sua voz profunda me afeta como sempre acontece. — Ela está dentro.

Jax balança a cabeça, concentrando-se em colocar a guitarra no chão. — Acho que sim.

Uma onda de tontura ameaça me derrubar. Puta merda. Eu estou tocando com Kill John. Que porra eu estou fazendo?

CAPITULO DEZESSETE

LIBBY

BOSTON, Fenway Park. Casa cheia. Mas não se preocupe, Killian me disse antes, só tem cerca de trinta e sete mil pessoas. *Somente. Ha!*

Ditas pessoas agora estão gritando algo que soa muito como "Kill John". O chão sob os meus joelhos vibra com graves pesados quando Not a Minion - o ato de abertura - chega ao seu final.

Onde estou?

Agachada sobre um vaso sanitário, vomitando minhas entranhas.

Eu afasto de volta, bastante enojada por estar nesse andar sujo, mas fraca demais para me levantar.

Uma leve batida soa na porta.

— Vá embora. *Pra sempre*, — acrescento com ênfase.

Mas a porta se abre. Passos ecoam. Um par de botas pretas surdas aparece no lado oposto da porta. Eu acho que é Killian, mas eu conheço o seu passo. O homem anda com uma arrogância, como se estivesse abrindo espaço para aquele pau pesado e longo que ele está guarda nas calças. Esta caminhada é muito mais limpa, mas igualmente confiante.

No entanto, a última pessoa que espero ouvir é Jax. — Eu preciso te dar um bote salva-vidas? Ou a sua cabeça finalmente saiu do banheiro?

— Ha ha. — Eu limpo minha boca e amaldiçoo os deuses que Jax, de todas as pessoas, me encontrou em um estado tão baixo.

Lentamente, como se esperasse outra rodada de vômito, ele abriu a porta da minha cabine. Eu olho para ele, miséria me pesando. Sua expressão, como de costume, é plácida. Ele me entrega uma garrafa gelada de ginger ale. — Beba. Você entra em vinte minutos.

Eu levo a garrafa oferecida com gratidão. O refrigerante desce frio e maravilhosamente refrescante.

— Eu quero morrer. — Eu olho para ele. — Eu nem me importo se arremessar piadas de morte em você. Isso é o quão sério eu estou.

Ele ri, curto e seco. — Eu gosto mais de você por não conter suas piadas para mim. — Ele me oferece uma mão, e eu pego, deixando-o me puxar para cima.

Eu continuo engolindo o ginger ale enquanto eu faço o meu caminho para a pia. Jesus. Eu pareço sem vida - totalmente abatida e ligeiramente verde. Deixando de lado o refrigerante, lavo minhas mãos e dou um tapinha no meu rosto suado. — Então, por que você está aqui? — pergunto a ele. — Você perdeu uma aposta? Tiraram no canudinho?

Um bufo suave ecoa na sala. — Eu me ofereci.

Eu olho para ele no espelho. — Bem... isso é novo.

O reflexo de Jax encolhe os ombros. — O resto deles seria só mimariam você. Nós não temos tempo para isso.

Tempo. Certo. Meu tempo está quase acabando. O som de Not A Minion terminando e o subsequente rugido de Kill John é difícil de ignorar. Toda a sala

zumbe com energia reprimida, como se uma grande fera estivesse esperando para ser liberada do portão. O Animal. Isso é o que Killian chama a multidão. Eu entendo isso agora. Bem demais.

Suor frio nas minhas costas.

— Eu não posso fazer isso, — eu deixo escapar. — Vou vomitar no palco. Eu sei disso. Eu disse a Killian que estava com defeito nesse ponto. Merda. Merda.

Jax inclina um ombro contra a parede e me observa. Depois de um momento, ele pega um pacote contendo uma pequena escova de dentes e um pequeno tubo de pasta de dente e entrega-me. — Você sabe por que eu tenho essas coisas?

— Você tem calças mágicas? Há uma barraca nesse bolso também?

— Agora não, — ele diz com um pequeno sorriso, — mas talvez mais tarde, quando um casal de fãs ansiosas cair no meu colo.

Eu enrugo meu nariz. — Gah. Tá bom, tá bom. Imundo! — Empurro minha nova escova de dentes na boca e escovo com vigor.

Ele ri. — Eu tenho essas coisas porque eu estava apenas no quarto dos meninos fazendo o mesmo.

Eu congelo. — Você? — Eu grito ao redor da escova na minha boca, espuma de pasta de dente borbulhando no meu lábio inferior.

— Eu, — diz ele, franzindo a testa para a minha exibição. — Todo maldito show.

Eu rapidamente me levanto e pego uma toalha de papel para secar. — Sério? — Quero dizer, Jax Blackwood tendo medo do palco?

Ele balança a cabeça como se eu estivesse sendo ridícula. — Acontece com muitos artistas. Barbra Streisand deixou de fazer shows ao vivo porque ela estava tão mal.

— Eu tenho que fazer uma pausa aqui, — eu digo. — Você, Jax Blackwood, o Sr. Rockeiro Muito Legal, acabou de fazer uma referência a Barbara Streisand.

Ele puxa um rosto. — Espertinha. Ela é uma cantora lendária. É claro que eu sei quem ela é. — Seus lábios se contorcem, mas depois ele está calmo de novo. — Seria melhor se eu dissesse Adele? Porque ela é conhecida por vomitar de antemão também.

— Marginalmente, — eu digo.

Ele revira os olhos. — Se você for lá e vomitar no palco, vamos conversar. Até lá, pegue o refrigerante e beba. Consegue fazer isso?

— Não.

Seus olhos se estreitam em fendas verdes geladas. — Killian colocou a bunda na linha por você. Ele acredita em você, o que significa que eu também preciso. Não o faça parecer idiota.

De todas as coisas que Jax poderia ter dito para me tirar do meu medo, era isso. Eu o odeio por encontrar meu ponto fraco tão facilmente. Tudo o que posso fazer é saudar, incapaz de resistir a colocar um dedo um pouco acima dos outros. — Consigo.

— Boa. Vinte minutos!

Sim. Vou morrer.

Killian

EU AMO TOCAR NO FENWAY. É histórico, cheio de peculiaridades. As lendas se apresentaram aqui e estão imbuídas da alma do beisebol. Mesmo que eu esteja sob a luz das luzes elétricas, eu juro que sinto cheiro de beisebol - um leve aroma de cachorro-quente e cerveja, grama e sol. O estádio não é enorme, mas parece assim. Paredes de fãs sobem quase ao nosso redor. O chão é um vasto mar de corpos se contorcendo. Ao longe, posso apenas distinguir o diamante de beisebol, protegido dos fãs por uma cerca de metal.

Meu corpo vibra quando eu termino de cantar e volto para tomar um gole de água. Minha mão treme um pouco. Eu estou nervoso. Não por mim. Por ela.

Whip e Rye mantêm a batida, fazendo um solo de jam que levará à próxima música, "Outlier". É a primeira música de Libby conosco.

Eu a vejo pairando nas laterais, seu rosto pálido como a morte. Minha pobre garota, dilacerada pelo medo do palco. Jax se ofereceu para falar com ela. Vendo que ele tem sido um babaca sobre ela até agora, eu estava mais do que feliz em deixá-lo ir. Talvez eles possam formar uma amizade. Algo que eu amaria.

Eu pego seu olhar e dou um leve aceno de cabeça e um sorriso. *Você consegue, boneca.*

Como um bom soldado, ela endireita a coluna, passa a alça do violão pela cabeça e respira visivelmente. Deus, mas ela brilha com uma luz interior enquanto ela caminha no palco.

O corpo aberto da Gibson L-1 praticamente supera sua pequena estrutura. Ela está usando outro vestido de seda, este branco com grandes papoulas vermelhas por cima. Botas pretas pesadas enfeitam seus pés, assim como a primeira vez que a conheci.

Rye pega um violino, e Jax troca sua Telecaster por um bandolim. Na semana passada, brincamos com “Outlier” e “Broken Door”, refinando o som. Agora está perfeito. John, que está encarregado de todo o meu equipamento, entrega-me o meu Gretsch e eu ando até o microfone.

— Vamos fazer as coisas um pouco diferentes hoje à noite. Agora, um pouco de alma.

O Animal uiva sua aprovação.

Eu sorrio no microfone. — E essa adorável senhora à minha direita, — digo enquanto Libby caminha até o microfone ao lado do meu, — é a talentosa Sra. Liberty. Vamos dar a ela as boas-vindas adequadas.

Ela treme enquanto o Animal grita, canta e grita, pontuando o ar da noite. Ela não olha para mim, não faz nada além de olhar para o mar da humanidade com os olhos arregalados. E por um segundo frio, temo por ela. Eu já a forcei demais? Eu fodi tudo?

Mas então Jax começa a mexer no bandolim e Rye começa a tocar violino: chegou a hora. Whip marca um, dois, três e Liberty explode em ação, atingindo sua marca com perfeita precisão.

Sua voz é clara e absolutamente linda. Isso quebra meu coração e incha tudo de uma vez.

Jax canta backup. E então é a minha vez de participar.

Libby e eu nos harmonizamos. Quando ela se vira, as luzes do palco a deixaram agitada. Ela olha para mim e sorri. Sua alegria é incandescente. Isso me encoraja, a onda de pura emoção mais forte do que qualquer coisa que eu já senti em qualquer estádio.

Aqui é onde ela deveria estar.

A música acaba cedo demais. Minha necessidade de beijá-la é tão forte que dói. Um rugido vibrante de aprovação nos rodeia. Ela sorri enquanto pega seu arco e sai. Eu não quero que ela vá.

O resto do nosso show passa em um borrão até que ela retorna para a última música. Nós vamos fazer um encore mais tarde, mas por enquanto, estamos terminando com "In Deep". É uma canção de amor com uma inclinação sarcástica. Libby e eu vamos tocar oitenta por cento da música com a banda chegando para o final.

No segundo que ela está de volta ao meu lado, meu corpo toca o dela. Parecendo mais confiante agora, ela arranca a melodia de abertura - leve, brincalhona.

Eu não enfrento a multidão. Eu me volto para ela. Eu toco e canto para ela. E ela canta de volta para mim, seus olhos brilhando. Isso. Isso é o que deveria ser.

Terminamos com uma nota persistente e então Libby e eu saímos. O resto dos caras vai tocar por alguns minutos. Eu preciso desses minutos. Eu quero falar com ela, descobrir se ela se sente tão empolgada quanto eu.

Mas Libby aparentemente tem outras ideias. Ela não parece do meu jeito enquanto sai do palco, seu ritmo é tão rápido que é praticamente uma corrida. Seu cabelo chicoteia ao redor de sua cabeça enquanto ela arranca seu violão e o empurra na mão de John. Eu lanço o meu violão também, não diminuindo a velocidade. Estou tão animado, meu coração dispara, meu pau é uma barra de aço, curvado dolorosamente contra o meu jeans. Quer sair e entrar em Libby.

Mas isso não vai acontecer agora.

Equipe de trabalho passada, vadiando executivos e Deus sabe quem mais, ela se move, nunca parando, não fazendo contato visual com ninguém. Eu não me incomodo em falar. Ela não pode me ultrapassar - minhas pernas mais longas me mantêm no ritmo com seus passos frenéticos - e, eventualmente, ela terá que parar.

Logo antes de ela chegar ao banheiro feminino, ela anuncia em voz alta: — Eu vou vomitar.

Merda.

Ela entra tempestivamente no banheiro e eu sigo, como o inferno que vou deixá-la sozinha para lidar com isso novamente. No segundo em que atravesso a porta, estou preso em um pequeno redemoinho de carne feminina quente.

Libby bate em mim, me jogando de volta contra a porta. Sua boca está na minha antes que eu possa respirar. Quente e úmida e exigente, ela me devora.

Minha contenção se despedaça. Em um gemido, eu a beijo de volta. É um choque confuso de lábios, língua e dentes. Foda-se se meus joelhos não ficarem fracos. Eu caio na parede, minhas mãos segurando sua bunda gorda. Com um pequeno som de raiva e impaciente, ela sobe pelo meu corpo, envolvendo as pernas em volta da minha cintura.

A luxúria se enfurece através de mim. Eu a giro e seu corpo bate na porta. Minhas mãos estão deslizando por suas coxas, empurrando entre nós para chegar ao seu núcleo. — Jesus, — eu grito. Ela está fodidamente encharcada, coxas molhadas, buceta quente e inchada.

Sua calcinha se encaixa nas minhas mãos.

Libby choraminga, empurrando seus quadris contra os meus. — Foda-se. — É quase um soluço. — Foda-se... eu sou... eu preciso… — Outro soluço se solta, e ela chupa meu lábio inferior, lambe minha boca.

— Eu sei, — eu digo, puxando meu jeans com as mãos desajeitadas. — Eu sei.

Eu não sei como eu consigo pegar um preservativo. O sangue corre em meus ouvidos e meu coração está prestes a sair do meu peito. Eu estou em perigo de gozar. Nossos corpos, suados de suor, deslizam um contra o outro.

— Agora, Killian. Agora, — ela respira na minha boca. Seu corpo estremece. — Oh, porra, eu preciso de você agora.

— Entendi.

Um impulso duro e estou a meio caminho do céu. Ela é quente como uma fornalha e tão apertada meus olhos se fecham. Outro impulso e ela desliza pela porta com a força. Gemendo, eu agarro seus ombros, puxo-a para baixo enquanto empurro meu pau até o fim. Tão bom pra caralho.

Libby está ofegante, a cabeça caindo para trás com um baque enquanto geme. Suas pontas dos dedos afundam na minha nuca. — Mais. — É quase inaudível. Mas eu escuto isso.

Eu bombeio nela, sem pensar e motivado com a necessidade de foder. Minhas bolas batem contra sua bunda. Minha cabeça afunda para descansar em seu ombro enquanto eu seguro meus braços na porta e a prendo com a força dos meus impulsos.

No instante em que ela goza, seu canal me aperta, e eu perco o controle. Um orgasmo me rasga com tanta força que tudo fica branco. Eu fico lá, com o quadril cerrado, o corpo curvado no dela, as pernas tremendo por um longo momento. E então eu solto um suspiro.

Exausto, eu pressiono minha bochecha na dela e ela cobre a parte de trás da minha cabeça.

— Foda-se, — eu digo, sem folego.

Ela ri, bufa e vira o rosto na curva do meu pescoço. Nós dois ficamos lá, rindo como bobos, meu pau ainda profundamente dentro dela.

O mundo lá fora retorna rápido demais, e ouço a voz de Jax amplificada sobre o microfone, dizendo: — Boa noite, Boston! — O show acabou.

CAPITULO DEZOITO

LIBBY

MEU PEQUENO QUARTO na parte de trás do ônibus da turnê é escuro e frio, balançando levemente enquanto avançamos em direção a Cleveland. Desossada e minguada de exaustão, só posso ficar deitada aqui e olhar para o teto. Estou muito agitada para dormir, mas não consigo me mexer.

Cada segundo da noite passa como um filme na minha cabeça. A luz ofuscante, a escuridão além. A maneira como a multidão se move como uma coisa viva. E cantando, tocando meu violão. Tinha sido... tudo. O auge da minha vida. Transcendente.

Eu não fazia ideia.

E tocar com Killian? Isso foi pura alegria. Eu poderia ter rido como uma criança alegre andando em uma montanha-russa. Eu quero esse sentimento de novo e de novo. E eu quero aquela liberação de puro calor e luxúria que veio depois, o pau grosso de Killian bombeando em mim, me prendendo contra a porta. Foi duro, rápido e tudo o que eu precisava.

Eu quero ele agora. Mas não é como se ele pudesse estar nesta sala sem levantar questões. Inferno, tivemos a sorte de fugir como coelhos no banheiro. Ele teve que lutar, empurrando o pau de volta em suas calças e correndo para encontrar os caras em seu camarim antes de fazer dois bis.

Agora ele está na área principal do ônibus, tocando com os caras dele. São três da manhã e não diminuíram a velocidade. Eu não posso culpá-los. Energia percorre meus membros e me deixa nervosa.

— Foda-se. — Eu puxo os lençóis e puxo meus moletons.

A música flui enquanto eu me arrasto por um corredor estreito, ladeado por quatro beliches e na área de estar principal. Os caras param de tocar quando eu entro. Eu nem sei o que pareço com minha enorme camiseta do concerto de Massive Attack e calças folgadas.

— *Heligoland*. — Whip gesticula para a minha camisa com o queixo. — Amo esse álbum pra caralho.

Eu encontro espaço no sofá entre ele e a parede. Os olhos escuros de Killian estão em mim, um sorriso convencido e satisfeito parado ali. Eu ficaria aborrecida, mas minhas garotas satisfeitas se recusam a ser hipócritas.

— Não consegue dormir? — Ele me pergunta. Sua grande mão está enrolada no pescoço de seu violão, um lindo Gibson J-160E de 1962. John Lennon tocou com esse modelo. E agora Killian James, capaz de fazer aquele belo instrumento cantar, também toca.

Aqueles longos dedos tocaram meu corpo também. Eu pressiono meus joelhos juntos. — Muito nervosa.

— Você vai se acostumar com isso, — diz Rye. Ele está segurando um par de maracas, o que me faz sorrir. Ele sorri de volta. — Você sabe, por ficar acordada a noite toda.

Os caras riem.

Jax olha para mim. — Não toque no palco.

— Yay eu, — eu inexpressivo. — Por falar nisso, agradeço. Você me salvou.

— Principalmente, eu salvei o resto de nós de ter que sentir o seu hálito, — diz ele com um encolher de ombros, mas os cantos dos olhos dele se enrugam de humor. — Vou pedir a Jules para guardar kits extras de ginger ale e escova de dentes em estoque.

Jules é um dos assistentes e está em outro ônibus. Tantos ônibus. Um ônibus para roadies. Um para Brenna, Jules, coordenadores de guarda-roupa - que os caras têm um guarda-roupa meio que me fez rir, mas basicamente é o trabalho de lavar as roupas - e pressionar os coordenadores. Um para o Not a Minion. E um para o Scottie. Sim, ele tem seu próprio ônibus. Os caras, no entanto, sempre viajaram juntos e aderiram a essa tradição. E nenhum dos outros ônibus é tão bom quanto o nosso com seu interior em couro preto e creme, cozinha completa, banho e dezenas de vantagens de luxo - bem, talvez o de Scottie também seja, mas ele não me deixa entrar para checar.

Killian me entrega uma limonada engarrafada do balde de gelo ao lado dele. Há também cervejas, mas ele me conhece bem. Eu tomo um longo gole, refrescado pelo doce sabor azedo.

— Então, — Whip pergunta, batendo rapidamente no pequeno tambor *djembê* que ele está segurando. — Como você se sentiu arrasando no seu primeiro show?

Eu sorrio ao redor da minha garrafa e absolutamente me recuso a olhar para Killian. As lembranças de nossa visita ao banheiro são como marcas de mão na minha pele. — Quando cheguei no palco, foi... perfeição.

Whip ri. — Sim. É alguma coisa, não é? E você foi bem. Melhor do que você pensa. — Seus olhos azuis se enrugaram de alegria. — Eu me lembro do nosso primeiro grande show.

— Madison Square Garden, — Rye coloca, rindo.

— Fizemos dezenas de clubes menores, — explica Whip, — mas, finalmente, tínhamos atingido um marco e estávamos em uma grande turnê. Então lá estávamos nós. Noite de abertura. Jax estava vomitando atrás de um conjunto de alto-falantes.

Eu rio e Jax balança a cabeça.

Whip continua com um grande sorriso. — Rye estava andando de um lado para o outro, balbuciando sobre como ele não consegue se lembrar de nenhuma música.

Killian agita as mãos como se imitasse Rye, e sua voz se eleva a um falsete. — ‘Qual é a música de abertura?' 'O que nós tocamos depois?' 'Como faço para tocar a porra do meu baixo?'

As bochechas de Whip ficam rosa. — É verdade, caralho. Me deu um completo branco.

— E você? — Pergunto a Whip, porque ele está contando a história.

— Oh, eu estava uma bagunça quente. Me cutuquei na porra do olho com meu pau.

— O quê? — Eu rio.

— Sério. — Seus olhos brilham. — Eu nem sei como fiz isso. Mas o filho da puta estava tão inchado que eu não conseguia enxergá-lo.

— Oh, Deus. — Eu limpo meus próprios olhos, agora borrados de lágrimas, então pego o olhar sorridente de Killian. — Onde você estava em tudo isso?

— Oh, Killian estava bem no centro da tempestade, — diz Whip. — Ele apenas ficava parado, as mãos nos quadris, olhando para nós. E então grita…

De uma vez Jax, Rye e Whip gritam: — É isso, eu quero minha mamãe!

Killian ri, abaixando a cabeça.

Os caras riem.

— Foi tão fodidamente aleatório, — diz Rye, praticamente engasgando. — Todos nós paramos nossas loucuras e apenas ficamos boquiabertos com ele. Nos reuniu em um instante.

Killian chama minha atenção e eu sorrio. Felicidade e uma emoção delicada e tenra incham no meu peito. Eu adoro esse homem. Tudo sobre ele. Como se ele lesse minha mente, seus olhos expressivos escureceram e eu senti seu cuidado, sua necessidade tão claramente como se seus braços estivessem ao meu redor.

Eu pisco e olho para longe, não querendo que os outros vejam o que tem que estar claramente estampado no meu rosto. — Bem, — eu digo, — acho que minha sessão de vômito não foi tão ruim assim.

— Você era de ouro, Libs, — diz Killian, sua voz profunda encorajadora. — E só vai ficar mais fácil.

— Pra você, — responde Jax. Mas ele volta sua atenção para o violão em sua mão e arranca uma melodia familiar.

Na hora, os caras seguem o exemplo e começam a tocar “Ob-La-Di, Ob-La-Da” dos The Beatles com Killian e Jax harmonizando, Rye tocando um pequeno teclado de colo e Whip batendo em seu *djembê*.

Whip me cutuca com o cotovelo e eu começo a cantar.

Nós ficamos assim a noite toda, cantando, tocando e desafiando um ao outro escolhendo músicas obscuras para tocar. E o ônibus acelera pela interminável estrada escura. Eu não tenho ideia de onde estamos. Mas isso é apenas geografia. Pela primeira vez, tenho uma ideia de quem eu realmente sou.

— COMO O SEXO NO DOMINGO, deslizando pele a pele, — Killian rosna para uma multidão de sessenta mil fãs gritando, mas seus olhos quentes estão em mim. — Eu vou afundar em sua graça, lamber seu doce pecado.

Jesus. Eu estava lá quando ele escreveu essas letras e isso ainda me deixa fraca quando ele olha para mim como se estivesse lembrando de cada toque entre nós. Então ele canta com sua voz profunda e crua, como se estivesse me prometendo mais.

Minhas palavras saem roucas, carentes quando eu canto de volta: — Você acha que me descobriu. Você acha que quer entrar, mas não é isso que o amor faz.

Ao meu lado, Rye bate nos ombros enquanto nós tocamos, e Killian canta o refrão de “Broken Door”. As luzes do palco transformam tudo em uma névoa branca. Seu calor acaricia minha pele. A energia flui através de mim em uma

onda, fazendo os minúsculos pelos ao longo do meu corpo ficarem em pé. Meus mamilos apertam, a necessidade escorregadia, inchaço entre minhas coxas.

Se eu não tivesse feito sexo com Killian, eu pensaria que essa era a coisa mais viciante do mundo. Porque, neste momento, eu não sou Libby, a mulher que tem medos ou dúvidas, que se preocupa com o que ela está fazendo na vida ou onde ela esteve. Neste momento, sou apenas eu, na minha versão mais básica.

Há liberdade nisso. Alegria.

É a longa queda que suga. Toda vez que um show termina, fico desorientada, ouço zumbidos e fico levemente tonta. Há uma coisa que realmente quebra a tensão e me traz de volta à realidade. Infelizmente, também é o mais arriscado.

O risco não me impede, no entanto. Ou Killian. Nós dois precisamos disso muito mesmo.

Minutos depois, nós estamos escondidos em um armário que cheira a Lysol e eu estou debruçada sobre uma pilha de amplificadores antigos, Killian enterrado dentro de mim. Suas mãos grandes e ásperas seguram meus seios enquanto ele empurra com força e rapidez. Frenético, seus quadris encontram minha bunda com um *slap, slap, slap*, o som se misturando com nossos grunhidos abafados.

O jeito que ele me enche, largo e grosso, cada impulso atinge um ponto dentro do que sinto na garganta, nos dedos dos pés. Calor frio ondula pelas minhas costas, pelas minhas coxas. Tão bom.

Eu empurro para trás, encontrando-me no meio do caminho, precisando do duro golpe dele.

— Jesus, — ele grunhe, seus quadris empurrando. — É isso aí. Mostre-me o quanto você ama isso.

Mais rápido, mais forte. Quase dói. Mas isso não é suficiente.

Estamos muito afinados para ele não notar minha aflição. Ele sacode a mão de baixo do meu top, quase rasgando-a. Seus dedos deslizam entre as minhas pernas, encontram meu clitóris. Não demora muito. Eu estou tão preparada, meu clitóris tão inchado, que ele meramente tem que tocá-lo, dar um pequeno movimento como se ele estivesse tocando meu corpo. E eu gozo.

Eu mordo meu lábio, segurando meu grito. Ele está tão fundo, seu pênis tão grande, que eu me sinto pulsando ao redor dele. Ele também sente isso, porque ele geme longo e baixo, arqueando seus quadris em mim quando goza. Por um segundo, estamos suspensos lá, lutando um contra o outro em busca de nosso próprio prazer. Então toda essa tensão se esvai em um suspiro mútuo.

O corpo de Killian se esparrama em cima do meu, ofegantes em sincronia. Nossos dedos se apertam enquanto lutamos para recuperar o fôlego. Eu volto para a realidade em etapas, clareza de visão em primeiro lugar, em seguida, o cheiro de nosso suor mistura com materiais de limpeza, o perímetro de carne do pau de Killian ainda introduzido dentro de mim, e…

— Há um pano molhado debaixo da minha bochecha. — Eu puxo minha cabeça para longe.

Killian espia por cima do meu ombro e bufa. O som me assusta e nós dois começamos a rir. Bem, eu estou rindo e também um pouco enojada, porque meu rosto estava em um pano sujo.

— Você estava em cima do pano, — Killian ri, seu peito tremendo nas minhas costas.

— Ugh, isso foi ruim. Apenas ruim. A pior piada de todas. — Ainda assim, estou rindo. Parte disso é o lançamento, mas a maior parte é tão simples quanto o fato de Killian me deixar feliz.

Ele me deixa em pé, com os braços em volta dos meus ombros, seu pau deslizando para fora de mim. — Eu tenho mais de onde isso veio.

— Sem dúvida. — Eu descanso minha cabeça na curva de seu braço.

Sua respiração é quente enquanto ele beija minha têmpora e me dá um aperto, então recua para se enfiar em sua calça jeans. Eu não sei onde ele colocou o preservativo, mas eu prefiro manter esse mistério e focar na parede magra do seu peito. Distraidamente, traço uma linha em sua tatuagem. — É melhor voltarmos. Isso foi uma loucura. Alguém vai notar.

— Não, — ele diz com uma piscadela. — Eles estão todos fazendo o mesmo.

— Eles estão? Como você sabe?

— A necessidade de foder depois de um show é bastante comum. É o que todos nós fazemos. Você sabe, encontrar alguma… — Suas palavras terminam em uma tosse estrangulada e ele coça a parte de trás do seu pescoço, suas bochechas coradas.

— Certo. Claro. — Meus dedos mexem com o meu top, alisando as linhas amarrotadas de onde suas mãos invadiram.

Killian se aproxima, suas mãos apertando meus braços. — Ei, pare.

Eu olho para ele. — O que?

Os cantos de seus olhos se enrugam em agitação. — Eu não deveria ter trazido essa merda. Eu fiz essas coisas no meu passado. Meu presente é todo você.

— Acredite em mim, — consigo sair, — não tenho interesse em pensar no seu passado. Eu sei que não tem nada a ver com a gente.

Ele franze a testa, seu olhar correndo pelo meu rosto. — Então por que você está chateada? E eu posso dizer quando você está, então não negue isso.

Killian, o leitor de mentes. Eu reviro meus olhos, tentando afastá-lo. Ele não me deixa ir.

— Eu não estou com ciúmes. — Muito. Ok, eu odeio pensar nele com outras mulheres. Processe-me. — É só... é isso que estamos fazendo? Usando um ao outro para alívio?

— Não, — ele diz calmamente. — Estou fazendo amor com você. Em um armário de suprimentos. — Seus olhos escuros brilham. — Em um pano.

— Você só tinha que mencionar isso, não é? — Eu suspiro e empurro um pedaço do meu cabelo para trás do meu rosto. — Você sabe o que? É estupidez. Eu sou a única que praticamente te mata toda vez que terminamos um set.

— Eu gosto quando você me mata. — Killian abaixa as sobrancelhas.

Apesar do meu humor, eu sorrio antes de ficar sóbria. — Eu só… De repente, me senti um pouco decadente quando você disse isso. Como se você estivesse fazendo isso independentemente. Eu também? Não, não consigo imaginar fazer sexo com mais ninguém.

A expressão de Killian fica séria enquanto ele cobre minhas bochechas. Ele não diz nada enquanto me beija, sem língua, apenas seus lábios mapeando os meus com ternura. Quando ele puxa de volta seu olhar está decidido. — Nós nunca somos decadentes. Sujo, bizarro, quente, doce, tudo bem. Mas nunca

desanimado. E se eu não tivesse você hoje à noite, eu iria me masturbar em algum lugar.

— Adorável.

— Eu sou todo seu, querida. — Ele me dá um sorriso feliz e um beijo na bochecha. Então, checando para ver se o corredor está limpo, ele olha de volta para mim. — Eu vou primeiro desta vez. Os caras acham que você tem um problema de vômito depois do show, então vamos com isso.

— Ótimo. Eu sou conhecida por vomitar depois do show.

Killian ri baixinho da minha expressão e depois me beija de novo.

No segundo que ele se foi, meu sorriso desaparece. Eu não posso me livrar do desconforto. Meu apego a Killian, minha necessidade por ele, corre o risco de me consumir. Quando estou com ele, é tão real quanto qualquer coisa que eu já tive. Mas se não estivéssemos do lado um do outro, duraria?

CAPITULO DEZENOVE

KILLIAN

QUALQUER UM QUE DIGA que é fácil sair em turnê está mentindo. Prazer é basicamente sua recompensa por viagens constantes, não dormir, lutar contra o cansaço e fazer o melhor para pessoas que vêem você como algo não muito humano. Idolatrado, adorado, isolado. O pior de tudo são as longas noites em um ônibus minúsculo onde eu não posso me arrastar para a cama com Libby. Isso me deixa... nervoso.

Eu não tenho certeza se gosto dessa dependência de outra pessoa. Mas, como qualquer viciado, não quero quebrar o hábito. Se qualquer coisa, eu anseio mais.

Graças a Deus por Chicago e duas noites em um hotel apropriado - e a suíte com uma porta adjacente a Libby, que Brenna reservou para mim.

Ao contrário de outros tours, estamos mantendo a festa privada. Nós temos essa noite de folga e pegamos o cinema privado do hotel. É relativamente pequeno, cerca de cinquenta lugares, com um pequeno lounge do lado de fora.

Enquanto a equipe carrega o filme, saímos no salão e tomamos drinques.

— Vou convidar Libby para um encontro, — anuncia Whip, casual pra caralho.

A cerveja que estou segurando quase escapa da minha mão antes de eu apertar com força. — O que? Por quê?

— Como assim por quê? Ela é gostosa nesse tipo de garota da fazenda. — Ele joga a língua contra os dentes. Eu quero dar um soco naqueles dentes.

— Muitas mulheres quentes na estrada, — diz Rye, sua atenção metade em um grupo de mulheres que ele deu passa ao último show. Agora elas estão entrando no salão. Um ou todos elas terão sorte esta noite.

— Escolha uma delas, — eu digo para Whip, tentando me acalmar. Juro por Deus. Porque estou tendo dificuldades em não me lançar no meu amigo.

Whip faz uma careta. — Eu te disse, idiota, eu quero uma garota que conheço. Não há mais groupies. E Libby é divertida.

Diversão. Sim. Eu sei exatamente o quão divertida Libby é, e eu não compartilho. O pensamento de bater o pé como uma criança de dois anos e gritar “Minha!” Corre pela minha cabeça. Isso iria bem.

Jax dá um longo olhar a Whip. — Nós não fodemos o pessoal da equipe.

— Libby não é da equipe, — eu estalo. Mas por que eu aponto isso agora, eu não sei. *Estúpido*. Deixe o Whip pensar que isso significa que ele vai recuar.

— Nós pagamos a ela muito dinheiro para tocar com a gente, — Jax diz em um tom entediado. — Então eu diria que faz com que ela pessoal.

— Ela é igual, — retruca Whip. — O que torna ainda melhor.

— E quando der merda? — Jax pergunta. — O que então? Você está preso a alguém que odeia você e isso nos derruba.

Whip esfrega a parte de trás do seu pescoço. — Isso seria estranho.

Graças a Deus. Eu não poderia ter que matá-lo depois de tudo.

— Pior ainda se ela recusar, — acrescenta Rye. — Então você tem que

enfrentá-la sabendo… — Ele para quando Brenna entra na sala com uma risada alta, tropeçando em seus saltos altos. Ela está de braços dados com Jesse, um dos nossos técnicos de som.

O que quer que Jesse esteja dizendo a ela deve ser hilário, porque ela está cheirando e enterrando o rosto em seu pescoço enquanto a mão dele desce para agarrar sua bunda.

Ao meu lado, Rye rosna como um cachorro feroz. O resto de nós trocamos um olhar. Aqui vamos nós.

Brenna dá um aperto no traseiro de Jesse antes de ir para o bar, seus quadris se movendo em um balanço exagerado. Whip se levanta, seus olhos a seguindo.

— Cara, — eu digo. — Não faça o que você está pensando.

Ele não me ouve ou não quer. Rye apaga a tentativa de Whip de pegar o pulso dele e sai. Indo para o problema.

— Devemos detê-lo? — Whip pergunta.

— Tarde demais para isso, — murmura Jax. — Anos tarde demais.

Whip já está no rosto de Jesse, sua voz alta o suficiente para carregar o barulho. — Cara, nós não contratamos você para foder com a nossa publicitária.

— Você está brincando comigo? — Brenna quase grita enquanto ela corre, ficando entre Rye e Jesse. — Você não acabou de dizer isso.

— Tenho certeza que acabei de dizer, — Rye estala. — Sério, Bren, tenha algum respeito próprio.

Oh. Merda.

— Você tem algum nervo, *Ryland*. Não pode manter seu pau em suas calças por cinco minutos e você está me dando uma palestra?

— Sim, bem, eu não sou o encarregado do PR. — Ele está com o rosto vermelho agora também. — Você deu o exemplo, querida.

— Não fale assim comigo, babaca. — Ela cutuca seu peito. — Ou sair por aí agindo como um ciumento…

— Com ciúmes? Mais como enojado.

Eu me levanto quando Brenna fica vermelha.

— Sua mãe-

— Tudo bem, — eu interrompo. — Por que não levamos pra outro lugar? — Eu aceno para a multidão muito interessada em formação. Alguém ri, algumas pessoas abaixam a cabeça. Mas a maioria olha.

Brenna empalidece, seu olhar correndo antes de se aproximar de Rye, que não parece estar nem um pouco incomodada. — Você é um idiota, — ela sussurra em voz baixa.

É o mais baixo que ela mantém a voz o tempo todo, mas a força de sua raiva é suficiente para fazer Rye se encolher. Ele abre a boca como se fosse responder, mas Brenna se afasta dele, pegando um Jesse mudo pela mão e se afastando.

Jesse olha para trás, claramente com medo de perder seu trabalho.

Eu o aceno quando Rye bufa.

— O medroso nem mesmo se levantou para defender ela, — resmunga Rye.

Ele passa por nós, roubando uma cerveja da mão de um cara enquanto vai. A porta bate quando sai.

— Isso aí mesmo. — Jax balança a cabeça em desgosto. — É por isso que você não fode com sua equipe.

LIBBY

— EU APOSTO que eles estão fazendo isso dentro de uma semana, — uma mulher diz para a outra enquanto bebem martinis e assistem Brenna e Rye pisando em diferentes direções.

A outra mulher bufa. — Eles provavelmente já estão fazendo isso. E você pode culpá-la? — Ela chupa os dentes. — Rye é quente como o inferno.

— Mmm... todos aqueles músculos maciços.

— Pessoalmente, prefiro Killian. Apertado e magro, com aqueles olhos pecaminosos. E aquela caminhada dele. Você sabe que ele está carregado um urso.

— Eu não tenho idéia do que isso significa, — diz sua amiga com uma risada.

Mas eu sim. Eu me viro antes que eu tenha que ouvir mais especulações sobre o equipamento de Killian. Ou as mulheres que claramente querem uma chance de descobrir o quão grande ele realmente é.

Pós-festas são um fato da vida em turnê que eu nunca considerei. Francamente, acho que eles explodem. Ah, encontrar verdadeiros fãs é divertido. Eles praticamente vibram de alegria quando finalmente enfrentam um dos caras. É fofo. Pelo menos, esses tipos de fãs são. Então há os groupies. Mulheres cujo trabalho, parece, é colocar outro ponto em seus proverbiais postes de cama. Eu não deveria odiá-las e eu realmente tento não o fazer. Mas vê-las penduradas em Killian como se ele fosse um bife jogado em um bando de leoas não é fácil.

E elas farão qualquer coisa - *qualquer coisa* - para chamar atenção. Eu vi mais peitos nas últimas semanas do que em toda a minha vida. Tops saindo nos momentos mais estranhos. Tipo, oh, ei, à musica começou? Deixe-me arrancar meu top e sacudir o que minha mãe me deu. Ou meu cirurgião plástico. Mesma diferença.

Não importa se é uma sala cheia de jornalistas, executivos de gravações, roadies e outros cabides. De fato, isso de alguma forma parece fazer uma faixa mostrar mais emocionante para eles.

Killian não as encoraja. Se alguma coisa, ele sempre me lança um olhar de dor que diz: "Veja o que o nosso esconderijo está me fazendo fazer?" Eu o amo por isso. E me odeio um pouco mais a cada vez.

Estranhamente, Whip também está se afastando das mulheres. Eu me pergunto se ele não gosta delas, mas seus olhos sempre ficam colados às exibições de carne feminina como se ele estivesse hipnotizado. Jax parece tão apático sobre as mulheres quanto ele é sobre tudo. Oh, ele sai com algumas, mas o entusiasmo não está lá.

Rye é o único que parece gostar disso. Pelo menos ele gostava até explodir em Brenna. Agora que eles se foram, o negócio é normal: gargalhadas excessivamente altas e falsas, pessoas olhando em volta para ver quem está olhando para elas.

— Sempre algo para falar, — diz uma voz feminina ao meu lado enquanto eu me inclino contra o bar e tomo meu drinque. Uma loira bonita que parece em casa em uma irmandade do sul me dá um sorriso agradável. — Ou escreva sobre, conforme o caso.

Um distintivo de imprensa em seu peito a identifica como Z. Smith.

Protetora de Rye e Brenna, eu dou à mulher um olhar reprovador. — Deve ser um dia lento, se uma pequena discussão é algo sobre o que escrever.

Ela encolhe os ombros, seu olhar vagando pelo quarto. — Depende de quem está discutindo. — Seus olhos azuis afiados se acomodam em mim. — Eu sou Zelda, a propósito.

Eu levo a mão dela. — Eu amo esse nome.

— Eu odeio, — diz ela com uma ruga de nariz. — Mas é meu, então o que posso fazer? Você é Liberty Bell.

— O que me faz uma especialista em nomes excêntricos, — eu digo com uma risada.

— Eu não invejo as piadas que você deve ter ouvido quando era mais jovem.

Embora ela esteja simplesmente conversando comigo, eu não relaxo. Brenna e sua assistente, Jules, me ensinaram a importância de observar sua língua com a imprensa. Eles podem pegar qualquer coisa que você disser e distorcer.

— A melhor resposta, — digo a ela levemente, — é apenas bocejar em face da idiotice.

— Eu vou lembrar disso. — Sua expressão se torna um pouco mais aguda. — Então, o que você acha de estar em turnê? Esta é sua primeira experiência pública, correto?

Aqui vamos nós. Tempo de entrevista. — É uma curva de aprendizado, mas estou gostando disso. Os caras têm sido muito favoráveis.

— Killian James trouxe você, certo?

— Sim.

— Eu ouvi uma história que vocês eram vizinhos neste verão.

Provavelmente porque é isso que Brenna colocou na minha declaração de imprensa.

— Está certo.

— Sorte sua. — Zelda cutuca meu ombro com o dela como se fôssemos velhas amigas. — De todos os caras, há algo sobre Killian. Ele é gostoso nesse estilo bad boy, ame a sua calcinha do jeito que você gosta.

— Eu tento não pensar nos caras desse jeito, — eu digo a ela, mentindo através dos meus dentes, porque a descrição dela está no ponto. — Eu tenho que trabalhar com eles.

— Você está me dizendo que não está transando com ele?

Sua pergunta contundente vem em mim como um soco, e eu recuo. — Desculpe?

Zelda me dá um sorriso que é tudo dentes. — Desculpa. Eu sou muito franca com minhas palavras depois de todos esses anos neste negócio. Mas honestamente? Killian James é famoso por ser irresistível. E há os fatos. Primeiro vocês são vizinhos e em seguida, ele está trazendo você, uma completa novata, em turnê com ele.

Meu coração bate nas minhas costelas. Não é como se eu devesse ficar

chocada, ela está dizendo tudo que eu avisei sobre Killian. Quase textualmente. A observação esperada ou não, a humilhação que eu sinto por ser vista como nada além da prostituta de Killian, é quase incapacitante.

E então fico com raiva - em mim mesma por prever isso, por ela pensar a mesma coisa.

Eu dou-lhe um longo olhar, observando-a lutar para não se contorcer. — Você é meio jovem para ser uma repórter designada para Kill John.

— Do que você está falando? Tenho vinte e seis anos, o que é provavelmente mais antigo que a maioria desses groupies.

— Sim, mas eles estão aqui por uma coisa. Você também? Porque a maioria dos outros repórteres que eu conheci são homens na casa dos trinta, no mínimo.

Os olhos de Zelda se estreitam. — É um negócio difícil.

— E uma garota tem que usar qualquer ativo que ela possa levantar, é isso? Foi assim que você chegou aqui, Sra. Smith?

— Oh, entendi. Me envergonhando, não é? Foi uma pergunta válida, você sabe. Você está ligada a James. Ninguém nunca ouviu falar de você antes. Eu tenho que me perguntar…

— Se eu fodi o meu caminho até aqui? Claro que você se pergunta. Porque é isso que todo mundo imagina sobre mulheres atraentes e bem-sucedidas, não é? Chegamos aqui com talento ou abrindo nossas pernas? Se eu fosse homem, você perguntaria o mesmo?

— Killian não é conhecido por gostar de homens.

— E essa é a razão pela qual você não perguntou.

Ela está boquiaberta. — Entendi.

— Aqui está uma exclusividade para você, da forma mais honesta possível. — Eu me inclino para perto. — Killian teve que me convencer a fazer isso. Porque eu disse a ele que as pessoas fariam suposições feias sobre ele trazer uma desconhecida em turnê com Kill John. Mas se você realmente sabe alguma coisa sobre ele, você saberá que ele é extremamente teimoso. E isso para Killian, seu amor pela música é o que funciona para sua banda e supera qualquer ameaça de rumores estúpidos.

— Você é muito fiel a ele, não é?

— Claro que sou. Ele me deu uma chance que poucos ousariam. Todos os membros de Kill John me deram. — Eu a dei um sorriso padrão de imprensa. — É por isso que é uma alegria trabalhar com eles e contribuir de qualquer maneira que eu puder. — Eu me levanto e aliso minha saia. — Tenha uma boa noite. Espero que você goste do filme.

Ela não diz nada, mas segue meu progresso com seus olhos redondos enquanto eu me dirijo para o cinema. E eu finjo que minhas entranhas não estão tremendo de orgulho.

CAPITULO VINTE

KILLIAN

UMA COISA BOA sobre ser uma estrela do rock? Momentos de diva não são apenas esperados, eles nunca são questionados. Pela primeira vez, aproveito ao entrar no teatro e ir até a fila de trás para reivindicar um lugar. Minha imensa carranca afasta qualquer um que pense em se juntar a mim.

Estou rolando pelo meu telefone quando alguém se senta no banco ao meu lado. Qualquer que seja a despedida que eu planejei dizer morre, quando vejo que é Libby. Ela está carregando um grande saco de pipoca caramelada e uma garrafa de água.

— Libs, — eu digo em saudação.

— Eu não posso acreditar que vamos ver *Despertar da Força*. Eu perdi quando estreou.

— Minha pequena eremita. Quando foi a última vez que você realmente viu um filme em um cinema?

Ela coloca um punhado de pipoca na boca antes de resmungar: — Cale a boca.

Eu me sirvo de um pouco de pipoca... definitivamente melhor que a qualidade do filme. — Você pode agradecer a Scottie pela escolha de hoje à noite. Ele é um grande geek de Star Wars.

— Não, — ela respira, escandalizada. — Isso é tão…

— Humano? Sim, fiquei surpreso também. Eu amo Scottie. Ele é minha âncora neste negócio. Mas o cara tem vinte e oito que parecem oitenta. Na metade do tempo, espero que ele acene com uma bengala e grite para que saia do gramado.

Ele apostou uma reclamação no meio da fila do meio, como eu, está dando a alguém que se aproxima um olhar mortal.

Libby enfia a garrafa de água no porta copos ao lado dela.

— Você pode acreditar neste lugar? — Com olhos grandes, ela olha em volta para a arte de fibra ótica nas paredes e os enormes lustres de cristal e nas filas de assentos duplos que são basicamente destinados a dois. Suas mãos alisam sobre o amplo braço de couro ao seu lado. — Quero dizer, namoradeiras reclináveis? Feche a porta da frente. — Com um pequeno 'Whoop!' ela aperta o botão que levanta o nosso apoio para os pés compartilhado.

Meus lábios se contraem.

— Acalme-se, Elly May. — Quero dizer como uma piada, mas minha voz não chega lá.

Libby a deixa boquiaberta e estreita os olhos. — Por que você parece todo irritado?

Eu dou a ela um olhar afrontado antes de me inclinar um pouco para sussurrar sob minha respiração. — Whip estava pensando em convidá-la para sair em um encontro.

Chateado? Sim, eu estou chateado, tudo bem? O que eu não espero é o prazer

de Libby.

— Isso não é legal? — diz ela, satisfeita.

— Legal? — Eu assobio. — Você gostou da ideia?

O canto da boca dela se abaixa. Ela cutuca meu lado e eu mal consigo segurar meu grito.

— Pare de pensar com o seu pau, — ela sussurra.

Infelizmente, meu pau não é o único a pensar. É o órgão um pouco mais ao norte, que agora está batendo com agitação. Eu cruzo meus braços sobre o peito e afundo no banco. Não exatamente maduro, mas é para onde ela me levou.

A expressão satisfeita de Libby não desbota, mas cresce. — É bom ser amada, sabe? Isso significa que ele me aceita aqui. Além disso, — ela diz, olhando para o quarto enquanto as pessoas terminam de tomar seus lugares. — Eu não acho que ele estava falando sério, de qualquer maneira.

— Tenho certeza que ele estava. — *O filho da puta*.

— Então por que ele está lá, enfiando a língua na garganta da repórter?

Minha cabeça se vira e sou saudado pela doce visão de Whip saindo com a linda loira que está tentando conseguir entrevistas a noite toda. Ok, não é uma visão agradável e eu rapidamente viro meus olhos. Mas meu alívio é palpável.

— Você sabe, — eu digo conversando, quando eu chuto para trás: — Eu quero foder você agora.

Libby pula como se fosse beliscada e fica um pouco mais ereta, antes de se segurar e se curvar como se estivesse completamente gelada. Fofa.

Ela me dá um sorriso e bebe sua água. — E o quê? — Ela fala arrastadamente. — Marcar seu território? Afirmar seu domínio masculino?

— Sim. — Eu deslizo meu olhar para o dela. — Mas principalmente porque eu quero transar com você o tempo todo.

Deus, eu amo o jeito que os lábios dela se abrem enquanto o corpo dela se enche de calor. Tão sutil, mas continua assim mesmo. Isso me faz duro como o aço, minhas bolas apertando com força. Eu não olho para ela, mas finjo que estou observando o quarto. As luzes estão diminuindo para o filme agora, as cadeiras vazias na nossa frente obscurecem nossas metades inferiores.

Minha mão cai no espaço entre nós e alisa ao longo de seu quadril. Ela delicadamente treme quando meus dedos traçam sua coxa.

— E você? — Eu murmuro, brincando com a saia na sala escura. — Você quer me foder, boneca?

— Agora eu quero chutar você, — ela diz entre os dentes cerrados. — Mantenha suas mãos para si mesmo. Há pessoas intrometidas em todo lugar.

— Eles estão todos assistindo o filme, não nós. — Concentrando-se na tela, mantenho a minha expressão neutra enquanto eu coloco minha mão sob sua saia. Sua pele é lisa e morna. O filme começa com uma explosão de música e o antigo logotipo familiar enquanto eu traço seu joelho e sua coxa macia. — E isso não foi um não.

Ela faz um grunhido bonito no fundo da garganta, mas suas pernas abrem apenas o suficiente para me dar espaço para mergulhar entre elas. Sua parte interna das coxas está quente e úmida, meu pau se contorce.

O enredo segue e meu toque vagueia. Libby continua completamente imóvel, mas praticamente posso sentir a tensão vibrando dentro dela. Quando a ponta do

meu dedo roça o vinco onde a coxa dela encontra o quadril, sua respiração fica presa, as pernas se abrindo mais.

— Eu já mencionei o quanto eu aprecio este novo guarda-roupa cheio de saias? — Eu sussurro, desenhando círculos ao longo de sua pele.

— A ideia foi de Brenna. — Seus quadris se movem um pouco, seguindo o meu toque. — Agora eu estou sentindo falta dos meus shorts.

Eu sorrio, meus olhos na tela, meus dedos deslizando para a borda de sua calcinha. — Mais tarde, você pode colocá-los e vamos brincar de Foder a Filha do Fazendeiro.

Ela sufoca uma risada, que se transforma em um gemido estrangulado quando eu arranco sua calcinha. Sua voz fica ofegante. — Estou tentando assistir ao maldito filme. Eu não estou interessada em brincar. — Ela move uma pequena fração, cutucando contra o meu dedo.

No escuro, eu sorrio, calor e luxúria puxando meu abdômen apertado. — Eu sinto muito, — eu digo, não me arrependo de jeito nenhum. — Mas eu não acredito em você. Eu vou ter que checar.

— Kill, oh, inferno.

Eu estou pensando o mesmo quando meu dedo desliza sobre a pele lisa e inchada. E isso me faz sentir como um maldito deus. Porque eu fiz isso com ela. Eu sou aquele que a deixa molhada. O que ela precisa. Eu sou aquele que ela está ofegando por agora, movendo-se contra o meu toque com um pequeno gemido.

Vou melhorar. É o meu trabalho agora. Meu privilégio. E eu vou ser amaldiçoado se alguém tentar tirar isso.

LIBBY

EU REALMENTE DEVERIA PARAR O KILLIAN. Nós estamos brincando com fogo, brincando em tantos lugares públicos. Uma repórter acabou de insinuar que eu me prostitui para ele. E aqui ele está me tocando em um cinema.

Eu deveria protestar, mas o homem é um maldito músico. Ele toca meu corpo como um mestre, nunca perdendo uma batida. Eu não posso resistir a isso. Eu não quero, não quando cada toque seguro e astuto envia calor e prazer brilhando sobre a minha pele. Não quando eu quase posso senti-lo segurando em um sorriso, seu ombro pressionado contra o meu, seus olhos na tela enquanto ele oh-tão-gentilmente circula meu clitóris.

Ele mergulha um dedo em mim e é tudo que posso fazer para não gemer e separar minhas coxas, montar sua mão. Eu me esforço para ficar parada, manter meus olhos na luta contra o fogo em alguma galáxia distante.

Deus, ele é bom demais. Toda vez que ele empurra os dedos para dentro, acertando um ponto que me faz morder meu lábio. Eu posso me sentir ficando mais molhada, minha carne se enchendo. Por baixo dos efeitos sonoros e da música do filme, posso ouvir os sons dele trabalhando em mim - tortura

profunda e lenta, lenta e constante.

Minha cabeça cai de volta contra o assento, minha respiração vem em explosões agudas. Acima da cintura, eu ainda estou com a minha mão tremendo um pouco enquanto dou uma mordida no caramelo, fingindo que tudo está normal. Mas, abaixo, minhas coxas se afastam - o simples ato ilícito e aumentando a tensão em mim - meus quadris fazem pequenos movimentos, empurrando cada estocada de seu dedo mais fundo.

Outro gemido me escapa. Killian se inclina, seus lábios perto do meu ouvido. — Shh... estou tentando assistir ao filme.

O bastardo dá ao meu clitóris um movimento com a ponta do seu polegar. Eu me contorço e ele mergulha dois dedos fundo. Minhas pálpebras vibram, meu coração disparado. Eu vou matá-lo. Em breve.

— Mmm… — ele diz, seu polegar continua a acariciar-me. — Eu amo essa parte. Um filme tão doce.

Minha respiração está ficando rápida e leve. Calor enxameia meu corpo. O fato de alguém ver, de sermos pegos, intensifica tudo.

Talvez eu devesse ter vergonha disso, mas não posso. Não quando um orgasmo está me roubando, rastejando como uma mão quente sobre minhas coxas, minhas costas, meus seios.

Ele pega e segura, tomando meu fôlego. Eu endureci contra o assento, praticamente vibrando.

A voz profunda de Killian, quase um sussurro no escuro, está no meu ouvido. — Isto é meu. Me dê o que é meu, boneca. — Dentes mordiscaram meu lóbulo, seus dedos empurrando para cima naquele ponto. — Venha.

E eu dou. Todos os arrepios, respirações reprimidas, corpo tremendo, minhas coxas apertando contra sua mão. Eu gozo com tanta força que vejo estrelas atrás dos meus olhos fechados. Quando me corto no assento macio, ele me deixa com uma última e prolongada carícia - um tapinha suave como se estivesse me recompensando por um trabalho bem feito.

Eu deveria chutá-lo por isso. Mas eu não consigo me mexer. Ele me destruiu.

— Idiota, — eu sussurro sem calor.

Seu ombro cutuca o meu. — Você pode se vingar mais tarde.

Eu olho para ele então, apenas quando posso finalmente encontrar seu olhar sem mostrar o quanto ele me afeta. Seus olhos escuros brilham na luz bruxuleante. Quando eu tento o meu melhor para repreendê-lo com um olhar, ele sorri largamente. Impossível resistir. Eu não sei porque eu ainda tento.

Dando uma rápida olhada ao redor para ver se alguém está olhando, eu me inclino e dou um beijo suave no duro bíceps de Killian. Seus músculos se contorcem de surpresa, mas depois ele suspira, seu corpo comprido encolhido no assento.

Sua mão encontra a minha na escuridão entre nós. Em voz baixa só para mim, ele fala uma última vez. — Boneca, eu *poderia* afirmar meu domínio viril, bater meu peito e declarar que você é minha. Mas isso não significaria nada se eu não fosse seu em troca.

CAPITULO VINTE E UM

KILLIAN

MEU HUMOR ESTÁ ÓTIMO AGORA. Fazer Libby gozar faz isso por mim. Eu levo meu tempo saindo quando o filme acabou. Eventualmente, eu vou encontrá-la na suíte. Ela nos prepara um banho, insistindo que temos um bom banho quente para terminar o dia. Ela sempre faz. Libby é uma criatura de hábitos e acho isso estranhamente reconfortante. Seja qual for a loucura que a vida joga no meu caminho, eu a quero lá, calma e firme.

Scottie está de pé ao lado da porta de saída, braços cruzados, pés plantados. Sua expressão é granito. Em outras palavras, ele está puto. Por que ele está olhando para mim ao invés de Brenna e Rye, ou mesmo Whip e aquela repórter, eu não sei.

— O que se passa? — Eu pergunto. — Alguém falou durante o filme? Ou você ainda está chateado que Han morreu?

Seus olhos se estreitam. — Tem algumas coisas sobre as quais não brincamos, Killian.

Certo. Brenna me disse que ela tinha quase cem por cento de certeza que Scottie chorou quando eles foram ver o filme pela primeira vez. Eu não sabia que o homem poderia produzir lágrimas.

— Talvez tenha sido uma falsa, — digo a ele. — Você sabe, ele realmente está pendurado em alguns andaimes, esperando que Billy Dee o pegue... certo. Não tem mais piadas sobre o Han.

Scottie grunhe e caminha comigo até o saguão. Está bastante vazio agora, os cabides e a equipe foram para a próxima festa.

— Você não é tão circunspecto quanto você gostaria de acreditar, — ele me diz.

Confuso, eu olho para ele. Ele olha de volta.

— Eventualmente as pessoas notarão você e a Sra. Bell se aconchegando.

Meus passos lentos. — Diga o que você vai dizer, Scottie.

Ele para e me enfrenta. — Você viu o que aconteceu com Rye e Brenna hoje à noite.

— Todo mundo viu. Seu ponto? — Meu ótimo humor está indo embora.

— Quanto mais você demorar, pior será quando as pessoas souberem a verdade. — Ele coloca as mãos baixas em seus quadris. Postura da conferência. — Há um ditado: ou caga ou sai da moita.

— Isso é muito elegante para você, Scottie.

— Vocês dois querem estar juntos, divulguem. Brenna e eu vamos encontrar um jeito de lidar com isso.

— Nós não somos um problema para você lidar, — eu digo, mantendo minha voz baixa.

— Vocês são. E se você não consegue ver isso, você está sendo deliberadamente cego.

Por um segundo, tenho que desviar o olhar.

Scottie aproveita o momento. — Eu quero ela, Killian.

Eu recuo como se tivesse um soco no intestino e ele revira os olhos.

— Para administrar, idiota. — Pela primeira vez, o humor ilumina sua expressão.

Eu demoro um pouco mais para me acalmar. — Jesus, diga de outra maneira então. Eu já tive que lidar com Whip hoje à noite, pelo amor de Deus.

— Eu nunca vi você tão territorial. — Ele está em silêncio rindo de mim. Cuzão.

— Acostume-se a isso. — Eu corro minha mão sobre o meu pescoço. Eu definitivamente preciso de um banho agora. — Sério? Você quer tomar Libby sob sua asa? — Eu sei o que isso significa. É algo que qualquer um que sabe alguma coisa sobre a indústria sonha. Scottie é uma lenda.

Ele começou conosco, convencendo quatro punks de dezoito anos a dar uma chance a ele, não importa que ele fosse basicamente nossa idade com absolutamente nenhuma experiência verdadeira na época. Nós pegamos essa aposta e nunca mais olhamos para trás. Quanto ao Scottie, ele pegou um número seleto de outros clientes ao longo do caminho, todos eles de platina.

O homem é um gênio de negócios e marketing com um instinto assassino. Se ele diz que alguém é bom, a indústria da música escuta.

— Você estava certo em perguntar a ela sobre a turnê, — diz ele. — Ela é excepcional. Brenna me diz que está recebendo um número cada vez maior de pedidos de entrevista para a Liberty, mensagens de fãs às dezenas. Nós não dissemos nada para ela porque não queremos sobrecarregá-la no momento.

— Bom plano. — Porque Libby enlouqueceria. E não de um jeito bom. — Mas por que você está falando comigo e não com ela?

— Eu pretendo discutir isso com ela. Talvez sugira que começamos assim que a turnê terminar. — Seus olhos se estreitam enquanto ele estuda meu rosto. — Eu quero saber como você vai lidar.

E então eu lembro como foi no começo. Eu não tive um segundo da minha vida. Ela faz isso e nosso tempo juntos vai se reduzir a nada. Distraidamente, eu esfrego meu abdômen, onde meu estômago aperta em protesto. Realmente não me sentindo mais ótimo.

— Eu não sei como Libby vai lidar com a inclinação total, — digo Scottie. — Ou se ela quer mesmo. Mas eu não vou ficar em seu caminho. — Eu nunca faria isso, mesmo que isso signifique que, um dia, ela iria embora.

LIBBY

SCOTTIE ME DEIXA NERVOSA. Eu tenho de admitir isso. Eu não estou atraída por ele, mas não nego o seu efeito. A combinação de sua aparência impressionante, olhos duros e voz nítida age como uma avalanche nos nervos. Você está preso no lugar e mesmo se você desviar o olhar, ele te prende com a voz dele.

Então, quando ele se aproxima de mim durante a passagem de som no

estádio, eu fico tensa, mantendo meus olhos em Killian cantando o máximo que posso.

Uma risada baixa me toma. — Evitar o contato visual não vai me fazer ir embora, Sra. Bell.

Me preparando, eu me viro. — Prolongar o inevitável é uma coisa minha, eu acho.

Ele não está sorrindo - ele raramente sorri. Mas seus olhos são suaves - bem, para ele. — Movimento inteligente. Eu quero discutir algo com você. Você tem um momento? — Ele inclina a cabeça escura em direção à fileira de assentos da ala direita, longe o suficiente para que possamos nos ouvir enquanto Kill John percorre uma música mais antiga.

Eu prefiro ficar aqui e não discutir nada. Mas eu aceno e guio o caminho.

Ele espera até que eu esteja sentada para se sentar em um assento próximo. E então ele me olha como se estivesse inspecionando um bug. — Você não é material de backup.

Imediatamente tensa, minha espinha gela. — Ah, sério? Isso é algum clichê do shakedown, porra? Porque podemos pular para o final agora, onde eu digo para você foder sua mãe.

— Ótimo, — murmura Scottie, parecendo divertido. — Não, Sra. Bell, isso não é um shakedown. — Ele olha para mim. — Você tem uma imaginação vívida, no entanto. E agora vejo por que você é tão compatível com Killian. O mesmo vocabulário descritivo. — Ele se inclina, apoiando as mãos nos joelhos. — Você merece destaque, Sra. Bell. Na frente e no centro do palco.

— Eu... ah... o que?

Ele mantém o tom calmo e paciente, como se estivesse falando com uma criança distraída. — Seu som, a qualidade de sua voz, é única. Mais importante, quando você entra no palco, você é atraente. Eu quero representar você, Sra. Bell. Desenvolver seu talento.

Meus ouvidos soam fracamente. — Espera. Primeiro, por favor, pare de me chamar de Sra. Bell. Isso me lembra de ser enviada para o escritório do diretor.

— Justo. — Sua expressão diz que eu sou louca.

— Segundo. Eu sou... bem, eu não sou uma artista. Eu vim por causa de Killian.

Eu olho na direção de Killian e nossos olhares se chocam. Mesmo agora, ele está ciente de onde estou. Seus olhos escuros se enrugam, como se ele estivesse tentando me encorajar, mesmo quando ele canta e toca seu violão. Eu quebro contato visual e encaro Scottie novamente.

— Eu não sou uma estrela.

As sobrancelhas de Scottie se juntam. — Há muitas coisas que você não é, srta. Liberty. Mas você é material de estrela. Mais importante, quando você entra em um palco, você ganha vida. — Ele aponta para a banda com o queixo. — Assim como eles fazem. Diga-me que você não sente isso.

— Eu sinto. — Minhas entranhas estão a tremer. — Eu amo isso, mas…

— A pior coisa que você pode fazer na vida é ignorar uma oportunidade por medo.

— Eu não estou com medo.

Sua expressão seca ridiculariza essa afirmação. Eu me encolho. — Ok, um

pouco. É só... eu amo isso. Mas o resto? O lado público? Não, obrigada.

Scottie se recosta, apoiando o tornozelo no joelho dobrado, do modo que os homens têm que cruzar as pernas. — Tenho medo de voar, — ele me diz.

— OK…

— Completamente, — ele continua, seu corpo rígido. — Toda vez que eu pego uma daquelas engenhocas de morte chamada jato, eu quero vomitar.

— Mas você voa o tempo todo.

— Meu trabalho exige que eu faça. — Outra peculiaridade da testa. — Você entende o que eu quero dizer?

Minha cabeça parece pesada enquanto eu aceno.

Talvez Scottie perceba que estou prestes a entrar em pânico, porque sua voz fica suave quando Kill John termina o set e a música para.

— Killian acredita em você.

Eu me recuso a olhar na direção de Killian novamente.

— Ele trouxe você aqui, colocou você nesse palco, porque ele acredita, — murmura Scottie.

Um suspiro estremecido me deixa.

— Você tinha que saber disso, — diz Scottie.

— Sim, eu sabia. — Mas eu nunca me permiti pensar muito profundamente sobre o que estava por trás de todo o seu apoio. Ele tinha empurrado Scottie em mim também?

Como se estivesse lendo minha mente, Scottie faz um barulho de desacordo. — Ninguém neste grupo fez algo contra a sua vontade. Incluindo eu. — Ele se inclina, forçando-me a encontrar seus olhos. Sua expressão é dura e séria. — Eu tenho pouco interesse em gerenciar um cantor relutante. Você tem que estar totalmente focada ou você irá falhar.

— Então por que me abordar? Quando você sabia que eu estaria relutante?

— Há uma diferença entre deixar o medo e não estar disposta a fazer nada. Eu queria descobrir com qual cenário eu estava lidando.

— E agora você sabe?

Scottie me dá um de seus sorrisos rápidos e apertados. — Só você pode me dizer isso. Eu apenas abri a porta para a contemplação. — Ele se levanta, fresco como sempre em seu perfeito terno de três peças. — Você sabe onde me encontrar quando tiver uma resposta.

CAPITULO VINTE E DOIS

KILLIAN

— ONDE DIABOS VOCÊ está indo?

A pergunta de Jax me interrompe. Tão perto da saída e ainda tão longe. Eu viro e adoto o que espero ser uma expressão sem graça. — Para a cama. Tirar uma soneca.

Sim, isso sai tão bem quanto o esperado. Os caras olham para mim como se eu tivesse acabado de dizer que queria que um deles colocasse uma fralda em mim. Uma vez que eles superam seu horror, as perguntas começam a voar.

— Cama? É melhor que haja uma mulher esperando naquela cama.

— Mais como três, — acrescenta Whip. — É às quatro horas. Você não vai para a cama às quatro para qualquer coisa além de três mulheres.

— Isso é uma regra nova?

— Deve ser, — retruca Rye, nojo ainda em seu rosto.

— Sério, Kills? — Jax balança a cabeça. — Somos velhos agora?

Eu não posso dizer a verdade. Que eu tenho uma mulher esperando por mim. Ou que Libby é melhor que três mulheres, melhor que qualquer quantidade de mulheres. Então eu tenho que ficar aqui parecendo um desmancha-prazeres e um idiota. — Estou cansado.

— Foda-se, cara. — Rye balança a cabeça.

Eu mantenho minha boca fechada.

— A próxima coisa que você vai estar nos dizendo que você tem uma dor de cabeça, — diz Whip, seu nariz se enrugando como se estivesse sentindo algo maduro.

— Agora que você mencionou, — eu começo com um sorriso forçado.

Todos reviram os olhos e gemem. Jax joga uma garrafa de água na minha cabeça. Eu pego no ar.

— Tome um pouco de aspirina e vire para cima, — diz ele, jogando um pequeno frasco de comprimidos em seguida.

Eu também entendo isso e agarro na minha mão. Porra do inferno. Estou preso. Nós temos uma rara noite de folga. Depois que terminamos nossa passagem de som inicial e inicial, Libby subiu as escadas, dizendo que estava tirando algum tempo para si mesma. Nenhum dos caras questionou isso. Por que eles deveriam? Ela tem direito a algum espaço pessoal.

Eu não tenho a mesma margem de manobra. Não, eles querem sair, ir a um bar e conferir a cena local - o que significa mulheres. Normalmente, eu ficaria um tempo com os caras. Eles são meus melhores amigos, nos separamos há quase um ano. Mas ter que declinar os avanços das mulheres sem que os caras entendam por quê? Difícil. E não é divertido.

Nenhum dos dois continua fingindo que Libby é apenas minha amiga. Eu não posso tocá-la do jeito que eu quero, o que é praticamente o tempo todo. Eu praticamente tenho que sentar em minhas mãos para não tentar alcançá-la. Me deixa malditamente rabugento.

Pior? Libby tem me dado olhares o dia todo. E eles não eram sensuais, do tipo quando eu estou entrando nela. Ela está pensando coisas. Nunca é um bom sinal quando é acompanhado por carrancas.

Scottie conversou com ela antes, então é uma boa aposta sobre o que é isso. Mas eu não consigo imaginar se ela é louca ou não. E eu quero saber. Agora. Quando ela cortou a noite cedo, não era como se eu pudesse dizer: "Ah, ei, eu estou indo embora com Libby também". Eu estou preso esperando meu tempo.

Eu poderia ter canalizado a minha criança interior e fodidamente amuado, não fosse pelo fato de que os caras também se perguntariam sobre isso. Caralho.

A frustração abre caminho pela minha garganta e eu deixo escapar a única coisa que sei que os fará recuar, mesmo que isso me humilhe no processo. — Eu tenho que cagar, tudo bem?

Três conjuntos de rostos chocados me encaram.

— Agora posso ir, ou há mais alguma coisa que vocês queiram?

Whip limpa a garganta. — Cara, apenas vá. Quero dizer, cuide de você e de tudo isso.

— Pegue um pouco de Pepto ou algo assim, — acrescenta Whip.

— Você não acabou de usar o banheiro? — Jax lança um olhar para o banheiro em questão. — É melhor você não ter uma virose.

Eu joguei a garrafa de água de volta para ele. — Cala a boca.

Eu nunca vou esquecer isso. Eu serei o Senhor Cagão por toda a turnê. Mas isso me liberta. — Eu me encontro com vocês mais tarde, — digo a eles enquanto me dirijo para a porta.

— Não, se você ainda estiver no banheiro, — grita Rye.

— Talvez seja melhor que Jules peça uma caixa de Dependos por precaução.

Sim. Toda a turnê.

Quando finalmente me deixo entrar em seu quarto, estou tenso, irritado e pronto para escalar as malditas paredes.

Libby está no quarto e grita um leve "ei" enquanto coloco o cartão no console e tiro os sapatos. Minhas entranhas ainda estão nervosas, mas não posso ignorar o simples fato de que caminhar em um espaço que contém Liberty é como entrar em um banho quente depois de um longo show. Meus músculos se liberam. Eu posso respirar. Eu me sinto como eu mesmo novamente.

Sua voz desencarnada vem do quarto. — Você sabe o que é uma merda?

— Quando as redes a cabo decidiram dividir as temporadas de TV pela metade? — Eu tiro minha camisa e a jogo de lado, indo em sua direção. — Quero dizer, o que é essa merda? Não nos faça pagar só porque você tem um cronograma de produção lento.

— Realmente não assisto TV.

Parando na porta, eu pressiono a mão no meu coração com um gemido de dor. — É isso aí, nós não podemos mais ficar juntos. E o que diabos você está fazendo?

Liberty está na ponta dos pés no topo da cama, sua bunda doce espreitando debaixo da borda de uma das minhas camisetas enquanto ela tenta alcançar algo no teto. — O que eu não daria por uma vassoura. Estou tentando pegar essa mariposa…

Meu grito efetivamente a interrompe. Eu me volto para a borda da porta. —

Mariposa? Onde está a porra da mariposa?!

Libby se vira e abre a boca. — Que merda...?

Um suor frio irrompe sobre a minha pele enquanto olho o pequeno demônio do inferno esvoaçando ao redor da cama. Jesus, como eu não vi isso? Ele faz um movimento em minha direção e eu grito, pulando mais para trás. — Mate, mulher! Mate. Isto!

Libby solta uma gargalhada e depois dá um duplo quando eu caio na poltrona. — Você tem medo.

Eu não tiro meus olhos do monstro. — Você vai matá-lo ou eu vou ter que chamar a segurança?

Rindo, ela pega um travesseiro.

Horror. Sinto puro horror. — Não o travesseiro… — Ela esmaga a mariposa. E eu estremeço. — Droga, eu não vou usar esse travesseiro. Nunca mais.

— Podemos lavar.

— Não é bom o suficiente. Coloque o travesseiro no corredor.

Libby me dá um olhar de lado enquanto pega um lenço e limpa a pequena carcaça de mariposa. Ou eu acho que é o que ela está fazendo. Eu não assisto. — Foi embora?

As coxas quentes de Libby deslizam sobre as minhas e seu peso se instala em mim. Mesmo que eu ainda esteja assustado com a mariposa que estava pendurada acima da minha cama - apenas esperando para me pegar enquanto eu dormia - minhas mãos imediatamente a procuram, alisando sua pele macia e agarrando sua bunda. Deus, eu amo sua bunda. Eu poderia aperta-la o dia todo.

Ela faz um pequeno barulho rouco, seus braços se aproximam para envolver meu pescoço e o calor queima minhas coxas. Eu puxo-a para mais perto, querendo ela por cima do meu pau. Ela não resiste, mas ela está definitivamente distraída.

— O que há com as mariposas? — Ela pergunta, colocando um beijo suave no canto do meu olho.

É estranho tremer tanto com o prazer do beijo dela quanto com a repulsa pela mariposa. Por melhor que ela se sinta, uma mariposa intrusa tem o poder de me mandar correndo. Eu faço careta e me concentro em seu perfume, sua pele quente. — Eu odeio elas.

Libby faz um som suave. — Eu entendi isso. Por quê? — Seus dedos traçam padrões através do meu cabelo despenteado.

— É estúpido. — Eu beijo meu caminho até o pescoço. — Eu tinha nove anos. No acampamento de verão. Uma mariposa voou no meu ouvido, começou a tremular… — Um estremecimento de corpo inteiro ameaça desalojar Libby do meu colo e eu a aperto mais, pressionando meu rosto em seu cabelo. — Não vamos falar sobre isso.

Ela ri, suas mãos vagando pelos meus ombros, minha nuca. — Pobre Killian. Não se preocupe, você está seguro agora.

Eu grunho, cutucando-a com meus quadris. — Não estou convencido. Beije e faça melhorar, Libs.

Eu quase posso sentir o sorriso dela. — Onde dói, baby?

— A ponta do meu pau.

Libby cantarola, balançando-se contra o meu pau. — Hmm... Então uma

mariposa rastejou até o seu.

Com um grito, eu pulo, mandando sua bunda para o chão, onde ela se quebra quando eu pulo para longe. Eu olho enquanto meu peito se ergue e cai. — Você é malditamente malvada. Má.

Eu tento não notar que a blusa dela está ao redor da cintura dela e as pernas dela estão bem abertas enquanto ela fica lá rindo pra caramba. Libby enxuga os olhos. — Você acreditou.

Não, eu não vou sorrir. Rosnando como se eu quisesse dizer isso, eu desci e a puxei para cima. Ela grita enquanto eu a jogo sobre meu ombro e a atiro na cama, aterrissando em cima dela antes que ela possa fugir. Enjaulando-a entre meus braços, eu franzo a testa para ela. Ela apenas sorri e ri.

— Você deveria estar arrependida, — eu digo.

Ela responde esticando o pescoço e beijando a ponta do meu nariz. — OK.

Eu me acomodo mais confortavelmente entre as pernas dela. — Não me dê aquele sorriso fofo. — Meus lábios roçam sua bochecha. — Eu estou bravo com você.

— Uh-hum. — Suas mãos encontram meu pescoço, seus dedos cavando os músculos tensos lá. Ela ri novamente.

— Continue rindo, — eu digo. — Veja onde isso leva você.

— Você sabia que pode rir de si mesmo até a morte?

— O que? Porra, não me diga isso. — Beijo a curva do pescoço dela, demorando-me lá. — Vou acabar vivendo com medo de que um de nós morreremos de rir.

Minhas mãos sustentam sua mandíbula delicada, e eu a beijo de novo, apenas para sentir a forma de seu sorriso. Libby derrete abaixo de mim, seus lábios se abrindo. Mas eu não sou o único a fazer as coisas. Ela me beija como se eu fosse seu sabor favorito.

Seus lábios se curvam contra os meus. Outro sorriso. Eu teria todos eles se pudesse. É por isso que sair não significa mais nada. Se os caras tivessem isso, eles entenderiam.

— Não se preocupe, — diz ela, brincando com as pontas curtas do meu cabelo. — Eu protegerei você.

— Proteja-me de rir? Eu não vejo como, você é quem costuma me fazer rir.

— Sempre que você corre o risco de perder o fôlego com risadas… — Ela chupava meu lóbulo da orelha, me aproximando, sua voz era uma suave cócega na minha pele. — Eu vou mencionar mariposas.

Eu grito, uma onda de terror induzida pela orelha a traça através de mim. Libby joga a cabeça para trás, gargalhando. Eu me lanço em cima dela, meus dedos encontrando seus pontos sensíveis. — Você é uma fada malvada. Cruel, má…

Palavras se dissolvem. Eu acabo com essa garota. Eu afundo contra ela com um suspiro, tomando cuidado para não a esmagar, mas deixando-a sentir meu peso. Meus olhos se fecham enquanto eu me envolvo com ela. — Eu senti sua falta hoje.

Minha voz está abafada em seus cabelos, mas ela continua quieta, claramente me ouvindo.

— Eu estava lá com você, — diz ela em voz baixa.

— Você estava? — Minhas costas ficam tensas, e eu me lembro de sua distância anterior, a frieza de ser excluída. — Senti como se você estivesse em outro lugar.

Ela fica tensa também, seu corpo se contorcendo. Eu não a deixo ir. Ela vai correr e eu odeio isso.

— Killian, deixe-me respirar.

— Respiração é superestimada, — eu murmuro, mas rolo de cima dela.

Libby se senta e balança os pés para o lado da cama, me dando as costas. Foda-se. Eu não vou deixá-la se esconder. Eu me levanto e sento ao lado dela.

— Scottie falou comigo hoje, — diz ela, olhando para o chão.

— Eu vi. — Eu estava esperando por ela para me dizer. Para qualquer palavra. Em vez disso, eu fiquei em silêncio.

Um som exasperado rasgou sua garganta. — Você poderia ter me avisado.

— Sim, eu poderia. — Eu corro a mão ao longo da parte de trás do meu pescoço. — Eu não queria.

Ela se vira para mim tão rápido, seu cabelo bate no meu ombro. — Você está brincando comigo?

Eu bufo, segurando seu olhar. — Então você poderia fugir disso? Discutir tudo antes de ouvir o que ele tinha a dizer? Não, Libs, não estou brincando.

— Você não sabe que...

— Eu sei. Eu conheço você. Você querendo admitir isso ou não. — Eu me inclino mais perto. — EU. Conheço. Você.

Eu ouço seus dentes baterem. — Se você me conhece tão bem, — ela ri, — você deve saber que eu não quero ou preciso de você para traçar minha vida.

— E se você me conhecesse, você nunca me acusaria disso. — Eu me levanto e passo, meu rosto ficando quente. — Merda. Quer dizer, você acha mesmo que foi isso que eu fiz?

Ela cruza os braços sobre o peito. — Você acabou de admitir que falou com ele!

— Conversei, Libs. Isso é tudo. Jesus. — Eu aperto minhas mãos na parte de trás da minha cabeça. — Ele perguntou minha opinião. Dei-a. Não transforme isso em uma conspiração selvagem.

Libby fica de pé, com os punhos cerrados ao lado do corpo. — Você está me dizendo que não me trouxe aqui pensando que isso iria acontecer? Que você não pensou, por um segundo, sobre Scottie tentando me fazer algo que eu não sou?

— Você acha que eu vou negar que no segundo em que toquei com você eu sabia que você seria ótima em um palco? Eu não vou. — Eu rio sem humor. — E você também não deveria.

Ela solta um suspiro. — Eu não sou uma estrela.

Algo em mim suaviza e eu dou um passo mais perto. — Você já está no meio do caminho. Você só não vê ainda.

O pânico explode em seus olhos e ela recua, seus lábios se abrindo como se lutasse para respirar. — Eu quero isso.

O maluco? Eu sou aquele que acende por dentro. Seus sucessos se tornaram meus. — Baby, você vai tê-lo.

Mas ela balança a cabeça como se eu não estivesse entendendo. — Há alguns meses, eu morava no mar. As únicas pessoas com quem conversei foram a sra.

Nellwood e o velho George no posto de gasolina.

— E você gostou?

— Eu odiei, — ela sussurra, seus olhos ficando vítreos. — Você me tirou disso. Eu nunca sonhei que essa vida iria acontecer. Mas está aqui. E agora... — Um rubor furioso mancha suas bochechas. Deus, minha garota tem orgulho do barco. Mas sua confiança foi chutada com força. Libby afasta uma mecha de seu cabelo e ergue o queixo como se estivesse se preparando para um golpe. — Você concorda com Scottie que eu deveria fazer algo que me levará embora.

A implicação me atinge como um tijolo. Meu coração aperta no meu peito. Ela está tão errada. Como ela pode ser tão certa para mim e tão errada sobre si mesma? Eu fecho o espaço entre nós e a puxo para os meus braços. Ela se esforça, tentando se libertar enquanto eu acalmo ela sob a minha respiração e esfrego os braços.

— Não é sobre mandar você embora, boneca. É sobre libertar você.

Suas costas endurecem. — Libertar? Me desculpe, mas isso é apenas semântica, Killian.

— De jeito nenhum, — eu digo contra sua bochecha, ainda segurando rápido. — Você quer a verdade? Quando Scottie me disse que ele ia pedir para representar você, uma parte de mim odiou a ideia. — Meus dedos apertam seu cabelo sedoso. — Uma grande parte de mim. Porque eu quero você aqui. Comigo. Sempre.

Ela respira fundo, como se ela fosse responder, provavelmente rasgará em mim. Então eu a beijo, suave, procurando, então duro e um pouco desesperado. Nós dois estamos ofegantes quando eu me afasto. Meu peito dói e quando eu descanso minha testa contra a dela, de repente estou tão cansado que tenho que fechar os olhos.

— Mas isso é egoísmo, Libby. E eu não posso fazer isso com você. Nunca com você. Porque você merece essa chance, mesmo que isso te afaste de mim por um tempo. Então eu disse a ele para ir em frente.

— Killian. — Ela suspira e esfrega as mãos ao longo do meu peito, quase como se isso a tranquilizasse mais do que eu. — Nem todo mundo tem sua confiança. Alguns de nós precisam se sentir um pouco à vontade.

Meus lábios pressionam contra sua testa e eu a respiro antes de falar. — Baby, se eu aprendi alguma coisa sobre oportunidade, é que você faz acontecer. O medo só vai te deter. Você pode ter o mundo. Apenas alcance isso.

— Eu não preciso do mundo, — ela sussurra.

— O que você precisa? — Eu pergunto tão suavemente.

Suas mãos deslizam para o meu pescoço, seus lábios acariciando meu queixo. — Você.

Eu juro que meus joelhos ficam fracos. Eu tenho que prendê-lo, respiro fundo. Eu a abraço apertado, sem vontade de deixar ir até encontrar sua boca. Ainda não. — Foda-se, Libby. — Eu a aconchego mais perto. — Precisamos parar de nos esconder. Eu odeio isso.

Eu a sinto tensa e beijo suas bochechas. Seus olhos estão arregalados e em pânico. Isso me irrita e me faz querer acariciá-la, protegê-la do mundo. Só eu sou a fonte da dor dela. Que é um chute no intestino. Isso torna minha voz crua. — Você me quer, mas você quer nos esconder?

— Quando você coloca dessa maneira, você faz parecer insignificante.

— Bem, desculpe-me por afirmar os fatos. — Irritação rasteja pela minha espinha.

Ela recua, seus dedos envolvendo meus pulsos. Ela me segura lá. — Palavras são simples, Killian. A vida real é um pouco mais confusa.

— Besteira. Por que você está resistindo a isso? Porque eu tenho que te dizer, dói.

— Jax está apenas começando a me respeitar.

— Jax pode ir se foder, — eu digo, depois suspiro. — Boneca, você tem o respeito dele. Não é porque estamos juntos.

— Você tem certeza disso? — Ela não parece remotamente convencida.

Eu abro minha boca para responder, mas fica alojado na minha garganta. Porque quem diabos sabe com o Jax mais? Os olhos de Libby se estreitam.

— Você não pode negar isso, — ressalta.

— Olha, talvez eu não saiba exatamente como ele vai reagir.

— E a repórter que me perguntou se eu estava transando com você?

— O quê? — Uma lambida de raiva bate no meu pescoço. — Quem diabos te perguntou isso?

— Uma repórter em Chicago. Ela me perguntou se eu estava transando com você. Ela se perguntou por que eu, uma "ninguém", estaria em turnê com vocês.

— Tudo bem, qual é o nome dessa garota, porque eu não estou aguento essa merda. — Na verdade, estou repensando em ter qualquer repórter em nossas festas. Não se eles vão assediar Libby.

— Não importa, — diz ela com voz cansada.

— Claro que sim-

— Não, Killian. Não importa. Não se é isso que todos estão pensando. Demiti-los ou xingá-los só vai abanar as chamas.

— Merda. — Eu passo na frente dela, agarrando a parte de trás do meu pescoço. — É um monte de besteira, você sabe. Qualquer um que ouve você, sabe que é talentosa. Scottie não quereria você como cliente se você não fosse. Confie em mim sobre isso.

— Eu confio. — Libby se aproxima, os olhos arregalados e doloridos. A palma da sua mão repousa no meu peito um segundo antes de ela envolver seus braços em volta da minha cintura, e porque eu não suporto não a tocar, eu a abraço perto. Ela morde meu pescoço e depois suspira. — Eu odeio isso, você sabe. Você acha que é fácil para mim esconder como me sinto? — Ela ri, mas não parece feliz. — Deus, é o pior tipo de tortura. Ainda pior do que quando nos conhecemos e eu estava tentando manter a calma e não pular em você.

Meus olhos se fecham novamente e eu descanso minha bochecha em sua cabeça. — Isso é assim?

— Mmm-hmm... Porque agora, eu sei o que estou perdendo. — Seus dedos entram sob minha camisa e acariciam. — Você é a melhor parte do meu dia, Killian.

Minha garganta trava com uma rapidez embaraçosa e eu a abraço com mais força.

Delicados dedos correm pelas minhas costas. — Nada me faria mais feliz do que poder reivindicar você em público. Mas essa alegria seria enegrecida se, em

troca, tivéssemos que lidar com especulações feias.

Penso em como teria reagido se tivesse ouvido o repórter perguntar a Libby essas perguntas. Eu teria perdido minha merda. Eu sei isso. E o conhecimento afunda como uma pedra no meu intestino. Longe estão os dias de comportamento selvagem e fora de controle do roqueiro. Você causa uma cena, você vai pagar. Advogados de etiqueta gravada no pescoço sobre violação de contrato e cláusulas de comportamento, pressione repetindo suas ações em câmera lenta repetidas vezes. Não é bonito.

Uma das piores partes da tentativa de suicídio de Jax foram os clipes dele sendo levado para uma ambulância, que tocou em um loop aparentemente interminável, junto com os repórteres presunçosos discutindo por que ele fez isso e se ele já se recuperaria. Foi culpa da banda ou ele estava apenas tentando chamar atenção?

Afastar-se da vida era o único recurso que qualquer um de nós tinha para manter nossa sanidade e dignidade.

Eu respiro fundo e deixo sair devagar. — Ok, não precisamos torná-lo público ainda. Mas os caras? Eles podem manter segredo. Inferno, somos treinados para fechar a boca. Ninguém vai saber nada a menos que nós deixemos. E estou cansado de esconder isso dos meus amigos. Estou cansado de mentir. Também não é exatamente admirável.

Ela me deixa ir e passa a mão pelo cabelo dela. — Eu sei. Mas os caras não vão me olhar da mesma maneira.

— Discordo. Mas, inferno, não deveria importar o que eles pensam.

Ela bufa, seus lábios torcendo. — Não, não deveria. Mas isso acontece. E eu ainda não encontrei ninguém que realmente não se importe com o que as pessoas com quem trabalham pensem sobre elas.

— Eu não me importo.

— Sim, você se importa. — Ela descansa a mão no meu peito. — Você tem mais confiança do que qualquer homem tem direito, mas você quer boas opiniões de seus amigos. Você queria isso pra mim. Caso contrário, você não teria feito tudo o que fez para suavizar meu caminho.

A pressão aperta minhas costelas e eu grunho. — OK, tudo bem. Eu quero que eles gostem de você. Eu quero que nos damos bem. Mas-

— Agora, somos apenas nós em nossa pequena bolha particular. Tudo muda quando lhes dissermos, para melhor ou para pior. Se pudéssemos apenas esperar… — Ela morde o lábio. — Por favor, Killian? Por favor, só mais um pouco?

Meu peito aperta ainda mais. Claro, ela tem razão, mas quando isso vai mudar? E se ela não quer isso agora, quando ela vai? Eu engulo em seco contra o nó na garganta. — Eu odeio isso. Todo dia eu queria tocar em você. Não é nem sexo, Lib. Eu tenho que lutar contra o impulso de segurar sua maldita mão. Estou cortado nas bolas.

Sua boca é esquisita, mas só alimenta minha raiva.

— Eu não posso fazer isso por muito mais tempo. — As palavras pairam lá, soando mais difícil do que eu pretendia.

— Fazer o que? — Ela pergunta, seu rosto empalidecendo.

Eu fico olhando para ela, percebendo que eu poderia dar um ultimato. Eu

poderia forçar o problema. Eu não estou acostumado a me sentir impotente ou magoado. Porra. Eu respiro passado a dor nas minhas costelas. — Você teve muito amontoado em você hoje. Eu vou tomar banho. — Eu me afastei dela, indo em direção ao banheiro. — Resolva sua merda, Libby. Eu estarei aqui quando você fizer isso.

LIBBY

EU MACHUQUEI ELE. Eu sei disso. Eu sabia disso quando pedi a Killian para manter nosso relacionamento tranquilo e quando pedi a ele para continuar fazendo isso. Eu odeio machucá-lo. Mas eu vejo o que ele não pode ou se recusa a reconhecer. O mundo não é preto e branco. E a banda não está bem. Eles estão andando feridos agora. O amor entre eles é claro. Eles são irmãos. Mas Jax nivelou um golpe do qual eles ainda estão se recuperando. E a ideia de adicionar mais drama, mais incerteza me faz sentir mal.

Eu machuquei ele. Eu sei disso. Eu sabia disso quando pedi a Killian para manter nosso relacionamento tranquilo e quando pedi a ele para continuar fazendo isso. Eu odeio machucá-lo. Mas eu vejo o que ele não pode ou se recusa a reconhecer. O mundo não é preto e branco. E a banda não está bem. Eles estão andando feridos agora. O amor entre eles é claro. Eles são irmãos. Mas Jax nivelou um golpe do qual eles ainda estão se recuperando. E a ideia de adicionar mais drama, mais incerteza me faz sentir mal.

No início, foi o orgulho que me motivou a manter meu relacionamento com Killian em segredo. Mas agora é algo mais. Eu me preocupo com esses caras, como indivíduos e como um grupo. Eu não quero ficar entre eles quando eles ainda são frágeis.

Eu digo a mim mesma tudo isso. Mas não ajuda quando entramos numa limusine e saímos para a noite. Os caras querem relaxar, relaxar um pouco indo a clubes. Eu deveria ter ficado, mas quando Whip ligou para perguntar, o olhar no rosto de Killian - como se ele esperasse que eu me mantivesse longe dele - doía também.

Então, aqui estou eu, espremida entre Whip e Rye, que estão trocando piadas pela minha cabeça: a maioria delas sobre o suposto desconforto intestinal de Killian. Juntando as peças, parece que Killian deu uma desculpa para voltar para mim às custas de seu orgulho. Eu me sinto ainda mais para baixo.

Não que Killian pareça incomodado com a provocação deles. Ele se senta no meio do caminho, seu corpo longo descansando contra o assento, suas coxas abertas como se ele quisesse ocupar tanto espaço quanto possível. Enquanto seguimos em frente, as luzes da cidade entram e saem do carro escurecido, iluminando o rosto dele e jogando-o na sombra.

Ele não fala muito, apenas olha pela janela e ocasionalmente bufa com uma piada de merda. Mas então, como se ele sentisse meu olhar, ele olha para mim. Nossos olhares se chocam e é como se alguém tivesse puxado um tapete debaixo

dos meus pés. Minhas entranhas golpeiam, o calor arrepia minha pele. E nos saltos disso vem uma onda de emoção, apertando meu coração, me pegando pela garganta.

É sempre assim. Ele olha para mim, eu caio. Eu tenho uma sensação horrível que será assim toda a minha vida. Killian James me acorda, me faz completa.

Eu quero dizer a ele isso, colocar minha mão na dele e pedir que ele nunca solte. Mas ele olha para fora, inclinando-se para dizer alguma coisa para Jax. Eu não consigo ouvir o que - meu coração está trovejando nos meus ouvidos.

O carro para, a porta se abre. Eu saí para seguir o fluxo dos caras em um clube. Nós seguimos para uma seção VIP no topo de uma enorme escada de aço circular. As pessoas assistem enquanto vamos.

Olhares rastejam sobre minha pele. Durante anos os caras viveram assim. Eu não sei como eles conseguem. Talvez eles amem isto. Eles estão todos sorrindo, apertando as mãos de pessoas que eles conhecem, parando para ouvir alguém sussurrar em seus ouvidos.

Killian está à minha frente, caminhando com Jax. Eles são praticamente assediados por mulheres, até que apenas suas cabeças são visíveis acima do enxame. Eu ajustei meu queixo e segui. Isso faz parte da vida de Killian. Não há nada que eu possa dizer aqui porque, aos olhos do mundo, sou apenas sua amiga. Isso não me incomodou antes. Parecia mais um segredo que compartilhamos entre nós. As mulheres podem passar, mas elas nunca vão para casa com ele.

Agora isso só dói. Porque de repente parece que estou vislumbrando um futuro onde não estou lá. Eu não posso nem mesmo apontar porque me sinto assim. Só que Killian e eu estamos nos movendo a toda velocidade e a menor batida pode nos tirar do rumo. Ou talvez seja porque eu sei que Killian não precisa de mim tanto quanto eu preciso dele. Por que ele iria? Ele tem o mundo. E eu estou completamente fora do meu elemento quando se trata desta vida.

— Eu preciso de um coquetel de festa de piedade, — eu digo no ouvido de Brenna quando ela vem comigo.

Sua sombra de olho de ouro brilha na luz. — Duplo?

— E frutado, — acrescento. — Coquetéis de piedade sempre devem ser frutados.

Ela pega meu cotovelo e me leva para uma pequena cabina um tanto quieta no canto mais distante da sala antes que ela saia para nos trazer bebidas. Há momentos em que a banda pede uma pequena sala só para eles. Esta não é uma daquelas noites. As pessoas entram e saem - na maioria das vezes - como gado através de um portão. A música não é tão alta aqui, mas é suficiente que a conversa não esteja na agenda. Whip já está de pé em uma das mesas, dançando com uma morena em um minúsculo vestido prateado.

Eu me arrependo um pouco de não ter vestido também. Em um mar de vestidos pequeninos, sou a conservadora de jeans skinny preto, botas de salto alto e uma camisa de seda verde. Estou confortável, mas não me sinto sexy. Há momentos em que uma garota precisa ser sexy. Essa é a coisa que ninguém nunca te diz. Sexy pode ser tanto uma arma quanto um muro de defesa.

O estande está agitado enquanto Rye se deita ao meu lado. Ele coloca um braço ao longo da parte de trás dos meus ombros e se inclina. — O que está tremendo, bacon?

Meus lábios puxam um sorriso relutante. — Nada, recheio.

Ele toma um gole do que parece ser um gim-tônica - porque é claro que ele já foi servido. Provavelmente há uma garçonete de prontidão para ele. — Parece que você engoliu uma cabra.

— Uma cabra? — Eu rio. — Como diabos isso se parece?

— Um pouco doente e lutando com uma mordaça.

— Você realmente sabe como fazer uma garota se sentir bem consigo mesma, Rye.

Ele enfia a ponta da língua entre os dentes em um gesto lascivo, mas depois sua expressão se torna gentil. — Estou falando sério, Buttercup. Você está bem?

— Buttercup?

— Sim, você parece com a princesa Buttercup.

— Isso é tão longe quanto dizer que você se parece com o Dread Pirate Roberts.

— Eu poderia balançar totalmente uma máscara. Seria pervertido pra caralho. — Ele toma outro gole, seus olhos vagando antes de voltar para mim. — Então o que está acontecendo? Alguém sendo malvado com você?

— O que? Não e nada.

— Tem certeza disso? Porque eu não tenho esses enormes bíceps apenas para mostrar. Eu ficarei feliz em machucar alguém por você.

— Você é doce. Mas não é nada mesmo. Este não é o meu lugar.

— Não é lugar de ninguém. Você tem que possuí-lo para torná-lo seu.

— Bem, eu não estou interessada.

Um olhar através da sala e encontro a forma familiar de Killian. Ele tem duas mulheres agarradas a seus braços, embora ele não pareça percebê-las enquanto fala com John, um de nossos engenheiros de som. A loira à sua esquerda claramente não gosta de ser ignorada e começa a acariciar seu peito. Meu próprio peito aperta e desviei o olhar.

— Bem aí, — Rye aponta para o meu rosto. — Olhar de quem engoliu uma cabra.

— Argh, você pararia de usar cabra? Eu vou desenvolver um complexo. — Minha risada parece forçada. — Estou bem.

— Aqui estamos, — Brenna anuncia brilhantemente quando ela coloca dois copos de martini, cheios de líquido verde-limão. — Um coquetel frutado de festa de piedade.

Rye me dá uma olhada. — Você estava dizendo?

— O que ela estava dizendo? — Brenna pergunta, sentando-se e tomando um gole de sua bebida.

Neste ponto, é um milagre que ela inclua o Rye na conversa, então mesmo que eu prefira não falar sobre isso, eu respondo. — Que eu não pareço ter engolido uma cabra.

Uma sobrancelha delicadamente erguida se ergue. — Claro que você não querida. É mais como se você tivesse chupado um limão.

Eu reviro meus olhos e pego minha bebida. É azedo, doce e queima um pouco. Perfeito.

— Ela está de bom humor, — diz Rye. Sem aviso, ele envolve um braço musculoso em volta de mim e me puxa para um abraço, espalhando minha

bebida por toda a mesa. — Calma, calma, Buttercup, diga-me quem colocou a carranca em seu rosto e eu vou melhorá-los com a minha espada.

Uma risada fraca se solta e eu descanso minha cabeça em seu ombro. Eu sou filha única, mas sei que Rye teria feito um excelente irmão mais velho.

É quase estranho como eu posso sentir Killian quando ele se aproxima. Um segundo, estou sorrindo, me sentindo um pouco triste, mas cuidado. No próximo, meu corpo fica tenso, meu ritmo cardíaco acelerando. Eu sei que é por causa dele e não é uma surpresa olhar para cima e vê-lo em pé na frente da nossa mesa.

A loira ainda está em seu braço. A mulher não fez nada remotamente errado e eu a odeio.

Tudo dentro de mim cai. Eu sinto como se tivesse engolido uma cabra.

Seu olhar é para mim, depois se fixa em Rye. A tensão reveste sua boca enquanto ele se inclina para frente para ser ouvido. — Ei, cara, Jenny aqui queria conhecer você.

Rye imediatamente se desembaraça de mim e faz um gesto para que Jenny corra para o lado oposto. — Por todos os meios. Encontre-me, adore-me, me compre uma bebida. Eu estou bem com tudo isso.

Um ruído de engasgo mal velado vem da direção de Brenna. Rye ignora e puxa Jenny no colo.

Enquanto ela ri e se aconchega perto de Rye, Killian olha para mim. Seus olhos são duros e eu quero rir. Ele realmente acha que estou me envolvendo com o Rye? A contração em seu queixo me diz que ele acha. Eu olho para trás, aborrecimento arrancando minha pele.

— Eu ia perguntar se vocês precisavam de alguma coisa, — diz ele, para compensar a música. — Mas parece que você está cuidando.

Eu gostaria de dizer a ele onde ele pode enfiar o seu tom sarcástico. Mas Brenna corta. — Fica com a gente. — Ela soa quase desesperada, seu corpo rígido e seu olhar decididamente não em Rye e sua nova amiga.

Killian não olha para mim enquanto ele balança a cabeça. — Jax tem me dado uma merda sobre ser um eremita, — ele enfatiza a palavra como um chicote na minha direção. — Esconder-se em um estande não vai ajudar.

Babaca. Eu não sou um eremita. Não desde que ele me arrastou para esta vida e me fez ver o que estava perdendo. E eu não me escondo. Ok, agora eu tenho o desejo de rastejar de volta para minha concha. Mas eu cresci fora disso. Eu também ficaria infeliz lá.

Um nó se levanta na minha garganta, a solidão me cobre como uma onda. Mas então Killian se vira para mim, inclinando-se um pouco. Mesmo no ar frio e mofado do clube, sinto o cheiro dele, picante e quente. Seus olhos de café amolecem. — Você está bem?

O nó na minha garganta cresce. Ele está me dando o que eu pedi. Anonimato. Se eu não quero que nosso relacionamento seja público, é assim que tem que ser. Mas ele ainda é meu. Eu posso ver isso agora no modo como seus olhos de repente parecem aflitos.

— Eu estou bem, — eu resmungo.

Ele olha para mim por mais um segundo, depois acena com a cabeça. — Até logo.

Assim que ele se vai, eu me esvazio no meu lugar.

— Problemas no paraíso? — Brenna murmura no meu ouvido.

Eu abaixo o resto do meu coquetel antes de responder. — Ele não gosta de se esconder.

Eu não me preocupo com o fato de Rye ter ouvido. Ele já está com a língua na garganta de Jenny, e eles estão vagarosamente listados à direita.

Brenna os ignora, sua expressão tão suavizada, eu sei que isso está custando a ela. Ela toma um gole de seu coquetel. — Meu primo é surpreendentemente direto.

— Você acha que eu sou uma idiota, não é? — Eu preciso de outra bebida.

— Deus, não. — Ela se inclina contra o meu ombro em uma demonstração de apoio. — Você está se protegendo de um mundo de merda. Não significa que ele vai gostar.

— Eu pensei que estava me protegendo, — eu digo a ela, miséria me inundando mais rápido do que o álcool pode anestesiá-lo. — Mas pensando em como me senti quando o repórter me questionou, acho que preferiria dizer ao mundo para se foder do que se esconder.

Brenna sabe tudo sobre o meu encontro com a Sra. Zelda Smith. — Sim, bem, Zelda não parece ter problema em foder um membro da banda, então ela não pode atirar pedras.

— Honestamente, eu não quero o público no meu negócio. Nunca. Mas isso é mais sobre ser uma pessoa privada em geral.

— Eles não precisam estar. Pessoas famosas escondem seus relacionamentos o tempo todo. Bem… — Ela me dá um sorriso de desculpas. — Pelo tempo que puderem, de qualquer maneira.

Famosas. Quero rir. Eu não sou famosa. Mas Killian é. E sua vida está voltando ao foco.

— Se fosse só eu e ele? Eu não me importaria muito. Mas os caras estão voltando juntos. Jax claramente não queria que eu me juntasse a eles.

— Você está protegendo eles. — Ela parece genuinamente surpresa.

— Isso é tão errado?

Uma carranca está no rosto dela, e ela volta sua atenção para a parte da sala onde os caras estão rindo em um grupo - bem, exceto por Rye, que está fazendo ruídos tão indecentes que eu realmente não quero olhar.

A expressão de Brenna suaviza quando ela observa Killian e Whip fazendo um tipo estranho de colisão no quadril, como se estivessem demonstrando um movimento de dança para um monte de mulheres de olhos arregalados. — Você deveria tê-los visto antes de Jax... Eles eram como um bando de cachorrinhos. — Ela ri, toma um gole. — Todos nós éramos realmente. Até o Scottie. Foi esse passeio selvagem, nunca descendo, festa, diversão, festa.

O vazio me enche. Eu não posso ser essa garota. Eu não quero ser.

Brenna olha para mim. — Foi tudo besteira, no entanto. Nada real. Quando Jax tentou... Ele quebrou todos nós.

— Killian disse tanto - sobre isso estragando-os.

— Ele tem razão. Nos arrancou da infância. — Ela balança a cabeça, franzindo os lábios vermelhos e brilhantes. — Não é uma coisa ruim, Libby. Viver assim não era saudável. Esses meninos, eles não tinham nada para criá-los. Nada que significasse nada.

A música muda para “Right Now”, de Mary J. Blige e uma mulher puxa Killian para dançar. Ele deixa. Ele não está fazendo nada indecente. Apenas dançando. Não muda o fato de que outra mulher tem as mãos sobre ele, balançando e rangendo com a batida.

Brenna fala baixinho no meu ouvido. — A vida avança, Libby. Tentar pará-la ou rebobinar é um desperdício de energia.

Assistir a dança de Killian corta meu coração. Eu não posso respirar. Eu nunca fui uma pessoa ciumenta. Eu posso dizer com segurança que é a pior emoção da terra. E agora se contorce dentro de mim até que eu queira vomitar apenas para me livrar do sentimento.

Todas as coisas que eu disse a ele, todas as coisas que ele disse para mim, as coisas que fizemos - tudo isso - giram no meu cérebro. Penso naquele dia em que o vi pela primeira vez esparramado no gramado. Se eu tivesse pegado o telefone e ligado à polícia, em vez de me envolver com ele, eu ficaria ignorante agora. Seguramente escondida do mundo. Da vida. Uma vida sem Killian.

Quando a mão da mulher vai para a bunda de Killian, eu me levanto, batendo na mesa. Bebidas espirram, a mesa grita.

— Desculpe-me, — murmuro para Brenna, que sabiamente sai do meu caminho.

Minha saída da mesa está longe de ser graciosa, mais como um trator empurrando tudo para fora do caminho. E a cabeça de Killian se levanta, seus olhos encontram os meus. Um olhar preocupado em seu rosto.

Eu só posso olhar para trás, bebendo na visão dele.

Seus cabelos escuros, cortados perto de seu crânio bem delineado, destacam a curva acentuada de suas maçãs do rosto, os cortes de suas sobrancelhas e a curva suave de seus lábios. Ele é um homem lindo. Vestido com uma camisa preta de botões e calças pretas, ele também não se parece em nada com o homem que encontrei bêbado no meu gramado. Aqui, ele é o milionário esperto, o roqueiro sem esforço, um ídolo intocável que todo mundo quer um pedaço.

As pessoas o cercam, uma parede de carne humana entre ele e eu. Eu ignoro tudo. Isso não é real.

Sua carranca cresce enquanto eu ando, meus passos determinados. No interior, meu coração está acelerado. Eu não sei o que ele vê na minha cara, mas sua expressão cuidadosa se despedaça. Olhos escuros se enchem de propósito, seu corpo ficando mais alto. Ele se desculpa e se move, graça líquida, passos poderosos.

Eu começo a tremer profundamente dentro de mim. Desejo eu posso lidar. Mas a emoção em seu rosto, como se ele soubesse - ele sabe - eu estou me separando, e ele também, embaça minha visão. Eu pisco duas vezes e vou até ele, deixando as pessoas de lado.

Ele me encontra no meio do caminho, parando diante de mim, sua altura bloqueando tudo ao nosso redor. Ele olha para mim, procurando meu rosto. — Elly May?

Minha cabeça se inclina para trás para encontrar seu olhar. — Bêbado do gramado. — Eu alcanço, bebo sua bochecha, áspera com barba por fazer, e puxo-o para perto. Nossos lábios se encontram, seu questionamento, meu exigente. E então ele solta um som baixo, como um suspiro, mas mais áspero,

carente. Seus braços me envolvem, puxando meu corpo contra o dele enquanto ele inclina a cabeça e se afunda em um beijo que tira a força dos meus joelhos. Mas Killian me segura.

Lá, na pista de dança, nós nos beijamos e é confuso, sujo e cheio de confissões silenciosas: *me desculpe. Eu sei. Eu preciso de você. Eu preciso de você mais.*

Quando finalmente nos afastamos, seus lábios se curvam em um meio sorriso e seus dedos se entrelaçam com os meus. — Tudo bem, então.

Eu toco sua bochecha novamente. — Eu te adoro, Killian James. O que quer que venha disso, eu não estou mais disposta a te esconder como se você fosse algo para se envergonhar. Todos deveriam saber disso.

Seu sorriso cresce e ele descansa sua testa na minha. — Tenho certeza que todo mundo sabe agora.

Eu me aconchego em seu abraço. — Bom. Então eu não tenho que tirar um anúncio.

Uma meia risada ressoa para fora dele. Sua mão desliza até o meu pescoço e me dá um aperto. Eu fecho meus olhos.

— Hora de ir, — ele sussurra.

Eu não consigo parar de sorrir. — Mova suas coisas para o meu quarto. Ou eu vou para o seu.

— Boneca. — Ele me beija novamente, suavemente desta vez, em seguida, pressiona sua bochecha na minha. — Eu também quero. Dói tanto.

— Vocês dois estão prontos?

O tom irritado de Jax apaga nosso brilho em um instante. Killian se endireita em toda a sua altura e se vira. O olhar de Jax de nojo absoluto realmente dói para ver. Não tenho certeza se até gosto do cara, mas ele é o amigo mais próximo de Killian e importante para ele.

— Sim, — diz Killian lentamente, com gelo em sua voz. — Estamos prontos.

Jax bufa. — Eu sabia disso. Pensando com o seu pau.

Eu me contorço e o aperto de Killian na minha mão firma quando ele me puxa para mais perto do seu lado.

A sala se agita e percebo que Brenna e Scottie estão direcionando as pessoas para fora. Seguranças fazem um ótimo trabalho ajudando-os a limpar a sala no que parecem ser segundos.

— Jax, cara, — diz Killian. — Não começa.

— Por que não? Estamos todos pensando nisso.

Whip se aproxima. — Não estamos *todos* pensando nisso.

— Definitivamente não é o que estou pensando, — acrescenta Rye. — Já era tempo, era o que eu estava pensando. — Ele me dá um sorriso feliz. — Não engula mais cabras.

— Não, — eu digo, dando-lhe um pequeno sorriso de volta.

O resto dos caras estão claramente confusos com isso.

Mas Jax bufa. — E, no entanto, todos sabem exatamente o que estou pensando.

— Por que você não faz isso por mim? — Killian pergunta. Há uma nota escura e sedosa em sua voz que eu nunca ouvi antes. Um aviso definitivo.

Jax ou não percebe ou não se importa. — Se você quisesse que sua parceira

viesse em turnê, você deveria ter acabado de dizer isso. Você não teve que arrastá-la ao palco e mexer com a banda.

Killian respira fundo e solta lentamente. — Eu não vou bater em você, — ele finalmente diz. — Você merece. Mas eu não vou. Entenda isso agora. Essa é a última vez que você desrespeita Libby. Você me entendeu?

Jax olha para mim e por um segundo eu vejo um estremecimento de arrependimento, então se foi. — Você desrespeitou a si mesmo, — diz ele, — escondendo e fingindo que isso era sobre prazer.

— Você está certo, — eu digo antes que Killian possa responder. — É por isso que eu não estou mais me escondendo.

— Mas você ainda vai fingir que pertence aqui?

Ok, isso doeu.

Killian rosna, dando um passo em direção a Jax. — Que porra é o seu problema?

— Meu problema? Você mentiu. Para todos nós.

— Cara, — diz Rye, balançando a cabeça para Jax. — Era óbvio que eles estavam juntos.

— Ah, sério. Tire sua cabeça da sua bunda, cara, — Whip acrescenta, dando a Killian um sorriso insolente. — Eu sabia o que tinha acontecido no momento em que ele começou a falar sobre sua voz. E não é como se eles fossem muito bons em esconder aqueles olhares safados que continuam jogando um ao outro.

Os olhos de Killian se estreitam. — Você sabia e você ia convidá-la para sair?

— Não, eu estava fodendo com você, Kill. Você deveria ter visto seu rosto. Eu pensei que você fosse estourar alguma coisa. — Whip ri.

— Eu estava prestes a *estourar* seu rosto, — murmura Killian, mas ele não parece realmente chateado. Não com Whip, de qualquer maneira. Ele volta sua atenção para Jax. — Você costumava ser melhor que isso.

— E você costumava não mentir pra mim.

As sobrancelhas de Killian se levantam. — Você começa a hipocrisia que você está jogando pro meu lado, certo?

Os cantos da boca de Jax ficam brancos. — Ótimo.

— Jax, — Whip começa, mas Jax lhe dá um olhar reprovador.

— Nós não precisamos dessa besteira agora, — diz Jax. Ele sai sem outra palavra.

CAPITULO VINTE E TRÊS

KILLIAN

— LIBS? — Minha voz é pouco acima de um sussurro no quarto escuro do hotel.

A dela volta tão suave quanto. — Sim?

— Quando eu te disse que eu nunca tive uma namorada, não era para marcar pontos. Foi um aviso.

Os lençóis farfalham quando ela se levanta no cotovelo. A queda suave de seu cabelo desliza sobre o ombro, as pontas sedosas fazendo cócegas no meu braço. — Aviso?

Eu rolo do meu lado e pego uma mecha de seu cabelo. — Eu não tenho ideia do que estou fazendo. E eu provavelmente farei uma merda estúpida.

— Killian, do que diabos você está falando? — Ela não parece irritada, mas divertida.

Meus olhos se ajustaram à escuridão o suficiente para que eu possa distinguir suas feições. Nua e bagunçada depois de horas de sexo, ela também é muito bonita, estou tendo dificuldade em me concentrar. Mas suas sobrancelhas levantam um pouco como se para me incitar a falar.

— Eu sinto muito, — eu digo a ela.

— Sente? Por quê? — Ela balança a cabeça. — Eu sou a única que deveria se desculpar. Eu magoei você. E isso me machuca também.

Tenho certeza que se eu a beijar agora, não vou parar. Então eu dou as pontas do cabelo dela um puxão gentil em reconhecimento. — O mesmo acontece comigo, boneca. — Um suspiro me escapa antes que eu possa controlar. — Você estava certa. Eu me esforço demais para conseguir o que acredito ser o melhor e não acho que as coisas aconteçam. Esta noite foi um show de merda. Assim como você previu.

A imprensa já está ficando louca. Não contei a ela sobre o frenesi da mídia social e o modo como o mundo agora está exigindo nossa história - e para saber tudo sobre ela. Eu não quero esse absurdo invadindo esse espaço.

Ela não diz nada por um segundo, então sua palma quente encontra meu peito. Eu fecho meus olhos enquanto ela alisa a mão sobre a minha pele. — Nós dois estávamos errados. E ambos estamos bem.

Eu solto um suspiro e olho para ela. — Eu vou falar pra Brenna colocar uma declaração o que nós sentimos um pelo outro durante a turnê e isso é tudo o que vamos dar a eles.

As sobrancelhas de Libby se juntam. — Por quê?

— Porque a sua felicidade é mais importante para mim do que qualquer outra coisa. — Um deslizar escuro e feio de arrependimento desce pelo meu interior. — E eu vou ser amaldiçoado se alguém te tratar do jeito que Jax fez hoje à noite. Me desculpe por isso também, Libs. Então, porra, desculpe.

Sua mão desliza até o meu pescoço enquanto ela se inclina e beija meu peito, bem em cima do meu coração. Lábios macios roçam meu mamilo antes que seus pequenos dentes o belisquem. Meu abdômen aperta em resposta, e um calor

familiar aumenta o meu pau cansado, mas claramente ainda ansioso. Libby me dá mais um beijo carinhoso, depois coloca os braços no meu peito. — Prometa-me uma coisa.

— Qualquer coisa. — Meus braços vêm ao redor de sua cintura, puxando-a para mais perto.

Ela sorri. — Você pode se arrepender de responder tão facilmente.

— Nunca. — Eu beijo a curva do seu pescoço, acaricio seus cabelos.

— Não fique com raiva de Jax.

Bom inferno. Eu recuo o suficiente para encontrar seu olhar. — Sentimentos são um pouco difíceis de ignorar, Libs. E eu estou fodidamente chateado.

A ponta do dedo dela traça minha sobrancelha. — Eu sei que você está. Eu estou pedindo que você não fique. Vocês precisam um do outro.

Eu quero discutir, mas ela fala antes de mim.

— E você não está feliz quando está chateado com ele.

— Há momentos em que eu realmente não gosto que você me leia tão bem, — digo a ela.

— Ele tem o direito de ficar louco. Eu estava errada em pedir que você escondesse isso de seus amigos e eu planejo me desculpar pela manhã.

Meus dentes de trás se apertam. — É melhor ele pedir desculpas em troca. Essa merda foi desnecessária para…

— Killian, — ela repreende. — Deixe pra lá. Não quero me arrepender do que fiz esta noite.

— Se arrepender? — Eu zombei, arrastando-a totalmente em cima de mim onde ela pertence. Seus seios macios encostam no meu peito e eu solto um grunhido de contentamento. — É melhor não. Foi quente como o inferno. Muito oficial e cavalheiresco.

Ela ri. Eu amo quando minha garota ri. Ela precisa de mais leveza em sua vida. — Por quê? Não estava gostando?

— Não, — eu protesto, beijando a ponta do nariz dela. — Eu meio que esperava que você me pegasse e me tirasse de lá.

Sua risada está completa agora. — Nerd.

Eu concordo. — E eu adorava ver você com ciúmes.

Eu não estava — ela protesta, seu nariz se enrugando de desgosto.

— Estava.

— Não mesmo.

— Muito. Sua pele tinha um tom verde. Linda, mas não tão bonita como é agora, toda corada e querendo mais. Tudo bem, você sabe. Eu vou dar a você. Eu sou fácil assim.

Sua risada sacode seu corpo, a curva suave de sua barriga pressionando meu pau duro. Ela balança a cabeça novamente. — Bom. Eu sempre quero isso de você. — Seus olhos brilham na luz fraca. — E eu estava com ciúmes.

— É isso. — Eu rolo, prendendo-a na cama. — Não durma hoje à noite. Porque preciso esclarecer algumas coisas e vai levar algum tempo.

LIBBY

KILLIAN SE SENTE EM CASA em cima de mim, apoiando-se em seus antebraços.

— Eu não vou ficar com ciúmes mais — digo a ele antes que ele possa falar. Um contra-ataque, porque ciúmes é uma emoção mesquinha da qual eu não quero parte, se eu puder evitar. — Essa foi uma anomalia rara.

— Ok. — Ele responde tão facilmente, como se contente com o que eu digo. Eu acho que ele está apenas me acalentando. Suas sobrancelhas levantam um pouco e há um sorriso em seus olhos. — Você clamou sua reivindicação em mim hoje à noite porque você estava com ciúmes?

— Você sabe que sim. — Eu cutuco o lado dele, encontrando o lugar que o faz gritar antes de eu ficar séria. — Na verdade, pensei em como seria minha vida se nunca tivesse te conhecido e não tivesse você nela. Isso é inaceitável.

— Você nunca terá que saber como seria — ele sussurra. — Porque eu não vou deixar você ir.

Tocando a parte de trás do seu pescoço, eu o beijo. E ele suspira, afundando-se nele.

— Ver você ter sido cabide de outras mulheres, no entanto, foi uma merda. — Eu lhe dou essa honestidade porque ele merece.

— Eu odeio ser pego por outras mulheres — ele respira contra meus lábios. — Beije-me e faça tudo melhor.

Beijo, praticamente, comendo na boca dele porque Killian tem um gosto tão bom e porque não importa quantas vezes eu o toque, eu sempre quero mais. Meu corpo treme, minhas pernas entrelaçadas ao redor de sua cintura, puxando-o para mais perto.

Ele ondula contra mim, balançando seus quadris contra os meus, agarrando-se como se nunca fosse o suficiente.

Uma de suas mãos desliza para o meu pescoço, acariciando-o, a outra mergulha entre nós. Seus dedos encontram os meus, guiando-os para baixo. Eu envolvo minha mão em torno de sua carne quente e ele geme.

— Isso é seu — diz ele, empurrando um pouco no meu aperto. — Como sua dona, você tem a obrigação de cuidar bem dele.

Eu sorrio contra sua boca. — Ah é?

— Mmm... — Ele morde meu queixo, faz o seu caminho pelo meu pescoço. — Acariciá-lo, beijá-lo, mantê-lo aquecido durante a noite, entretido durante o dia.

Eu acaricio ao longo do seu comprimento, apertando a ponta. Killian cantarola em aprovação.

— Assim, sim. — Ele chupa a dobra do meu pescoço. — Então, você sabe, ele também precisará de muito tempo de qualidade com sua nova melhor amiga, Boceta Bonita.

Uma risada suave me escapa, mas meu corpo aquece. Eu estou com os ossos cansados e doloridos. Nós passamos a noite toda juntos e eu ainda o quero dentro de mim novamente, empurrando um caminho com aquele grunhido baixo e ganancioso que ele sempre faz. O pensamento me deixa tonta. Meu polegar

circunda a cabeça larga de seu pênis, onde chora. Para mim.

— Se ele é meu — eu sussurro, mordiscando sua orelha — talvez ele não tenha que ficar todo vestido quando ele vier para uma visita.

Killian para, sua respiração quente e úmida no meu pescoço. — Você está dizendo que quer que eu te foda sem nada?

Eu não sei dizer se surpresa ou cautela aperta sua voz. Eu nunca pedi a um cara para ir sem. Eu nunca quis. Mas eu quero com Killian. — Você não quer? — Eu pergunto, cauteloso agora também. — Porque está tudo bem se você...

— Eu quero — ele corta, rouco e insistente. Seu olhar dispara sobre o meu rosto. — Você está tomando a pílula agora?

— Tomei uma injeção. Três meses de navegação clara. Por assim dizer.

Um sorriso familiar e arrogante se espalha por seu rosto. — Você sabe, fazer sem, isso significa um compromisso de longo prazo, não é? Você não diz: “Foda-me sem nada", a menos que você esteja pensando que é só você e eu por um longo tempo.

Eu paro, levantando minha cabeça. — Você está me tirando do meu lugar feliz, Killian James.

Sua risada vibra ao longo da minha pele. — E aqui estou prestes a afundar em meu lugar mais feliz. — Meu barulho de aborrecimento só serve para fazer seus olhos enrugarem. — Baby, é só você e eu. — Com isso, seu pau muito grosso, muito duro, perfeito demais empurra para dentro.

Esse primeiro impulso dele é sempre um choque para o sistema, meu corpo reagindo à invasão com uma onda de calor puro e uma pitada de dor doce. Mas é esse sentimento de conexão, nossos corpos se encontrando novamente da maneira mais elementar que aperta meu coração.

Killian entra em mim e eu estou completa. É tão simples assim.

Eu sei que ele sente isso também, porque seu corpo treme em um suspiro tempestuoso. Ele não para até ter entrado completamente - grande, ousado e inegável.

— Hey — diz ele suavemente, mantendo-se lá. — Olhe para mim.

Minhas pálpebras se abrem, aquela sensação preguiçosa e lânguida percorrendo meu corpo como um calor dourado líquido.

Seus olhos brilham de emoção. — Você e eu, Libby. Nós ficamos juntos e tudo ficará bem.

Eu acredito nele. Lá no escuro, cercado por sua força, acredito que nada nos separará.

CAPITULO VINTE E QUATRO

LIBBY

SEATTLE. É fria. É chuvosa. É linda. É também a última parada na parte norte-americana da turnê. Daqui vamos para o exterior - para Berlim primeiro. Eu não tenho ideia do porque estamos pulando em todo o lugar, mas Brenna explicou que tem a ver com os promotores de shows e horários de shows. Eu realmente não me importo, ir para a Europa é emocionante e eu não posso esperar.

Por enquanto, porém, é Seattle. Assim que entramos em nosso hotel, os caras e eu entramos em uma van que Whip alugou. Ele está dirigindo, por uma vez, somos apenas os cinco. Nenhuma equipe, nem gerentes, assistentes ou jornalistas. É legal.

A primeira parada é Caffe Ladro, onde eu peço um latte tão bonito com seus pequenos corações empilhados na espuma que eu quase não quero beber. Mas eu bebo, porque o cheiro de café torrado está fazendo minha boca aguar. É rico, cremoso, escuro e muito delicioso. Eu não me sinto nem um pouco envergonhada quando eu gemo.

Os caras riem, mas estão igualmente absortos com suas próprias bebidas.

Um par de bolinhos e uma segunda rodada - desta vez em xícaras para viagem porque, droga, é um bom café - e nos dirigimos para Aberdeen e Kurt Cobain Memorial Park. As cinzas de Cobain estavam espalhadas, então esta é a coisa mais próxima que os caras podem chegar a um túmulo e eles querem pagar seus respeitos.

Uma névoa suave cai quando finalmente encontramos o parque. É pequeno e desamparado, não muito para isso. Francamente, o lugar me deprime. Um sem-teto se arrasta para a ponte perto do rio enquanto ficamos em silêncio em volta de um memorial de pedra.

O braço de Killian envolve meus ombros, me aproximando, com Jax do meu outro lado, encolhido como todos nós. Estou bastante certa de que Killian acha o lugar igualmente triste. Mas é a expressão de Jax que chama minha atenção. Ele parece assombrado e levemente verde ao redor da boca.

Eu sei que Cobain era o seu ídolo. Há semelhanças entre eles - ambos guitarristas destros, ambos atingidos pela fama com velocidade vertiginosa e ambos incapazes de lidar com isso. Infelizmente Cobain, ao contrário de Jax, conseguiu acabar com sua vida.

Não tenho ideia do que Jax está pensando, mas não consigo evitar de segurar a mão dele na minha. Ele endurece ao contato, sugando uma respiração rápida. Eu não estou surpresa. Nós não falamos muito desde que ele descobriu sobre o meu relacionamento com Killian. Ele não foi rude ou me rejeitou, mas ele definitivamente recuou ainda mais em sua concha.

Não olhando para cima, eu aperto a mão dele, tento dizer a ele que estou aqui, que sou amiga dele se ele me aceitar.

Seus dedos frios ficam parados por um momento, depois, lentamente, ele aperta de volta.

— “Love Buzz" foi a primeira música que aprendi a tocar no baixo, — diz Rye de repente. Ele ri. — Nem percebi que o Nirvana faria um cover até anos depois.

— Se eles gostavam de uma música, eles tocavam, — diz Killian. — Nenhuma pretensão sobre apenas fazer suas próprias músicas. Foi tudo sobre a música.

O sorriso de Jax é apenas uma careta de seus lábios. — Lembra-se da fase quando tentamos cantar como Kurt? — Ele olha para Killian. — E você perdeu sua voz?

Todos eles riem quando Killian estremece. — Ah, cara. Eu soei como um touro sendo castrado.

Eu ri disso. Especialmente desde que a voz de Killian está mais próxima de Chris Cornell. — Na faculdade, alguém me alimentou com 'brownies especiais', — digo a eles. — Eu não tinha ideia do que eles eram. Acabei dançando em volta do dormitório, cantando "Heart-Shaped Box."

— Eu pagaria dinheiro para ter visto isso, — diz Killian. — Muito dinheiro.

— Aparentemente, eu tinha comida no cérebro, já que eu continuava cantando: 'Hey, Blaine, eu tenho um prato de milho azul! Caindo mais fundo em profundidade em pilhas de arroz preto.

Os caras riem. Eu me junto a eles até que nossa risada se apaga.

Ficamos em silêncio por mais um minuto, perdidos em nossos pensamentos. Então Jax solta minha mão e voltamos para a van. No caminho, noto os olhos injetados de Killian. Eu estava tão preocupada com Jax, que não pensava em como seria para o resto deles. Eles muito bem poderiam ter feito o que eu fiz pelo amigo deles.

Mas Killian me dá um pequeno sorriso quieto. — Obrigado, — diz ele, olhando para Jax, em seguida, beijando-me suavemente. — Ele precisava disso.

Horas depois, o meu humor moderado não aumentou quando assistimos à festa da gravadora de Kill John na área da piscina do último piso do hotel. As vistas de Puget Sound são de tirar o fôlego, a comida excelente. As pessoas? Salto alto e plástico vem à mente.

— Você está comigo esta noite, garota. — Whip aparece ao meu lado e me puxa para um meio abraço duro. Eu quase engasgo com o meu puff de salmão.

— Para o que eu devo essa honra? — Eu pergunto enquanto eu limpo uma migalha do meu lábio.

Seu perfil bonito é severo enquanto ele examina a multidão. — As piranhas estão em plena força hoje à noite. Um cara poderia ser comido vivo.

Há muitas mulheres lindas aqui, e muitos ternos, como Killian chama os executivos das gravadoras. Eu não sei o que deixa o Whip mais cauteloso. Eu definitivamente não estou gostando do jeito que os ternos ficam olhando para mim como se eu fosse uma vadia que entrou na festa sem ser convidada. Embora seja provavelmente tudo na minha cabeça.

— Você precisa ser minha barba, — Whip me diz para esclarecimento.

— Você é bi? — Eu pergunto, porque eu realmente não sei.

Ele olha para mim, olhos azuis brilhando. — Bem, como adolescente, achei que um pouco de variedade aumentaria minha mística sexual. Mas, infelizmente, os paus não fazem nada para mim. Eu sou todo sobre o gatinho.

Estou revirando os olhos quando outra mão masculina envolve meu pulso. Esse toque eu conheço bem.

Killian dá uma olhada para Whip. — Cara, pegue sua própria mulher.

— Eu tentei. Você me bloqueou. — Whip pisca para mim.

— O que aconteceu com a repórter que você estava no cinema? — Eu pergunto.

— Você viu isso?

— Todo mundo viu isso, — Killian e eu dizemos em uníssono.

Whip faz uma cara. — Acontece que ela pensou que a melhor maneira de obter informações de mim era para chupando meu pau.

— Parece trabalhoso, — diz Killian com uma risada.

— Mais como uma causa perdida. — As narinas de Whip queimam, em seguida, sua expressão desaparece. — Mas ela teve uma ótima técnica.

— *La-la-la*, — eu canto. — Eu não posso ouvir você.

Rindo, Whip solta enquanto Killian se encaixa atrás de mim, envolvendo seus braços em volta dos meus ombros.

— Veja, — Whip graceja. — Empata foda.

A bochecha de Killian descansa na minha por um segundo antes de ele dar um beijo. — Ele acha que porque somos primos falsos eu não vou chutar a bunda dele. Ele está errado.

Eles estão sorrindo, então eu ignoro o orgulho. — Primos falsos? — Eu pergunto.

— As garotas costumavam pensar que éramos parentes porque nos parecemos muito, — diz Whip. — Nós dissemos que éramos primos. Por algum motivo esquisito, isso nos divertiu muito. — Ele franze a testa. — As mulheres são criaturas estranhas.

Eu rio, me aconchegando de volta ao abraço de Killian. Ele é quente, sólido e todo meu. — Se você diz. Embora eu ache que provavelmente tenha mais a ver com vocês, sendo ambos quentes, ao invés de parentes.

— Viu? — Whip diz brilhantemente. — Ela acha que eu sou gostoso.

— Ela acha que estou mais quente, — conta Killian. — Não é mesmo, querida?

— Scottie é realmente o mais gostoso de todos vocês, — digo a eles.

Killian ri sombriamente e sua mão desliza um pouco. Sob a capa de seu braço dobrado, seus dedos roçam o lado do meu peito, sua palma quente me dando um aperto suave. Eu me contorço um pouco e sinto seu sorriso contra o meu pescoço. — Se você diz, boneca.

Babaca insolente.

Whip revira os olhos, mas se inclina e me dá um beijo rápido na bochecha. — Quando você quiser jogar fora esse vagabundo, sabe onde me encontrar.

Ele dá a Killian um tapinha no ombro enquanto ele se dirige para a multidão.

— Podemos sair agora? — Killian murmura. Sua mão ainda está ocupada, lentamente me acariciando, cada toque ficando mais pesado, mais direto. Eu me contorço de novo, minha bunda empurrando contra o crescente interesse dele. Ele grunhe baixo, me cutuca de volta.

— Nós não podemos, — eu sussurro, embora eu realmente queira concordar. — Você prometeu ao Scottie que seria legal com esses jornalistas.

Killian suspira, esfregando seu pau contra minha bunda pela última vez antes de me soltar. — OK tudo bem. Mas nós não vamos ficar muito tempo.

Eu o vejo ir embora, porque a bunda dele nos jeans bem gastos é uma coisa linda. Eu já estou me arrependendo de estar bem esta noite.

— Uau, — diz uma voz masculina no escuro. — Você tem Whip Dexter e Killian James na sua mão. Você deve ser boa.

A mesa de bar ao meu lado está escondida nas sombras, longe da maior parte da festa. Eu não vi o cara até agora.

Ele segue meu caminho, claramente pensando que ele é a merda. Preto apertado, calça de couro, camisa branca de seda. Eu quero perguntar a ele qual guarda-roupa da faixa de cabelo dos anos 80 ele invadiu. Ele é extremamente bonito, de um jeito bonitinho e bonito - cabelo escuro caindo sobre a testa, lábios carnudos, traços finos e quase femininos.

Eu olho para ele, sem me impressionar com a maneira como ele casualmente tira o cabelo do rosto. — Boa em quê? — Quer dizer, eu sei o quê. Eu só quero que ele diga isso.

— Você está transando com os dois? — Ele mostra os dentes. — Ou talvez com toda a banda?

— Deixe me perguntar algo. Você realmente acha isso aceitável para perguntar a alguém?

O Lindo Cara me dá um sorriso inocente. — Ah, vamos lá. Eu estou apenas brincando. A sério. Eu conheço o placar. Nós novatos não chegamos a lugar nenhum sem um pouco de persuasão. — Ele me oferece sua mão. — Eu sou Marlow.

Eu olho para a mão oferecida. — Marlow, eu não me importo se você chupou um pau para ser convidado aqui ou não. Mas não desrespeite as mulheres como uma linha de abertura. — Eu me afasto da mesa. — Se você me der licença.

Uma mão dura bate no meu ombro e eu estou puxada. O cara é assustadoramente forte - algo que eu não previ porque ele parece ter sessenta quilos. Olhos cinzentos zangados me encaram. — Você tem um pouco de coragem, — ele rosna, seus dedos mordendo minha pele. — Eu sou um artista assinado. Quem é você? A prostituta de Killian James.

— Vai pro inferno…

Ele invade meu espaço, minhas costas batendo na borda da mesa do bar. — Por que você não é legal? Seja um pouco amigável.

É então que vejo o quão vidrados são os olhos dele, as pupilas bem abertas. Isso me distrai. Sem aviso, ele agarra meu peito e aperta. Duro.

Repulsão, raiva, choque - tudo isso me inunda. Por um segundo brilhante e quente, eu não consigo me mexer. E então a raiva assume o controle. Minha mão voa para cima, dedos perfurando suas órbitas oculares.

Ele recua, tropeçando e eu o acerto entre as pernas. Infelizmente, meu golpe vai para fora da coxa dele. Mas ele está atordoado e piscando freneticamente, rosnando maldições.

Eu sei quando correr. Meus calcanhares rangem na calçada enquanto eu giro, meu coração na minha garganta, voo assumindo a luta. Eu o ouço vindo para mim.

— Puta do caralho! — Unhas arranham minhas costas expostas, pegando a

alça. Rasga, o som alto contra o zumbido nos meus ouvidos.

Minhas mãos voam para o meu top, segurando meus seios para impedir que o tecido caia mais. Eu acho que grito. Eu não sei ao certo porque outro grito abafa todo o som.

E então Killian está lá, caindo sobre nós como a morte. Eu soluço. Sua expressão realmente me assusta, embora eu saiba que não é dirigido a mim. Ele inspira, com outro grito enfurecido, agarra Marlow pelo pescoço.

O cara não tem chance. Killian bate com ele no chão do pátio. Ele não fala, não hesita, apenas começa a balear o cara com os punhos. É assustador e brutal.

Ao meu redor, uma multidão se reúne. Os flashes da câmera do telefone apagam-se, outros levantaram-se para gravar tudo. Mais três caras passam por mim. Whip, Rye e Jax.

Eles estão tentando puxar Killian de Marlow, que consegue um acertar um soco. Não que Killian sinta. Ele se esforça contra o aperto de Whip e de Jax. — Cai fora. Seu filho da puta... — E com isso, ele chuta Marlow. Um segurança entra na briga.

Eu engulo outro soluço. Algo suave e quente se instala sobre meus ombros: uma minúscula jaqueta de ombros. Ao meu lado, uma mulher com maquiagem pesada de olhos dourados me dá um pequeno sorriso. — É tudo que eu tenho. — Ela coloca um braço em volta de mim, sobre meus ombros expostos. — Você está bem, querida?

Ela é uma groupie. Eu a conheço de vista. E sua bondade me quebra. Eu começo a chorar de novo. Duas outras mulheres se juntam a nós, fechando as fileiras, me protegendo das câmeras.

Talvez a fúria de Killian tenha seguido seu curso. Talvez ele me ouça. Seja qual for o motivo, ele joga fora Jax e Whip com um rosnado "eu estou bem".

Seu olhar me encontra e a expressão feia em seu rosto se encolhe quando ele vem. — Libs…

Eu agarro sua camisa enquanto ele me abraça com força, seu corpo úmido de suor. O resto é um borrão quando voltamos para o nosso quarto. Mas não antes de ver a expressão de Scottie. Merda claramente atingiu o ventilador.

— O QUE DIABOS foi isso?

Killian olha para cima de seu lugar no sofá e dá a Scottie um olhar frio. — Isso foi eu chutando a bunda de um merda.

Ele não parou de tremer e não me deixou ir. Mesmo quando um médico olhou para sua mão inchada e machucada - e sugeriu que Killian deveria fazer um raio X para ossos quebrados -, ele tinha um braço em volta de mim, apertando-me com força. A única vez que ele me soltou foi para tirar a camisa e colocá-la em mim.

Scottie bufa agora. — Essa merda foi Marlow. A jovem estrela mais nova e mais quente da gravadora, pelo amor de Deus.

Adorável. A sensação doentia no meu estômago se intensifica.

— Ele vai estar cantando através de um tubo de alimentação, se eu o vir de novo, — Killian estala.

— De qualquer forma, — responde Scottie, — eu estava perguntando a Libby, não a você.

Todos os olhos se voltam para mim, exceto o de Killian. Ele apenas me abraça mais perto. — Deixe ela sozinha, porra. Ela já teve o suficiente.

— Está tudo bem, Killian. — Eu esfrego minha mão pelo seu antebraço, tentando acalmá-lo. Ele resmunga, mas relaxa um pouco.

Scottie, Jax, Whip, Rye e Brenna estão todos esperando. Eu respiro fundo, porque lembrar me faz tremer também. — Ele veio do nada, — eu digo. — Disse que eu deveria… — Eu olho para Killian.

Ele exala uma respiração difícil. — Apenas diga, boneca. Eu não vou caçá-lo nem nada.

Isso não parece remotamente sincero.

— Ele sugeriu que desde que eu estava servindo todos os membros de Kill John, eu deveria fazer o mesmo com ele.

— Filho da puta, — rosna Killian.

— Caralho, — Whip murmura.

O resto está em silêncio. Esperando por mim para continuar.

— Eu... ah... disse a ele o que eu pensava sobre isso, então eu tentei fugir. — O medo frio escorre pela minha espinha. Estou segura. Eu sei isso. Mas eu não sinto isso. Ao meu lado, sinto Killian tenso mais e mais. Ele está praticamente se mexendo.

Eu pisco várias vezes. — Ele... ah... agarrou meu peito.

Killian faz um som que eu não consigo nem interpretar e de repente estou no colo dele, apertado. Eu respiro por alguns segundos antes de terminar a história. — Essa explosão foi minha culpa.

— De jeito nenhum, — assobia Killian.

— Nunca é sua culpa, — interrompe Brenna. Ela estava em silêncio até agora. Mas eu vejo o jeito que ela treme. — Nunca.

— Eu só quis dizer, quando ele fez isso, eu cutuquei ele nos olhos, tentei dar chutar as bolas dele. Isso é o que realmente o afastou. Ele mereceu, mas eu deveria ter lidado com isso em silêncio, saído mais cedo.

— E eu teria acabado de tirar a merda dele mais cedo, — diz Killian, pressionando o rosto na curva do meu pescoço. — Boneca, me desculpe.

— Tudo bem. — Mas meus olhos lacrimejam. Eu nunca fui fisicamente atacada antes. Fiz cursos de autodefesa durante a faculdade porque parecia a coisa segura a fazer. Mas a realidade é diferente e não é tão fácil de ser abandonada.

Scottie suspira e passa a mão pelos cabelos. — Nada está tudo bem. — Ele me fixa com um olhar gelado. — Você está bem?

— Sim.

— Bom. Então descanse um pouco. — Ele volta sua atenção para Killian. — Você. Eu quero aqueles dedos na tala que o médico falou. Não começa a falar merda... — Ele levanta a mão e parece estar fazendo uma contagem regressiva mental.

— Eu vou colocar os malditos dedos na maldita tala, — diz Killian,

exasperado. Ele já os tem envoltos em gelo. Eu tenho medo de olhar. Sua mão inteira estava inchada, os nós dos dedos rachados e sangrando, antes que eles a tratassem.

Finalmente Scottie solta um suspiro. — Precisamos consertar isso.

— Não vai ser fácil, — diz Brenna sombriamente. — A luta inteira foi filmada de vários ângulos e já está em vários lugares.

— Foda-se, — zomba Jax. Ele não olha para mim, embora eu sinta o peso de sua decepção no ar.

Não importa que estejamos aqui porque um idiota egocêntrico pensou que estava tudo bem colocar as mãos em mim, ou que eu me defendi da melhor maneira que pude. A culpa ainda me monta. Eu sou a única que estava envolvida. Todo mundo aqui sabe que Killian não teria enlouquecido se não tivesse sido em minha honra.

Eu não consigo olhar para ninguém.

CAPITULO VINTE E CINCO

LIBBY

TARDE DA NOITE, quando finalmente deitamos na cama, Killian me segura por um longo tempo, com o peito nas minhas costas. Eu flutuo no calor dele, corpo e alma em paz. E ele me respira, lento e profundo como se estivesse memorizando meu perfume.

— Eu poderia tê-lo matado, — ele sussurra no meu cabelo.

No escuro, minha mão encontra seu antebraço, pressionado em meu peito, e acaricio sua pele, traçando os músculos por baixo dela. — Mas você não o fez.

Sua respiração é suave e baixa. — Eu enlouqueci totalmente. Não pensava em nada além de bater nele.

— Acabou agora. — Sob o frescor das cobertas, com seu calor ao longo da minha pele, estou segura. E apesar de Killian ser mais do que capaz de se proteger, eu gostaria que ele se sentisse seguro também.

Seus dedos se enrolam na curva do meu ombro. — Eu nunca precisei de ninguém além dos caras. Nos tornamos a família um do outro. Eu cuido deles.

Eu não digo nada, simplesmente corro meus dedos sobre os ossos fortes de seu pulso, ao longo de seu braço interno, onde sua pele é como seda sobre pedra.

— Eu falhei com eles, Libs. Eu deveria saber que Jax estava perdendo o controle.

— Killian…

— Eu deveria ter nos mantido juntos depois que ele tentou terminar em vez de se afastar.

As cobertas farfalham quando me viro para encará-lo. — Quase todas as noites, durante um ano, fui para a cama pensando que deveria ter tentado levar meu pai para a reabilitação. Eu deveria ter dito algo em vez de olhar para o outro lado. — Eu beijo a bochecha de Killian, áspera com o crescimento da barba. — Metade do tempo eu não conseguia olhar no espelho porque pensei, meu pai ficaria mais feliz, ele teria bebido menos, se nunca tivesse desistido da vida para me receber?

Os olhos de Killian se arregalam como se ele estivesse com dor. — Não, Libby. Ninguém que te conheça consideraria você um arrependimento.

Eu suspiro, meu polegar tocando o canto da boca dele. — Esse é o problema, no entanto. A lógica diz uma coisa, mas você ainda sente outra. Você pode me dizer que eu estou errada sobre o meu pai. Posso dizer que você está errado em falhar com os caras. Mas acreditar é mais difícil, não é?

Seus lábios pressionam contra a minha testa. — Eu não quero falhar com você, Libs. E agora, eu não sei como evitar isso.

— Eu sinto o mesmo, — eu sussurro.

Ele se move em cima de mim, então, estabelecendo seu corpo no meu. Lá, no escuro, ele faz amor comigo. É quase desesperada, a maneira como nos tocamos - procurando beijos, carícias desastradas. E é doloroso. Cada toque parece o fim de algo, o começo de outra coisa.

Estou apavorada e não sei porque. Talvez ele também esteja, porque ele não me deixa ir. Não quando chegamos ao nosso clímax e não quando adormecemos nas últimas horas da noite.

De manhã, estou sozinha. Killian foi examinar sua mão com raio X para o caso de haver fraturas.

Eu tomo café da manhã no meu quarto e não espero visitantes. Quando Jax aparece, estou cautelosa. Ele mal olhou na minha direção na noite passada, como se ele não pudesse suportar.

— Você quer um café? — Eu pergunto enquanto ele me segue até a sala de estar da suíte, onde o carrinho de serviço de quarto está arrumado.

— Sim, claro. — Ele bate o polegar contra a coxa.

Temos viajado juntos por um tempo agora, mas nunca estivemos realmente sozinhos, exceto na primeira noite em que ele veio me ver e meu triste caso de medo do palco. Nós não somos amigos, mas eu nunca o considerei meu inimigo. Infelizmente, não tenho ideia se isso é verdade para ele ou não.

Em silêncio nós tomamos café morno até que eu não aguento mais. — Você está aqui para berrar comigo ou algo assim?

Jax sorri. — Você tem um lado um pouco dramático, não é?

— Oh, por favor, você parecia que queria cuspir xingamentos na noite passada.

Sua boca se contorce. — A noite passada foi fodida. Em todos os sentidos.

Eu corro um dedo em volta da borda grossa do meu copo. — Foi.

Jax coloca a xícara no chão. — Apesar do que você pode pensar, eu gosto de você, Libby. Você é talentosa pra caralho. Você pertence a este mundo tanto quanto qualquer um de nós. — O choque percorre meu corpo, mas ele não para por aí. — E eu sinto muito que o idiota colocou as mãos em você. Ele mereceu.

— Por que eu sinto que há um 'mas' vindo junto?

Seus olhos verdes prendem nos meus. — A gravadora vai criar um inferno sobre Killian. Certo ou errado, o que ele fez parece ruim para a banda. E para você.

— Eu sei isso.

— Eu sei que você sabe. Mas você entende o poder que você tem sobre Killian? É bem aparente, ele sempre escolherá você sobre qualquer outra coisa.

— O que você quer que eu diga? — Eu pergunto. — Sinto muito que isso tenha acontecido. Eu gostaria que não tivesse. Mas eu não posso mudar a reação de Killian.

Jax esfrega os dedos na testa e olha para mim. — E no futuro? Quando outros idiotas...? Porque eles vão. Metade do público já culpa você. Pelo simples fato de você ser mulher e Killian agora está agindo de forma desequilibrada.

— Ótimo. — Embora eu não esteja surpresa. A culpa da vítima está viva e bem na sociedade moderna.

— Sim, ótimo, — ele repete com um suspiro. — Ele não pode lidar com isso - não quando o holofote do julgamento é sobre alguém com quem ele se importa. Ele não podia lidar com isso por mim, e ele absolutamente não será capaz de lidar com você. — Jax se ajoelha ao meu lado, seus olhos cansados, mas intensos. — Não passa um dia em que não sinto as repercussões do que fiz. Eu me sinto culpado pela maneira como eu os machuquei. Mas especialmente pela

forma como causou a destruição de Killian. Porque foi ele quem tentou me proteger da imprensa e levar tudo em seus ombros.

Depois da confissão da noite passada, eu sei mais do que ninguém o quanto ainda dói em Killian. Minha garganta está áspera quando eu engulo. — É por isso que você não me quer aqui?

Jax acena com a cabeça. — Eu não sabia o que aconteceria. Mas eu sabia que haveria alguma coisa. — Ele ri tristemente. — Sempre há uma turnê. E eu sabia que Killian não estava pronto. Ele não tem mais suas barreiras.

Não, ele não tem. Eu também não. Nós dois estamos andando por aí expostos e vulneráveis. Eu me sinto nua o suficiente. Mas a ideia de que sou também a fraqueza de Killian é intolerável. Você deveria proteger os que ama, não os deixar abertos à dor.

— Prometa-me uma coisa, — eu sussurro, porque minha voz está desaparecendo rapidamente. — Seja... gentil com ele. Cuide dele. Ele precisa disso.

Jax assente, tensão trabalhando entre as sobrancelhas. Quando Jax sai, eu vou para outro quarto.

Scottie responde na segunda batida. É uma traição, o que estou prestes a fazer. Mas isso não me impede. — Posso entrar?

KILLIAN

— NÃO ESTAMOS FELIZES, Sr. James.

Sentado em uma mesa de conferência brilhante em uma sala de reuniões do hotel frio não é minha idéia de diversão. Ouvir a dupla que eu gosto de chamar de Smith Um e Smith Dois está me dando azia. Meus dois executivos menos favoritos se sentam à minha frente, ambos em ternos Armani pretos idênticos e compartilhando a mesma expressão de reprovação. Eles só precisam de óculos escuros e auriculares para completar a aparência do agente Smith.

Assim que me acalmei ontem à noite, soube que esta reunião estava chegando. Você causa uma cena em uma festa da indústria, você ouvirá sobre isso.

Quando Kill John começou, nós éramos a vadia deles - participando de festas e eventos quando eles queriam, excursionando quando eles exigiam, cada maldito aspecto de nossas vidas sob seu controle. Esses dias se foram. Você lança um álbum com status de diamante como fizemos com Apathy e as mesas viram. Kill John não obedece mais, nós mandamos.

Não significa que determinados executivos não se esqueçam disso de vez em quando, especialmente quando sentem o cheiro de sangue na água - algo pelo que a Smith Um claramente esperava. — Primeiro tivemos que lidar com o hábito de drogas de John Blackwood -

— Ele não tinha um hábito de droga, porra, — eu digo. — Ele estava clinicamente deprimido e eu vou agradecer a você para fechar-Scottie levanta a

mão. — O que aconteceu com o Jax não é pertinente aos eventos de ontem.

— Eu discordo, — diz Smith Um. — É mais um empilhado no acidente de carro que é Kill John ultimamente.

Uma neblina vermelha se espalha pela minha visão. — Metal Death deixou uma banheira cheia de merda real em um quarto de hotel, mas você tem um problema comigo defendendo uma mulher?

— Os danos à propriedade podem ser resolvidos em silêncio, — retruca Smith Um. — Você, por outro lado, atacou um homem em uma sala cheia de repórteres.

— Detalhes.

— Você danificou nosso talento mais novo, quebrando o nariz e abrindo o lábio, porque você não pode manter seu pau nas calças.

— Não, — eu digo com cuidado exagerado, — eu bati no bosta, porque ele não conseguia manter as mãos para si mesmo. — Eu dou um sorriso para Smith Um com dentes. — Você vê a diferença? Porque é importante. Você vai atrás de uma mulher relutante - minha mulher em particular - e você vai se machucar.

Ele não sente falta do aviso. Seus olhos se estreitam. — Tivemos que adiar nossos planos promocionais até o rosto de Marlow se curar. Milhares de dólares desperdiçados em aparições canceladas.

— Você provavelmente deveria falar com ele sobre o comportamento dele. Atribuir-lhe serviço comunitário para que ele possa pensar sobre seus pecados.

— Você acha que isso é engraçado, Sr. James? — Smith Dois bate a caneta dourada na mesa como se para chamar minha atenção. — Porque eu garanto que a gravadora não está rindo.

— Não, — eu concordo. — Eles estão varrendo uma tentativa de agressão sexual debaixo da mesa. Parabéns por isso.

— Sem mencionar, — Smith Um coloca, — que você danificou sua mão.

Eu me recuso a mover meus dedos embrulhados do olhar deles. — Está bem.

— É seguro por um milhão de dólares, Sr. James. — Smith Um empurra uma pilha de papéis para mim como se eu fosse lê-los. — Os prêmios simplesmente aumentaram.

Eu rio, um latido curto de aborrecimento, e então pego o olhar de Scottie. Até agora, ele está sentado, quase descansando em sua cadeira. Embora os Smiths estejam usando Armani, a alfaiataria acentuada de Scottie faz com que pareçam vagabundos, porque seu terno de três peças feito de cinza-carvão é direto da Gieves & Hawkes de Savile Row. Meu pai faz compras lá e seus padrões são apenas um pouco menos específicos do que os de Scottie.

A aparência de Scottie é sua própria forma de intimidação. O fato de que nada o assusta é outro.

— Marlow é um flash na panela, — diz Scottie, entediado. — E, no entanto, aqui você está insultando seu cliente mais bem-sucedido. Eu sugiro que você faça as pazes por desperdiçar seu tempo com esta reunião e direcione seus esforços para dar uma melhor guinada na história.

Smith e Smith piscam em uníssono e Smith Um zomba. — Sr. James está sob contrato…

— Sr. James tem cinquenta milhões de seguidores apenas no Twitter.

Notícias para mim. Mas eu me junto ao Scottie para lhes dar um olhar de *'O*

quanto você gosta de mim agora, filho da puta?'. O que for preciso para tirá-los das minhas costas e longe de Libby.

Scottie se levanta. — Nenhum deles gostaria que ele fosse maltratado. Nunca subestime o poder das mídias sociais ou fãs fanáticos. Agora, se você nos der licença, senhores. Meu cliente tem um show para fazer.

Os olhos frios de Smith Dois seguem nossos movimentos. — Faça todas as ameaças veladas que você quiser, Sr. Scott. Mas nós teremos ordem. Não corram mais nos trilhos e haverá repercussões.

— ESSES DOIS SÃO uns pés no saco, — eu resmungo enquanto voltamos para a minha suíte.

— Eles estão certos, você sabe. — O olhar de laser de Scottie corta meu caminho. — O que você fez foi estúpido. Em todos os sentidos.

— Que diabos? — Eu olho para ele. — Você está realmente tomando o lado deles?

Ele para de repente, virando-se para mim. Somos de uma altura semelhante e estamos de olho no olho. — Você está *sob* contrato. Eles *podem* dificultar a sua vida, e eles certamente podem fazer com que a Liberty não consiga se firmar neste setor, se assim o escolherem. Eles estavam interessados em contratá-la. Mas agora eles estão preocupados com as questões de relações públicas criadas pela sua explosão.

Meu coração salta uma batida, o frio inundando minhas veias. Eu sou tão intocável quanto eu conseguir. Mas eu me arrepio com o pensamento de colocar o futuro da Liberty em perigo.

— Deixando isso de lado, — continua ele, — você conseguiu trazer Kill John de volta ao centro das atenções, embora não como uma banda unida, mas como alvo de uma piada triste onde Killian James fica furioso e com ciúmes porque Marlow, A nova estrela quente, mais jovem e em ascensão, se tornou muito ativa com alguma garota qualquer.

— Hey. — Eu me aproximo. — Não chame Libby disso.

— Eu não estou chamando-a assim. Eles estão.

— Você acha que eu deveria ter deixado esse idiota ir?

— Não. Se fosse eu, teria feito o mesmo. Eu gostaria de arrancar as minúsculas bolinhas e enfiá-las na garganta dele. Mas isso não muda o fato de que precisamos consertar isso. E rapidamente.

— Merda. — Mãos nos quadris, eu abaixei minha cabeça e tentei acalmar minha respiração. — Como?

Scottie não perde uma batida. — Tire ela do negócio.

— Não. — Minha resposta alta ecoa no corredor. — Ela vai pensar que estamos punindo ela.

— Isso é meramente uma questão de seu medo e seu ego em risco. A realidade é que ela será infeliz com toda essa especulação adicional, vocês dois constantemente sob o microscópio. No entanto, se ela estivesse sozinha…

— Por sua conta?

— As pessoas já a amam. A equipe de Brenna está enviando centenas de solicitações por dia para mais Liberty. É o momento dela para sair. Então deixe-me levá-la enquanto ela é novidade.

Eu não quero concordar. Tudo em mim grita em protesto. Se ela for, vou perdê-la. Meu medo é tão simples. Mas não é minha decisão para fazer. Não é nem do Scottie, é de Libby.

Eu sei disso, e ainda assim a ideia de mandá-la para os lobos de repente me arrepia. Eu quero que ela brilhe, *e* eu quero envolvê-la e colocá-la no meu lado.

— Esta manhã, ela me procurou para conversar, — diz Scottie. — Ela concordou em me deixar cuidar dela. Ela também me perguntou o que eu achava que ela poderia fazer para facilitar as coisas para você.

Não deveria parecer uma traição, mas parece. Não que ela queira tentar ou que ela estivesse cuidando de mim, mas que ela discutiu essas coisas primeiro com Scottie, não comigo. Eu não tenho nenhuma experiência em relacionamentos, mas tenho certeza de que confiar no outro sobre decisões que alteram a vida é um componente chave.

Minha cabeça dói ferozmente, minhas entranhas estão rolando como se eu estivesse de ressaca. Eu quero mais tempo sozinho com Libby, longe do mundo. Mas isso não vai acontecer. Eu quero fazer o certo por ela, mas eu estou atrapalhando o meu caminho. — O que você disse a ela?

— Eu disse a ela para sair do negócio.

— Jesus, seja um idiota mesmo.

— Estou sendo realista. E acho que ela entende isso.

Minha mandíbula dói de ranger meus dentes. — Se ela quiser fazer isso, eu não vou segurá-la. Eu já te disse isso.

— Sim, eu sei. O problema é, cara, ela não quer deixar você.

Eu ficaria feliz com isso, exceto que eu tenho um mau pressentimento de que ela está se segurando fora de seu lugar. Toda a situação é uma merda no topo de um dia de merda. E nem é meio dia. — Ela é dura, Scottie. Mas não resistente. Eu não quero que ela seja esmagada antes que ela tenha chance de florescer.

— Eu estou planejando ficar com ela, se isso te deixa mais confortável. — O olhar de Scottie é nivelado, calmo. — Jules pode gerenciar os detalhes do dia-a-dia da turnê aqui.

Jules, assistente do Scottie, é ótima. Mas eu realmente não dou a mínima para a turnê neste momento. Tirando a espessura da garganta, procuro palavras. — Proteja-a. — Eu pressiono a minha mão contra os meus olhos para aliviar a pulsação quente de dor atrás deles. — Isso é tudo que me importa.

O silêncio segue. Pela primeira vez, o homem de gelo se foi. Em seu lugar está o Scottie que conheci anos atrás como um jovem punk faminto de fama, aquele que cuidou de Jax quando tentou tirar sua vida. Este Scottie é o homem que você vai seguir a qualquer lugar, porque você sabe que ele vai te proteger.

Aqueles misteriosos olhos azuis parecem queimar com determinação. — Não há garantias na vida. Eu não posso prometer a você que o mundo não tentará mastigar Liberty e cuspi-la. Mas a mulher me dá uma merda de forma contínua. E eu fiz homens adultos chorarem.

Apesar do meu humor de merda, sinto um sorriso se formando. — Meu

favorito foi quando o dono da The Lime House bradou.

Os olhos de Scottie se estreitam com alegria lembrada. — Completamente. — Sua expressão se equilibra. — Como você diz, ela é dura. E ela vai me ter do lado dela.

Que em termos de Scottie é dizer que ela terá o melhor do negócio em todos os pontos. Ainda fica pesado no meu intestino que ela não vai *me* ter. Não se eu fizer o que precisa ser feito para fazê-la ir.

Minha dor de cabeça ameaça esmagar meu crânio. Eu vou ter que deixar Libby ir. Libertá-la.

Eu engulo em seco e aceno com a cabeça. — Eu vou conversar com ela.

CAPITULO VINTE E SEIS

LIBBY

EU ESTOU ENROLADA no sofá da nossa suíte, tocando violão, quando Killian finalmente retorna. Ele se inclina contra a porta por um longo minuto, a cabeça inclinada para trás, olhando para algum ponto distante. As linhas de seu corpo estão tensas com a tensão, fazendo-o parecer quase magro. Eu quero ir até ele, segurá-lo perto. Mas ele se afasta e segue em minha direção.

— Tudo bem? — Eu pergunto, colocando a guitarra de lado enquanto ele se esconde diante de mim, sentado na mesa de centro baixa. Manchas azuladas danificam a pele sob seus olhos. Há um arranhão ao longo de sua mandíbula, presumivelmente onde Marlow lhe deu um soco e sua mão está entalhada. A culpa é um soco no coração.

Killian suspira e se inclina para descansar a cabeça no meu ombro, suas mãos indo para os meus quadris. Imediatamente, eu envolvo meus braços em torno de suas costas e acaricio-o. Ficamos em silêncio até ele respirar fundo e soltar lentamente. — Dia de merda, boneca.

— Sim, — eu concordo, minha garganta grossa.

Ele beija a lateral do meu pescoço, uma leve pressão nos lábios, depois se endireita. Seu rosto é sombrio. — Conversei com os executivos do registro.

Eu me endireito. — Eles estão lhe dando problemas, não são?

— Eles tentaram. — Ele encolhe os ombros. — Eles estavam chateados com a luta. Mas isso é de se esperar.

— Eu sinto muito-

— Não, — ele corta. — Não comece isso de novo. Nós dois sabemos quem é a culpa e esse filho da puta não está chegando perto de você novamente.

— Não melhora, não é?

O suspiro de Killian está cansado e baixo. — Acho que não. — Ele bufa com desgosto. — Eles me querem no meu melhor comportamento a partir de agora.

Meus dedos estão frios e esfrego minhas palmas úmidas ao longo das minhas coxas. — Killian ...

— Você falou com o Scottie. — Dor escurece seus olhos, tornando-os maçantes. Ele não pergunta sobre o que. É óbvio que ele sabe.

Eu limpo minha garganta. — Você está chateado.

Ele sorri, mas não é com humor. — Não, Libby. Estou orgulhoso. Isso é enorme. É o próximo passo lógico e você está tomando. — Suas grandes mãos enrolam em volta dos meus joelhos, dando um pequeno aperto. — É enorme. Estou feliz por você.

— Você não parece exatamente feliz, — eu indico. Meu coração começa a bater com um medo doentio, e eu nem sei porque.

O olhar de Killian desliza para o lado, seus dentes pegando seu lábio inferior. — Eu só queria que você tivesse vindo para mim em vez dele.

— Eu sei. Eu sinto muito. — Eu toco sua mão e a acho fria. — Eu queria uma perspectiva diferente. E você continuou me dizendo que estava tudo bem, não se

preocupe. Mas não está bem. E eu me preocupo. Eu quero te ajudar.

Killian interpreta isso com uma expressão que não consigo ler completamente. Pesar, talvez? Machucado, definitivamente. Mas sua voz é mesmo quando ele finalmente fala. — Scottie me disse que achava que você deveria começar a trabalhar com ele agora. Disse que era sua hora de sair.

— Ele disse, — eu digo devagar. — Mas a turnê ainda continua.

Killian agarra a nuca, flexionando o braço. Ele não vai encontrar meus olhos. — A turnê está se mudando para a Europa. Ninguém vai questionar se você não está lá.

Ninguém vai se importar. Porque eu não sou realmente parte de Kill John de qualquer maneira. Eu sei isso. Eu nunca quis entrar na banda deles. Ainda não impede que os fragmentos de dor penetrem no meu peito.

Eu preciso me controlar. Eu sou a única que foi para Scottie. Ele me disse que sair da turnê era melhor. Mas por alguma razão ridícula, pensei que Killian iria lutar. Que ele não queria que eu fosse. Orgulho. Orgulho estúpido.

— Não, eu suponho que não. — Eu odeio que minha voz se rompe.

Ele acena com a cabeça, a ação lenta, como se estivesse tomando esforço. — Scottie pode te arrumar em LA amanhã.

Minhas entranhas atacam. — Amanhã?

Santo inferno, estou sendo tratada como um problema varrida para debaixo do tapete. Uma coisa é assumir o controle do problema, mas ter Killian concordando com Scottie é perturbador.

Ainda assim, tenho que perguntar. — É isso que você quer?

Killian olha para mim bruscamente. — Não é mais sobre o que eu quero mais. — Ele deixa a mão cair, e por um momento, acho que ele vai me alcançar. Mas ele descansa na coxa. — É sobre o que é melhor para você. Para a banda. Seria melhor para você se você fizer isso agora.

— Mas é isso que você quer? — Eu estalo, incapaz de deixá-lo ir.

Killian parece se preparar. Quando ele levanta a cabeça, seus olhos estão claros. — Sim, Libby, é o que eu quero. Eu acho que você deveria ir.

Náusea rola na minha barriga. Deus, quantas vezes minha mãe me avisou? Músicos não grudam quando a vida fica difícil. E se o fizerem, eles se arrependerão. Eu me levanto aos meus pés.

Ele tenta pegar meu pulso. — Libs-Eu escovo-o com um sorriso apertado. — Estou bem. — Eu tenho que ficar de pé. Minhas pernas estão caindo no sono. Ando até a janela onde a chuva cai em rios, a paisagem embaçada e cinza. — É um bom plano, — eu administro. — O melhor plano.

Ele está em silêncio e eu arrisco um olhar. Eu queria não ter. Piedade grava suas feições. Foda-se isso. Meus dedos se enrolam em torno das cortinas pesadas. Ele está me mandando embora. Depois de todo o seu baile, depois de me ordenar a ir com ele, quando a merda bate no ventilador, ele me manda embora.

— Eu poderia ir com você um pouco, — diz ele. — Ajudar você a se preparar.

O aviso de Jax passa pela minha cabeça. Killian me colocará em primeiro lugar. Mesmo que esteja claro que ele quer que eu vá embora, a lealdade dele sempre o levará a fazer a coisa nobre. Eu sou o problema aqui. Recuso-me a

acrescentar mais, arrancando-o da sua vida, das suas obrigações.

Killian teve a coragem de me empurrar para uma vida que eu não queria admitir que ansiava. Eu posso fazer isso por ele agora e sair com dignidade. O nó na garganta atinge proporções épicas. Eu engulo convulsivamente, querendo não chorar. — E deixar o passeio? — Eu engasgo com uma risada aguda. — Não. Isso é ridículo.

Ele franze a testa. — Libby, se você precisar de mim…

— Eu não sei. — Eu sei que ele se importa. Mas acabei sendo problema dele para resolver.

Ele recua como se eu tivesse batido nele. Isso também queima. Eu não sou a única a recuar. Ele prometeu que tudo ficaria bem se ficássemos juntos. E agora isso.

— Ok, então, — diz ele lentamente, a carranca crescendo mais profundo.

Eu quero me enfurecer e lutar. Mas o orgulho me força a permanecer calma. Recuso-me a arrepender-me de qualquer homem. Eu suspiro e corro a mão pelo meu cabelo. Minha cabeça dói. Meu coração dói. — Killian, eu vou ficar bem. É como você disse; esse é apenas o próximo passo. — *Onde eu deixo você. Eu não quero te deixar*.

— E sua turnê não vai durar para sempre. Eu vou esperar em L.A ... — Eu paro, sem saber o que mais dizer. Tudo está confuso e preso no meu peito.

Seu corpo está duro como ele está, colocando as mãos baixas em seus quadris. — Olha… você estará ocupada. Eu vou estar ocupado. — Ele respira, como se estivesse tentando forçar suas palavras. — Você pode aproveitar esse tempo para se acalmar, ver o que você realmente quer.

— O que eu realmente quero? — Meus lábios se sentem entorpecidos. Ele não está apenas me mandando embora. Ele está me deixando ir. E aqui eu estava preocupada em *libertá-lo*. Quero rir. Ou chorar. É uma jogada.

— Sim, — ele murmura. — Sem mim pairando ou te segurando de volta. Você pode... Você pode descobrir se esta é a maneira que você realmente quer viver.

De alguma forma eu acho a força para acenar. — Sim, você está certo. Tudo está indo para o máximo. Metade do tempo, nem parecia real.

Ele empalidece com isso, mas faz um barulho de acordo. É tão duro, sua maneira tão impessoal.

Eu me vejo balbuciando, dando desculpas para nós dois. — E seria estúpido segurar um ao outro quando não sabemos onde acabaremos.

Mentira. Mentira. Mentira. Eu quero implorar a ele para apenas me segurar, dizer ao mundo para se foder. Mas ele já está recuando.

Seu olhar é claro. — Isso é bom, Libs, — ele me diz, sua voz plana. — Você verá. Você pode aproveitar o tempo agora e descobrir se esta é a vida que você quer, sem que eu interfira. E eu posso... — Ele encolhe os ombros. — Eu posso fazer a turnê como um bom roqueiro e ficar de fora das notícias.

Eu recuo. É minha culpa ele estar nos noticiários. — Então, é isso.

Os olhos escuros de Killian seguram os meus. — Sim, eu acho que é.

KILLIAN

EU DEIXEI ELA IR. Isso precisava ser feito. Por causa dela. Eu digo a mim mesmo essas coisas, como desculpa para dar o fora da sala, alegando que preciso fazer uma checagem de som. Ela não me impede. Isso dói tanto quanto qualquer coisa. Talvez eu esperasse que ela me dissesse que tudo era um erro, que ela estava apenas dizendo o que achava que eu queria ouvir, que ela precisava de mim.

Mas ela me deixou sair. Nós terminamos? Eu nem tenho certeza. Eu estava tentando ser favorável, para tirá-la dessa bagunça. Mas se parece com outra coisa. Como se estivéssemos...

Descendo o elevador, não consigo me olhar no reflexo da porta. Todo o meu corpo dói, meu coração gritando para eu voltar ao inferno naquela sala e fazer minha reivindicação.

Ela não precisa de mim.

Ela deixou isso claro.

Ninguém na minha vida precisa de mim. Não minha família, não Jax quando ele estava sofrendo tanto que ele preferiria terminar as coisas do que chegar até mim e não Libby.

O que diabos há de errado comigo que eu preciso ser necessário?

Quando chego ao nosso consultório, em alguma sala de reuniões, a raiva bombeia através do meu sangue. Eu disse o que tinha que dizer para fazer Libby ir. Só agora eu percebi que eu queria que ela lutasse comigo com a mesma convicção de que ela luta contra todo o resto. Eu queria que ela me escolhesse. Quão egoísta é isso?

Eu fiz a coisa certa aqui. Ela ficará fora do olhar severo da turnê. As pessoas não a verão como minha garota, mas um talento por si só.

Eu conecto meu violão. Estou tremendo tanto, eu pego minha palheta duas vezes.

— Foda-se, — eu rosno.

— Alguém está de bom humor, — diz Whip da porta. Ele entra e se senta em seu kit. — O que arrastou sua bunda?

— Libby não vai para a Europa com a gente.

— Por quê? Por causa da noite passada? — Ele balança a cabeça e bate no címbalo. — Isso é treta. E você está bem com isso?

Não, eu não estou bem. Eu mal estou segurando isso juntos.

— Ela quer. Scottie está levando-a sob suas asas. — As palavras têm gosto de cinzas na minha boca.

Whip escancarado para mim. — E ela disse isso? Ela disse: "Killian, eu quero largar a sua bunda e sair com o Scottie para encontrar a minha fama."

— Não, — murmuro. — Ela não disse assim. — Eu me afasto dele e pego uma nova picareta. — Ela... eu dei a ela um empurrão.

— Cara, eu não acho...

— Está feito. — Ligo um amplificador e levanto o volume até o máximo. — Você vai jogar ou continuar a me irritar com perguntas?

— Por todos os meios, — diz Whip, girando suas baquetas. — Vamos jogar.

Mas não é bom pra caralho. Eu não vou além de alguns acordes antes que a raiva surja mais uma vez. Meus dedos mexem nas cordas. Eu não posso jogar. Eu não quero brincar. Desta vez, a raiva me engasga. Eu não posso respirar. Eu não posso pensar. Eu mal estou ciente de rasgar a correia da guitarra por cima da minha cabeça. A Telecaster na minha mão bate no chão com um crack satisfatório e um zumbido ensurdecedor de reverberação.

Guitarra destruída, peito arfando, não me sinto melhor. Nem um pouco.

Whip vem para ficar ao meu lado, examinando o dano. — Acho que não estamos jogando hoje. Vamos. Nós vamos medicar com um único malte como estrelas do rock.

Libby não gostaria que eu bebesse. Mas Libby não estará por perto amanhã. Eu pressiono meus dedos na minha testa dolorida. — Sim, uma bebida parece certa.

VOLTO PARA LIBBY no meio da noite e ela está dormindo. Eu me enrolo em torno dela de qualquer maneira; ela se sente tão bem que eu quase não posso mais tocá-la, não quando ela está saindo.

O pensamento me atinge como um cometa e meu interior se incendeia. Eu devo fazer um barulho porque ela se mexe, sua voz suave e abafada pelo sono. — Killian?

Ela se vira em meus braços, seu corpo quente, seus dedos traçando minha testa. Eu ia deixá-la dormir, mas não consigo. Minha mão desliza para sua bochecha.

— Me dê isso, — eu sussurro. — Antes de você ir. Eu preciso disso.

Eu encontro sua boca. Eu diria que beijá-la é como voltar para casa, mas nunca tive um lar verdadeiro. Eu não sei se a sensação de retidão que eu sinto com ela significa em casa ou não. Agora é algo mais forte, tingido de desespero. Estou desesperado por ela. O jeito que ela saboreia, o jeito que ela se move, os pequenos sons e suspiros que só ela faz.

Não há mais ninguém como ela. Nunca haverá. Eu sei disso agora. Talvez eu soubesse disso, mas agora parece que descobri algo muito tarde.

Libby se move contra mim, acordando em meus braços e ela me beija de volta, suas mãos vagando sobre meus braços, pescoço, costas, como se ela não conseguisse encontrar um lugar para pousar. Nós vamos devagar, demorando, memorizando um ao outro. Eu inclino minha cabeça e abro sua boca mais com a minha, fico mais fundo, tomo mais. Eu preciso de tudo.

A cama range quando eu rolo e me encaixo entre as coxas dela. Ela ofega na minha boca e eu engulo a respiração. Eu quero tudo, e não é suficiente agora pela metade. Rompendo seus lábios, eu me inclino para trás para que eu possa puxar a camisa sobre sua cabeça. É a minha camisa. A velha coisa que eu usava na praia quando nos conhecemos. Tem que significar algo que ela está sempre usando.

Estou puxando seus lábios e ela está nua embaixo de mim. Minhas mãos

fantasma sobre sua pele acetinada. Perfeito.

No escuro, traço a topografia do corpo dela com meus dedos e lábios, beijando meu pescoço gracioso, ao longo de sua clavícula. Eu tomo meu tempo nos pequenos lugares que eu tenho frequentemente negligenciado - o centro de seu peito onde eu posso sentir seu coração batendo, a curva suave e perfumada ao longo do lado de seu peito.

A pele do braço interior é como seda fina; ela treme enquanto eu corro a ponta da minha língua em padrões até o cotovelo dela. Libby suspira meu nome, seus dedos penteando meu cabelo e massageando os pontos apertados na minha nuca. Abaixo de mim, suas coxas estão separadas, seu corpo flexível. O calor úmido de seu sexo pressionou contra meu peito, chamando minha atenção.

Eu deslizo mais para baixo, lambendo e beliscando meu caminho. Eu amo o jeito que ela se contorce. Eu sei o quanto ela sai na expectativa de eu chegar ao meu destino. É um joguinho que jogamos muitas vezes: quanto tempo podemos desenhá-lo, tocar um ao outro e ainda não tocar nos lugares que mais queremos.

Eu pressiono meus lábios contra a curva dura de seu quadril, meus braços apertados em volta de sua cintura. Porra. Ninguém me conhece melhor que essa mulher. E eu apostaria minha vida, eu a conheço melhor do que qualquer um na Terra. E eu vou mandá-la embora. Ela está indo. Está tão errado, está me sufocando.

Eu tento não deixar transparecer. Mas eu não consigo parar o tremor que passa por mim.

— Killian? — Sua voz creme de baunilha desliza através da escuridão.

Diga a ela. Diga a ela o que ela é para você. Ela é sua pedra fundamental. Você tem um maldito mapa no seu corpo, mas você está completamente perdido sem ela ao seu lado. Diga a ela.

Eu respiro e desço. Minha boca encontra sua carne lisa e inchada e eu me agarro como se fosse minha última refeição.

Libby ofega, seu corpo se arqueando para fora da cama. Na escuridão, sua pele é um creme perolado, seus peitinhos doces apontando para cima e tremendo enquanto ela se contorce. Eu seguro seus quadris para baixo e a como sem delicadeza, apenas ganância. E ela choraminga e chora.

Boa. Lembre-se disso. Precise disso. Deseje isso. Eu sei que vou.

Eu não a deixo gozar. Ainda não. Quando ela treme contra a minha língua, seu clitóris inchando, eu levanto. Libby grita, seus braços me alcançando.

— Shhh, — eu sussurro, rastejando sobre ela. — Entendi.

Seus seios úmidos amortecem meu peito enquanto eu me acomodo, precisando desse contato pele-a-pele. A ponta latejante do meu pau encontra o entalhe liso de sua vagina e eu empurro, sem hesitação - um pouco malvado sobre isso mesmo. Nós dois precisamos disso.

O primeiro impulso é sempre o mais doloroso. Porque nunca deixa de me dar um soco no coração, a maldita perfeição dela, o apertado, quente e úmido fecho. Assim como o Lar. Sim, ela é minha casa. Meu tudo.

Ela nunca se esquiva de mim, mas levanta os quadris, se espalha mais, como se ela precisasse tomar cada centímetro que eu pudesse oferecer. Suas pernas me envolvem, suas mãos segurando meus ombros. — Killian.

Nós nos movemos como um, nos separando, voltando juntos. É tortura lenta.

Toda vez que eu relaxo, sinto frio. Cada impulso, quero me moer lá, me imprimir por dentro.

Meus braços sustentam seus ombros magros. No escuro, eu a encontro. Seus olhos brilham enquanto ela olha para mim e nós lentamente ondulamos. Seu ar se torna meu.

Diga a ela. Implore para ela não ir.

Eu mergulho minha cabeça e beijo-a, beijo-a até que eu não sinto nada além de sua boca, seu corpo. Beije-a até que eu não consiga pensar no amanhã.

Eu provavelmente estou esmagando-a. Não há espaço entre nós. Mas ela está enrolada em volta de mim, não soltando. Seus lábios me consomem, sua doce boceta ordenha meu pau quando ela goza. E eu quero gritar. Não pode terminar. Ainda não.

Mas então eu vou também, tão forte que meu corpo treme. Eu não faço barulho. Eu não posso. Eu vou estar implorando a ela se eu fizer.

Adormeço embrulhada nela, meus dedos agarrando-se com tanta força aos ombros que meus dedos doem.

De manhã, ela está empacotada antes de eu sair da cama. A visão de suas malas assenta como chumbo no meu intestino quando eu puxo um par de jeans.

— Você está saindo agora? — Eu pergunto, afirmando o óbvio. Mas, Jesus, ela é rápida.

Libby se põe de pé, como se já estivesse imaginando sair pela porta. — Seu avião sai hoje à noite, de qualquer maneira. Scottie nos conseguiu um voo cedo.

Certo. Porque ele é agora quem ela planeja as coisas. Ele é o gerente dela. Ele *deveria* estar planejando a vida dela agora. Ele faz o mesmo por mim. Um tom verde de ciúmes obscurece minha visão.

— Está bem então. Eu acho que você tem que ir.

Libby assente e agarra sua mala rolante. — Tenha um voo seguro.

— Sim, você também. — Porra, já estamos falando como estranhos.

Ela olha para a porta e um pequeno sorriso puxa seus belos lábios. — Parece que estamos destinados a estar sempre deixando um ao outro.

Então fica. Me diga que você não pode viver sem mim do jeito que eu não posso viver sem você. Mas ela não diz e eu também não. Eu deveria. Meu coração me diz que sou um tolo para não dizer a ela como me sinto. Mas eu já empurrei e adorei Libby demais. Ela precisa disso e eu me recuso a ficar em seu caminho só porque estou sofrendo.

Se você ama alguém, você o liberta. Não é assim que diz o ditado? Que, se fosse para acontecer, eles voltariam. Não me ajuda por merda agora, no entanto.

— Bem… — Eu faço um movimento abortivo para ir até ela assim que ela se inclina para me abraçar. Nos encontramos no meio, nossos lábios roçando, seu nariz batendo no meu. É rápido, quase impessoal. É uma merda.

— Ligue para mim, — digo a ela.

Seu olhar está no chão. — Eu vou.

Um último abraço desajeitado e então eu recuo, colocando minhas mãos nos bolsos. Eu não tenho orgulho disso, mas sei que não poderei deixá-la ir, se eu não me distanciar primeiro. Eu não assisto ela sair, apenas me viro e vou para o banheiro. Mas eu ouço o clique da porta e o som oco de uma sala vazia alta e clara do mesmo jeito.

CAPITULO VINTE E SETE

LIBBY

AO EMBARCAR EM MEU AVIÃO, percebi duas coisas: deixei Killian ir sem lutar. E ele fez o mesmo comigo.

Na hora, tudo parecia muito abnegado. Agora sinto como se tivesse engolido lâminas de barbear. Por que não conversamos apenas um com o outro? Por que eu não comecei uma briga? Por que ele não começou?

A dúvida não é minha amiga e está sussurrando no meu ouvido. Killian se arrependeu de ter colocado tanto em risco por mim? Pegando sua banda e ele mesmo em água quente novamente por minha causa?

Eu inclino minha cabeça contra a pequena janela do avião e fecho meus olhos. Quando fazer uma pausa já resultou em algo bom? Não é apenas outra maneira de dizer adeus?

O avião decola e eu sinto que deixei um grande pedaço de mim mesma para trás.

LA é… não o que eu esperava. Eu pensei que haveria sol, mar e palmeiras. E LA tem isso de monte. O que eu não percebi é que um bom pedaço de Los Angeles é feito de shoppings compridos e ligeiramente oprimidos.

Tudo isso muda quando Scottie nos leva ao Hotel Bel-Air. O lugar é lindo com seus jardins perfumados, arquitetura de estuque subindo e esquema de cores preto e branco elegante. Tem que ser caro pra caramba, mas Scottie deixou claro que está pagando a conta até assinarmos um contrato com uma gravadora. E Scottie não fica em lixões. Ou então é o que ele me diz quando nos separamos para nos acomodarmos em nossos quartos.

Meu quarto tem seu próprio terraço com jardim com jacuzzi, sala de estar e lareira. Instantaneamente, quero tirar uma foto e mostrar para Killian. Ele adoraria esse lugar. Ocorre-me que ele provavelmente ficou aqui muitas vezes. Mas eu não. Eu preciso fazer uma pausa com isso. Vá com calma. Se eu continuar ligando para ele, vou querer ficar com ele ainda mais. Eu vou acabar dizendo algo estúpido como "por favor, me leve de volta!"

Eu coloco meu telefone longe e tomo um longo banho. Eu decido então que se eu tiver o dinheiro para construir uma casa de sonho, eu estou projetando como este lugar. Eu não estou totalmente vendida no local.

Após o serviço de quarto de uma espetacular salada Cobb de lagosta, encontro Scottie no saguão.

O homem parece bem em casa aqui em seu terno de três cores creme, gravata de seda cinza e camisa azul-celeste. Ele está usando mocassins e óculos escuros. Tudo isso pareceria ridículo em um mero mortal, mas não em Scottie.

— Tem certeza de que você nunca modelou para Dolce & Gabbana? Porque você parece exatamente com um modelo…

— Não diga o nome dele, — Scottie estala, olhando para mim por cima de suas sombras. — Nunca.

— Você está apenas me dando munição, — eu respondo em uma voz

cantando enquanto ele me guia para um Mercedes Sedan.

— Eu preenchi um cemitério inteiro com músicos que tentaram me provocar, Sra. Bell.

Ele não parece sério. Claro que com os óculos de sol, é difícil dizer.

Nosso destino é um estúdio de gravação e eu tento não ficar boquiaberta enquanto espio não apenas algumas famosas estrelas de cinema passando, mas duas das minhas cantoras favoritas conversando em uma sala de descanso de vidro e aço dentro.

— Por aqui. — Scottie me leva a uma cabine pequena e privada, onde um homem espera por nós.

Ele parece estar em seus quarenta e poucos anos, careca e olhos azuis gelados. Aqueles olhos me prendem e posso ver sua inteligência afiada. Ele se levanta quando entramos.

— Scottie. Bom te ver.

Eles trocam apertos de mão, e então o homem volta sua atenção para mim.

— Esta é a Sra. Liberty Bell, — Scottie diz a ele.

— Amo o nome. — Ele aperta minha mão. Seu aperto é rápido e brutal. Seu sorriso é genuíno. — Vocês dois inventaram isso?

— Não senhor. Meus pais tiveram essa honra.

— A voz doce como mel também. Excelente.

Eu poderia ficar ofendida se não estivesse claro que ele estava descobrindo como me vender.

Scottie gesticula para eu me sentar e os dois homens seguirem o exemplo assim que eu fizer.

— Esse é Hardy, — diz Scottie para mim.

— Como em Hardy Jenns. Com dois Ns? — Deus me ajude, eu reconheço. Estremecendo. Eu abaixei meu dedo. — Eu sinto muito...

— Deixe-me adivinhar, — Hardy interrompe com um sorriso irônico. — Você odeia quando isso acontece.

Eu sorrio também. — É uma má forma misturar citações de filmes.

Scottie olha para nós com sua expressão de costume. — Quando você terminar seus filmes dos anos 80, eu gostaria de continuar com isso.

Tanto Hardy quanto eu piscamos em choque.

— Inferno, Scottie, — diz Hardy com uma risada, — eu não tinha idéia que você se abaixaria para assistir filmes dos anos 80.

— Mmm… — Scottie cantarola, inexpressivo. — E às vezes eu ouço rock. Gosto disso.

Hardy se aproxima de mim. — Aviso: insulte o tigre demais e ele vai atacar.

Eu gosto de Hardy, com seu humor fácil e olhos gentis. Ele não é nada parecido com o que eu tinha ouvido dos meus pais sobre produtores de discos sendo artistas egocêntricos que gostavam de intimidar músicos.

O pensamento me diverte e eu realmente viro minha cabeça, uma parte profunda de mim esperando que Killian esteja ao meu lado para que eu possa compartilhar um olhar com ele. Mas ele não está aqui. Sua ausência é uma explosão fria contra a minha pele e meu sorriso morre.

Felizmente, nenhum dos homens que realmente estão na sala parece notar.

— Hardy é um excelente produtor e estamos discutindo suas opções.

— Eu vi clipes de você com Kill John, Liberty...

— Me chame de Libby. Por favor.

— Bem, Libby, você tem uma voz e um som natural que caras como eu sonham em desenvolver. — Seus olhos gelados brilham de excitação. — Eu tenho algumas ideias que gostaria de discutir com você.

— Eu estou dentro se você estiver. — Isso soou bem, não é? No interior eu estou tremendo como uma folha em uma tempestade. Se eu conseguir passar por isso sem dar risada como uma tola, ficarei feliz.

Scottie está mandando mensagens de texto, mas ele olha para a porta quando ela se abre e mais três homens entram.

— Ah, sim. — Scottie coloca o telefone longe. — Sua banda de backup. Tom toca guitarra, Murphy no baixo e Jefferson na bateria.

Os caras entram. Eles são todos mais velhos do que eu, músicos claramente experientes. Caras como meu pai, que trabalhou na indústria, mas nunca tentou fazer uma tentativa de estrelato. Instantaneamente, sinto uma medida de conforto. Olhando para Scottie, estou supondo que ele sabia exatamente o que estava fazendo quando os contratou. E eu tenho o desejo de beijar sua bochecha bonita. Se eu não soubesse que isso o deixaria desconfortável como o inferno, eu faria.

— Você se parece com sua mãe, — diz Tom quando se senta.
Surpresa arrepia minha pele. — Você a conhecia?

Dos três homens, ele é o mais velho, provavelmente em seus quarenta anos. — Eu conheci sua mãe e seu pai. Marcy e George eram verdadeiros talentos. — Seus olhos castanhos ficam solenes. — Fiquei triste ao saber de suas mortes.

— Obrigada.

Murphy e Jefferson também se sentam.

— Marcy e George, — diz Jefferson. — E seu nome é Liberty. É algum tipo de piada de George e Martha Washington?

— Você sabe, você é a primeira pessoa que realmente conseguiu isso, — eu digo com uma risada. — A maioria das pessoas se concentra em toda a coisa Liberty Bell.

— Eu sou nomeado após Thomas Jefferson, — diz ele. — Então eu recebo a tortura também.

— Merda, pelo menos você não foi nomeado após o lugar onde você foi concebido, — acrescenta Murphy. O cara alto e magro sorri para mim por trás de um monte de cabelos loiros.

Todos nós pensamos nisso por um segundo, e então eu gemo de horror. — Oh meu Deus, eles não te nomearam depois de uma cama Murphy, não é?

Suas bochechas ficam vermelhas. — Foda-se, sim, eles fizeram. Por que eles tiveram que compartilhar esse pequeno factoide comigo é a verdadeira questão.

— E ainda assim você compartilhou conosco, — diz Hardy.

— Minha dor agora é sua.

Rindo, passamos a discutir os grandes planos de Scottie para mim, que incluem o desenvolvimento de algumas músicas novas, a gravação, enquanto isso, fazemos o circuito de publicidade com aparições em pequenos clubes e em talk shows.

Parece cansativo e emocionante. Os caras que o Scottie contratou são de

apoio e claramente talentosos. É um sonho tornado realidade. Mas o buraco no meu coração ainda sangra. Eu digo a mim mesmo que vou superar isso, mas parece uma mentira.

KILLIAN

O ANIMAL SE FOI. Em seu lugar está um oceano de pessoas. E mar sem fim de corpos se contorcendo, gritando por Kill John, gritando meu nome. Eu tenho que responder. Eles estão esperando por isso.

— Olá, Londres. — Minha voz ecoa no mar e o mar ruge de volta.

Eles me querem, me adoram. Pela primeira vez na minha vida, eu não me importo.

***

— Ei, é o Killian. Aparentemente, minhas tendências de mãe são fortes. Você disse que ligaria. Você não ligou. Deixe-me saber se você está bem. É tudo o que quero e vou sair parar de incomodar.

***

— Ei. É a Libby. Você não respondeu, então aqui vai. Minha banda de backup é ótima. Os caras são legais. Não é tão bom quanto os seus rapazes, mas eu gosto deles. Eu fiz a minha primeira aparição no talk show. Me senti como uma completa falsa. Então, novamente, a atriz que passou antes de mim estava tão fora disso, um estagiário literalmente teve que estalar os dedos em seu rosto para fazê-la reagir. Uma vez, porém, ela estava ligada. O hálito do anfitrião cheirava a tapioca. O que é estranho. Eu nunca provei tapioca. Como eu sei como cheira? Mas foi o primeiro pensamento que surgiu em minha mente quando senti um cheiro. Enfim, indo para a cama.

***

— Droga, as festas são muito altas. Desculpe eu perdi sua ligação, Libs. Meu volume aumentou e ainda não ouvi. Whip gravou seu show no DVR do ônibus. Você estava maravilhosa. Não gosto de como o Hálito de Tapioca estava olhando para seus seios, no entanto. Da próxima vez que eu estiver nesse programa, talvez eu tenha que pisar acidentalmente em suas bolas. Libby, eu realmente…

***

— Sua conexão está uma merda. Tudo o que ouvi foi algo sobre Whip, incrível e bolas. Então ficou mudo. Não tenho certeza se quero saber. Mentira. Eu quero. Diga-me que você não mudou para as bolas. Ah, e diga oi para os caras. Eu tenho que ir.

***

— Ligar para os EUA é uma porcaria aqui. Eu não posso receber uma ligação na metade do tempo. E vocês poderiam calar a boca? Estou ao telefone. Desculpa. Estou tentando encontrar um lugar particular aqui. Eu ligaria para você quando voltasse ao meu quarto, mas a diferença de horário também é uma droga. Tenho certeza que você está dormindo agora. Merda. Está acabando... eu...

***

— É uma causa perdida tentar se conectar, não é? Por que não tentamos conversar quando as coisas se acalmam? E... bem, se estamos realmente gastando tempo para descobrir as coisas, talvez não devêssemos estar falando muito agora, de qualquer forma. Não que eu não queira falar com você. Eu só... estamos ambos ocupados. Estou balbuciando, então vou desligar agora. Se cuida, Killian.

***

Eu ouço sua mensagem final três vezes. Não fica mais fácil de ouvir. Eu a perdi. O que eu não sei é porque eu a mandei embora ou se ela simplesmente percebeu que ela não sente algo tão forte por mim quanto eu sinto por ela.

Eu quero perguntar - não, exigir - que ela me diga. Eu quero botar tudo pra baixo e colocar essa merda pra fora. Mas eu não posso fazer isso por telefone. E eu não posso sair da turnê. Eu não posso fazer isso com os caras.

Meu polegar bate na borda do meu telefone enquanto penso no que dizer.

Eu vou deixar você ir agora. Mas me mande uma mensagem se precisar de alguma coisa. Ok?

Quando ela não responde minha mensagem, eu jogo meu telefone do outro lado da sala. A porta do vestiário abre antes do impacto, e o telefone bate no centro do peito de Jax. Ele franze a testa para o telefone que está batendo no chão antes de olhar de volta para mim. — Os fãs estão esperando o meet and greet.

Como se para pontuar suas palavras, um grupo de mulheres aparece atrás dele em uma onda de risos. Seus sorrisos são ansiosos e tudo para mim. Todas loiras, todas lindas, elas estão sussurrando em um idioma que eu não entendo. Norueguês. Estamos na Noruega.

Eu esfrego o ponto dolorido no meu peito. Porra. Eu preciso deixar essa coisa de perseguir Libby. Ela está ocupada construindo sua vida. A vida que eu mandei para ela liderar. Minha vida está aqui. Fazendo o que sempre fiz. Eu sobrevivi

muito bem por vinte e seis anos sem ela. Eu posso sobreviver agora.

— Certo. — Eu encontro um sorriso e colo-o. Eu não vou tocá-las. A ideia me deixa doente. Mas eu posso fingir ser um anfitrião. Eu posso fazer muito pelos caras. — Bem-vindas, senhoras.

CAPITULO VINTE E OITO

LIBBY

ESTOU CANSADA. Tão cansada que não lembro onde estou na metade do tempo. Tudo é nebuloso. Eu estou vivendo nesta nuvem estranha cheia de estranhos e muitos sorrisos falsos - meus sorrisos falsos. Eu os entrego como um político distribui propagandas. E eu não me sinto tão bem fazendo isso.

Eu tenho estado completamente sozinha por um tempo agora. Desde que meus pais morreram, não me senti tão solitária. Não importa que eu esteja cercada de pessoas, minha agenda cheia. Eu não tenho a pessoa que eu quero ao meu lado. Inferno, eu até sinto falta dos caras. Muito.

Minha banda de backup é ótima. Mas eles não são verdadeiros amigos. Quando o trabalho é terminado, eles vão para casa para suas famílias. E Scottie é um homem para si mesmo. De um jeito estranho, ele é muito parecido comigo. Não tímido, não exatamente antissocial, apenas autossuficiente e privado. Eu certamente não posso atirar pedras nesse seu jeito. Mas ele não é um companheiro ideal.

— É sempre assim? — Pergunto a ele quando saímos de outra festa nas Colinas. A casa era de tirar o fôlego, as pessoas ainda mais. Eu conheci atores que eu assistia desde a infância e aqueles que são apenas commodities quentes. Tantas criaturas lindas, eu não sabia o que fazer comigo ou o que dizer. Não que eu tivesse que dizer muita coisa. A maioria dessas pessoas gostam de se ouvir falar.

A noite toda, eu tive que me impedir de me virar para sussurrar um comentário no ouvido de Killian. Porque ele não estava lá. Por que meu cérebro e meu corpo não conseguem receber essa mensagem?

— É o que 'sempre gosto disso'? — Scottie responde, focado no calendário do telefone.

— O ciclo sem fim. — Eu alivio meus pés dos meus sapatos, estremecendo. Graças a Brenna, agora tenho meus próprios Louboutins. Meu apreço por eles morreu na primeira vez em que os coloquei. — Nós estivemos dois meses nisso. Neste momento, sinto-me como uma vendedora de óleo de cobra.

O lábio de Scottie se contorce. — Eu amo tanto suas expressões. Não as mude. Elas adicionam cor à sua personalidade.

— É bom saber, — murmuro, em seguida, cutuco o braço dele com o cotovelo. — Estou falando com você. Tire o nariz dessa coisa. É indecente.

Bom senhor, Killian deve ter aprendido essa peculiaridade imperiosa de Scottie. Este homem é completamente glacial. Mas ele abaixa o celular.

— Qual é o problema, Sra. Bell?

— Eu vou a essas coisas que você e Brenna reservam para mim, parecem pensar que eu preciso participar e eu me sinto… eu não sei. Falsa. Como se eu estivesse fingindo.

Scottie me encara enquanto nosso carro alugado serpenteia pela estrada sinuosa da montanha. Quando ele fala, seu tom é mais suave do que eu esperava.

— Você está fingindo.

— Oi?

— Calma. — Scottie se inclina para trás, descansando um tornozelo em seu joelho dobrado. — Aqui, somos simplesmente Libby e Gabriel…

— Esse é o seu nome? Como eu nem sabia o seu nome?

Ele aperta a ponte do nariz. — De volta ao ponto— — Quantos anos você tem, afinal?

Ele encara, frio como gelo. — Vinte e oito.

— Pausa um pouco. Mesmo? Eu pensei que você estivesse na casa dos trinta.

— Nós vemos o que queremos ver. E se você é boa, faz as pessoas verem o que *você* quer que elas vejam. No meu trabalho, se eu ficar um pouco mais velho, vou ganhar mais respeito e credibilidade. Tudo besteira, mas as aparências importam neste mundo. — Ele me fixa com um olhar. — Que é precisamente o meu ponto. O estrelato é uma ilusão, um ideal cuidadosamente cultivado por pessoas como eu e Brenna. Em particular, você pode ser você mesma. Mas no momento em que você sai aos olhares do público, você se torna a Liberty Bell, talentosa ingênua…

— Ei! Eu posso ser sofisticada.

— Que, — ele diz sobre mim, — está tomando o mundo da música com tudo com seu som único. Isso é tudo o que eles sabem. Porque isso é tudo que você vai mostrar.

— Eu só quero ser eu.

— Você não entende. Você está sendo você. Apenas outra versão de você. É uma armadura, Libby. Se você der tudo de si mesmo, o mundo vai drenar você. Mas se você for a esses eventos e fizer um papel - algo que todos estão fazendo também - você tem uma certa liberdade. Não é real. Portanto, não é você que está constantemente sendo observada e julgada.

Eu entendi o que ele está dizendo. Isso ainda aprofunda a solidão que está assombrando minhas entranhas. — É isso que Killian faz?

O olhar de Scottie fica afiado. — Não com você. Ou o seu círculo íntimo. Mas você deve ter visto a diferença em como ele age com o resto do mundo. — A mão de Scottie desliza em direção ao seu telefone, deixando-o deitado na almofada do assento. — E ele teve anos de prática. Ele sabe o quanto dar sem se perder.

Eu não tenho tanta certeza. Ele estava perdido quando o encontrei no meu gramado. Eu o vi voltar para si, vi as sombras deixarem seus olhos. Juntos nós éramos felizes, sólidos e vivos. E eu o deixei. Tão certo como ele me deixou. De repente, eu não quero mais falar. Eu só quero me arrastar na cama e me esconder debaixo das cobertas, fingindo que não estou constantemente procurando por alguém que não está lá.

SCOTTIE ESTÁ CERTO. Com o passar dos dias, fica mais fácil. Não é exatamente divertido, mas não é a tortura que eu pensei ser. E quando eu me apresento, mesmo sozinha, a adoração do público é uma coisa linda. Killian tinha razão: é

viciante, quase tão bom quanto sexo com ele. Mas eu já sei disso há um tempo. E apesar de eu me sentir em um ritmo, encontrar o meu lugar, ainda está tudo errado. Eu não posso esquecer o vazio dentro de mim - um vazio que eu nunca experimentei antes.

Uma semana depois, Scottie me deixa para checar Kill John em Londres. É preciso tudo que tenho para não implorar a ele que me deixe ir com ele. Brenna permanecerá comigo em seu lugar. E apesar de eu sentir falta dela e amar a companhia dela, a presença dela é um espinho do meu lado. Ela esteve com os caras - com Killian - todo esse tempo. Eu constantemente quero perguntar a ela sobre ele. E eu constantemente me abstenho de fazer isso. Chame de orgulho, mas eu não quero ouvir falar dele de fontes de segunda mão.

Esta noite, Brenna me levou para um clube. Eu não a culpo. É assim que os caras relaxam depois do "trabalho". Eu prefiro tocar meu violão no meu quarto.

O lugar tem a música tão alta que o chão balança. Corpos contorcem-se, risadas explodem em explosões desarticuladas. Pessoas bonitas, impecavelmente vestidas e com sorrisos perfeitos, largos e falsos, estão em toda parte - olhos em todo mundo. Observe e seja observado.

Eu odeio isso. Saudade da minha varanda me bate com tanta força que me esforço para recuperar o fôlego.

— Eu não posso ficar aqui, — eu digo a Brenna ao meu lado.

Ela acena com a cabeça. — Graças a Deus. Eu estou realmente começando a odiar essa merda.

Nós fazemos uma careta e Brenna liga para o nosso carro.

De volta à minha suíte, tomo um longo banho quente. Não parece lavar a ferida da minha pele. Estou imbuída de um sentimento desagradável: o auge da minha vida e é um vazio. Eu me visto na minha amada camisa de Star Wars que costumava ser a de Killian. O algodão macio acaricia minha pele enquanto eu volto para a sala de estar.

Brenna me cumprimenta com um coquetel. Ela tem me servido muitas dessas bebidas, Festa de Piedade Solitária. Eu estendo a mão para pegar dela, meus dedos escovando o vidro gelado, quando uma onda de náusea me atinge com tanta força que eu dobro.

— Eu não posso fazer isso, — eu lamento, curvando-me no chão.
Em um instante, Brenna está ajoelhada ao meu lado. Sua mão esfrega círculos suaves nas minhas costas enquanto tento recuperar o fôlego. — O que é isso, Libs?

— Deus, não me chame assim. — Eu não posso ouvir o apelido de Killian para mim agora.

— OK. Ok. — Ela continua a me acariciar como se eu não estivesse totalmente maluca.

Respirando fundo, eu empurro meu cabelo para fora do meu rosto e me sento no chão. O carpete tem um cheiro fedorento, como a maioria dos tapetes do hotel. Eu envolvo meus braços em volta dos meus joelhos. — Eu sinto muito. Eu não queria surtar.

Brenna copia minha posição, seus saltos altíssimos se prendendo no carpete. — Surtar não me incomoda. É *porque* você surtou é minha preocupação.

— Eu não sei. — Eu limpo meus olhos lacrimejantes. — Eu apenas me vi

tomando bebida depois da bebida. Da mesma forma que meu pai fez - tão casual, como se não fosse grande coisa…

— Você não é seu pai, — insiste Brenna. — E longe de um alcoólatra. Confie em mim, vi minha cota deles.

Eu tento sorrir, mas não consigo.

— O que está errado, Libby? Fale comigo.

Distraidamente, esfrego meu polegar sobre o joelho. — Eu tinha um violão nas mãos antes de aprender a escrever. Eu nunca digo isso a ninguém. Mas é verdade. A música era a maneira de comunicar da nossa família. Meus pais morreram e eu simplesmente deixei ir. Até Killian.

Eu olho para Brenna. — Minha mãe não queria essa vida para mim. Ela achou que era muito difícil, sem alma. Meu pai também não. Mas porque ele achava que era muito viciante. E eu disse a mim mesma que resisti estar aqui porque estava com medo ou tímida. Mas foram eles e seus avisos constantes de que, se eu tentasse viver assim, eu me perderia.

— Libby, — Brenna diz baixinho. — As experiências de seus pais não precisam ser suas. O que você quer? Se você quiser sair e voltar para sua fazenda, você pode.

Fechando os olhos, posso ver a luz dourada do litoral atravessando a velha taça da casa da minha avó, as tábuas gastas do chão, a mesa surrada da fazenda onde eu servia biscoitos para Killian. O eco de sua risada assombra minhas memórias.

— Eu estava de férias lá, — eu digo a Brenna. "Essa não era a vida real.

— O que é vida para você?

— Eu amo cantar, fazer música, tocar. Killian viu isso em mim quando eu não pude ver por mim mesma. Mas esta vida agora mesmo? É vazia. Não... não tem ele.

Eu sinto falta de Killian com uma força que é quase incapacitante. Nós não falamos há um tempo e isso é culpa de meu orgulho. Ainda dói que ele me mandou embora. Me encontre, o caralho. Eu me encontrei com ele. Mas também deixei ele ir. O fato de que nós dois parecíamos desistir me deprime. Talvez nós não devêssemos estar juntos.

Silêncio.

— Você tem que saber que Killian é louco por você, — Brenna finalmente diz.

— Eu pensei que era, — eu digo grossa. — Mas se ele realmente fosse, ele não teria me dito para viver minha vida sem ele. Ele diria?

— O quê? — Ela parece chocada.

Meu peito aperta, e eu tenho que me forçar a contar o resto para ela. — Ele poderia ter dito que nos encontraríamos no final de sua turnê. Mas ele não disse. Em vez disso, ele me diz que devemos aproveitar esse momento para reavaliar o que queremos.

Não sabia o quanto ele havia me machucado até dizer essas palavras. — Ele me empurrou para longe.

Brenna olha para mim por um longo minuto. — Eu conheço meu primo. Ele nunca foi assim sobre uma mulher. Sempre. Se ele disse isso, provavelmente estava tentando fazer algo nobre e libertá-la.

Eu rio sem humor. — Oh, ele certamente fez isso.

— Não, — ela diz suavemente. — Quero dizer, ele disse a você o que ele achava que você precisava ouvir para ir, porque ele achava que era o melhor para você. Não porque ele não queria mais você. Isso é típico do meu primo de coração grande, mas de mãos atadas. — Ela dá um cutucão no meu braço. — Vamos, Libby, ele estaria aqui em um piscar de olhos se você pedisse e você sabe disso.

— Brenna, meu pai bebeu para escapar da realidade da vida comigo e com minha mãe. Eu não posso ser o fardo de qualquer homem. Eu não posso. Eu quero que Killian saiba que estou bem sozinha também. Que eu posso conseguir sem ele segurando minha mão.

— Mas você não está bem. — O rosto bonito de Brenna aperta. — Você está miserável.

Eu fico de pé e me seco. — Você quer saber o que? Eu estou. Eu sinto muita falta de Killian, isso está me comendo viva. Mas pior que isso, tenho sentido pena de mim mesma. Amargurada todo dia.

O rosto de Brenna muda. — OK…

— Vamos fazer o Late Night Show amanhã?

— Sim.

— Você pode ter certeza Killian me assista? — Eu sei que ela pode. Entre ela e Scottie, eles poderiam dominar o mundo se quisessem.

— Claro.

— Tudo bem então. Eu tenho que praticar uma música. — Eu vou para o meu quarto. Uma coisa é certa: a parede que eu mantive em torno de minhas emoções quebrou. E agora quebrada, nada pode conter a maré. Eu preciso encontrar meu caminho de volta para feliz.

CAPITULO VINTE E NOVE

KILLIAN

EU NÃO TENHO ideia de onde diabos estamos. Eu realmente não me importo. Jax pode gritar o habitual “Olá, insira aqui qualquer cidade do mundo”, pela primeira vez. Nosso camarim é como todo o resto: austero e cheio de pessoas que não precisam estar aqui.

Uma risada estridente apunhala meus nervos. Eu não me incomodo em ver quem é. Scottie trouxe uma pequena TV. Libby vai se apresentar no Late Night Show. Ela está em L.A. Certo, estou em Nova York. Horas atrás dela.

Scottie me dá um aceno de cabeça, liga a TV e se senta na cadeira ao meu lado, cruzando uma perna sobre a outra como o elegante bastardo que é.

Na tela, o público bate palmas, Libby já foi anunciada. E lá está ela, caminhando para o pequeno estúdio com aquele passo determinado que eu conheço tão bem. Brenna desenvolveu um visual característico para ela: vestidos de verão na altura do joelho, quase boêmios e botas grandes e volumosas. Pura Libby.

Meu peito aperta com a visão dela, uma pontada de saudade disparando através do meu coração. Dói vê-la. Agitado, aumento o volume enquanto ela dá ao público um aceno de reconhecimento.

Libby testa algumas cordas em seu Martin e depois se aproxima do microfone. Seus belos lábios são brilhantes e rosados, e o fantasma de seu toque faz cócegas no meu pescoço.

— Meu melhor amigo do mundo me ensinou essa lição, — ela diz naquela doce voz de creme de baunilha. — Só demorei um pouco para acreditar.

E meu coração bate. Eu sou esse amigo? Eu odeio que eu tenha que me perguntar. Deus, por favor, deixe ser eu.

Libby começa a cantar “Cream”, de Prince. Melodia perfeita, entrega perfeita. Há um pequeno sorriso em sua boca, quase irônico, um pouco agridoce. E ela olha para a câmera - diretamente para ela, como se ela finalmente possuísse seu talento. Sua escolha de músicas confirma isso, a letra sobre pegar sua chance, alcançar o que você quer na vida.

Os cabelos da minha nuca estão arrepiados. Um arrepio corre sobre mim, tão poderoso quanto quando eu pisei no palco pela primeira vez. Eu posso realmente sentir o mundo mudando de marcha, mudando sua vida e a minha para algo novo mais uma vez.

Uma garota tenta pendurar no meu braço. Eu a removo sem tirar os olhos da tela. — Você a vê? — Eu digo para ninguém em particular. — Bem aí, essa é minha garota. Ela não está brilhando?

Whip olha para a TV com um sorriso orgulhoso. — Ela está, cara.

Eu me viro para Jax. — E eu a fiz sentir como se eu não a quisesse quando a mandei embora. Porque eu sou um idiota.

Jax suspira e passa a mão pelos cabelos. — E eu sou um idiota. Kill, cara, eu a encorajei a deixar a tour. Disse que você se distrairia com ela. Mas essa era a

minha própria merda falando, eu tentando colocar as coisas de volta do jeito que eram antes.

Eu deveria estar chateado. Mas principalmente eu estou cansado de lutar para fingir que tudo está normal. — Nós quebramos, Jax, — digo a ele enquanto assisto a TV. — Estamos nos unindo novamente, mas nunca será o mesmo.

— Porra. Eu sei.

A derrota em sua voz me faz bater seu ombro com o meu. — Não somos quem éramos. Somos melhores. Evolução, Jax. Não regressão.

Ele balança a cabeça, mas ele está lutando com um sorriso. — Sinto muito, no entanto. Eu também sinto falta dela.

A voz esfumaçada de Libby atrai minha atenção novamente. — Ela é para mim. É um negócio feito. — Eu tenho sido dela desde o segundo que ela me abateu e me acordou. — Minha vida não funciona mais sem ela.

— Eu sei, cara. Todos nós sabemos disso. — Jax coloca a mão no meu ombro. — Faça este show e então você vai buscar sua namorada.

LIBBY

LEVA UMA ETERNIDADE para lavar a maquiagem do meu rosto. Quando termino, minha pele fica rosada e com raiva de mim. Mas me sinto melhor. Mais livre. Às vezes tudo o que acontece na vida é decidir possuí-la. E tudo muda. Killian entenderia? Eu cantei essa música para ele tanto quanto para mim - para dizer a ele que finalmente consegui. A vida é o que você faz dela. Eu sei disso agora. Por causa dele.

Eu ouço Brenna entrar na suíte e saio para encontrá-la. Ela tem uma caixa de pizza em uma mão.

— Seu desempenho foi totalmente incrível. — Ela faz uma pequena dança da vitória que me faz rir.

— Você me disse isso três vezes já.

— Você tem que agradecer as três, — diz ela, mostrando a língua. — Caso contrário, não vai dar certo.

— Considere-se agradecida, então. — Eu aceito um pedaço de pizza e dou uma grande mordida. Tão bom. Estou com fome esta noite.

Brenna abaixa a própria fatia. — Os caras estão em Nova York agora.

Eu paro no meio da mordida. — Eu pensei que eles estavam em Londres.

— Eles estavam. Eles entraram em Nova York esta manhã para o show final da turnê. Eles sempre gostam de terminar as coisas em casa.

— Certo. Eu esqueci isso. — Saudade cai como um cobertor pesado em meus ombros. Eu realmente os rolo como se eu pudesse dar de ombros. Não funciona, no entanto. Eu coloco meu pedaço de pizza de lado e procuro por uma água no frigobar.

— Eles estão no palco agora, — diz Brenna, olhando-me com olhos cautelosos. — Scottie tem uma gravação que ele queria que você visse.

— Scottie? — Eu não posso manter o ceticismo fora da minha voz.

Brenna dá um sorriso atrevido. — Tenho certeza que ele foi ordenado.

— Hmmm… — Eu não posso dizer mais. A ideia de que Killian está me passando mais uma nota proverbial me envia um lampejo de esperança e uma dor de nostalgia.

Nós nos enrolamos no sofá e Brenna coloca o vídeo. Deus, dói vê-lo. O peito nu brilhava com suor, jeans velhos e baixos, e delineava com amor aquela protuberância quase obscena dele - ele é um astro do rock no seu melhor momento. E a maneira como ele segura aquela Telecaster branca e negra em suas grandes mãos é como pornografia musical.

Sua voz profunda e rica envia um arrepio na minha espinha quando ele abaixa a cabeça para o microfone. — Nós gostaríamos de fazer uma homenagem hoje à noite. Se você conhece as palavras, cante junto.

Eu não sei o que eu esperava, mas não era "Darling Nikki". Oh, mas é tão bom. A voz de Killian é sexo puro, pingando com o pecado pegajoso. E vendo ele tocar seu violão? Jesus. Calor lava minhas coxas, piscinas entre minhas pernas.

O adorado Animal de Killian fica louco. Mulheres gritam, os homens levantam as mãos em solidariedade. Todos se juntam a ele, gritando as palavras.

Ele absolutamente arrasa com o violão no solo, seus quadris empurrando, suas costas curvadas. Emoção puxa os cortes de suas sobrancelhas juntos, ele tem mordido o lábio. Eu já vi esse rosto antes - quando ele está acima de mim, chegando, cedendo à luxúria.

Na minha periferia, vislumbro Brenna olhando para a tela e depois de volta para mim.

Eu não sei o que dizer. Um nó fecha minha garganta. Eu engulo com força, mas a dor não desaparece. Minhas mãos começam a tremer.

Killian está gritando.

Uma música sobre uma puta louca? Sobre um acordo com o diabo? Uma mulher inesquecível? Pode ser tudo e qualquer uma dessas coisas. Um tributo? A quem? Prince? Ou eu? Eu cantei "Cream". Agora ele está cantando isso.

— Libs… — Brenna começa a dizer.

Eu levanto minha mão. — Eu… ah… estou indo dormir. Eu preciso pensar... — Eu não digo mais nada. Mas deixo meu celular na mesa enquanto me afasto. Porque tenho a sensação de que ele ligará e não tenho nada que eu possa dizer a ele pelo telefone.

CAPITULO TRINTA

KILLIAN

ESTOU no meu celular no segundo em que volto ao vestiário. Meu sangue está bombeando, meu corpo zumbindo. Eu tenho que andar para esfriar. As pessoas fluem ao meu redor, rindo, olhando, tentando se aproximar. Quero despachá-los, mas estou muito ocupado tentando ligar para Libby. Eu continuo recebendo seu correio de voz.

Eu não deixo uma mensagem. Eu quero falar com ela.

Sentando minha bunda em uma cadeira, começo a mandar uma mensagem para ela, apenas para ver uma de Brenna.

Que porra foi essa? Idiota. (!!!!)> :-(

Eu li duas vezes antes de segurar o telefone para os caras. — Por que diabos ela está gritando comigo?

— Cara. — Rye balança a cabeça. — Eu te disse para não escolher essa música.

— O que há de errado com" Darling Nikki "? É a minha música favorita no *Purple Rain* - um álbum do qual falamos quando conversamos pela primeira vez sobre música. Ela tocou Prince hoje à noite. Eu toquei Prince hoje à noite. Eu estou apoiando ela. Como pode ser mais claro?

— Ah. — Rye levanta um dedo. — Isso é muito interno.

— Era para ser", eu protesto. — É uma mensagem para ela, não para o resto do mundo — Irmão, — ele diz para mim. — 'Darling Nikki' é o que Prince canta para Apollonia quando ele basicamente a chama de prostituta.

Whip acena com a cabeça. — Sim, as letras praticamente dizem que ela é boa apenas para sexo esquisito.

Eu fico olhando para eles incrédulo. — Por que vocês não me disseram isso *antes* de cantarmos a porra da música?

— Você foi muito insistente, — diz Rye com um encolher de ombros.

— E você conhecia a letra, — aponta Whip calmamente. — Você acabou de cantá-la.

— Claro que conheço as letras. É o *contexto* que eu não peguei.

— Contexto é tudo, cara.

Eu pressiono as palmas das minhas mãos contra os meus olhos e tento não gritar. — Merda. Merda. Merda.

Jax me entrega uma água. — Relaxa. Se ela conhece você tão bem quanto eu acho que ela conhece, vai receber sua mensagem. — Ele luta com um sorriso.

— Merda.

***

— Libs. Estou ficando um pouco preocupado. Onde você está? Atenda seu telefone.

***

Nenhuma mensagem também? Você está me matando aqui.

***

— Ellie May, pegue o maldito telefone. Me ligue de volta. Eu vou entrar em um avião e te rastrear. Ou eu faria se pudesse te encontrar. Droga, eu te disse que ia fazer merda. Eu quero consertar. Por favor, deixe-me.

***

— Eu preciso de você, tudo bem? Isso é o que eu queria dizer. Você é isso. Meu presente, meu futuro, meu tudo. Não é minha prostituta. Eu nem vi o maldito filme! Ok, apenas... É. Me liga.

***

LIBBY

CIDADE DE NOVA YORK. Um voo de olhos vermelhos e eu estou aqui. Eu sinto que fui atropelada com um caminhão de areia. Com os olhos arregalados e doloridos, eu me sento enquanto uma maquiadora trabalha no meu rosto. Alguém mais está secando meu cabelo, tentando criar algumas ondas ao redor do meu rosto. Boa sorte com isso.

Eu prefiro estar em qualquer lugar, menos aqui. Mas Brenna, agora coroada como Babaca Oficial, agendou uma entrevista com a *Vanity Fair*. Eu *poderia* cancelar, ela me disse. Mas ficaria mal. Especialmente considerando a pequena coluna de fofocas que apareceu na TNV na noite passada.

Eu não tenho que olhar de novo para lembrar. A porra da coisa está queimada no meu cérebro:

Ontem à noite no Late Night Show, a nova queridinha do mundo da música, Liberty Bell, fez uma versão absolutamente atrevida de "Cream" do Prince. Nenhuma novidade, a menos que você considere que, apenas uma hora depois, o deus do rock e, rumores de O namorado da Sra. Bell, Killian James, contracenou com um cover de "Darling Nikki" durante o show de Kill John no Madison Square Garden.

É preciso especular, James está declarando oficialmente sua suposta arremetida? Agradecendo a Bell por um bom tempo? Ou ele está pedindo a ela outra chance? Seja qual for o caso, estamos certos de que a base de fãs leais de Killian está esperando ansiosamente para descobrir se o ídolo sexy deles é mais uma vez solteiro e livre.

Bem, eu não posso culpá-los exatamente por interpretar a mensagem de Killian dessa maneira. Mas é difícil saber que as pessoas estão em cima, julgando-nos. Eu me sinto nua até a minha alma.

Vai acabar em breve. Ainda não liguei meu telefone. Eu sei que Killian tem tentado entrar em contato comigo. Mas a conversa que precisamos ter não pode acontecer pelo telefone.

Francamente, estou farta de ligações e mensagens. Eu evitei mídias sociais e mensagens de texto casuais todos esses anos por uma razão. Eu não quero o frio e impessoal. Eu não quero me esconder atrás de uma tela. Preciso de contato pessoal, comunicação cara a cara.

O maquiador termina e um assistente com um fone de ouvido Bluetooth me faz sentar em uma cadeira de couro e cromo.

— Há água aqui, — ele me diz como se eu não pudesse ver o balde de gelo ao meu lado. — A garrafa verde é excelente. Importada do Japão, a mais de quatrocentos dólares por garrafa.

Eu evito mostrar como é grosseiro dizer isso e escolho a garrafa um pouco menos ostentosa de Bling H2O com a logo enfeitado sobre ela.

Uma repórter entra, seu cabelo é azul brilhante, seu sorriso é acolhedor. Eu corto minha espinha e cerro meus dentes. *Apenas passe por isso e você estará livre para ir. Passar por isso.*

— Muito tem sido escrito sobre o seu envolvimento com Killian James. Mas você e o James têm ficado de bocas fechadas sobre o assunto. — A repórter me dá um leve, mas encorajador sorriso, seu cabelo azul deslizando sobre um olho. — Dada a performance da noite passada, você se importaria em nos oferecer um pouquinho de informação?

— Não há muito a dizer que o mundo já não saiba. — Não é verdade. Mas é verdade o suficiente.

O sorriso da repórter agora tem uma tom diferente: uma barracuda procurando sangue na água. — Ah, agora, eu não tenho tanta certeza sobre isso. Afinal, não sabemos o seu lado da história.

Nada a perder. E tudo a ganhar. — O que você quer saber?

CAPITULO TRINTA E UM

KILLIAN

— VOCÊ JÁ PENSOU SOBRE ISSO? — Eu sussurro. Ela se senta diante de mim, a pele dourada na luz da noite, os olhos vidrados, as joias foscas. Tão linda que quebra meu coração. — Como seria? Você e eu?

— Sim.

Eu respiro o cheiro dela. Toco sua pele. — Você pode ter o mundo. Apenas alcance isso.

— Eu não preciso do mundo, — ela sussurra no meu ouvido.

— O que você precisa? — Eu vou dar-lhe qualquer coisa. Tudo.

Mãos suaves no meu pescoço, lábios suaves mapeando minha pele. — Você.

— Cara, nós temos que sair daqui. — A voz de Rye vem até mim a distância.

Eu olho para o meu telefone, esfregando meu polegar sobre a tela.

— Cara?

— Killian, — diz Jax, mais afiado. — Sai dessa.

Eu corro a mão pelo meu cabelo. Agora está precisando de um corte. — Ela não está me respondendo. Eu não sei onde ela está. Brenna não me diz. Estamos de volta ao salão de festas Bowery, onde começamos nossa turnê. Memórias de Libby entram e eu engulo em seco.

Uma mão pousa no meu ombro. Os olhos de Jax encontram os meus no espelho. — Assim que o show terminar, vamos nos em cima em Scottie e fazê-lo dizer.

— Sim, — Whip concorda atrás de mim. — Esse idiota definitivamente sabe onde ela está.

Tenho certeza que poderíamos quebrar as pernas de Scottie e o homem ainda não iria falar. Ele é como gelo assim. Do lado de fora da porta do camarim, vem um canto firme para Kill John. O ar zumbe, mas eu não sinto o crepitar familiar de antecipação.

— Vamos, cara. — Rye bate no meu outro ombro. — Saia da sua bunda. A doença é uma qualidade destrutiva e pouco atraente.

Isso do cara que ficou na cama por uma semana quando John Entwistle morreu, chorando que The Who nunca mais seria o mesmo. Mas ele está certo. Eu me recompus porque meus caras precisam de mim.

Mais um show e estou livre. Apenas passe por isso.

LIBBY

A ÚLTIMA VEZ QUE vi Kill John se apresentar, eu estava nas laterais, observando-os por trás. Estar no público é uma experiência totalmente diferente. No palco, a energia da multidão chega até você como uma onda. Na plateia, sinto a força

total do poder de Kill John. E isso é inspirador.

Os vocais profundos e sedutores de Killian combinam com a melodia brutal de Jax. Juntos, eles estão com raiva e saudade. Whip bate em sua bateria com ritmo perfeito, enquanto o baixo funky de Rye apoia tudo. Esse é o aspecto técnico. Mas a verdade real de sua música não pode ser definida. Você tem que sentir isso.

Eu sou arrastada por isso e me vejo dançando com a multidão. Scottie me deu proteção na forma de um enorme guarda-costas chamado Joe. Ele está ao meu lado agora, impedindo que as pessoas cheguem muito perto ou pisem nos meus dedos. É doce, mas não é necessário. O clube é pequeno e não tão superlotado que não consigo me mexer.

Kill John termina com "Oceans" e um suado Killian tira sua camisa úmida. Previsivelmente, assobios de aprovação surgem por toda parte. Seus lábios torcem, mas ele não os reconhece enquanto engole água.

De pé no meio do caminho, posso vê-lo com clareza suficiente para notar as sombras sob seus olhos e as linhas de tensão ao redor de sua boca. E, embora ninguém mais percebesse, posso dizer aos caras que estão preocupados. É o jeito como eles o observam, os corpos de Rye e Jax inclinam-se ligeiramente para ele como escudos.

Enquanto a multidão grita pedidos, os caras fazem alguns ajustes, Jax e Killian pegando diferentes guitarras e Whip pegando um novo conjunto de baquetas. Os movimentos de Killian são sem pressa, quase lânguidos.

— Toque Oceans de novo, — um cara logo atrás de mim grita alto o suficiente para soprar meu cabelo para a frente.

O pedido é ridículo o suficiente para chamar a atenção de Killian. Ele levanta a cabeça, um sorriso no rosto como se fosse dizer alguma coisa, mas então nossos olhares se chocam. Eu sei o segundo que ele percebe que sou eu. Porque tudo congela. Sua expressão limpa totalmente em branco, depois se quebra, seus lábios se abrem em uma respiração, seus olhos se arregalam.

Eu sinto esse olhar até os dedos dos pés. Isso arranca meu coração. Eu sei então que ele está sofrendo tanto quanto eu. Está tudo lá naqueles olhos escuros de café. Tudo o que passou entre nós - todo olhar, palavra, toque - está tudo lá. Lágrimas borram minha visão e eu ofereço a ele um sorriso aguado.

Ele se contorce como se estivesse lutando para não pular do palco. Mas então um sorriso lento se espalha. Ele apenas balança a cabeça. Eu me pergunto se ele está tendo um tempo tão difícil quanto eu.

Quando ele se volta para seus amigos, seus movimentos são bruscos. Um por um, três conjuntos de olhos se concentram em mim. A expressão de Whip é de alívio. O sorriso de Rye é amplo e brilhante. Jax me encara por um longo momento e então me dá uma pequena ponta do queixo.

Meu coração bate quando Killian se volta para o microfone. Seu olhar se fecha em mim. — Eu conheci minha melhor amiga no gramado de uma fazenda. Eu perdi meu caminho, minha música. Ela me ajudou a encontrar novamente. — Eu engulo um soluço, apertando meus braços em volta do meu peito, enquanto Killian continua falando. — Naquela época, ela me pediu para cantar uma das minhas músicas para ela. Eu não faria isso. A verdade é que eu queria que ela gostasse mais de mim do que de minha música.

A multidão grita awwwns, e ele lhes dá seu sorriso insolente. — Eu sei. Eu sou patético, não sou?

— Eu te amo, Killian, — grita uma mulher na parte de trás. — Tenha meus bebês!

— Não, — grita um homem perto do palco, — tenha os meus!

Killian ri baixo no microfone. — Desculpem rapazes. Estou tomado. — Enquanto a multidão geme, ele sorri e muda sua Telecaster para um grande Gibson J-200 acústico, arrancando alguns acordes. — A coisa é que ainda quero que ela goste de mim. Então eu não vou tocar uma música do Kill John agora. Eu vou tocar um velho favorito meu. E talvez eu consiga a mensagem certa desta vez.

Há um lobo assobiando no meio da multidão.

Jax se inclina perto de seu microfone. — É melhor ou você vai sofrer as consequências.

As pessoas riem de novo, mas eu estou presa nos sorrisos felizes de Jax e Killian. Acabou-se a tensão subjacente que parecia dominá-los, substituída por uma alegria fácil e apreço um pelo outro que me dá um nó na garganta. A banda está em perfeita sincronia quando começam a tocar “Trying to Break Your Heart”, de Wilco.

Uma meia risada, meio soluço escapa. A escolha é de Killian por excelência, ele nunca iria por uma canção de amor sincera e sacarina. Mas essa música, com suas letras distorcidas e remorso provocante, faz todo o sentido para mim. A música é alegre e agridoce e cheia de possibilidades.

Lágrimas borram minha visão e estou rindo novamente. Rindo e chorando.

Ele pega meu olhar e seus olhos suavizam. Através das letras, ele me diz o quanto doía me deixar ir. Quanto eu o machuquei. Quanto ele me quer de volta.

Meus pés começam a se mexer. Eu me movo pela multidão, Joe ajudando a abrir caminho. Killian me observa, todo o seu coração brilhando em seus olhos. Ele está me chamando, cantando que ele é o homem que me ama.

Quando chego ao palco, fica claro para o público que algo está acontecendo. As pessoas abrem espaço, seus sorrisos se abrem. Mas não tão largo quanto o de Killian.

Colocando seu violão para baixo, ele caminha e segura meus braços. No segundo em que nossas mãos se fecham, algo dentro de mim relaxa. Ele me puxa com facilidade e então eu estou em seus braços. Segurando firme, seu corpo longo e magro me cerca, um abrigo de todas as coisas.

Ele está suado e trêmulo. Meu nariz está esmagado contra o seu peitoral. Eu não quero nunca deixar ir.

— Libby, — ele respira no meu cabelo. — Você está aqui.

Se qualquer coisa, ele me segura mais apertado. Está tudo bem. Eu não preciso de ar. Só ele.

Eu viro minha cabeça e encontro sua mandíbula com meus lábios. — Você me pediu para vir. Na música, você me pediu para voltar para você.

Ele explode em uma risada quebrada que faz seu peito engatar. — Você entendeu? Ninguém mais entendeu.

Eu fecho meus olhos, deixo ele me apoiar. — Ninguém mais importa.

Ele estremece mais. — Só você, Libs.

De repente, ouço a multidão novamente, gritando e gritando. Killian também deve ouvi-los porque levanta a cabeça, dando-lhes uma onda e um sorriso. Eu vejo o borrão de luzes do palco, dezenas de telefones suspensos e a piscada de Jax. Então Killian me apressa fora do palco, recusando-se a me deixar ir.

Ele não para até que estejamos sozinhos em um pequeno camarim.

Eu não sei quem se move primeiro, mas a porta se fecha e eu estou enrolada nele. Eu senti falta do jeito que ele sente, seu gosto, o cheiro dele. Suas mãos seguram minhas bochechas, sua boca se movendo sobre a minha.

— Eu senti sua falta, — diz ele entre beijos frenéticos. — Eu senti tanto a sua falta. Eu não deveria ter deixado você ir. — Ele beija meus olhos, meu rosto, o canto da minha orelha. — Eu pensei que estava te libertando. Mas isso me matou. Eu preciso de você, Libs. Muito.

— Eu sei. — Eu pego a parte de trás do seu pescoço e aperto enquanto encontro seu olhar. — Foi o mesmo para mim. Eu estava apenas... vazia.

Olhos negros e doloridos vasculham os meus. — E então essa música estúpida. Você não me respondia. Eu pensei-

— Eu sinto muito, — interrompo. — Eu não queria preocupar você. Eu só precisava pensar sobre as coisas. E eu queria falar pessoalmente.

Ele acena antes de mergulhar para descansar a testa contra a minha. — O que você está pensando, boneca? O que você quer?

— Você. — Quando ele empurra, eu aperto seu bíceps duro. — Eu só quero estar com você.

— Boa. Porque eu não acho que posso funcionar mais a menos que você esteja aqui.

— Eu senti sua falta, — digo a ele. Eu não acho que posso expressar o suficiente.

Por um longo momento ele apenas olha para mim. — Eu fiz uma carreira de escrever músicas. Eles me deram prêmios por minhas letras. E nunca consigo transmitir a mensagem com você.

— Eu não preciso que você-

— Eu te amo.

Minha respiração fica presa na minha garganta quando meu coração para. Eu exalo em uma explosão, e ele beija meus lábios suavemente. Tão suavemente. A ternura me quebra. Eu quase soluço quando ele faz isso de novo.

— Isso é o que eu tenho tentado dizer todo esse tempo. — Ele sorri, a menor curva de seus lábios. — Eu costumava pensar que eram apenas palavras. Algo que eu poderia colocar em uma música. Elas não significam nada. Eu entendi agora. Entendi.

— Killian…

A ponta do seu polegar acaricia minha bochecha. — O amor quebra seu coração, te fode - o caos perfeito e que tudo consome. Eu não sabia o que fazer com isso. Foi mais seguro andar. — Ele me envolve em seus braços, seus olhos nos meus. — Mas também é isso. Paz e calor, e tão lindo, você arriscará qualquer coisa para mantê-lo.

— Killian… — Eu acaricio sua bochecha, corro meus dedos em seu cabelo. Apenas seguro ele. — Você conseguiu passar sua mensagem. Eu também te amo, você sabe. Muito.

Oh, Deus, esse sorriso é pura felicidade. — Eu preciso que você entenda, Libby. Você é meu motivo, a resposta para todas as perguntas.

— E você, meu doce bumbum, é minha casa. Eu estou apenas vagando a menos que eu esteja com você. E estou tão cansada, Killian. Eu preciso estar em casa agora.

Ele respira fundo, pressionando os lábios contra a minha testa como se tivesse que se apoiar. — Estou aqui. Você está aqui. — Ele dá um beijo na minha bochecha. — Vamos fazer isso. Vou tirar uma folga e viajar com você…

— Eu percebi uma coisa, — interrompo. — Eu não quero ser uma estrela. Não neste nível. Não sou eu.

Ele franze a testa para mim. — Era tão ruim assim?

— Não, querido. Foi uma experiência de uma vida. Eu não mudaria as oportunidades que você me deu. Mas nos últimos meses? — Eu dou de ombros. — Talvez eu seja filha dos meus pais. Tudo o que sei é que não é o estrelato que me ilumina. Estar tocando, cantando. É estar com você. Essas coisas são importantes para mim. O resto é apenas… ar.

A risada suave de Killian é irônica, o canto de sua boca se levanta. — Coisa engraçada, eu percebi isso também.

Eu ainda. — Você quer sair?

— Não. Mas eu quero diminuir a velocidade. Eu quero tempo com você. Hora de aproveitar a vida. — Ele balança a cabeça. — Kill John sempre será parte de mim, mas eu mudei. Nós todos mudamos. Eu não sei o que vai acontecer, mas eu não tenho mais medo disso.

Eu respiro fundo, pressiono minha bochecha contra sua mandíbula. — Você me tirou da minha concha. Tudo o que sou agora é por sua causa.

Seus dedos se enroscam no meu cabelo, dando aos fios um puxão suave. — E você me acordou de novo. Vamos fazer uma vida juntos, Liberty. Vai ser bom. Tão bom pra caralho.

Eu encontro seus olhos, aqueles olhos escuros de café que sempre prometem pecado e doçura. Excitação arrepia minha pele, puxa minha respiração. — Eu não posso esperar.

EPILOGO

KILLIAN

A GRAMA DE INVERNO está da cor da areia tostada, estendendo-se em direção a um céu cinza ardósia. Está ventando estes dias, o ar molhado com sal e mar. Mas na varanda da casa de fazenda de Libby, com o fogão de ferro fundido aceso, é quente o suficiente para eu ficar de jeans e camiseta, meus pés descalços batendo nas tábuas gastas do assoalho.

Estou sentado em uma cadeira de balanço, tomando café e inalando um prato cheio dos melhores biscoitos do mundo. Olhando para trás, eu provavelmente me apaixonei por Libby na primeira vez que eu comi um de seus biscoitos.

Eu digo a ela agora e ela me dá uma olhada. O tipo que diz que ela me acha divertido, mas não quer admitir isso.

— Mamãe sempre disse que um homem era levado pelo estômago e pelo pênis, — ela diz da cadeira de balanço ao meu lado, enquanto ela distraidamente toca seu violão. — Foi apenas uma questão de descobrir qual deles é mais apaziguador no momento.

Eu como outro pedaço de bondade assada celestial. — Depois que comermos, você pode apaziguar meu pau.

Ela cantarola. — Ainda bem que é tão fofo ou eu ficaria longe disso.

— Fofo? Meu pau não está mais satisfeito.

Libby luta com um sorriso. Mas a atenção dela está na Gibson nas mãos dela. É minha guitarra, mas ela toca muito bem. Uma doce melodia soa antiquada e feliz, mas nostálgica. Sua voz suave como o mel junta-se quando ela canta "Sea of Love".

O som dela envolve o meu coração. Seu som está em casa. Sempre esteve. Sempre estará.

Quando ela termina, eu me viro para ela. — Isso foi para mim?

Seu sorriso é suave, lindo. — Todas são.

É bom que os caras não estejam por perto para me verem bem. Ainda ontem, Rye mandou uma mensagem para dizer que era apenas uma questão de tempo antes que Libby e eu começássemos a parecer o casal em *Gótico Americano*, que tudo que eu precisava era de um tridente. Nós enviamos a ele uma foto de nós em pé na frente da casa, eu com o forcado na mão, nós dois o encarando.

Nós não estamos completamente ociosos. No mês passado, Libby e eu escrevemos músicas. Algumas delas são para Kill John, umas duas são para o álbum de Libby. Ela ainda não quer o centro das atenções, mas Jax, de todas as pessoas, apontou que ela pode ter uma carreira em seus próprios termos. Então é isso que ela vai fazer: escrever, gravar e tocar em pequenos espaços.

Na próxima semana, vamos voltar para Nova York. Eu vou começar a experimentar as novas músicas com os caras e Libby vai ao estúdio de gravação. Mas, por enquanto, aproveito ao máximo as nossas férias.

Eu coloco meu prato no chão e pego meu Martin, fazendo alguns ajustes. — Eu tenho uma música. Mas você tem que cantar comigo.

— Eu vou, se você me disser o que você está tocando, — diz ela.

Sorrindo, eu mordo meu lábio, uma emoção de antecipação passando por mim. — Você vai conseguir.

Eu começo o "Hotel Yorba" do White Stripes. No final do riff de abertura, ela está tocando junto, seu ritmo enquadrando minha liderança. Nós cantamos o refrão rindo, tocando nossas guitarras.

Seus olhos brilham quando a música termina. — Você colocou essa como meu toque.

— Sim. — Eu coloco minha guitarra para baixo. — Coloquei no segundo que saí desta casa.

— Por que aquele?

— Letras se encaixam no meu humor. Eu também só queria estar de volta a esta varanda, sozinho com você.

Sua expressão suaviza. — Bem, aqui estamos nós.

— E o resto, Libs? — Eu pergunto, meu peito ficando apertado. — Eu sou o homem que você mais ama?

Um rubor sobe em suas bochechas enquanto ela olha para mim, o pequeno ponto onde seu pulso bate no pescoço visivelmente vibrando. Ela conhece as letras. Ela sabe o que estou perguntando. — Sim, — diz ela, quase timidamente.

Eu planejei isso. Não impede meu coração de tentar sair do meu peito. Lentamente eu me ajoelho na frente dela, minhas mãos pousando em seus quadris exuberantes. — Eu vou te amar toda a minha vida, e não vai parecer o suficiente. Então, o que você diz, Libs? Quer se casar comigo?

Seu sorriso é meu sol. Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço e me beija. — Onde está o meu anel?

Eu sorrio contra seus lábios. — Olhe no meu bolso, Elly May.

Seu pequeno choque de surpresa é fofo. Ela achou que eu não teria? A maneira como a mão dela treme quando ela puxa a pequena caixa me diz que ela está tão nervosa quanto eu. Por um longo momento, ela olha para o anel de ouro e esmeralda vintage. Então seus olhos se levantam e ela coloca o braço em volta do meu pescoço, me tirando da miséria. — Oh, inferno. Eu vou casar com um músico.

Eu a seguro perto, respiro ela. — Vamos nos divertir muito.

Sua risada é uma respiração quente contra o meu pescoço. — Sim, nós vamos. E eu vou te amar para sempre, Killian James. Isso eu sei com certeza.

PLAYLIST

Django Reinhardt, Limehouse Blues
- Nirvana, Smells Like Teen Spirit
- The Black Keys, You’re The One
- Sinead O’Connor, The Last Day of Our Acquaintance
- The Beatles, In My Life
- Bon Jovi, Wanted Dead or Alive
- Pearl Jam, Indifference
- Alice in Chains, Man in the Box
- The Beatles, Ob-La-Di, Ob-La-Da
- Mary J. Blige, Right Now
- Nirvana, Heart Shaped Box
- Prince, Cream
- Prince, Darling Nikki
- Wilco, I Am Trying to Break Your Heart
- Cat Power, Sea of Love
- The White Stripes, Hotel Yorba